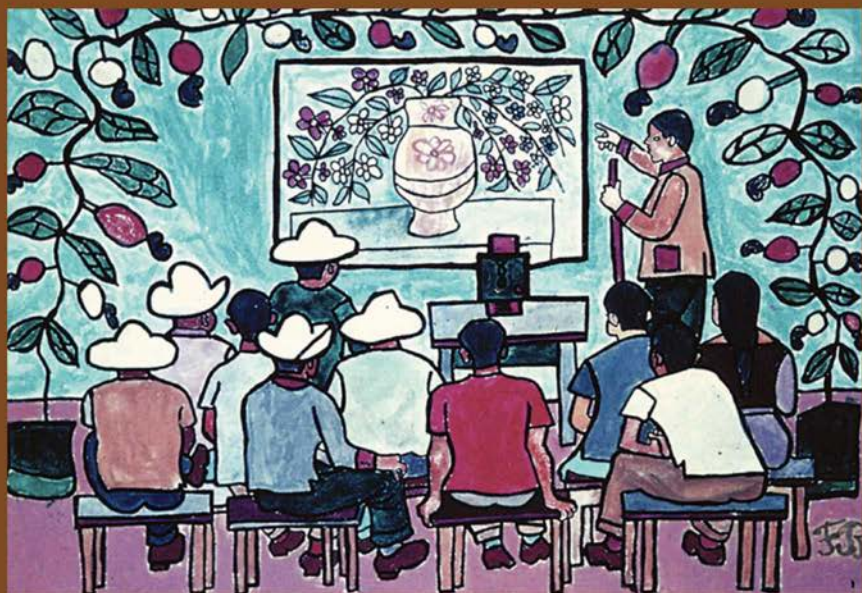


DIALOGANDO COM EXPERIÊNCIAS DA
EDUCAÇÃO DOS ANOS 60:
Educação de adultos:
Paulo Freire, escolas radiofônicas,
os CPC e a UNE



Francisco Brennand

Sonia Maria Portella Kruppa
José Jackson Reis dos Santos
orgs.

FEUSP

SÃO PAULO
2025

SONIA MARIA PORTELLA KRUPPA
JOSÉ JACKSON REIS DOS SANTOS
(Orgs.)

Dialogando com experiências da educação dos anos 60:
Educação de adultos: Paulo Freire, escolas radiofônicas, os CPC e a UNE

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Common indicada.



Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-Reitora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Diretora: Profa. Dra. Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto

Vice-Diretor: Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto

Direitos desta edição reservados à FEUSP

Avenida da Universidade, 308 - Cidade Universitária – Butantã

05508-040 – São Paulo – Brasil - (11) 3091-2360

E-mail: spdf@usp.br - <http://www4.fe.usp.br/>

Comunicação e Mídia da FEUSP

Projeto gráfico e diagramação - Maria Clara Bueno

capa - Lilian V. Curiel Passeri

Pintura de capa é de Francisco Brennand, artista plástico pernambucano, convidado por Paulo Freire a ilustrar palavras geradoras.



Catálogo na Publicação

Biblioteca Celso de Rui Beisiegel

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

D537 Dialogando com experiências da educação dos anos 60: educação de adultos: Paulo Freire, escolas radiofônicas, os CPC e a UNE. / Sonia Maria Portella Kruppa; José Jackson Reis dos Santos (organizadores). São Paulo: FEUSP, 2025.

177 p.

ISBN: 978-65-87047-87-4 (E-book)

DOI: 10.11606/9786587047874

1. Educação popular. 2. Paulo Freire. 3. Brasil-urgente. 4. Alfabetização. I. Kruppa, Sonia Maria Portella (org.). II. Santos, José Jackson Reis dos (org.). III. Título.

CDD 22ª ed. 37.09

Ficha elaborada por: José Aguinaldo da Silva – CRB8ª: 7532

Lista de siglas e/ou abreviaturas

CEDI: Centro Ecumênico de Documentação e Informação
CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CPC: Centro Popular de Cultura
CRPE: Centro Regional de Pesquisas Educacionais
DOC: Desenvolvimento e Organização de Comunidades
EA: Educação de Adultos
EJA: Educação de Jovens e Adultos
FEUSP: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
FNF: Faculdade Nacional de Filosofia
ISEB: Instituto Superior de Estudos Brasileiros
JEC: Juventude Estudantil Católica
JSC: Juventude Secundária Católica
JOC: Juventude Operária Católica
JUC: Juventude Universitária Católica
MCP: Movimento de Cultura Popular
MEC: Ministério da Educação
MEB: Movimento de Educação de Base
ME: Movimento Estudantil
MEP: Movimento de Educação Popular
Nelam: Núcleo de Estudos Latino-Americanos
ONU: Organização das Nações Unidas
PC: Partido Comunista
PUC-SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Sesi: Serviço Social da Indústria
Senac: Serviço Nacional de Aprendizagem Comércio
Sirena: Sistema Rádio Educativo Nacional
Unicamp: Universidade Estadual de Campinas
UEE: União Estadual dos Estudantes
UFRJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNE: União Nacional dos Estudantes
Unesco: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Agradecimentos

Agradecemos, especialmente, às pessoas e profissionais que tornaram possível esta obra: Frei Carlos Josaphat, Vera Barreto, José Carlos Barreto, Osmar Fávero, Carlos Rodrigues Brandão, Rui Celso de Beisiegel. As narrativas, reveladoras de desafios e aprendizados construídos na luta cotidiana pela democratização do Brasil, apoiada em processos de educação, cultura(s) e arte(s), são exemplos para as gerações atuais e futuras.

Agradecemos a Lisete Regina Gomes Arelaro e Ângela Rabello Maciel de Barros Tamberlini, profissionais exemplares, companheiras de luta, que coordenaram e organizaram conosco esse Seminário-Memórias dos anos 60.

Agradecemos a revisão dos originais feita por Alfredina Nery, parceira incansável na luta por uma escola pública de qualidade.

Elydimara Durso dos Reis também trouxe uma contribuição importante, destacando os pontos de desconhecimento que a geração de docentes mais jovens tem dessa história, apontando a necessidade das notas de rodapé incluídas no texto.

Agradecemos a Maria Elena de Gouvêa que, gentilmente, realizou a transcrição do material gravado.

Agradecemos a Frei Beto pela leitura e sugestões indicadas no depoimento de Frei Carlos Josaphat.

Dedicatória

A Vera Barreto (*in memoriam*). Seu trabalho no campo da educação popular, da formação docente e, mais especificamente, com pessoas jovens, adultas e idosas é exemplo de vida e de compromisso social. Vera vive em Paulo Freire e na EJA.

A José Carlos Barreto (*in memoriam*). Seu legado representa uma contribuição importante para o campo da educação e, mais especificamente, para a educação popular e educação de jovens e adultos, apoiados no pensamento de Paulo Freire.

Epígrafe

Ninguém chega à parte alguma só, muito menos ao exílio. Nem mesmo os que chegam desacompanhados de sua família, de sua mulher, de seus filhos, de seus pais, de seus irmãos. Ninguém deixa seu mundo, adentrando por suas raízes, com o corpo vazio ou seco. Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós [...]. (Paulo Freire, 1992, p. 32-33).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Sonia M. P. Kruppa – 11

DIALOGANDO COM EXPERIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DOS ANOS 60

Angela Rabello Maciel de Barros Tamberlini – 12

FREI CARLOS JOSAPHAT - A PRESENÇA DO JORNAL BRASIL URGENTE

Apresentação - Frei Carlos Josaphat – 17

Abertura – A presença do Jornal Brasil Urgente – 17

MESA - “ARTE-EDUCAÇÃO E ENGAJAMENTO”

Prof. José Carlos Barreto - Andanças Acadêmicas, sociais e militantes – 32

Profa. Vera Barreto - A praxis educativa de Paulo Freire – 34

Prof. Osmar Fávero - MCP, CPC-UNE, MEB e Freire – 44

MESA - “A VISÃO DO PESQUISADOR MILITANTE”

Prof. Celso de Rui Beisiegel - Caminhos acadêmicos no encontro com Paulo Freire – 75

Prof. Carlos Rodrigues Brandão - Educação Popular,
Cultura popular, MEB e Paulo Freire – 83

ANEXO 1

Entrevista com Roberto Romano sobre Frei Carlos Josaphat – 117

ANEXO 2

Fac-símile do exemplar nº 12 do Periódico Brasil Urgente – 124

Fac-símile do exemplar nº 17 do Periódico Brasil Urgente – 149

REFERÊNCIAS – 170

INFORMAÇÕES SOBRE PARTICIPANTES DA OBRA – 173

APRESENTAÇÃO

Esta publicação tem sua origem num trabalho de extensão, realizado no ano de 2002. Seu propósito original: - recuperar três importantes experiências educacionais e culturais ocorridas nos anos de 1960, por meio de seminários distintos que tiveram como expositores os seus próprios protagonistas, os sujeitos sociais que lhes deram vida e amplitude.

O primeiro seminário - “Os Ginásios Estaduais Vocacionais – um projeto coletivo de educação” – relatou a origem e trajetória desses Ginásios, que tiveram lugar na educação pública paulista, atravessando essa década e se constituem, até hoje, num marco de referência de qualidade da escola pública.

Outro seminário - “Escola Estadual Experimental Prof. Edmundo de Carvalho – O Experimental da Lapa – sua trajetória e suas marcas”, contou com presença significativa dos profissionais da conhecida como Escola Experimental da Lapa, relatou sua organização, também lembrada entre os educadores presentes, contou com a participação da direção dessa escola e de seus profissionais, vários dos quais passaram a atuar em diferentes Universidades públicas e se tornaram referência para a formação de professores, especialmente.

Por fim, o terceiro Seminário - “Educação de adultos: Paulo Freire, escolas radiofônicas¹, os CPC e a UNE”, objeto desta publicação, trouxe o tema

1 Sobre as escolas radiofônicas, Scocugglia (2003, p. 20-21) indica que: “A prática da radioeducação tem, na América Latina, um dos seus maiores empreendimentos, especialmente após a Segunda Guerra Mundial. A experiência pioneira de instalação de uma radioescola é creditada ao Padre Salcedo Guarín, em 1947, na Colômbia. Uma década mais tarde, a Acción Cultural Popular, liderada por Guarín, já trabalhava com sete emissores e, aproximadamente, 50 mil ‘receptores cativos’ (rádios que sintonizavam uma única emissora). No fim dos anos 50, contabilizavam-se mais de oitocentos mil jovens e adultos alfabetizados. No Brasil, tendo a experiência colombiana como referência, avivou-se o interesse de alguns bispos, e depois da CNBB, além do próprio governo federal, que, em abril de 1957, fundou o Serviço Radio Educativo Nacional (Sirena). Em 1958, D. Eugênio Sales (bispo-coadjutor de Natal, Rio Grande do Norte), depois de conhecer o sistema colombiano, inaugurou a Emissora de Educação Rural, a qual, dois anos depois, já trabalhava com cerca de quinhentos receptores por todo o Estado. Quase simultaneamente, nascia o Sirese, em Aracaju/Sergipe, sob liderança de D. Vicente Távora. Na Paraíba, em maio de 1959, o secretário da Educação, Pedro Nicodemus, entregava os 30 primeiros receptores, fabricados pela S.A. Philips Brasil, instalando o Sistema Rádio Educativo da Paraíba (Sirepa)”.

da Educação de Jovens e Adultos (EJA), marcada pelo surgimento da figura de Paulo Freire e, também, pelas experiências da cultura e educação popular.

O início dos anos de 1960 foi fértil na produção cultural: no teatro, na música, no cinema e na poesia. Marcaram essa época a participação de universitários, organizados na União Nacional dos Estudantes (UNE) e, ainda, a participação de jovens universitários e secundaristas que, mediados por setores progressistas da igreja católica, uniram-se aos operários, constituindo os movimentos da Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Universitária Católica (JUC) e da Juventude Estudantil (Secundária) Católica (JEC), configurações que estiveram no Movimento da Educação de Base (MEB) e na formação de escolas radiofônicas, com importância em várias localidades do país.

Este seminário cumpriu o papel relevante de escutar e atribuir visibilidade a vozes de cinco educadores presentes no movimento e que deram testemunho de vida de seu engajamento entorno da causa da educação popular e da justiça social. São eles: Vera Barreto, José Carlos Barreto, Carlos Rodrigues Brandão, Osmar Fávero e Celso de Rui Beisiegel. Os diferentes depoimentos aqui socializados reconstituem e recuperam características, singularidades e memórias da história brasileira e, sobretudo, da história da educação do Brasil, evidenciando, entre outros aspectos, elementos da práxis revolucionária de Paulo Freire e de movimentos históricos relevantes no cenário da cultura e da arte em âmbito nacional, regional e local, a exemplo da criação do Jornal Brasil Urgente, bem como da atuação do MCP, CPC, UNE, MEP, MEB.

Com duração de um dia e meio contou, na abertura, com a presença do Frei Carlos Josaphat, criador do Jornal Brasil Urgente², que circulou no início anos de 1960, com forte influência em diferentes setores da sociedade brasileira, no questionamento vivo e pertinente das injustiças históricas deste país.

As duas mesas, que ocorrem no dia seguinte à abertura, receberam títulos que revelam a importância dos depoimentos: **“Arte-educação e engajamento”** e **“A visão do pesquisador militante”**.

Os depoimentos foram transcritos e editados. Com a intenção de melhor situá-los, foram circunstanciados por notas explicativas. Na

2 O referido periódico circulou no Brasil entre março de 1963 e 1º de abril de 1964, ano no qual foi fechado pelo regime militar. O Anexo 1 traz uma entrevista realizada com o filósofo Roberto Romano, em 2020, sobre o contexto e a obra de Carlos Josaphat. No Anexo 2, o leitor encontra o fac-símile do nº 12 e 17 do referido periódico, publicado em julho de 1963.

transcrição, optou-se em manter marcas da oralidade, evidenciando melhor os sentidos atribuídos pelos sujeitos nas diferentes narrativas socializadas. Ressalta-se, ainda, que foram acrescentadas, entre colchetes, informações adicionais buscando complementar ou deixar a informação mais precisa. Em algumas passagens do texto, optou-se, também, em acrescentar reticências entre colchetes, indicando falas inaudíveis, informação não apresentada pelos depoentes ou supressão de fragmentos de texto, feitas sem comprometer o sentido da discussão abordada.

Buscou-se, ainda, ilustrar os textos com pequenas menções dos materiais citados em brevíssimos textos complementares.

O momento de retrocesso cultural e social que vivemos no país, nos anos de 2019 a 2022, dá maior relevância a essas experiências, cuja publicação contribui, de forma incontestável, para a formulação de novas aproximações entre iniciativas no âmbito da cultura e da educação, que alimentem a busca pela superação das desigualdades sociais históricas do Brasil.

Estamos há mais de 20 anos destas falas, mas a atualidade delas, bem como das matérias trazidas no fascículo do *Jornal Brasil Urgente*, apêndice dessa publicação, mostram como são poderosas as forças conservadoras no Brasil e quanto freireanamente temos de estar em diálogo, unidos com as forças populares para vencer a opressão e a desigualdade.

É preciso retomá-las, à moda de Emir Sader (1988), como matrizes discursivas que orientaram movimentos e que podem nos inspirar em novas e urgentes ações/matrizes discursivas de enfrentamento aos que impedem a realização da educação de jovens e adultos, o exercício de um direito transformador. O evento teve como propósito aproximar gerações e fortalecer o envolvimento dos mais jovens nesse desafio. Sua publicação, na forma de livro, certamente fortalecerá esse intento.

Sonia M. P. Kruppa

Dezembro de 2024
Paulo Freire – 102 anos

Referências

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

DIALOGANDO COM EXPERIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DOS ANOS 60

Angela Rabello Maciel de Barros Tamberlini

Diante de uma conjuntura onde se afirma a crise dos paradigmas, no horizonte de uma atualidade eivada por um presenteísmo asfixiante onde imperam o efêmero e o contingente, palco onde se engendram as encenações da micropolítica e da desconstrução do espaço público, cabe combater a “reificação do presente”, nas palavras de Bellamy Foster (1999), na medida que esta implica a “recusa em acreditar que instituições humanas poderiam ser diferentes” (1999, p. 196). O discurso que nega a possibilidade de construção de um destino coletivo para a humanidade mina o conceito de história, banindo de nossos caminhos a ideia de utopia e de construção de um projeto de sociedade. Olhar para o futuro em uma perspectiva que envolve repensar, retomar ou reelaborar projetos na esfera de políticas públicas exige o enfrentamento da vivência neste eterno presente que nega “a compreensão da história como uma narrativa do progresso e da emancipação humana” (1999, p. 198).

Cabe-nos afirmar que a educação constitui uma dimensão de considerável importância desta maneira de compreender a história. Objetivando a promoção humana em uma perspectiva libertadora, nos anos 1960, nos deparamos com o vicejar de ricos projetos na esfera da educação pública voltados, tanto para o ensino médio, como para a educação de jovens e adultos, simultaneamente ao florescimento de iniciativas voltadas para a educação e cultura popular. Esses projetos, em sua esmagadora maioria, foram alvo de intensa repressão por parte do regime militar vigente no país por mais de 20 anos e, na medida que preconizavam uma intervenção social e política através da ação educativa, acabaram por ter muitos de seus documentos destruídos, e seus protagonistas calados, vítimas de prisões, processos e perseguições.

Recuperar a memória de alguns destes projetos é o objetivo deste trabalho, já que concordamos com Bosi quando afirma que “o passado reconstruído não é refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para

lutar. A memória deixa de ter um caráter de *restauração* e passa a ser memória *geradora do futuro*” (2003, p. 66).

Revisitar o nosso passado público, recuperando a memória de experiências bem sucedidas de educação brasileira, implementadas no âmbito do Estado, podem trazer grandes contribuições para repensar o ensino público hoje. Projetos pedagógicos pautados por inequívoca qualidade, forjados em altos princípios humanos, traduziram exemplos concretos de que era possível investir simultaneamente em uma formação geral sólida e na construção, no cotidiano da escola, das noções de solidariedade, participação, coletividade e espaço público, tendo como norte um projeto de educação fundado em uma visão de mundo. Os Ginásios Vocacionais e a Escola Experimental da Lapa são exemplos desta visão pedagógica e constituem aqui nosso objeto de estudo. Da mesma forma, projetos de educação e cultura popular, inspirados pela generosidade de uma geração que vislumbrou construir um mundo pautado por relações de justiça e igualitarismo, valendo-se de uma estética politizada, propuseram-se a difundir a cultura e o conhecimento visando à emancipação da população de baixa renda. O trabalho de Paulo Freire, as Escolas radiofônicas, os CPCs e a UNE são experiências que traduzem essa visão que consideramos pertinente resgatar.

O que há de comum nestas experiências e como articulá-las? Na esfera da educação pública ou nos projetos de cultura popular, o móbil da ação consistia na tentativa de, por meio do esclarecimento, promover o debate e mobilizar opiniões no sentido de transformar não só a educação, mas também as instituições sociais, as relações de poder e de classe. Projetos de emancipação e de libertação das consciências oprimidas poderiam ter na educação, formal e informal, e na cultura popular, poderosos aliados.

Dentre as produções importantes para a educação brasileira, a obra de Paulo Freire era, sem dúvida, conforme documentos recuperados dos Ginásios Vocacionais e segundo depoimentos de seus protagonistas, uma referência singular e primordial. A democratização das oportunidades a partir da escola e a luta pela universalização de direitos constituíam um denominador comum a todas as experiências aqui mencionadas, todas voltadas, com grande empenho, para a construção de projetos de cidadania e inclusão social.

Em função da situação específica da extinção destas experiências, marcadas pela violência, no caso dos Ginásios Vocacionais, com ocupação militar e destruição de boa parte dos documentos e material pedagógico e no caso das experiências de educação de adultos e projetos de cultura popular, com perseguições, prisões e toda a sorte de intimidações, consideramos de capital importância recorrer à história oral.

Concordamos com Vilanova (1986) em sua defesa da legitimidade do documento oral, na medida que há fatos sobre os quais só conhecemos a versão difundida por aqueles que detêm o poder. Assim sendo, consideramos que recuperar a memória é ouvir diferentes vozes e uma vez que aqueles que protagonizaram as experiências aqui estudadas foram, por longos anos, calados e alijados do poder e da participação política, cabe ouvi-los para que a história oficial não prevaleça preenchendo lacunas e silêncios segundo suas vicissitudes.

Desse modo, cabe lembrar a observação de Eric Hobsbawm de que “quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem” (1995, p. 13). O presenteísmo em vigor, já mencionado por nós, obscurece um passado político promovendo o seu apagamento conforme o desejo dos sistemas ditatoriais, ou também dos que preconizam as relações sociais subjugadas por valores mercantis, acabando por sepultar a memória da implementação de projetos de qualidade na esfera da educação pública, pretendendo ainda deixar na vala comum do esquecimento as ações coletivas edificadas no âmbito político, objetivando a própria desconstrução da noção de espaço público.

Ouvir as diferentes vozes e as diferentes verdades implica questionar os valores e estereótipos que os aparelhos de poder nos impingem: podem significar uma reconstrução, uma nova tessitura de relações sociais e políticas que possibilitem um outro porvir, iluminado por uma nova interpretação do real. Nesse sentido, consideramos de capital importância o recurso à história oral, como fonte complementar à consulta documental, já que nos dispusemos a reconstituir projetos implementados em um período histórico marcado por ações repressivas e violentas, que incidiram diretamente na construção de visões fragmentadas. Tendo em vista a recuperação da memória pautada no anseio de recompor os fatos abrangendo a totalidade das relações sociais, devemos atender ao imperativo de dar a palavra aos artífices de lutas e ações que o regime discricionário pretendeu calar.

Objetivando repensar o ensino público hoje e as políticas públicas de educação e cultura, pretendemos recuperar a memória dessas experiências que marcaram o cenário educacional dos anos 60. Organizamos seminários onde demos voz aos protagonistas destes importantes projetos pedagógicos e culturais, estruturados em três temas:

1. “Os Ginásios Estaduais Vocacionais – um projeto coletivo de educação”.

Cumpramos destacar que os Ginásios Vocacionais constituíram experiência ímpar na esfera da educação pública. Com uma concepção de totalidade

do processo educacional, já que não dissociavam escola e vida, partiam da realização de uma pesquisa de comunidade nos locais onde as escolas seriam implementadas para proceder à elaboração de um currículo norteado por uma filosofia e concebido como um todo do processo educativo e não como um rol de matérias, uma vez que se acreditava que o processo educativo, por sua natureza, apresenta situações globais e integradas.

As disciplinas tinham como eixo integrador a área-núcleo Estudos Sociais, concebida em uma perspectiva sociológica, abrangendo história e geografia. Credo que o currículo deveria conduzir a uma visão antropológica de cultura e à intervenção social, era utilizada a noção de core-curriculum, pensada como uma ideia ou grande conceito que engendraria uma sequência de problemas, dando-lhes a desejada unidade. Com uma dimensão política explícita, traduzida em uma educação libertadora, expressa por meio de uma pedagogia social, os Vocacionais tiveram um profundo enraizamento nas comunidades onde se encontravam inseridos, procurando transformá-las.

2. “Educação de Adultos: Paulo Freire, Escolas radiofônicas, os CPCs e a UNE”.

Cabe dizer que as experiências recuperadas neste evento, cuja tônica recai sobre a pertinência da dimensão cultural e política da educação de adultos, redesenha um mosaico de significados comuns, fundados na ideia central de ter como referência a busca incessante da utopia.

3. “Escola Estadual Experimental Prof. Edmundo de Carvalho – O Experimental da Lapa – sua trajetória e suas marcas”.

Expoente do ensino renovado, o Experimental da Lapa se inspirava, sobretudo, nas contribuições da filosofia de Dewey e elaborou propostas de cunho político pedagógico ousadas – dentre as quais se destaca o projeto do CEFAM – tendo elaborado ao longo do tempo várias propostas educacionais, viáveis e bem sucedidas, no âmbito da educação pública.

Os seminários realizados foram filmados e gravados e este material, cujas fitas estão transcritas e editadas, será utilizado, em um projeto integrado com o Centro de Memória da Educação da FEUSP, para a criação de um banco de dados, com o intuito de estimular o surgimento de novas pesquisas sobre o assunto e despertar o interesse por essas experiências. Visamos ainda à elaboração de vídeos e publicações.

Recuperamos o passado acreditando na história como um instrumento de reflexão, como um cabedal teórico capaz de nos orientar na construção do futuro na perspectiva de criação de novos possíveis, já que como bem percebera Mannheim “toda atividade progressista se nutre da consciência de possibilidade” (1996, p. 112).

Referências

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003.

FOSTER, J. Bellamy; WOOD, Ellen M. (org.). **Em defesa da história**: marxismo e pós-modernismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX-1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MANNHEIM, Karl. O pensamento conservador. *In*: MARTINS, José de Souza (org.). **Introdução crítica à sociologia rural**. São Paulo: Hucitec, 1986. p. 77-131.

VILANOVA, Mercedes (org.). **El poder en la sociedad**: historia y fuente oral. Barcelona: Antonio Bosh, 1986.

FREI CARLOS JOSAPHAT - A PRESENÇA DO JORNAL BRASIL URGENTE

Apresentação - Frei Carlos Josaphat

Nascido em 4 de novembro de 1921, na cidade de Abaeté, Minas Gerais, **Frei Carlos Josaphat** foi um importante teólogo, escritor brasileiro e profundo conhecedor da obra de Santo Tomás de Aquino. O dia 9 de novembro de 2020, aos 99 anos de idade, data de seu falecimento, demarca, também, a necessidade de conhecer e retomar reflexões e aprendizados, por ele deixados, para gerações atuais e futuras, que não tiveram oportunidade de conhecê-lo. O depoimento a seguir, registrado em 2002, evidencia a importância política e social deste autor, assim como do **Jornal Brasil Urgente**, periódico que circulou no Brasil entre março de 1963 e 1º de abril de 1964, ano no qual foi fechado em razão da instalação do regime militar. No Jornal “O São Paulo: Semanário da Arquidiocese de São Paulo”, afirma-se: “Na década de 1960, Frei Carlos tornou-se conhecido por seu engajamento em questões da atualidade, chegando a fundar, com o apoio da Juventude Universitária Católica (JUC) e da Ação Popular (AP), o semanário Brasil Urgente” (O São Paulo, 2020, p. 1)³. Pertencente à Ordem Dominicana, **Frei Carlos Josaphat** foi exilado no período da ditadura, retornando ao Brasil em 1994. Foi também docente emérito da Universidade de Friburgo, na Suíça, e recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no ano de 2014.

Abertura – A presença do Jornal Brasil Urgente

Frei Carlos Josaphat – Relato de uma reunião, provavelmente ocorrida na região de Franca SP:

[...] no nosso mês seguinte, há pontos fundamentais que mostram que nós estamos vivendo uma injustiça, não porque uma ou outra pessoa comete alguma falha ou que haja algum ponto que não seja muito perfeito na nossa

3 MORRE Frei Carlos Josaphat. *O São Paulo: Semanário da Arquidiocese de São Paulo*. Disponível em: <https://osaopaulo.org.br/noticias/morre-frei-carlos-josaphat/>. Acesso em: 08 dez. 2020.

manifestação. Não. É que, em pontos essenciais, estrutural e institucionalmente, o Brasil era e é um país injusto. Bem, não se fala mais o nome do atual Senhor Presidente da República, na Missa, mas o Bispo Dom Agnelo Rossi, de Ribeirão Preto, não estava de acordo, por isto fui conversar com ele, no almoço que tivemos e, na sobremesa, eu disse: “Reparamos que o Senhor anda falando de Comunismo etc., e eu estou fazendo o plano da Igreja!” Então, mostrei a Conferência, porém, ele disse que só havia uns párocos, por isto não queria que eu fosse para Franca. Sugeriu que ele fosse para Franca, desse a bênção para o povo e que eu também daria. Cheguei lá [em Franca], visitei os quatro Párocos, mas eles disseram que não podiam ir. Chegando lá, o povo estava reunido, veio a bênção do Bispo e começamos a discussão, comigo iniciando a exposição. Dois companheiros disseram que havia um problema porque a sala estava cheia de capatazes dos fazendeiros, por isto não queriam que eu falasse. Chamamos todos os homens armados para deixarem a arma comigo. Na verdade, era um teatro, eu disse: “Quando der oito horas, vocês dêem uma batida, abram o pano e no palco não vai ter nada! Nem cadeira, nem mesa, nada!” E eles abriram o palco, esperei meio minuto, entrei e disse: “Louvado seja o Nosso Senhor Jesus Cristo!” (Risos). Dei a bênção no microfone e, então, levamos a coisa pra frente. Em um certo momento, alguém disse: “Ah, o senhor é um comunista e todos aqui presentes!” Eu disse: “Estamos aqui num país democrático, numa cidade maravilhosa como Franca e todos estão falando o mesmo que eu. O senhor está falando o mesmo que eu, só repetindo as palavras dele. Cada um na sua vez” (Risos). O primeiro fez três ou quatro objeções sobre o nosso trabalho, que era vermelho, comunista e etc., etc. Outro reforçou esta ideia. Em seguida, tirei um papelzinho do bolso e disse: “Olhem aqui o que me disseram em Bragança”, ou seja, as mesmas coisas que eles tinham dito. “E mais: isso aí é o que me disseram em Campinas também!” A mesma coisa que eles tinham dito. “Parece que há um entendimento de todos dizerem as mesmas coisas na mesma ordem!” Vejam vocês como é a luta. No final, terminamos bem. Quando saí, os meus companheiros disseram que havia um problema, pois eu não poderia ir para casa de nenhum deles, porque as famílias deles estavam na fazenda e tinham medo de mandá-las embora. E como as hospedagens já estavam fechadas, falei para irmos embora para São Paulo (capital), porque eu teria um compromisso lá de manhã. Estou contando rapidamente para vocês terem uma ideia do que era a luta naquele momento. Nós sabíamos que o Golpe de Estado estava vindo! E nós não queríamos. No último número do Jornal, bem ao nosso estilo, a manchete era: “Golpe Fascista”. De modo que vocês podem ter uma ideia de como era esse

Jornal, o que, a meu ver, não se compara nem com o que foi o Pasquim⁴. Ele não se compara com qualquer coisa, com Caros Amigos⁵, nada, nada que houve no Brasil, nem antes nem depois, porque foi um Jornal que colocou medo no povo, nos intelectuais, inclusive na intelectualidade de São Paulo que votou na liderança de estudantes e trabalhadores. Eu estava voltado, exclusivamente, para esse intento de dar o retrato do Brasil como era, propondo um perfil de como devia ser o país. Então, nesse sentido, acredito que, do ponto de vista não ideológico, mas do ponto de vista cultural, vocês têm razão de estudar esse jornal “Brasil Urgente”, no sentido do vácuo que há na imprensa, uma vez que ele representa uma originalidade na Imprensa Brasileira. Nós, na verdade, no começo, nos inspiramos no “Jornal de Luta”⁶, da França da época em que foi ocupada pelos inimigos. E nós considerávamos que o Brasil estava ocupado e está ainda. E é até por isso então que, de certo modo, o Jornal tem uma espécie de virulência, pois não há meias palavras nele. É um jornal para um momento em que nós estávamos mobilizados verdadeiramente. Por outro lado, acredito que, em relação à universalidade dos problemas, por exemplo, vocês encontram no Jornal uma Cartilha da Reforma Agrária. É muito interessante comparar hoje e ver o que essa Cartilha era e o que foi muito alargado, aprofundado e realizado pelo Movimento dos Sem Terra (MST). Há, por exemplo, um credo social-cristão, escrito por mim em maio de 1963, que retomei depois, que é a convicção de que todo cidadão

4 Publicado pela primeira vez em 26 de junho de 1969, o Jornal *O Pasquim* nasceu no contexto da Ditadura Militar e, de forma irônica e bem-humorada, questionava a realidade brasileira naquele período, evidenciando o obscurantismo, a opressão e o autoritarismo vividos no Brasil no regime militar. Naquele período, muitos de seus colaboradores foram perseguidos, presos e conteúdos (palavras, expressões etc.) publicados em muitas das edições do jornal foram censuradas. Sérgio Augusto, Chico Buarque, Millôr Fernandes, Henfil, Ziraldo, Zélio Alves Pinto, Jô Soares, Glauber Rocha, Ivan Lessa, Vinícius de Moraes, entre outros, são alguns de seus colaboradores. “Mais do que um jornal, foi um momento importante da inteligência brasileira”, afirma Zélio Alves Pinto, em entrevista para à TVT – SP, no Programa ‘Seu Jornal’ (2019). O jornal *O Pasquim* encontra-se disponível, de forma digital, no portal da Biblioteca Nacional (<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/o-pasquim/>). O texto “O marginal que deu certo (1969-1979)”, de Sérgio Augusto, disponibilizado na página da Biblioteca Nacional, apresenta e caracteriza, de forma clara, a origem e os sujeitos envolvidos no jornal “O Pasquim”.

5 *Caros Amigos* é uma revista brasileira, editada mensalmente e publicada, pela primeira vez, em abril de 1997, cujas centralidades temáticas voltam-se às discussões sobre política, cultura e economia.

6 *O Jornal da Luta*, mais conhecido como *Combat*, em francês, com o subtítulo *Le Journal de Paris*, foi publicado de dezembro de 1941 a agosto de 1974.

e, particularmente, aqueles que têm uma inspiração cristã, precisam enfrentar que é a luta social. Acredito que este credo social é cada vez mais urgente. Ele é o seguinte: alguém que pensa que tem moral, mas que tem apenas uma moral individual, entretanto profissional, social e politicamente não tem ética, é uma pessoa absolutamente imoral. Não é mais ou menos, é absolutamente imoral. Só é ético aquele que é pessoal e socialmente ético. Quem não é ético na política, quem acha que é a política que não deixa os outros fazerem o que é necessário, é criminoso por omissão, é cúmplice da injustiça. Então, esse sentido é que estava atrás do nosso movimento. O que está atrás hoje também do movimento que quer realizar a salvação do Brasil e a promoção social. É essa a inspiração, porque nós somos homens, se vivemos e lutamos pela ética no plano pessoal, familiar e social. Senão, você está sendo homem por acaso, mas na verdade, não assumiu a sua dignidade de pessoa humana. Então, digo aqui mais para os jovens, qual era essa espécie de onda que representava a luta por uma justiça social e pelo Brasil Urgente. Proponho a vocês, terminando minha fala, que a gente pode ver na História do Brasil, desde a injustiça fundamental que foi a colonização, que tomava a terra dos índios; a colonização que impunha a escravidão a toda a raça negra e depois dessa colonização, há ondas de verdade, justiça, solidariedade que vão crescer. E nós esperamos que estejamos agora no alto de uma grande onda dessas. Eu penso, por exemplo, numa onda como essa, quando do momento da primeira Constituição, em 1824, quando um grande paulista, José Bonifácio de Andrada e Silva, apresentou um projeto de libertação dos escravos no Brasil, um projeto bem pensando, um projeto concreto, um projeto que libertava e promovia os negros do país. Sabe o que aconteceu com ele? Quando chegou ao Congresso para apresentar o Projeto, teve que partir, numa mula, atravessar os Andes para ir para o Chile e para a Europa. E só na Europa tomou conhecimento do projeto. Outra grande vaga, assim libertadora, foi na Promulgação da Constituinte, em 1934, com um grande brasileiro, Alceu Amoroso Lima, um grande intelectual, um grande universitário, um grande professor, um grande escritor que mobilizou rapidamente a consciência brasileira, em torno de um pecado social: a falta de justiça social, por isto todos os constituintes tiveram a compreensão de que Constituição de 34, a primeira Constituição Social do Brasil, tratava da Ordem Política do Brasil, da Ordem Econômica do Brasil, da Ordem Social do Brasil, o que se apoiava na justiça social. Isso depois ficou um pouco pervertido porque, no Golpe de 37, Getúlio Vargas aplicou como Decreto Lei muitas dessas medidas que passaram a ser o Direito Trabalhista Brasileiro, mas, infelizmente, sem mais o apoio livre dos trabalhadores. Enfim, a grande vaga da Constituinte de 1934 foi a Justiça Social que é fundamento do Brasil, de modo que, quando alguém dizia: "Ah, você teve a Justiça Social?"

Eu digo: leia o Direito Constitucional Brasileiro”. Então, nós tínhamos, assim, essas grandes vagas e eu vejo, então, que nós tivemos a dos anos sessenta que teve que cair com o Golpe de 64. A vaga que começa nos anos setenta e oitenta, de onde vem a CUT⁷, o PT⁸, o MST⁹ até chegar nesse grande momento que foi a Constituição Cidadã de 1988. E que alguns querem atualmente corrigir, na linha do capitalismo retrógrado. Então, acredito que agora nós estamos vivendo uma dessas grandes vagas para submergir mesmo à sujeira, à corrupção, à incompetência e começarmos, então, assim, de fato, essa grande aventura mar adentro. O mar da verdade, o mar da justiça e da solidariedade. Bom, é o que eu queria dizer a vocês” (Aplausos).

Profa. Sonia Maria P. Kruppa

Então, agradeço a você, Frei Carlos Josafá, dizendo que, quem sabe na grande onda haja espaço para todos nós. E aí, não é um marujo solitário, que você nunca foi, e esperamos ter um marujo acompanhado por todos nós nesse processo¹⁰. Vamos tomar um cafezinho e conversar com o Frei Carlos Josafá junto do Jornal. Nós colocamos o número 12 do Jornal, inteirinho, que é considerado por muitos como volume histórico, mas há também alguns artigos avulsos, uma cópia de todo o conjunto de 50 jornais e eles vão ficar depois à disposição na nossa Biblioteca. Angela Rabello Maciel de Barros Tamberlini¹¹ é a nossa grande colaboradora e co-organizadora desse evento.

Profa. Angela M. B. Tamberlini

Boa noite, antes de mais nada! Agradeço a presença de todos. É uma satisfação muito grande receber o Frei Carlos Josaphat. Então, gostaria de anunciar também que todos os seus amigos estão convidando para a celebração do seu aniversário com o lançamento do livro “Utopia Urgente: escritos em homenagem a Frei Carlos Josaphat nos seus 80 anos”, que vai ser lançado no dia 09 de novembro. Vai haver uma missa às 18:hs e 30min e depois às 20 horas no salão da Igreja dos Dominicanos; um pão de queijo mineiro e uma

7 Central Única dos Trabalhadores.

8 Partido dos Trabalhadores.

9 Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

10 Referência a Lula, que vence a disputa para a Presidência da República do Brasil em 2002.

11 Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Associada IV da Universidade Federal Fluminense (UFF), Estado do Rio de Janeiro.

noite de autógrafos com o Padre. Vai ser na Igreja de São Domingos, na Rua Caiuby, 126, em Perdizes, São Paulo. Estão todos convidados.

Interlocutor¹²

Aproveitando essa onda de recados, anuncio que depois desse lançamento, do dia 09, alguns amigos também farão o lançamento desse pequeno livro que vocês estão tendo agora em primeira mão (Utopia urgente: escritos em homenagem a Frei Carlos Josaphat nos seus 80 anos, organizado por Frei Betto, Adélia Bezerra de Meneses e Thomaz Jensen). A Editora Três está fazendo uma homenagem dos quarenta anos do lançamento desse livro, com uma palestra no Auditório da Loyola, no Ipiranga, depois do dia 20 de novembro, na Rua 1822, nº 347, paralela à Avenida do Estado.

Profa. Sonia Maria P. Kruppa

Amanhã, nós vamos discutir o dia inteiro a Educação de Jovens e Adultos que começa nos anos sessenta, como forma de retomada dessa discussão, com a contribuição do Professor Celso [de Rui Beisiegel], como pesquisador, como professor dessa casa, tem acompanhado as questões da Educação de Jovens e Adultos hoje. Mas ele é um pesquisador desse momento. Então, a nossa idéia é que esses momentos se encontrem pelos sujeitos que tiveram presentes nos anos sessenta. Então, hoje, fui, à tarde, às salas de aula de Pedagogia, contando que, uma aluna de Pedagogia do Centro Acadêmico, àquela época jovem, e hoje na sua versão ainda mais jovem, chamada Vera Barreto, que estará conosco amanhã, ela fez a primeira experiência, como estudante (até onde sei e o professor Celso [de Rui Beisiegel] pode me corrigir, se eu tiver errada), do método Paulo Freire, aqui em São Paulo. Então, ela vai recuperar um pouco disso tudo: como é que ela entra em contato com o método, como a idéia de alfabetização estava colocada na alfabetização de adultos, como é que ela entra em contato com Paulo Freire, através de cartas e como isso vem e dá origem a uma experiência. O professor Celso [de Rui Beisiegel] tem uma experiência para nos contar, muito interessante, que nós vamos deixar para amanhã, que é sobre Educação de Jovens e Adultos, mas também, como pesquisador do método Paulo Freire. Teremos ainda a experiência com a Educação de Jovens e Adultos na Fundação Santo André, cujos participantes são jovens alunos, para fazermos esse diálogo intergeracional. Agora vamos para o debate. Está aberta a palavra.

12 Chamamos de “interlocutor” ou “interlocutora” as pessoas presentes no encontro que realizaram perguntas e/ou socializaram reflexões para debate público.

Também vai um pouco nessa direção de uma nova onda. Acho que temos sentido de um outro ângulo. Temos ouvido a questão de certos temores, em relação aquilo que pode ser, em especial, por conta das alianças que foram feitas, da atual conjuntura política, da necessidade de o econômico ter um destaque ainda maior. Se você pergunta aos candidatos¹³ quem serão os responsáveis pela área econômica, você ainda não tem resposta. Ainda não ouvi pergunta de quem serão os responsáveis, do governo, pelas áreas sociais. Então, as pessoas me dizem: será que estamos repetindo um destaque maior ao econômico? E isso, então, não é uma repetição do mesmo? Ninguém está dizendo que a economia não seja importante ou que as medidas econômicas ou que o Banco Central não sejam importantes. Sim, são fundamentais, mas será que vamos repetir certo esquema, no qual o econômico tem primazia sobre o social? Eu queria colocar isso na roda. E aí?

Interlocutor

O “Brasil Urgente” expressava um radicalismo muito típico de alguns setores cristãos. Naquela época, então, eu acho que ele representava isso ao extremo. A minha pergunta é a seguinte: O que aconteceu com esse radicalismo? A Igreja conseguiu controlar a hierarquia dura (que era Roma)? Conseguiu controlar? Ou ela ainda tem a possibilidade de ressurgir de novo?

Interlocutora

Eu vou fazer uma questão de ordem mais prática que fiquei refletindo aqui. Ouvimos as pessoas falando de mobilização social e, na verdade, temos dificuldades de imaginar soluções para situações que encontramos nas escolas. Como fazer, por exemplo, para que as mães exijam que os professores não faltem tanto nas escolas? Como as mães podem se unir para exigir uma escola de qualidade? Quando vamos pesquisar, fazer estágio, encontramos várias falhas nos funcionamentos das escolas e, por conta de vários fatores, sabemos que as pessoas que poderiam resolver essa situação da falta de professores acabam não resolvendo para não prejudicarem o colega, ou seja, existe um corporativismo cuja ação das mães poderia romper com isto. Então, por exemplo, a falta de professores é uma coisa muito grave na escola que eu vou fazer estágio. Às vezes, faltam três professores todas as semanas. Não é uma semana ou outra. A quantidade de aulas, se a gente for contar, é menor do que a quantidade de faltas. Fico me perguntando como criar esses grupos

13 Referência aos candidatos à disputa presidencial de 2002.

de representação comunitária, de pessoas que podem se mobilizar para mudar a educação, por exemplo, pois os mais interessados são os alunos. Só que eles não têm capacidade de mobilização, no caso de primeira à oitava série [nono ano] ou Ensino Fundamental II. Teria que ser as mães! Como a gente, observando essa situação, pode dar início a algum tipo de mobilização das mães para mudança na escola?

Frei Carlos Josaphat

Há três perguntas importantes na sua fala. Três grandes temas, que nós gostaríamos de enfrentar. Começaria com a questão do radicalismo que procurávamos manifestar e viver no nosso movimento, no “Brasil Urgente”. E depois houve um arrefecimento por parte da Igreja. Ora, é preciso, primeiramente, dizer que, aquele movimento não representava oficialmente a Igreja. A maior parte dos bispos daquele momento olhava por cima, com uma certa simpatia, às vezes, para o nosso trabalho, mas ninguém estava disposto a arregaçar as mangas e, menos ainda, a se mobilizar conosco. O nosso Arcebispo na época, D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, mineiro com um nome bonito, que é quase *carroneano* (Risos). Ele nos apoiava, mas sempre dizendo assim: “Não digam que eu estou apoiando!” Nunca tivemos o apoio da oficialidade de ninguém! Era um movimento de convicção, de cristãos e não cristãos, que tinham a convicção de que, naquele momento, era preciso lutar para fazer as famosas Reformas de Base.¹⁴ De modo que não houve um arrefecimento; a CNBB melhorou muito e tem movimentos muito bons. Ela tem liderado movimentos contra a ALCA, contra a dívida externa, etc., e tem tomado posições [...]. Houve uma melhoria, sem dúvida, sobretudo a partir das posições de Dom Helder Câmara, Dom Paulo Evaristo Arns, aqui em São Paulo, Dom Lorscheider, etc. e outros. Então, para mim, é muito claro isso, que naquele momento não é a Igreja. Há um livro sobre o “Brasil Urgente”, em que é interpretado que a Igreja teve medo de culpa, teve medo do comunismo, por isto lançou o Brasil Urgente. Na verdade, a Igreja não lançou nada! Foi um grupo de gente responsável que tomou posição. E é isso que salva! Não adianta nada para nós. Nós não fomos encabrestados em qualquer

14 Com a entrada de João Goulart na presidência do país, em 1961, as Reformas de Base, também conhecidas como Reformas Estruturais, foram a tônica de suas propostas para governar o país naquele momento. Entre estas, encontravam-se reformas voltadas às questões agrárias, educacionais, políticas, fiscais. (MENANDRO, H. Reformas de base. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário histórico-biográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: FGV, [19--]. s/ p. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/reformas-de-base>. Acesso em: 11 dez. 20).

hierarquia. Nós termos chegado, termos tido convicção, então, partirmos para o trabalho e para a luta. Isso é um primeiro aspecto. E, em segundo lugar, com relação à eleição, nós esperamos que o povo brasileiro não tenha razão nenhuma para mudar sua orientação, por isto deve escolher um Presidente popular, no domingo! Pois bem, naturalmente, essa eleição tem uma série de ambigüidades porque, naturalmente, teve-se que fazer uma opção. E se a gente falasse assim: “Nós vamos estudar a dívida externa. Nós vamos rejeitar a ALCA etc.”, teríamos do outro lado uma unanimidade esmagadora, pois pegaria uma parte da opinião pública que não está suficientemente mobilizada. Nós vamos ganhar a eleição com uma parte mobilizada de gente de luta, de gente que está sabendo que não somos desse lado e que nada nos muda. E há alguns que se deixaram convencer, porque está vendo o estrago que o capitalismo está fazendo. Então, houve concessões na linguagem para chegarmos à elegibilidade. Agora nós vamos ter o perigo dos compromissos para a governabilidade. Então, é nesse ponto que é preciso haver uma mobilização, uma grande vigilância para que, aquilo que é o centro do nosso programa, do nosso projeto, prevaleça e a gente não se acomode para poder durar. Porque durar na mediocridade é melhor desaparecer! Nós temos que durar levando a bandeira para frente, crescendo cada vez mais. Um dos aspectos importantes é exatamente o compromisso social. O governo atual no seu primeiro mandato vinha do social. Ele partiu para o econômico, era 100% e era, simplesmente, assim. O econômico resolve. E nós tivemos um Ministro da Fazenda, caso único na História do país, que durou dois mandatos [refere-se a Antônio Delfim Netto, Ministro da Fazenda, de 1967 a 1974]. Nunca houve nenhum, desde 1822, que tenha durado um mandato inteiro! Esse ministro estava querendo até durar três ou quatro, “por todos os séculos, dos séculos, Amém!” Vimos, assim, que o econômico dominou 100%. No segundo mandato, quando o povo começou a ver, que, de fato, não havia política pública para ele, veio o social assistencialista como: cesta básica, ou seja, esmola, como dar quinze reais para a pessoa que não está ganhando [...]. Bem, quer dizer, assistencialismo somente. Isto produziu um certo efeito, porém, todo o problema nosso é o econômico e o social. O social estrutural, institucional. Quer dizer, mexer nele e resolver o problema da renda, pelo menos uma renda mínima. E por essas coisas nós temos que lutar, para um Partido que cresceu muito, que, por não ter a maioria para decidir, fez aliança, mas [não] que ela não seja tão essencial, uma vez que é necessária a junção do econômico, do político e do social. Compensa porque é um programa muito sério, a onda é grande, entretanto, ela pode cair! Seja porque nós vamos encontrar uma oposição muito grande, depois da eleição, oposição muito grande do exterior e também aplausos enormes no exterior. E ainda alguém

vai dizer: “O Brasil agora é uma bandeira para a América Latina, para a África, para a Ásia e para a Europa.” No entanto, vamos ter, dos monstros frios do capitalismo, uma oposição muito grande e o único jeito é uma unanimidade do Brasil, ao lado de seu Presidente. É só ele marchar na rua etc. e partir. Tem que ir para a briga mesmo. Nós não podemos abandonar um Presidente eleito pelo povo, se houver uma pressão internacional contra ele. Internacional não de países, mas de grupos transnacionais. Há uma sede nos Estados Unidos e seus tentáculos no resto do mundo. Então, isso é o que é transnacional. Sociedade transnacional. Então, nesse caso, nós temos que estar mobilizados e com uma mobilização presente para impedir isso. E, por outro lado, mobilizados internamente. Cair em cima de Eduardo Suplicy, do Mercadante. Cair em cima, então, de todos aqueles que têm a bandeira e sempre tiveram e que não podem agora abaixá-la em nome de uma governabilidade qualquer. Talvez isso seja um risco. Temos que ver muito claramente! Em relação à educação, tratamos com alguns grupos, quando houve a Campanha da Fraternidade sobre a Educação. Aliás, naquela ocasião, tivemos a oportunidade, nós Dominicanos, de convidarmos muitos das colaboradoras e colaboradores de Paulo Freire, como Secretário de Educação de [Luiza] Erundina. Bem, então, nessa ocasião, verificamos que, para se conseguir algumas medidas eficazes, é preciso que, um colégio, por exemplo, faça uma união dos pais, de alunos, dos professores, dos diretores, dos alunos em torno de projetos, para melhorar a instituição e forçar os políticos para as ações necessárias. Conseguimos fazer isso com um colégio que tinha projetos concretos. Fizemos essa união e se conseguiu. É um exemplozinho, porém, tem que ser uma coisa geral e em toda a parte. A mobilização em torno de projeto concreto. Vamos lutar, inclusive, em último caso, até pichar a casa e tudo que for necessário, ou seja, exigir uma pressão moral. Pressão moral, convicta, feita pelos interessados, por aqueles que são, por exemplo, os agentes da educação. Quer dizer, os estudantes, os pais, os professores, o diretor. Acredito que a sua questão traz um ponto muito importante. Como fazer isso? Então, há projetos e há campanhas! Um projeto tem campanhas sucessivas e, à medida que ele vai ganhando, ficamos mais audaciosos e pedindo mais. Quando ele corre o risco de não conseguir numa campanha, reforçar para dar um passo decidido. Então, é isso que eu chamo de uma estratégia! Nós temos que ter uma verdadeira estratégia política e ética. Essa estratégia supõe sempre uma mobilização, campanhas sucessivas, projetos dentro de um grande projeto de sociedade. Acredito que nós estamos atravessando um momento bom, porque atravessamos outro muito ruim. De 1974 para cá, houve uma campanha muito grande de desmobilização. Desmobilização profissional dos trabalhadores, desmobilização dos professores, desmobilização dos próprios

estudantes. Agora, estamos assistindo a essa retomada numa grande possibilidade de mobilização global, incluindo todas essas categorias. Então, é, nesse sentido, que acho muito oportuna a sua questão mesmo, de nós procurarmos respostas concretas. E eu acrescento uma coisa: Na nossa vida social é importante a política governamental que nós sustentamos, votamos no Congresso, no Executivo e também no Judiciário. E o trabalho dos movimentos das ONGs – das Organizações não-governamentais, sabendo que a ONG e qualquer movimento não vão fazer o que o Estado tem que fazer. E nós não temos que fazer! Não é questão de organizar o ensino religioso para órfãos, para viúvas.. Não precisa nada disso! Precisamos garantir o ensino público para o povo brasileiro. De qualidade. Da melhor qualidade, com tudo que é necessário, a começar pelo magistério digno, com salários condignos para todos os funcionários, a começar pelos professores. [...]. Tem é que forçar o Estado a fazer! Então aliar ao Estado e aliar depois, naturalmente, a função das ONG's, de educação popular, de mobilização popular, de estudos, de projetos concretos. Vejam que temos uma luta magnífica que é intelectual, é de cabeça, é de coração, é de braços e pernas, é de marcha, com o ser humano inteiro mobilizado. Então é isso que é o nosso futuro. E, quando no Brasil, nós vimos que, em alguns países, o Socialismo derreou, é porque faltou isso. Às vezes, o partido é que fazia os projetos, mas o povo não! Havia técnicos, estudantes do partido, porém, o povo estava fora. E, então, nós tínhamos uma coisa interessante que quero colocar aqui, entre parênteses. O capitalismo nunca reconheceu uma coisa: que os países ditos comunistas, quando o povo manifestou a sua insatisfação, o partido podia aprovar. Quando o povo resolveu fazer a experiência do capitalismo, o que é que aconteceu? A Polícia Comunista atirou no povo? O Exército Russo atirou no povo? Nada disso, diziam. O povo quer, o povo faça! De modo que o comunismo se mostrou perfeitamente pacífico. É preciso que os capitalistas ouçam isso. Ai de nós se nós tentarmos mexer uma coisinha contra o patrão dos Estados Unidos! Eles estão com todos os aliados. Aí os povos mudaram de regime de uma hora para outra sem que o poder estabelecido tenha feito qualquer violência. Onde é que vocês viram isso? Qual o jornal que deu isso? Digo eu, porque vi, estava acompanhando a evolução do comunismo nesse país e vi que evoluiu, cedeu porque o povo quis, o comunismo aceitou. Pode chamar o comunismo de ateu e tudo mais, mas que ele era, de fato, respeitoso com o povo, era. E foi até o fim. Então, nesse sentido, condeno o fato de que o comunismo quis governar sem o povo, mas na hora que o povo se revoltou contra o comunismo, marchou na rua, o governo aceitou. O bendito povo. Eu digo isso entre parênteses porque nós estamos fartos de mentiras. A mídia impregnou a mentalidade de mentiras! Estou preparando um livro de ética sobre a mídia. Fico hesitando

porque é tão difícil; há tanta mentira que para a gente não há nem espaço, de verdade, que gente ingrata! (Risos). É terrível. Meu secretário está até enxugando o olho, pois a coisa também está difícil! O que me parece importante aqui para nós é essa questão de ocuparmos todos os espaços de liberdade, fazermos o máximo possível e de crescermos cada vez mais nessa linha de uma verdadeira luta social global.

Profa. Sonia Maria P. Kruppa

Pessoal, estamos finalizando hoje, então, queremos agradecer a presença de todos e todas. Quero convidar a todos para amanhã e agradecer, especialmente, a presença do Frei Carlos Josaphat pelo seu testemunho, pela sua luta, pelo “Brasil Urgente”. Por ter escrito isso lá atrás, no tempo, e ter, com essa garra, continuado a defender essas Reformas de Base, que são todas elas tão necessárias para esse país. Então, a gente agradece a todos e eu queria muito uma grande salva de palmas para todos nós! (Aplausos).

MESA - “ARTE-EDUCAÇÃO E ENGAJAMENTO”

Profa. Sonia Maria P. Kruppa

[...] a ideia hoje é recuperar a metodologia/ a experiência e modo de realização de eventos do antigo Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo, nos anos de 1960, quando estudantes jovens se uniam a seus professores – encontro de gerações - superando o momento militar que separou uma geração extremamente propositiva de outras. Obviamente, durante os governos militares, os jovens eram também propositivos, mas, o que é que havia? Havia um impedimento da conversa, da troca. Nos queremos recuperar a possibilidade desse diálogo entre os jovens e os mais velhos, dessa troca, com muita urgência, porque entendemos que disso depende um projeto mais amplo para o Brasil, na área de Educação. A nossa idéia é alargar e difundir para muitas pessoas o que vai acontecer aqui hoje. Nesta direção, o material que nós produzimos nestes dias é de todos nós, por isto, estamos registrando todas essas experiências, para fazermos uma publicação. Assim também, queremos utilizar, da melhor maneira, as gravações em vídeo que estamos fazendo. Agora de manhã, a coordenação da mesa e o trabalho estão com a professora Lisete Regina Gomes Arelaro¹⁵. Vocês são todos muito bem-vindos. Obrigada.

Profa. Lisete Regina Gomes Arelaro

Bom dia a todos e todas. Esses nossos seminários têm possibilitado, além de um debate, que realmente é, que preservemos a memória, as experiências realizadas com sucesso, com emoção, com garra, mas, acima de tudo, têm sido um encontro entre amigos, entre militantes da educação e da vida. A mesa de hoje, cujo título é “Arte-educação e engajamento”, traz exatamente essa combinação bastante interessante para que possamos refletir às vésperas de termos um fato histórico no Brasil, ou seja, o nosso primeiro torneio mecânico, sem curso universitário, sem medo de ser feliz, exatamente eleito

15 Lisete Regina Gomes Arelaro, à época, era livre docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Pós-Doutora pela Universidade Livre de Barcelona, Espanha. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo.

para Presidente da República. E esse fato histórico também acontece, em um processo complicado de despolitização das universidades brasileiras, de desencajamento. Engajamento é um termo da nossa época, da geração de 1960 que pede passagem, com muito pique. Vocês pensem o seguinte: no golpe e depois do golpe militar, não foi somente a academia que foi tolhida, a arte também. E se vocês pensarem que grupos foram perseguidos, esta ideia se reforça. É interessante até para nós refletirmos: se hoje tivéssemos um novo golpe, quem seria perseguido? Nós estamos em uma universidade que não promoveu nenhum debate com os presidenciáveis. Isso é inédito. Eu diria que as universidades estaduais de São Paulo não promoveram nenhum debate. Sabem por quê? Não consideraram importante que eles aqui estivessem. É quase como se a universidade não tivesse a ver com isso. A geração de 1960 compunha-se exatamente de estudantes que tínhamos nossa posição, apesar de nossos professores, portanto, este movimento, estas discussões que estão acontecendo têm a ver com um grupo de professores que vai apoiar exatamente a rebeldia, a irreverência e a ousadia que a juventude tem. Então, é em nome destas posições que tenho um grande prazer em chamar aqui os meus queridos colegas: os Barretos (Vera Barreto¹⁶ e José Carlos Barreto¹⁷), como eles são chamados, além, obviamente, do Osmar Fávero¹⁸, que também é nosso colega. Ressalto que, em vários momentos, o trio já esteve aqui conosco, uma vez que são formadores das gerações. Ninguém que discutiu educação de jovens e adultos e o engajamento dos anos sessenta deixou de contar com as contribuições do Osmar, o José Carlos e a Vera. E é por isso que nós

16 Graduada em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (USP). Participou de projeto de alfabetização de adultos organizada pela União Estadual de Estudantes (UEE) e vinculada ao MCP (Movimento de Cultura Popular) da União Nacional de Estudantes (UNE). Educadora, militante, pesquisadora. Participou, em 1963, da experiência de alfabetização de adultos em Vila Helena Maria, em Osasco, São Paulo, tendo como referência a proposta freiriana de alfabetização (Vieira, 2007).

17 Graduiu-se em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Foi líder da JEC (Juventude Estudantil Católica). Participou, ativamente, da Ação Popular e envolveu-se no “movimento de sindicalização rural”. Neste contexto, conheceu o trabalho de Paulo Freire “e ingressou numa experiência desenvolvida pela UEE da USP, que organizava o MCP e planejava um amplo trabalho de alfabetização” (Vieira, 2007, p. 6-7). Educador, militante, pesquisador. Assim com Vera Barreto, Zeca, como também era conhecido, participou, em 1963, da experiência de alfabetização de adultos em Vila Helena Maria, em Osasco, São Paulo, tendo como referência a proposta freiriana de alfabetização. (Vieira, 2007).

18 Doutor em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Prof. Titular da UFF e prof. Emérito da UFF.

os escolhemos para essa discussão importante. Enfatizo que vamos ter uma ausência de representação, no que se refere ao “Partidão”, como chamávamos na época, ou seja, o Partido Comunista Brasileiro, não desmilinguido como está hoje, mas um partido que tinha uma proposta ousada e que fazia parte incorporada da luta política. Sou de Campinas e fui militante, na época, dos chamados CPC, Centros Populares de Cultura. Estes e os MCPs, Movimentos de Cultura Popular¹⁹, até certo ponto, traduziam as grandes áreas de atuação que os grupos de educadores tinham com a juventude. E quem disputava a juventude, a cabeça e o coração da juventude? O Partidão, a Igreja Católica, através da Ação Católica, e seus Centros Populares de Cultura que eram bastante interessantes e que, evidentemente, para nós aqui da Faculdade de Educação da USP, temos sempre como figura-símbolo, evidentemente, o professor Paulo Freire. E a nossa grande ousadia como alunos das Universidades, éramos chamados de “engajados”, porque assumimos a corresponsabilidade histórica da alfabetização de jovens e adultos. Esta é uma tarefa de todos nós, como sabemos. Evidentemente que queríamos mudar o mundo também, um pouco se referenciando na educação, incorporando a educação. Não é por acaso que Paulo Freire sempre insistia que educação não faz a revolução, a revolução era nossa meta, nosso objetivo, mas sem a educação, sem uma nova educação, evidentemente não se consubstancia um processo revolucionário. Portanto, Osmar, temos também o professor Carlos [Rodrigues] Brandão²⁰, que também é um militante dos anos sessenta, setenta, oitenta, noventa, dois mil. É por isso que estou dizendo que é um grande encontro entre amigos. Por isto, há muito carinho nesta caminhada; então, queremos compartilhar essa discussão, essa experiência com vocês, uma vez que os conteúdos dos nossos cursos, em geral, não contemplam, mas estão presentes na nossa vida e na vida acadêmica. Repito que dificilmente, em São Paulo, alguém organizou um grupo de Educação de Jovens e Adultos que não

19 Diferentes movimentos de cultura popular foram atores sociais muito importantes no contexto brasileiro, especialmente nos anos 60, do século XX, potencializando experiências educacionais as quais envolviam a alfabetização de jovens e adultos, a formação política dos sujeitos, o acesso à cultura, à arte, etc. O MCP, por exemplo, encontra-se nesse contexto. Como afirma Brandão (1985, p. 8), buscava-se experienciar “[...] um novo sentimento de Mundo, uma nova esperança no Homem. Uma nova crença, também, no valor e no poder da Educação. Sinais do amor que o homem planta e que brotavam ali, no chão seco do sertão”.

20 Carlos Rodrigues Brandão é Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1980) e livre docente em Antropologia do Simbolismo pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Realizou pós-doutorado na Universidade de Perugia e na Universidade de Santiago de Compostela.

tenha contado com a contribuição, sempre animada e sempre solidária do Zé Carlos e da Vera [refere-se a José Carlos Barreto e a Vera Barreto]. Em nome da Faculdade de Educação e da vida, agradecemos muito a vocês por estarem aqui conosco, pois continuam coerentemente militantes.

Prof. José Carlos Barreto - Andanças Acadêmicas, sociais e militantes

Vamos começar a esquentar os motores. Meu nome é José Carlos Barreto. Estamos nessa briga de mudar o mundo há muito tempo. Tenho na memória que é desde 1956 para frente. Ingressei numa visão mais progressista em razão de uma estada no Rio como membro da Equipe Nacional de Ação Católica. Partilhei o mesmo apartamento com o Osmar, que é uma figura importante, quando passei da visão, recentemente ressuscitada, de São Paulo ser uma locomotiva que puxa o país com vagões carregadíssimos, à visão de que São Paulo era um elemento explorador no processo brasileiro, ou seja, tive uma mudança da água para vinho, nessa estada no Rio. Despertei para o social, nesses dois anos, com muito sofrimento. E ninguém muda convicções, sem muito sofrimento. Mas o fato é que depois destes dois anos no Rio, quando retornei a São Paulo, voltei com uma vontade imensa de contribuir para a transformação do mundo e, na época, nós achávamos que isso tinha que ser feito muito rapidamente senão correríamos o risco do mundo se mudar, sem que a gente participasse dessas mudanças. Tal era a noção de que estávamos à beira da revolução brasileira. E estava uma efervescência muito grande nas universidades e na sociedade civil, preparando a nova sociedade. A gente tinha muita urgência de participar dessa mudança ou correr o risco, às vezes, de acontecer sem que a gente participasse dela. Então, entrei na faculdade, na PUC, em Ciências Sociais, e ingressei também no movimento de transformação rural chamado Frente Agrária. Eu que não sabia a distinção entre um pé de alface e um pé de couve, saí pelo interior de São Paulo organizando a população rural para fazer sindicatos, que já era permitido finalmente, quando Montoro foi ministro. Nós percorríamos São Paulo, fazíamos greve, porque era nossa forma de contribuir nessa transformação. Quem lia Mao Tse Tung sabia que a revolução vinha do campo. Então, saí por aí e, obviamente, com um sucesso muito pequeno, quase nulo. Um jovem universitário, em São Paulo, tentando organizar trabalhador rural, sem nenhuma experiência para isso. Estava muito angustiado com esses fracassos contínuos, quando ouvi falar que tinha um professor que tinha inventado um método de alfabetizar que alfabetizava em 40 horas e, ainda por cima, conscientizava. Fiquei doido, porque achava que, se nós conseguíssemos atrair o trabalhador rural ao sindicato através da alfabetização, o sucesso ia ser quase imediato, porque, na minha visão de

universitário, não havia no mundo quem não quisesse ser alfabetizado, e não se alfabetizava era porque demorava muito. Ora, se tinha uma receita que fazia isso em 40 horas, ia ser um show no meu sindicato. Vejam a ingenuidade típica de jovem, apesar de engajado. E, ainda pensava o seguinte: a gente ajunta grupo de 20, 30 pessoas, alfabetiza em 40 horas, pouco mais de um mês e meio, aí vem outra turma, mais gente para o sindicato, mais gente alfabetizava, a cada um mês e meio, vamos ter uma turma de alfabetizados. Depois, alguns desses podiam alfabetizar. É uma corrente para frente, que vai acelerar o processo, rapidamente, ia dar uma acelerada imensa. Só tinha uma falha nesse meu raciocínio. E qual era a receita? Ninguém sabia. Sabia que tinha sido inventada por um professor no nordeste. Fui, então, procurar quem sabia da receita; e quem soubesse da receita, eu também teria que me aproximar e me engajar. Havia um grupo, ligado à UEE, União Estadual dos Estudantes, que estava em contato com este professor que sabia a receita. Eu teria que me incorporar a este grupo, o que não era difícil, porque as faculdades significativas eram poucas: Mackenzie, USP, PUC. O grupo universitário era muito pequeno, os de esquerda, idem. A maior parte dos universitários era tradicional, universitário classe média, embora houvesse um núcleo significativo de gente envolvida no processo de transformação. Este grupo, ligado à UEE, presidida pelo hoje candidato José Serra, estava patrocinando uma experiência de alfabetização, através deste método inventado pelo professor nordestino, um tal de Paulo Freire, um desconhecido. Professor lá de Recife. Pouquíssimo conhecido. Enfim, foi feito o grupo e nós tínhamos uma correspondência com o professor. Mas havia um problema: ele não dava a receita, aliás, ele dizia que não tinha. Ele dizia umas coisas meio escabrosas, por exemplo, falava que todo analfabeto tem conhecimento, o que era uma heresia para minha cabeça. Se nunca frequentou uma escola, como pode haver conhecimento, se não foi gestado na escola? Ele dizia também que a educação é um ato político, que a educação não era neutra. O pior é que mandava isso por carta e nós discutíamos nesse grupo. Eu ficava muito balançado e escrevia cartas, pedindo esclarecimento. Ele respondia e cada vez aquelas dúvidas ficavam resolvidas, mas como sempre, cada vez que você resolve uma dúvida surgem três ou quatro novas e, então, cada vez mais fomos chegando à conclusão que por carta não resolvia a questão. E resolvemos convidá-lo a vir aqui para falar ao vivo, para gente conseguir destrinchar o que ele sabia sobre alfabetizar. O fato é que ele veio e se conversou muito, veio aqui na USP, o auditório era lá em cima, deu um curso, a gente resolveu todo esse problema, criou outros, até que descobrimos, com muita sabedoria, que a gente não aprende antes de fazer. Se a gente queria saber como era essa alfabetização, tinha que promover essa alfabetização. E foi aí que começou

a gestar-se a primeira experiência de alfabetização geral pela metodologia freireana fora do nordeste, num bairro em formação chamado Helena Maria, Vila Helena Maria. Hoje é um bairro quase central, mas que, na época, estava sendo formado por casas em mutirão. Lá em Osasco, São Paulo. Daí a primeira palavra no processo de alfabetização freireana foi “Tijolo”, exatamente porque era uma população de pessoas que lidavam com construção. Acredito que para início, para situar minha fala, está bom.

Profa. Vera Barreto - A praxis educativa de Paulo Freire

O Zeca [refere-se a José Carlos Barreto] traçou um pouco como foi que ele chegou a esse trabalho de cultura popular. Pretendo mostrar um pouco a minha história dessa mesma época, na mesma cidade, mas aqui tem também uns pontos diferentes. Eu era aluna do curso de Pedagogia aqui da USP, sendo o primeiro a mudar para a cidade universitária, que estava em construção. O curso de Pedagogia, na época, era ligado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que havia mudado para o novo *campus* da cidade universitária. Foi o centro acadêmico que, diante dessa situação, resolveu promover um trabalho de educação. Seria um trabalho de alfabetização até o nível da quarta série [na atualidade, quinto ano do ensino fundamental], para os operários que estavam construindo a cidade universitária. Vivia-se, nessa época, um interesse muito grande, por parte dos estudantes, em manter um contato com a classe trabalhadora. Estabelecer alianças entre universitários e trabalhadores era uma coisa vista na época como extremamente importante. E achávamos até que, com essa aliança, muitos dos conhecimentos relativos à realidade que se vivia poderiam se abrir para estes trabalhadores. Outro engano muito freqüente na época foi a idéia de que o conhecimento que tínhamos, como universitários, era extremamente essencial e fundamental para as outras pessoas, numa visão ainda muito forte de que os outros não sabiam, éramos nós que sabíamos. Essa é uma idéia que vai ser fortemente bombardeada pelo Paulo Freire e talvez uma das idéias que nos impactou muito, quando começamos a conhecer as idéias dele. Mas, enfim, foi divulgada a notícia em todo o *campus*, que existiria, aqui, nesse prédio hoje um pouco reformado, esse curso à noite para adultos que não tivessem até a quarta série. E nem é preciso dizer que a procura foi imensa. Criaram-se imediatamente muitas turmas, com um número grande de pessoas. No meu caso, não fiz curso de magistério, fiz um curso que antigamente se chamava curso científico e,

com isso, eu nunca tinha trabalhado com educação. Nunca tinha tido uma sala de aula. Esta era uma diferença muito grande que eu tinha com as minhas colegas, uma vez que a imensa maioria eram professoras de rede pública, comissionadas, fazendo o curso de Pedagogia. Eu sentia que a minha inferioridade, por não ter vivido uma situação de sala de aula, era uma coisa séria; então, eu tinha muita vontade de resolver. Quando vi o anúncio dos cursos à noite, fui imediatamente me inscrever, vendo aí uma possibilidade de ter uma experiência de sala de aula. Foi a partir daí que começamos a perceber as dificuldades encontradas nesses alunos e também as dificuldades de se trabalhar com este segmento. Procuramos muitos professores da universidade, principalmente aqueles mais abertos, com quem mantínhamos já um diálogo maior. Todos eles diziam: “Educação de adultos? Isso eu nunca vi, nunca experimentei, mas eu posso procurar alguém”. Mas sempre era difícil encontrar esse alguém. Foi daí que começamos a procurar, chegando até a Secretaria de Estado da Educação, que tinha lá um departamento de educação de adultos. Fomos em três estudantes até lá, no largo do Arouche, colher os dados, quem sabe buscar materiais. Fomos atendidos por três funcionárias, que nos disseram que estavam ali aguardando aposentadoria, pois já tinham muito tempo de serviço. Elas nos desencorajaram a continuar pensando em educação de adultos, pois, segundo elas, isso não tinha futuro; nós éramos jovens e deveríamos procurar outro engajamento na educação, porque, na visão delas, os adultos, analfabetos, já são pessoas mais velhas; então, a questão do analfabetismo adulto era uma questão de tempo, uma vez que logo estas pessoas estariam mortas e teria desaparecido o problema do analfabetismo adulto. Era uma visão ainda mais simplória, porém, muito atual; vejam como as análises eram, total e completamente, fora de qualquer realidade. Primeiro porque, eu me lembro até que nós argumentamos com elas que nas salas abertas aqui, as pessoas eram jovens e tinham muitos jovens de 20 anos, 19 anos; e elas ficavam boquiabertas e diziam: “ah, mas isso aí, eles aprendem uns com os outros”, enfim, não resolveram a nossa questão. E foi nessas andanças e nessa intenção em proporcionar a alfabetização a essas pessoas inscritas no curso coordenado pelo diretório acadêmico que soubemos que a UEE, União Estadual dos Estudantes, tinha algumas pessoas pensando em educação de adultos. Fomos, assim, à procura e descobrimos que, de fato, havia lá um pequeno grupo pensando em uma experiência de alfabetização. O trabalho na UEE, nessa época, já tinha algum vínculo com o trabalho da UNE, União Nacional dos Estudantes, e o José Carlos falará mais sobre isto. Iniciava-se, praticamente em muitos dos estados brasileiros, um trabalho de engajamento de estudantes na luta contra a questão do analfabetismo,

no sentido da construção de uma aliança popular entre universitários e estudantes. Várias dessas pessoas, que participavam da experiência da USP, mantiveram um contato com a UEE e chegamos até a sonhar em chegar a fazer aqui a experiência de novo. E foi curioso, porque dirigindo o Centro Regional de Pesquisa Educacionais de São Paulo (CRPE/SP)²¹, o professor Laerte [Laerte Ramos Carvalho – foi diretor do Centro Regional de Pesquisa da FEUSP] achou interessante, mas ele tinha receio que isso pudesse não ser bem conduzido, enfim, ele temia o que podia acontecer. De qualquer maneira, ele abriu muito várias possibilidades, permitindo a participação de vários desses integrantes da experiência, por exemplo, para estarem em encontros em Recife. Em alguns meses, o Centro Acadêmico nos colocou em contato com o professor Celso [de Rui] Beisiegel, que passou a ser muito importante nessa experiência de Vila Helena Maria. O Celso [de Rui Beisiegel] era uma pessoa que entendia bem de pesquisa e o trabalho, na linha de Paulo Freire, começava com uma pesquisa sociológica, da qual se levantaria o universo vocabular, ou seja, quais os temas significativos para aquela população onde o trabalho ia se dar.

[...] esse curso recebia educadores de vários países latino-americanos e também muita gente do nordeste. Foi uma dessas professoras do nordeste, a Maria José²² [refere-se a Maria José Monteiro, ex-aluna de Pedagogia de Paulo Freire], que era a pessoa que tinha conhecido esse Paulo Freire, que até então, para todos nós, era um desconhecido, mas que a gente até imaginava um contato, sabendo que ele pensava coisas diferentes, mesmo que ninguém nunca tivesse visto esse homem. Conhecemos a Maria José, que já conhecia o Paulo Freire e, além disso, tinha sido aluna dele, por seis meses, em Recife, [e ela] passou a ser nossa principal informante. Já havia esse grupo, em torno da UEE e levamos a Maria José, nos fins de semana, para ela contar esse curso que ela fez com o Paulo Freire. Assim, a Maria José foi

21 O CRPE/SP foi criado em 1956. Proposto por Anísio Teixeira, os CRPEs visavam atividades educacionais em formato de pesquisa que pudessem alavancar políticas públicas de educação. No total 6 Centros, assim localizados: Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Porto Alegre, São Paulo e Recife.

22 Conta-nos Moacir Gadotti [s. d.]: “1962 – Setembro (meados) – Calazans Fernandes, Secretário de Educação do Estado do Rio Grande do Norte e coordenador do Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte” (SECERN) e Maria José Monteiro, ex-aluna de pedagogia de Paulo Freire, reúnem-se com ele no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife para falar sobre o projeto de Angicos de Alfabetização de Adultos”. Disponível em: <http://angicos50anos.paulofreire.org/cronologia/>.

bastante importante porque ela tinha contato com o pessoal de Angicos²³, e fomos chegando até o Paulo Freire. É um pouco o que o Zeca [refere-se a José Carlos Barreto] contou. Mandamos cartas para o Paulo, ele respondeu algumas das cartas e dizia que depois de Angicos, que era uma experiência grande que estava sendo planejada, ele poderia ter a oportunidade de vir a São Paulo conhecer o grupo, desde que a UEE pudesse pagar a passagem e a hospedagem dele aqui, o que na época, era uma coisa relativamente fácil. O Zeca [refere-se a José Carlos Barreto] já mencionou aqui, os universitários constituíam, nessa época, um grupo pequeno, porém, um grupo poderoso, porque era um grupo de classe média, que provavelmente estaria alguns anos depois exercendo funções significativas na sociedade, então, as regalias também eram bastante significativas. Só um exemplo: era relativamente fácil a gente conseguir passagem aérea para professores, para alunos que queriam conhecer a experiência, e isso, bastava um telefonema, você conseguia isso das companhias, só como um exemplo. Estamos falando de 1962.

Foi então que tomamos a decisão, com essa vinda do Paulo, de realizar, de fato, uma pesquisa, visitando até um pouco aqui das redondezas da USP. O professor Laerte [Ramos Carvalho], professor muito sensível, capaz de perceber as coisas. Lembro que a vinda do Paulo pela primeira vez contou também com o apoio do Centro de Pesquisas, tanto que o Paulo fez a sua primeira fala aqui no auditório da Faculdade de Pedagogia e, imediatamente, o Laerte ficou seriamente impressionado com ele. Isso ele nos afirmou várias vezes. E, naquele mesmo dia, ele nos chamou num canto e disse que queria levar o professor até o hotel, o que não tinha sido combinado, pois o combinado era que nós, os alunos, o levaríamos. O Laerte disse: “Vou também porque quero conversar mais com esse professor.” E nos disse uma frase bastante profética para a época: “Esse homem vai marcar a educação desse país.” Ele conseguiu

23 Em Angicos, cidade localizada no Estado do Rio Grande do Norte, Paulo Freire e sua equipe desenvolveram uma experiência de alfabetização de jovens e adultos, vivenciando caminhos teórico-metodológicos no campo da educação popular, demarcados por princípios de uma pedagogia problematizadora, libertadora. Em 1963, naquela cidade, em distintos contextos, onde os círculos de cultura foram desenvolvidos, 300 trabalhadores/as passaram por processos de alfabetização tendo como referência a construção do conhecimento marcada pelas histórias de vida dos sujeitos e permeada pela leitura crítica da sua própria realidade. Na obra, “Educação como prática da liberdade”, Paulo Freire apresenta uma discussão conceitual e metodológica da proposta de alfabetização ali vivida. O livro intitulado “As 40 horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação”, de Carlos Lyra (1996), apresenta, detalhadamente, resultados desta experiência, que se tornou relevante, também, para universalizar o pensamento e a prática político-pedagógica de Paulo Freire. Considerada uma proposta de alfabetização subversiva, no período da ditadura militar, a proposta foi extinta e Paulo Freire foi exilado.

perceber que as idéias do Paulo não eram idéias passageiras. Foi capaz de ter essa percepção. Disse ainda que estava interessado em acompanhar essa alfabetização, mas que queria muito uma coisa: colocar a filha dele dentro do grupo.

Profa. Lisete Regina Gomes Arelero

Só lembrando, nós estamos na parte do prédio que mudou um pouquinho, mas onde funcionava o setor audiovisual. Foi praticamente nesta mesma sala, fisicamente, em que se produziu o material, digamos, pró Paulo-freireano, que não era um método, mas um pouco uma ajuda, orientação, quer dizer, foi aqui, após o levantamento sociológico que a Vera [Barreto] mencionou, que se produziu o material de recursos audiovisuais que eram feitos no Centro Regional de Pesquisas, que hoje se chama Professor Laerte. Lembremos ainda essa figura polêmica que é o Laerte. Aqui se discute muito pouco as nossas figuras polêmicas, que tiveram grande importância nacional, como por exemplo, o Laerte, que mais tarde vai ser o interventor da Universidade de Brasília. Conforme o que se dizia na época, trocando a não-intervenção militar no Centro Regional/Curso de Pedagogia, pela intervenção na Universidade de Brasília. E por aqui, muitas, algumas pessoas, procuradas pela polícia, acabaram tendo um certo respaldo e permaneceram clandestinas no Centro Regional de Pesquisas. Então, só para vocês entenderem que era uma situação contraditória, mas, enfim, o professor Laerte era realmente um liberal, digamos assim, pois tinha a consciência do pressuposto da educação como direito de todos. É uma questão muito forte, motivadora, talvez, dessa posição interessante dele.

Profa. Vera Barreto

Retomando, pareceu-nos mais fácil migrar aqui para o município vizinho de Osasco, porque nesse tinha uma área muito grande onde se criava novos bairros, com uma chegada muito maciça de imigrantes, muitos deles de Minas. O bairro que a gente trabalhou era praticamente um bairro de imigrantes, hoje um bairro razoavelmente central. Desse trabalho do grupo de São Paulo, mais precisamente, a experiência vivida ali teve um papel significativo naquele momento. Em primeiro lugar, porque, além de acontecer no sudeste, diferentemente das experiências anteriores que eram todas nordestinas, era também a primeira experiência que tinha um caráter mais urbano. O grupo de universitários, que realizou essa experiência, já vinha há um ano antes se encontrando todos os fins de semana para discutir o que seria o trabalho. Um bom tempo na procura de Paulo Freire; outro tempo, na leitura das cartas; a presença de Maria José ajudou bastante [...]. O grupo tinha uma unidade muito

grande que foi se construindo nesse trabalho. Havia pessoas de diferentes áreas, vários de cursos de pedagogia, da PUC e da USP; havia assistentes sociais, gente da área da psicologia; e tínhamos também duas pessoas que, naquela época, trabalhavam em universidade, a Lucrécia Dalécio, hoje crítica literária, e a Beatriz Whitaker Ferreira, que era uma psicóloga já formada, um pouco mais velha que a gente e que também tinha um papel extremamente importante dentro do grupo. Bom, o fato desse grupo já ter uma certa consistência como coletivo e também ser extremamente questionador, acredito, trouxe algumas contribuições importantes para a metodologia Paulo Freire. As primeiras experiências com o Paulo, o trabalho de alfabetização, nascia de uma discussão sobre o significado de “cultura” e o de “natureza”, uma vez que mostrava que o trabalho humano, ao mudar a natureza, fazia mudar tanto a natureza quanto a cultura e que, portanto, todos aqueles que trabalham fazem cultura. E mais: o analfabeto, mesmo não lendo e escrevendo, por ser alguém que atua e que responde às questões que são colocadas a ele pelo mundo onde ele está inserido, ele faz cultura. É interessante observar o quanto, naquela época, essa descoberta de que eu faço cultura era significativa para aquelas pessoas que estavam ali buscando aprender a ler e escrever. Hoje se fala demais que um dos grandes nós da alfabetização está na baixa auto-estima dos educandos. É frequente as pessoas chegarem e dizerem: “Eu vim, mas eu sei que não aprendo”; o tempo todo elas dizem: “eu não sou capaz”, “eu não vou aprender”, “eu tenho cabeça dura”, “eu já esqueço tudo”. As pessoas acreditam muito pouco nelas. Mas, naquela época, nos anos 60, o que a gente percebia é que descobrir que eu faço cultura, porque eu faço tijolo, eu faço cultura porque eu cozinho, isso dava àquelas pessoas uma segurança muito grande de que elas eram capazes, e que, sendo capazes de fazer o que faziam, elas também seriam capazes de aprender a ler e escrever. Acredito que isso foi, naquela época, uma coisa muito significativa. O Osmar [Fávero] depois vai mostrar, que houve fichas de cultura neste trabalho que receberam, pelo Brasil todo, diferentes versões, em desenhos, em formas, etc. Há uma delas, que foi feita hoje por um artista extremamente conhecido e famoso, o (Francisco) Brennand, um artista pernambucano, que fez, em poucas horas, após um contato com o Paulo, um desenho dessas fichas para uso em Recife, que são verdadeiras obras de arte, são quadros muito bonitos. O Osmar [Fávero] tem uma cópia e ele vai mostrar para terem vocês a oportunidade de conhecer. No entanto, mesmo com essas fichas de cultura consagradas nas experiências, o grupo de Vila Helena Maria quis introduzir aí algumas mudanças. Primeira mudança: colocar algumas situações mais urbanas, porque as situações mostradas pelo Brennand, vocês vão ver, e as situações usadas até então, eram muito rurais. Nós sentíamos que numa cidade como São Paulo nem sempre é tão fácil você perceber

que você transforma a natureza. Em determinados trabalhos, a natureza está tão distante, que o trabalhador não tem mais essa consciência. Então, tivemos que introduzir algumas mudanças. Uma outra coisa que nos pareceu importante, e que, aliás, foi uma das coisas que o Paulo gostou muito quando percebeu essa conotação nossa, diz respeito às figuras de pessoas sozinhas, no máximo em duplas; então, nós achávamos que o coletivo deveria aparecer mais, e que isso poderia ser introduzido nas fichas de cultura. Essas mudanças foram boas, porque também isso acabou criando no grupo um vínculo, por ser um grupo que não deixava passar nada, mas isso era importante na época, porque grande parte das experiências que aconteciam acabavam não tendo o mesmo vínculo entre os educadores, não conseguindo ter esse mesmo papel. E isso fez com que os laços entre o Paulo Freire e o grupo fossem se tornando bem mais próximos, e quando veio o Plano Nacional de Alfabetização, o Paulo pediu que o grupo pudesse ajudá-lo a pensar a capacitação em termos de outros locais, de forma a acompanhar o que seria o Programa Nacional de Alfabetização, um programa que não chegou a existir, porque o golpe veio antes. Outro aspecto importante é que esse grupo criou o MCP, o Movimento de Cultura Popular e, na UEE, as pessoas mais interessadas na época tinham também os CPCs, Centro de Cultura Popular. O CPCs cuidavam mais do teatro, das apresentações artísticas, música, poesia, e o MCP ficou mais com os trabalhos de educação, basicamente alfabetização, na época. A experiência em Vila Helena Maria mostrou também a questão a que o Zeca [refere-se a José Carlos Barreto] se referiu que são as famosas 40 horas, que hoje, quando ditas, assustam todo mundo, com toda a razão. O mais estranho e engraçado disto tudo, eu me lembro que na Vila Helena Maria, nós levamos isso tão a sério, que nós alugamos dois locais, que eram dois bares, que foram alugados por 60 dias, por dois meses. Tinha sobrado, tinha de tudo, e mais: usamos também alguns salões, eram salas de aula de crianças, eram galpões de madeira; como hoje tem escola de latinha, na época, era de madeira, eram galpões que faziam crescer um pouco as salas de aula e, também, o nosso contrato com a Secretaria de Educação era de uso por dois meses.

Prof. José Carlos Barreto

Muitos coordenadores antigos diziam que a história de 40 horas foi uma invenção. Aconteceu lá, efetivamente, por algum motivo, talvez as pessoas já tivessem alguma iniciação de alfabetização, e como foi um projeto rico, muito bem cuidado, aconteceu, a alfabetização aconteceu em 40 horas. E foi realizado até um teste de português, de aritmética e de conscientização. Quem noticiou isso para o Brasil inteiro foi o Antônio Calado, que era um jornalista do Jornal do Brasil (vocês talvez o conheçam pelo romance “Quarup” e por

outros romances dele), que publicou uma página inteira do Jornal do Brasil dizendo que no nordeste se alfabetizava em 40 horas. Isso pegou bem, em um governo que estava interessado em fazer, rapidamente, a alfabetização para o pessoal poder votar. Pegou e foi um chamariz enorme, entretanto, depois foi complementamente criticado e é até hoje. Na verdade, um método de ensino não dá para fazer em 40 horas; foi a invenção de uma propaganda fabulosa. Tenho até hoje essa página do Jornal do Brasil, que deixo para o uso com os alunos. Está muito bem escrita, muito bem colocada.

Profa. Vera Barreto

Só complementado um pouco: imediatamente, a Folha de S. Paulo [refere-se ao Jornal] seguiu a mesma linha do Jornal do Brasil, e publicou, durante um bom período, uma página inteira também sobre o assunto e que se chamava “Angicos 40 horas”, seguindo o que acontecia em Angicos.

Profa. Lisete Regina Gomes Arelaro

Só uma brincadeira com o professor Paulo. Uma vez nós o entrevistamos sobre o número de horas para alfabetização (lembra que Éster Grossi²⁴ afirma que alfabetizava em não sei quantos dias também?) e ele brincava que, como nunca usava relógio, falava que eram 40 horas porque pernambucano nenhum tinha relógio; então, 40 horas era um tempo, então, era uma brincadeira. Eram muitas horas, mas era um número de horas suportável. Havia horas virtuais, para atualizar o termo, e muito interessante, porque é verdade pegou, pois era uma coisa muito séria, era o método mais consistente já inventado no mundo que alfabetizava em 40 horas, quer dizer, além de ser um método subversivo, subversivo em 40 horas era inédito.

Profa. Vera Barreto

Esta questão é interessante. Uma vez em Angicos, alguns anos atrás, conversamos com o Paulo e tentamos ver que tempo era aquele, por que,

24 Graduada em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), doutora em Psicologia pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, EHESS, França. Possui vasta experiência no campo da educação e da pesquisa, envolvendo, entre outros aspectos, a temática da alfabetização. Em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 1997, desenvolveu e coordenou uma experiência de alfabetização de mil mulheres no período de três meses. Coordenadora do Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia da Pesquisa e Ação, GEEMPA. Foi deputada federal (1995 a 2002) pelo Partido dos Trabalhadores (PT) do Estado do Rio Grande do Sul.

de fato, não havia nenhum registro, começou dia tal e terminou dia tal, isso não existia. Ao encontrar com três moças que tinham trabalhado, tinham sido educadoras, e conversa de cá e de lá, achamos que era um pouco mais, na verdade, mas não era tanto mais. Agora aqui, isso é um caso que sempre nos intriga muito, porque, por exemplo, eu tive um grupo em Vila Helena Maria e, nesse espaço de dois meses, eu me lembro bem que, na minha turma, tinha uma pessoa que lia um pouco. A maior parte das pessoas, de fato, algumas conheciam algumas letras, conseguiam copiar, mas não escrever e, curiosamente, quando terminamos, a grande maioria escrevia bilhete, lia notícias de jornal, por isto sentíamos que deveríamos ficar um pouco mais, tanto que imediatamente começamos a trabalhar na hipótese de fazer uma extensão, o que, na época, chamávamos de pós-alfabetização. Achávamos que aquilo era importante, por isto já tínhamos uma equipe pensando algumas coisas já bem definidas, quando o golpe desmoronou a possibilidade de voltarmos à Vila Helena Maria. De qualquer maneira, a mudança do ponto de vista do conhecimento da escrita daquela população havia sido fantástica, num tempo muito curto. É óbvio que, comparando com hoje, sente-se que muita coisa mudou, como a exploração do trabalho que cresceu violentamente no Brasil durante esses anos. Eu me lembro de que esses educandos, daquela época, às sete e meia [da noite] todos eles já tinham chegado em casa, tomado banho, tinham jantado, porque o pessoal jantava, coisa que hoje, ninguém faz mais, hoje, sete horas, ninguém tá em casa para jantar, nem tomado banho, de jeito nenhum, as pessoas chegam do trabalho exauridas, e chegam por volta de sete e meia, oito horas, enfim, a gente acredita que aquela situação, também, era uma situação bastante diferenciada. Uma outra coisa que se sentia: grande parte dos alunos de Vila Helena Maria, por estarem lendo e escrevendo, tiveram uma mudança no trabalho que faziam. Muitos passaram a ser encarregados, outros mudaram de uma seção para outra, que exigia alguma anotação, ou seja, o fato de você ler e escrever repercutia no trabalho com uma rapidez muito grande, coisa que hoje não acontece mais da mesma forma. Então isso, de uma certa forma, também funcionava como um certo incentivo para essas pessoas, um desejo de aprender mais rápido. Depois das aulas, no dia seguinte, por exemplo, as pessoas traziam o que escreviam ou pediam para gente ler; outros liam em sala, o que mostra que esse envolvimento era muito grande, porque isso era possível dentro da rotina e da vida dessas pessoas. No final do trabalho, a UNE começou a expandir essas experiências para todo o estado. Campinas tinha um trabalho bastante significativo, Rio Preto, Rio Claro, Limeira, São José, tinha um núcleo forte, São José do Rio Preto, enfim, acredito que houve uma multiplicação muito rápida e significativa, que mostrava que em todos esses

municípios havia um grupo de estudantes disposto a enfrentar a questão da alfabetização. Bem, eu queria voltar rapidinho, o Zeca [refere-se a José Carlos Barreto] falou algumas das idéias do Paulo, que foram significativas. Eu lembraria o seguinte: naquela época, a fala do Paulo nascia sempre de uma crítica ao ambiente escolar, por isto acredito que isso foi um pouco o sucesso do Paulo junto aos universitários, porque ainda hoje é válido; critica a escola quem já passou pela escola. Eu me lembro que há alguns anos atrás, nos anos 80, nós preparamos um material para uma campanha da fraternidade que era um material de crítica à escola. Foi uma verdadeira tragédia. Nós fomos para tudo quanto é comunidade e as pessoas ficavam mudas. Pela primeira vez na vida, assistimos a uma coisa dessas. Ninguém falava, usávamos slides, muito da metodologia do Paulo e o povo assistia calado, e quando, depois a gente cutucando muito, eu me lembro um dia em que uma senhora levantou e disse: “nada melhor que a escola”, então, percebemos que estávamos redondamente equivocados. Nós queríamos uma crítica ao modelo escolar, quando o que as pessoas queriam era mais escola, para os filhos, os netos e os bisnetos. Era uma verdadeira loucura o que estávamos fazendo. Para nós, universitários com anos e anos dentro da escola, a crítica que o Paulo fazia, nós identificávamos e vibrávamos com ela. Ele criticava muito a matriz européia da nossa escola, o autoritarismo presente no ambiente escolar, o currículo alheio à realidade, então, esses aspectos eram todos aspectos em que a identificação por parte dos universitários era quase que imediata, e era a partir dessa crítica à escola que o Paulo ia construindo uma outra proposta, que ligasse aquelas características marcantes do modelo escolar. E isso fica muito claro, quando, na própria nomenclatura, ele quer se distanciar daquele modelo escolar; então, ele não chama mais de professor aquele que vai ser o alfabetizador, mas “coordenador de círculo de cultura” ou “animador cultural” em alguns outros lugares. O termo “sala de aula” é substituído por “círculo de cultura”; o termo “aluno” é substituído por “educando”; então, estas substituições, aparentemente poucas, eram indicativas de uma proposta diferente. Eu diria que um aspecto extremamente importante na questão do Paulo é, mesmo, uma luta contra o autoritarismo. O autoritarismo que ele enfatizava, que não era próprio só daquele tempo, mas que vinha ao longo de toda a história, em que a escola era, sem dúvida, um dos lugares onde este autoritarismo se manifestava com uma grande força. Então, dar voz ao aluno caminhava nesse sentido. A entrada do Paulo Freire a partir dos trabalhos com universitários se prende muito a esse aspecto de ser uma pedagogia que nasce, nascia de uma crítica ao modelo escolar vigente. Fico por aqui, pois, no momento das perguntas, podemos tratar de alguns outros aspectos.

Só 10 segundos, antes de você acabar de falar. É o seguinte: lá em Vila Helena Maria, em um dos galpões, havia uma sala que foi partilhada, eu com uma sala e ela (Vera Barreto) com outra. E o nosso é o primeiro casamento feito com o método Paulo Freire. Eu costumo dizer que a Emília Ferreiro pode até ter superado o Paulo Freire em algumas coisas da alfabetização, mas, para arrumar casamento, não tem melhor.

Prof. Osmar Fávero - MCP, CPC-UNE, MEB e Freire

Posso destacar aqui que nós fomos companheiros de muitas lutas, portanto, falarei de um movimento de educação de base que fizemos juntos. A única diferença minha e do Carlos [refere-se a José Carlos Barreto], primeiro, sou mais velho do que ele e, segundo, ele tem a mania de escrever e eu tenho a mania de guardar documentos. O que ele escreve em livro é correspondente ao que tenho dessas caixinhas amarelas com toda a documentação que consegui até hoje sobre a educação popular nos anos 50, 60 e, agora, estou continuando, pegando o que há, educação de férias, um dever de ofício. Sou professor da UFF (Universidade Federal Fluminense) e são poucos professores que trabalham com Educação de Jovens e Adultos. Essa coisa é meio engraçada, sempre ouvi falar na experiência da Vila Helena Maria, mas nunca tinha ouvido falar dela, pessoalmente. E olha que faz muitos anos que trabalho com isso. Tenho amizade com o Carlos [refere-se a José Carlos Barreto], mas estou sempre aprendendo, essa é uma das vantagens. Olha, a Sonia Kruppa me pediu o impossível de fazer, que falasse do MCP, do CPC e do MEC (Ministério da Educação)²⁵. Impossível. Vocês já viram que só a fala do Paulo? sobre a Vila Helena Maria tomou uma hora, para se fazer bem feito, com calma. Tentarei situar um pouco estes movimentos, a importância deles e, talvez, me detenha mais em algum desses. Sou paulista, mas não fui criado em São Paulo. Fui aluno de matemática da USP, em 55, 56 e 57; me transferi para o Rio para fazer alguma coisa equivalente ao que o Barreto [refere-se a José Carlos Barreto], já disse que foi fazer: fui ser o que se chamava permanente? de Ação Católica. Fizemos o ensino médio e o universitário juntos, por isso que acabamos morando juntos, conforme ele já disse em sua fala.

Terminei matemática, porém, sabia que não ia ser professor de matemática; não ia ser matemático, de jeito nenhum e nem queria ser

25 Ver a respeito em: FÁVERO, Osmar. **Educação popular e educação de jovens e adultos**. Disponível em: <http://forum.eja.org.br/node/2976>. Acesso em: 31 out. 2021.

professor de matemática. Eu peguei um período muito forte no movimento estudantil. E o Rio era particularmente forte naquele momento, por causa da sede da UNE. Como a Lisete [Arelaro] já falou, havia uma velha disputa entre o pessoal do PC (Partido Comunista), o pessoal jovem do PC e o pessoal da JUC (Juventude Univesitária Católica), que foi assumindo posições políticas cada vez mais definidas. E em 1961, houve a AP (Ação Popular)²⁶, que um colega nosso chamou, na tese dele, de Geração Betinho, pois aparece a figura do Betinho²⁷ criando uma possibilidade do pessoal católico cristão, não só católico, havia alguns protestantes dessas denominações mais tradicionais, metodistas, presbiterianas, se elegeram com um primeiro presidente da UNE que não era saído dos quadros do Partidão. Foi Aldo Arantes, hoje secretário federal pelo PC do B (Partido Comunista do Brasil). Isso foi em 61, 62. Então, essa badalação no final dos anos 50 foi terrivelmente importante. A nossa faculdade era no centro da cidade e o nosso restaurante era bem melhor que o restaurante de todos os estudantes; então, o pessoal da UNE freqüentava e a tarde toda se conversava sobre política. Por isso que eu não consegui fazer matemática, passava a tarde toda conversando sobre política, à noite, a gente fazia curso de cinema, de teatro e tal. Esse período, do final dos anos 50, talvez vocês tenham ouvido um pouco ontem, que é o grande Juscelino, foi uma grande abertura democrática. E ao mesmo tempo em que se abriu para o que hoje chamamos de “sociedade civil” que se organiza, com estudantes, alguns intelectuais, poucos, mas alguns intelectuais que mais tarde se incorporam, alguns políticos mais abertos, dos quadros do PC, dos quadros do PTB (Partido

26 Nas palavras de Dias (2007, p. 6), a Ação Popular, ao longo da sua trajetória, passou a se assumir como: “[...] organização política laica, não-ecclesial, que desempenhasse, de maneira autônoma, uma função exclusivamente política. Em 1962 ocorreram várias reuniões e, no início de 1963, realizou-se o I Congresso da AP, que formalizou sua fundação. Os impasses vivenciados pelo crescimento do movimento promoveram, pois, a passagem de uma visão religiosa a uma perspectiva política, quando se começou a sair, segundo suas palavras, da gestalt cristã e a entrar em uma visão de mundo influenciada pelo marxismo (Souza, 1976)”.

27 Hebert de Souza, sociólogo, mais conhecido como Betinho, coordenou importante iniciativa social em âmbito nacional intitulada “Ação da Cidadania Contra a Miséria e pela Vida”. A importância de sua liderança nesse projeto o colocou como uma das principais personalidades brasileiras dos anos 90, século XX. A partir de 1971, com o aumento da repressão no período da ditadura militar, foi exilado passando a viver em países como Chile, Canadá e México. Morreu aos 61 anos de idade, em agosto de 1997. Conforme Dias (2007, p. 1), “[...] ele já era personagem respeitado nos meios intelectuais e no campo de esquerda, seja por sua atuação de sociólogo engajado, seja por ter sido um dos fundadores e primeiro coordenador da Ação Popular - AP, importante organização de esquerda das décadas de 1960 e 1970”.

Trabalhista Brasileiro) para pensar um Brasil diferente. Isso começa na segunda metade dos anos 50 e se concretiza em alguns projetos, particularmente no nosso caso, projeto de educação popular ou de cultura popular, que foi mais forte no período do começo dos anos 60. Isso eu quero historiar um pouquinho com vocês. O Ministério da Educação tinha feito uma grande campanha de alfabetização, depois da 2ª Grande Guerra, no final de 1946, com a criação da Unesco [Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura], em 1947, e com a redemocratização do Brasil, quando caiu o governo autoritário do Getúlio. Na época, não se falava de jovens e adultos; falava-se de adolescentes e adultos que foi, mais ou menos, de 47 até meados dos anos 50. No começo dos anos 50, o Ministério da Educação, junto com o Ministério da Saúde, junto com o Ministério da Agricultura, formou uma outra campanha chamada “Campanha de Educação Rural”. Essas campanhas foram fortes, tiveram seus méritos; elas não alfabetizaram muita gente, daquele jeito, de como Paulo Freire dizia, só para assinar e tirar o título de eleitor e uma carteira de identidade e, eventualmente, uma carteira de trabalho, como também foi o que o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) fez muito. Houve, no entanto, a grande vantagem de se deslocar do centro das capitais para cidades do interior. Foi se montando um pouco esse sistema de operação mais próximo do rural. Ainda era um rural muito urbano, como, por exemplo, saía de Salvador para Feira de Santana. Em São Paulo era diferente, ia para várias regiões, mas houve um movimento que a gente chamou de “ruralização”. Mais tarde vão chamar de urbano, enfim, mas, na verdade, houve um deslocamento, tanto do Ministério da Educação, que ainda era no Rio, para os estados, e dos estados para algumas sedes dos municípios. Isso no final dos anos 40 até meados dos anos 50. Também nesse período, nessa metade dos anos 50, o Ministério da Educação, por uma iniciativa de alguns intelectuais, fez uma grande proposta de uma criação de um sistema rádio-educativo nacional, chamado “Sirena” [Serviço Rádio Educativo Nacional], a partir da rádio do MEC, com a ajuda da famosa rádio que vinha desde 1922, a Roquete Pinto, hoje da prefeitura do Rio, transmitia aulas gravadas em São Paulo em favelas, de morro, bairros ditos proletários na ocasião. Isto foi mais ou menos incorporado pela Philips do Brasil que entrou e começou a fazer rádio especial para isso, com interesse em vender, claro, rádios transmissores, que não eram radinhos, era muito dinheiro. Criou-se assim o “Sirena”. Quando fizemos a virada dos anos 60, havia acontecido uma espécie de hiato. Juscelino Kubitschek não fortaleceu essas campanhas, não deu dinheiro para esses programas, então, foram, mais ou menos, esvaziando-se. Por isso é que chega essa história que a Vera [Barreto] contou. O Ministério da Educação, que tinha um sistema de educação de

adultos, que tinha lá umas cartilhinhas, umas coisas assim, feitas aí por um grupo, por um grupo de protestantes, umas coisas assim, né, umas porcariazinhas, umas coisas assim, pequenas, chamava ler, saber. O Celso [Celso de Rui Beiseigel] sabe essa história melhor do que eu. Não tinha mais nada do que isso; era uma coisa que se burocratizou. No começo, quando ela foi proposta por Lourenço Filho, em 46, 47, as intenções eram muito boas, porém, foi se esvaziando com o passar do tempo. Praticamente, se diluiu. O que vai acontecer nos anos 60 é surpreendente. O primeiro movimento é quando o Miguel Arraes, que era prefeito de Recife, em Pernambuco, por uma coligação de partidos de oposição, tirando o pessoal da situação que estava lá há muitos anos. Para ser eleito, ele fez uma campanha de bairro, uma coisa bastante importante, uma frente popular no Recife. Uma política de pequenos partidos de oposição para eleger um prefeito, e esses comitês de bairro foram muito fortes. Quando ele foi eleito, a prefeitura, o prefeito antigo, não passa nada para ele. Ele recebeu uma casa vazia. Não tinha nenhum dado, nenhuma coisa confiável. Politicamente muito, muito inteligente, voltou aos comitês de bairro e perguntou aos comitês de bairro o que eles queriam que o partido todo fizesse para os bairros. A primeira reivindicação foi educação. Tem que entender que Recife estava inchando, como também São Paulo estava, enfim, era cearense, gente que vinha do Sertão, particularmente do Sertão, por causa de seca. Assim a cidade ia inchando pela periferia e não tinha escola para crianças. Então, Arraes [Miguel] chama Paulo Freire; chama, em primeiro lugar, chama algumas pessoas da campanha dele que trabalhavam na secretaria de educação. A pessoa mais importante desse grupo chama-se Anita Pasquareto; viveu já oitenta e poucos anos, nunca escreveu essa história, e não vai escrever nunca, a gente já pediu quinhentas vezes, ela conta, conta essa história, mas falta gravar; então, se montou uma rede de escolas para crianças. Nada mais do que escola tradicional bem feita, com professoras, bons treinamentos, criou-se um material didático novo, que nem sabemos qual é. Naquele tempo, já havia perspectivas de alfabetização por silabação, por palavração. Houve Elza [Freire], casada com Paulo Freire, era diretora de escola e fazia isso. Este aspecto é importante, vou retomar depois, então, essa expressão da escola expandida para crianças é uma das invenções do Movimento de Cultura Popular (MCP) que é muito pouco conhecido. Só tem um artiguinho do João Paulo, feito por uma colega nossa da sociologia, que historiciza um pouco isso. O que mais projetou o MCP não foi esta experiência, por mais válida que ela tenha sido. Foi que Arraes [Miguel] chama intelectuais de Recife: Paulo Freire, Paulo Rosas, Germano Coelho e organiza um movimento de cultura popular. Essas pessoas, Germano Coelho, particularmente, tinha tido uma

experiência na Europa com cultura popular. Há, ainda, algumas experiências de Kibutz em Israel e alguns trabalhos diferentes. Germano [Coelho] fez um relato lindo neste ponto que está rodando por aí; depois eu mostro e que dá um pouco esses antecedentes. Como a gente fala, um vem do curso de matemática, o outro vem da pedagogia, tinha o normal. Ele veio de um trabalho, foi fazer uma tese de doutorado na Europa, e o orientador dele, isso ele me contou há muito pouco tempo, disse: “você não quer ver umas outras experiências? Aqui tem um movimento chamado “Povo e Cultura”, na França, que é bem interessante, você tem a experiência de Kibutz, que é uma outra experiência de organização do social e econômica, e você tem experiência de igreja trabalhando com população pobre em periferia e prefeituras de Itália e prefeituras de França”. Quando chega a Recife, ele não faz a mesma proposta de cultura popular da Europa, pois lá diz respeito à disseminação, à divulgação da cultura dita erudita para as camadas populares. Claro que dentro desse germe você também tinha trabalhos diferentes com artesãos, mas era em um outro nível. Os textos do Germano [Coelho] são textos curtíssimos, com frases muito curtas, muito pontuais, como “isso aqui nasceu dos Alagados de Recife”. Alagado era a favela, feita, construída na pobreza de Recife. Estou dizendo coisas que para vocês talvez sejam surpresas, mas havia muitos intelectuais, muitos artistas em Recife, que em 61, 61, 62 fizeram um álbum em que são desenhados os meninos de Recife. Eu procurei em casa e não encontrei. Hoje se fala muito em Recife, meninos, desenho de meninos, uma coisa comum. Naquele tempo era um soco na cara. Mostrar menino engraxate, menino dentro do mangue tirando siri, menino vendendo siri na rua com aquelas cordas, aquelas feiras, menino dormindo embaixo de ponte, menino cheirando cola, que já tinha naquele período, então, algo assim, de 10 a 12 fotos que foi um pouco, quase que um “álbum de retrato” do período, [isso] o MCP pretendia. O MCP teve uma enorme divulgação, nesse lado da cultura popular, era muito bonito, tinha feiras constantes de artesanato, de artesanato de palha, de artesanato de couro, sobretudo, artesanatos de bonecos de barro, da geração do Mestre Vitalino; então, se tinha essa expressão artística, cultural. O que é que Paulo Freire faz? Ele vai aparecer no MCP junto com o Paulo Rosas. Eles fazem parte de uma comissão chamada de “cultura”. Então, eles realizam algumas pesquinhos para saber de onde vinham o reisado, o bumba-meu-boi, a festa de São João, o que, no Nordeste, é fortíssimo. Lá realmente a cidade para em São João para fazer festa de São João. O Reisado é a festa dos Reis Magos, onde você tem ainda a cantoria feita; nosso amigo José Carlos Barreto estudou estas festas no interior de São Paulo, no interior de Goiás, mas, no Nordeste, é frequente, é comum; bumba-meu-boi é uma

grande expressão que vem desde os tempos de colônia. Teve influência da junção do português com o negro, então, isso sai daqui vai para a África. Então, a prefeitura desapropriou um pequeno sítio chamado Sítio da Trindade, fazendo uma sede onde essas coisas eram feitas. Alguns intelectuais sofisticam um pouco isso. Na verdade, aquelas cantorias que as carpideiras, que as mulheres vão para o enterro e ficam cantando aquelas ladainhas, aquelas coisas, alguns criaram peças de teatro, em cima disso, criaram algumas expressões, e o povo não gostava. O povo não gostava, não. Nós gostávamos. Você sofisticava um pouco aquelas expressões populares. Isso não é possível com o artesanato. O artesanato era puro. Vem daí a experiência do Paulo [Freire] de tentar fazer uma alfabetização dentro de um projeto que esses três homens [Paulo Freire, Paulo Rosas, Germano Coelho] chamaram de Praça de Cultura; além das exposições de Beira de Rio, em cada pracinha de Recife. Estava lembrando que o Jânio Quadros, quando foi prefeito de São Paulo, reformou os coretos e colocou bandinhas neles. Muitas famílias iam com filhos pequenos passear no coreto, passear na praça e ouvir as musiquinhas. O que eu fazia lá no interior todo dia, também, com cinco ou seis anos, minhas tias, que me criaram, me levavam para ver as bandas do coreto. Era uma das coisas gostosas da vida. Então, utilizavam essas praças de cultura. Era ainda o começo da televisão no Nordeste. Punham a televisão lá em cima de um vira-pau qualquer para população ver. Havia curso de arte, vários cursos. E em uma dessas praças de cultura aconteceu numa casa abandonada chamada Poço da Panela, numa ilha pluvial, que alguém chamou de Poço da Panela; não sei porquê o Paulo [Freire] trouxe a experiência que ele tinha tido de trabalhar e, que é importante, de não trabalhar texto escrito em um primeiro momento. Paulo [Freire], quando trabalhava no SESI [Serviço Social da Indústria], usava para História textos com pequenas notícias de jornal sobre greve, sobre salário e discutia com os operários. Como ele trabalhava no SESI, num posto já de educação de adultos, discutindo as situações da vida operária. Isso é o que ele tenta fazer com alfabetização. Descobri, há pouco tempo, até há muito pouco tempo, que a experiência do Poço da Panela [bairro localizado na cidade de Recife, Pernambuco], não foi feito nada [...] porque era muito difícil fazer. Foi feito ainda com um processo que a dona Elza Freire usava na escola dela, como boa professora alfabetizadora. A Elza [Freire] nunca escreveu, nunca conhecemos nada escrito dela. Atualmente, saiu um livro de Santa Catarina, em que ela conta que ajudou o Paulo [Freire], marido dela, nessa primeira experiência com o método que, naquele tempo, para criança era um método inovador. Trabalhava-se com palavras e das palavras formava frases. Claro que

as palavras se ligavam entre si. Ele não partia do be-a-ba faz ba, o sistema daquele tempo.

Profa. Vera Barreto

Só uma coisinha. Depois, talvez, se você não tiver, uma das coisas que podemos fazer um acordo. É, alguns anos, já, há uns dez anos atrás, o Paulo [Freire] fez uma gravação na sala de aula no curso no Poço da Panela. É bem interessante, pois ele relembra aquele começo; e aí fala um pouco de como a coisa funcionava. Um grupo pequeno, é muito interessante.

Prof. Osmar Fávero

Posso contar uma coisa? Na Panela [refere-se ao bairro Poço da Panela], havia cinco pessoas na alfabetização, das quais duas se alfabetizaram; os outros desistiram. Foi um primeiro experimento. Então, ele tentou fazer com os garis da prefeitura de Recife, no tempo do Arraes [Miguel Arraes]. Ele sai do MCP, quero marcar essa saída dele, e vai para aquilo que era uma coisa inovadora também; ele vai para o Serviço de Extensão Cultural [SEC] de uma universidade recém-criada, chamada ainda, Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco, em Recife. Juntou um tradicional curso de direito, um tradicional curso de medicina e uma escola de freiras que tinha filosofia, pedagogia (minha mulher foi aluna, nos anos 50). Essa passagem do Paulo Freire para o SEC, ele diz que nunca foi uma crise, de saída do MCP, mas houve um fato importante. O grupo de alfabetização de adultos do MCP começou com a mesma proposta que era um pouco forte naquele momento, de fazer escolas radiofônicas para adolescentes e adultos. Claro que se falava adolescentes e adultos, mas havia crianças também. Era um pouco a experiência que se dizia que dava certo. O problema maior era que Paulo Freire criticava muito as cartilhas. Quando ele usa outro material, ele rejeita a cartilha como coisa dada, como coisa autoritária, e as cartilhas eram, normalmente, muito ruins, é preciso se dizer isso. Eu esqueci de trazer [as cartilhas]; hoje foi um dia meio complicado. As primeiras lições da cartilha do Sirena, que os nossos alunos morrem de dar risadas, só pra vocês verem o que que é a lição que introduz o X. Para fazer a diferença do X e do CH, há uma lição com um desenho colorido de um peixe com um xale tomando, não é um xicara, uma chávena de chá. É absolutamente ridículo. Há lições assim: O palhaço sobe na escada, pula da escada, cai da escada, e tal, isso era feito e distribuído aos milhares aqui no Brasil. Nós jogamos tudo isso fora, quando chegamos no Ministério [da Educação e Cultura, assim chamado naquele período], porém, agora faz falta. Só temos uma ou duas. Quando o

Paulo Freire rejeita isso, ele rejeita não somente por ser um material doado, mas também por ser um material ruim, particularmente para os que eram considerados adultos. Uma das cartilhas de fixação de leitura da campanha de alfabetização de adolescentes e adultos era moralista ao extremo. O álcool faz mal à saúde, não ajuda a família, aquelas coisas todas. Eu tenho esse material didático, quase todo em xerox ruim, coisa assim. Voltando agora ao MCP, que trabalha com essa escola radiofônica, depois abandona o projeto e começa a fazer escola de tipo supletivo à noite, pros adultos, sente a necessidade de ter um livro de leitura próprio. Não é cartilha, é livro feito, aí já é uma certa evolução. Paulo Freire sempre foi contra as cartilhas, nunca foi contra os livros de leitura como ele passou a definir depois. A minha interpretação é um pouco aquela história “meninos eu vi”, “eu vi acontecer”. Então, digo, pois fui eu mesmo que vi. O grupo da UNE, logo que começa, em 59, acontece a Revolução Cubana. E, claro, o Fidel Castro era um estopim de pólvora pra América Latina toda, mesmo antes da intervenção americana, do bloqueio econômico que parece que dura até hoje; foi a primeira grande proposta de Fidel Castro, no governo socialista de Cuba: a alfabetização de toda a população. Fechou escola, universidades, todo mundo foi pro campo ou ficou na cidade, alfabetizando. Vêm os estudantes que foram à Cuba naquela fase, patrocinados pelo próprio Ministério [da Educação e Cultura], trazendo uns dois livrinhos de alfabetização. Uma cartilha de alfabetização e um livro para os alfabetizadores. Vejam que a alfabetização sempre começava com a-e-i-o-u, a tradicional começava com a-e-i-o-u. A primeira lição dessa cartilha de Cuba começa com o-e-a. OEA é a sigla Organização dos Estados Americanos, da qual Cuba, imediatamente depois da revolução, havia sido expulsa. Nós estudávamos aqueles livros, havia uma boa biblioteca no MEC e em outros lugares depois. Estudavam-se esses livros que defendiam que a alfabetização devia partir de coisas concretas, entretanto, nós não sabíamos. Paulo [Freire] fez o caminho de pegar a situação de aprendizagem, fazer o universo vocabular, descobrindo palavras-chave dentro das frases: Tijolo. O Barretão [José Carlos Barreto] descobre no Nordeste uma palavra chamada pelota, que é um instrumento que se usa no prato como garfo e que são palavras que têm fonemas que permitem você alfabetizar com 16 palavras, ou seja, você faz um processo de alfabetização inteiro, dizem, em 40 horas. Fui contemporâneo do Paulo Freire, mas eu estava em um movimento de educação de massa, ao mesmo tempo que o Paulo Freire estava fazendo essa experiência. Nós nos encontramos em 62, por obra e graça dos meandros políticos e com a ajuda do Ministério da Educação, isto é, do hoje ministro, o Paulo de Tarso [Santos - Ministro da Educação e Cultura naquele período], que chamou todos nós e formou comissões, por isto nos encontrávamos frequentemente em Brasília.

Não tinha acontecido Angicos ainda, tinha acontecido apenas o curso da Panela [refere-se ao bairro Poço da Panela] e nada mais do que isso. Quando vimos O-E-A de Cuba, de novo foi um soco na cara, pois o concreto era isto. É o conteúdo político que uma palavra pode ter. Ou seja, um conteúdo vivencial que essa palavra pode ter. Daí o grupo do MCP faz um livro de leitura em que as primeiras palavras são “povo e pão”, “povo e voto” etc. Posso mostrar para vocês as primeiras edições. É uma pena eu não ter trazido a outra colorida, bonitinha. Essa é a capa, feita de papel jornal, pobre. Há várias, tenho várias, já disse que tenho várias coisas, todas fora de ordem, do lugar, um dia eu mostro pra vocês. Usamos muito isso com os alunos. Vale a pena ler; começa-se uma leitura que transcrevemos do vídeo. Um participante na sala lê: “Da lama, nos morros e alagados, onde cresce o analfabetismo, o desemprego, a doença e a fome. Suas raízes mergulham nas feridas da cidade degradada. Fincam-se nas terras áridas do Nordeste. Reflete o seu drama, como síntese dramatizada...”

É o drama também de outras áreas subdesenvolvidas. Do Recife com 80.000 crianças de 7 a 14 anos de idade sem escola, do Brasil, com seis milhões. Do Recife, com milhares e milhares de adultos analfabetos. Do Brasil, com milhões. Do mundo em que vivemos, em pleno século XX, com mais de um bilhão de homens, mulheres e crianças incapazes sequer de ler, escrever e contar. O Movimento de Cultura Popular representa, assim, uma resposta, a resposta do prefeito Miguel Arraes, dos vereadores, dos intelectuais, dos estudantes e do povo do Recife ao desafio da miséria. Resposta que se dinamiza sob a forma de um movimento, que inicia no Nordeste uma experiência nova de Universidade Popular.

Esse livro de leitura para adultos, que hoje o MCP edita, é parte dessa resposta, centrado nos interesses do adulto, exprimindo os anseios populares, ressaltando valores regionais, ministrando ao mesmo tempo o ensino da língua e da gramática. Ele constituirá, sem dúvida, mais um instrumento da cultura para a emancipação do povo. Depois a gente vai criticar aquela história de ministrar aqui, que foi muito criticado, mas, na verdade, o forte é isso. Eu vou só colocar pra vocês verem, mesmo fora de ordem, a estrutura das edições. As primeiras edições são assim, começa “Povo e Voto”, “Povo e Pão”, vai formando frases. Essa é uma fotografia do Mocambo. Só pra vocês verem a riqueza do Nordestino. Eu sou casado com nordestina, então, eu preciso dizer isso. Essa é uma das fotos da hora, das mais leves dos meninos do Recife, do álbum dos meninos do Recife (trocando a imagem) dançando frevo, isso já é da década de 62; a ficha 18 tem mais de 20 desenhos desse. Vejam: o MCP foi profundamente inovador, um primeiro movimento que tinha uma base oficial, e era o de uma prefeitura. Mais tarde, quando Miguel Arraes é eleito governador do Estado, também foi do estado no mesmo processo que a Vera [Barreto]

falou: vai se estender para as cidades, para as cidades do interior. Em 63, 64, não é muito expressivo, não. O MCP dá vários filhotes no Brasil, em São Paulo, tem um de Minas, que trabalha com favela também, tem um material didático muito interessante para a época. Há ainda uma cartilha já inovadora, bem mais concreta, com o próprio modo de fazer, o papel, simples, no desenho, mas tem uma outra concepção de jovens e adultos, então, essa é uma matriz que vai se desdobrar por vários lugares do Brasil. Não em muitos, porque sempre está ligado à prefeitura, a algum movimento de sustento. O Ministério da Educação [e Cultura], no tempo de Paulo de Tarso [Santos], no tempo depois de Júlio [refere-se a Júlio Furquim Sambaqui], que dá verba para essas experiências. A outra experiência educativa que vou explicar mais, rapidamente, é a do CPC. O CPC nasceu na UNE. O movimento estudantil era fortíssimo, particularmente o universitário, mas ele puxava o movimento secundarista também, não tão expressivo quanto o Brasil Urgente, que vocês ouviram ontem, que foi uma expressão aqui de São Paulo que pegou o Brasil inteiro. Havia, no Rio, um outro jornal da expressão metropolitana do Rio de Janeiro, a capital federal [naquela época], feito pelos universitários e secundaristas do Rio, ligados à UNE, chamado Jornal Metropolitano. Era um encarte, que saía todos os domingos, no Jornal de Notícias, muito bem feito, e que teve muita repercussão e muita briga no período. Era um grupo que mantinha a liderança na diretoria da UNE, até 61, 62 e, além disso, ligado ao Partido Comunista, porém, com uma ampliação muito grande de professores, que se diziam marxistas, sem serem do quadro do partido. Vários, vários estudantes e intelectuais que se diziam marxistas, mas que não eram quadro, não reagiam à disciplina do Partido e coisas assim. Esse grupo, nessas conversas que o pessoal da UNE, tinha, no restaurante da Faculdade Nacional de Filosofia²⁸, pensava fazer alguma coisa maior para o Brasil. Logo no final dos [anos] 50, que é um período bastante quente pra cinema, pra estúdio de cinema, o Brasil não tinha uma produção nacional cinematográfica muito forte, ainda demora um pouquinho para aparecer o Cinema Novo com Glauber Rocha. Entretanto, havia cursos de Cinema feito pela Igreja, pelas ações sociais diocesanas da Igreja, em que assistíamos aos belos filmes italianos, franceses e um pessoal mais ligado ao PC, os filmes de Eisenstein, que era um show. Tínhamos uma vida cultural, muito rica, em torno da Universidade cuja fermentação fazia com que quiséssemos fazer alguma coisa diferente. Alguns

28 A Faculdade Nacional de Filosofia (FNF), que deu origem a atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi criada no ano de 1939 e extinta entre 1967-1968. O artigo “A Faculdade Nacional de Filosofia: origens, construção e extinção”, de Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero, explicita elementos históricos relevantes para compreensão da FNF no cenário brasileiro (Fávero, 2003).

queriam conquistar o poder, outros queriam fazer algo relacionado apenas à cultura. O que é muito significativo neste período - e que se fala pouco - é que o grupo amplo de intelectuais cria uma coisa chamada ISEB²⁹, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, um órgão do Ministério da Educação [e Cultura], [...] filósofo aqui de São Paulo vai pro Rio, para, praticamente, coordenar tudo isso. Tinha sido meu professor de filosofia no ensino médio. É engraçado: ele saiu do Rio pra fazer ensino médio, depois faz um negócio onde vou ser aluno alguns anos mais tarde. E, sobretudo o [Álvaro] Vieira Pinto, do ISEB, cria uma grande possibilidade de cursos alternativos. Era uma sala pouco maior do que essa onde havia 250 pessoas, até pendurados na janela. [Álvaro] Vieira Pinto era um dos melhores expositores que conheci até hoje, se uma mosca voasse numa conferência dele, nós ouvíamos o barulho. Saíamos de lá com livros de 900 páginas embaixo do braço, tudo de graça feito pelo Ministério da Educação [e Cultura] e íamos pra casa estudar [o livro de Álvaro Vieira Pinto] "Consciência e realidade nacional". A partir daí, algumas pessoas, entre elas, alguns desses estudantes recém formados ou já terminando o curso em 60, começaram a ser bons professores no ISEB, particularmente Carlos Estevão (Martins), que era um dos marxistas que estudava o marxismo teoricamente e tinha essa relação muito grande com o pessoal do PC, sem ser propriamente do partido. Vão acontecer dois fatos: o primeiro, Aldo Arantes é eleito presidente da UNE (nós esperamos que o Lula faça isso bem feito, mas é uma coisa diferente) e aceita uma proposta de uma ação cultural que coloque a UNE presente no Brasil todo com a mesma força que ela tinha em São Paulo, no Rio e, talvez, em Minas, por causa do Betinho. Então, há uma junção extremamente fértil e absolutamente circunstancial, o grupo de São Paulo do Teatro Oficina, o Boal [refere-se a Augusto Boal] e o Guarnieri [refere-se a Gianfrancesco Guarnieri] levam pro Rio a peça "Eles não usam back-tie", talvez vocês conheçam o filme que é belíssimo. A peça foi, em primeiro lugar, apresentada lá na Faculdade Nacional de Filosofia, num grande

29 A criação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) ocorreu por meio do Decreto Nº 57.608, de 14 de julho de 1955, cujo objetivo era incentivar e promover o desenvolvimento nacional, encontrando-se vinculado ao Ministério da Educação e Cultura. Na dissertação de mestrado de Márcia dos Santos Ferreira, intitulada "O centro regional de pesquisas educacionais de São Paulo (1956/1961)", sob orientação do Prof. Dr. Celso de Rui Beisiegel, a autora afirma: "O primeiro diretor executivo do ISEB foi Roland Corbisier e o Conselho Curador era composto por: Anísio Teixeira, Ernesto Luiz de Oliveira Júnior, Hélio Burgos Cabral, Hélio Jaguaribe, José Augusto de Macedo Soares, Nelson Werneck Sodré, Roberto de Oliveira Campos e Roland Corbisier. Os responsáveis pelos departamentos eram: Álvaro Vieira Pinto (Filosofia), Cândido Mendes (História), Alberto Guerreiro Ramos (Sociologia), Hélio Jaguaribe (Ciência Política) e Evaldo Correa Lima (Economia)". (Ferreira, 2001, p. 147).

salão nobre, lindíssimo, com árvores por todos os lados, espaço que hoje é a Casa da Itália. Ficamos abobados. Outro soco na cara. Como é que você podia ter uma peça de teatro, claro que nós já víamos aqui, já havia um teatro de arena em São Paulo, já estava vendo as peças do Brecht, já estava vendo o conteúdo social e político no teatro, mas não tinha uma peça brasileira que pegasse um operário, cujo filho também ia ser operário, que se nega a fazer uma greve, e o pai rompe com ele. E era aquela coisa linda que o Guarnieri e o Boal colocam nessa peça. A peça vai também pra sindicatos etc. O grupo, não só [de] estudantes, mas de jovens, que estavam no Teatro de Arena, fica no Rio pra criar o CPC junto com Carlos Estevão e Ferreira Gullar³⁰, que é hoje um dos maiores poetas, que fez setenta anos há pouco tempo, era, tão jovem quanto eu era naquele tempo, também faço setenta anos no ano que vem, e estou contente com isso. Esse grupo, a expressão desse grupo muito forte, é, em primeiro lugar, no Teatro. A grande expressão do teatro é uma pessoa que morreu muito jovem, chamado Vianinha, que começa a fazer peça a partir de problemas sociais. As primeiras peças são razoavelmente tímidas e ele se projeta depois, numa carreira artística dolorosa, perseguida, sofrida, cortada pela polícia em todas as suas expressões, etc. É o melhor ciclo de peças que temos sobre problemas do Brasil, da sociedade brasileira, realmente é um show. No Rio, temos o privilégio de ver isso muito, pois os grupos remontam muito essas peças. Temos acesso a essas peças em arquivo, podemos ler e já há gravações também. Na verdade, esse grupo de teatro propõe, dentro da Universidade, a grande conscientização, que era uma palavra renascida naquele momento, por influência do ISEB. Trata-se de consciência, consciência histórica, que é assumida por Paulo Freire, mas o Paulo [Freire], naquele momento, não fala em conscientização, fala em “consciencialização”. Fomos nós, os católicos, que colocamos “conscientização”. Fazem ainda algumas peças de teatro, chamadas de Teatro de Rua, que era um pouco para a motivação da discussão de problemas políticos, por isto são peças circunstanciais. Reunia-se um grupo que inventa uma peça na hora; isso dá certo em sindicatos e vai dar, sobretudo, certo com os estudantes. É um grande momento de conscientização dos estudantes universitários e secundaristas. Secundário, naquele tempo, era o ginásio mais o clássico, o científico; meu colégio era ginásio mais clássico. Ginásio, hoje, é quinta à oitava série [do sexto ao nono ano do ensino fundamental]; nós entrávamos no ginásio com treze, quatorze anos, já mais adolescentes. Há uma boa experiência disso: uma das melhores peças que foi feita, nesse sentido de conscientizar os

30 Considerado imortal pela Academia Brasileira de Letras (ABL), Ferreira Gullar, maranhense, poeta, escritor, teatrólogo etc., faleceu em 2016, deixando valiosas contribuições para a humanidade no campo das artes, da cultura etc.

estudantes, foi o Auto de 99%, que dizia que 1% era universitário e 99% ficavam de fora. Foi precursora da reforma universitária. Na primeira vez que foi encenada, houve uma lotação completa do Teatro de Arena que existe lá na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Quando o grupo saiu, a polícia estava lá, prontinha. Foi todo mundo pra cadeia. Coitados dos cidadãos, meninas apavoradas, com os pais do lado, todos eles médicos, advogados, loucos para tirarem os meninos do sistema da polícia do Rio.

Dessa geração, saiu a geração dos melhores católicos e dos grandes artistas de teatro e televisão do Brasil. O CPC tem também uma expressão menor, mas importante, também, que era a música, particularmente a música feita para os universitários cantarem. Eu trouxe um disquinho. Vale a pena ver. Quando a UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, fez 50 anos, houve uma comemoração, em que todo o grupo de estudantes, o grupo de professores que tinham sido estudantes lá participaram.

Tenho gravado em fita, mas há muito barulho. Consegui que uma colega minha desse de presente o CD masterizado. O CPC se propagou, enormemente, pro Brasil inteiro. Há uma história que queria contar pra Lisete [refere-se a Lisete Regina Gomes Arelaro, professora da USP], eu tinha prometido pra ela que ia contar. Fizemos um grande encontro de alfabetização e cultura popular no Recife, patrocinado pelo Ministério da Educação [e Cultura] e pela prefeitura de [Miguel] Arraes, em finalzinho de 63. A partir daí, tinha que fazer uma coordenação de política dos movimentos de cultura popular. Não se falava em cultura popular naquele tempo, não; fala-se em Educação Popular que era uma derivada de Cultura Popular para amarrar um pouco isso. Saiu, então, uma proposta de uma reunião de lideranças políticas, na Universidade Rural do Rio de Janeiro. A Rural [refere-se à Universidade] era um lugar onde acontecia muito dessas coisas, porque tinha alojamento; tinha, naquele tempo, um bom restaurante, ficava perto do Rio, a 40 quilômetros de distância apenas. Assim, foram convocadas todas essas coordenações dos movimentos que havia pelo Brasil todo. Basicamente, eram os MCPs, os CPCs e os MEPs (Movimentos de Educação Popular). Então, foi uma reunião de umas 40, 50 pessoas, e tínhamos que discutir como é que eram essas coordenações. O Ministério da Educação [e Cultura] já tinha organizado uma Comissão de Cultura Popular que era metade marxista e metade cristã. Deu umas brigas. Havia dois secretários executivos, um ligado ao Partido Comunista e o outro ligado à Ação Popular, porque senão não saía a comissão. Nunca funcionou, porque não deu nem muito tempo de funcionar, mas esses dois grupos eram muito fortes. [...] Paulo Freire, nesse período, já estava fazendo esse curso no Brasil inteiro, já tava formando as equipes para alfabetização, via estudantes católicos. Havia, um ou outro marxista, pouquíssimos do PC. Há um bom

livro, que abrange toda essa geração do CPC, feito pela Ângela Luiza Barcelos. Se não me engano, ela pegou muito essa via, quase todos dizem que foram cooptados pelo pessoal do PC, tá, que era ampliação, não era marxista, foi a ampliação do PC, então, como muita gente foi. Então, esse é um fato histórico meio engraçado. Betinho era da Ação Popular. Betinho vocês conhecem. Rimos muito, quando o Betinho chegou com um fusquinha esculhambado, caindo aos pedaços e o coordenador da ala jovem do PC chegou num Simca Chambord, o carro da moda, com aquelas rodas todas alinhadas e que era o grande carro que o Juscelino Kubischek ajudou a produzir na fábrica nacional de motores. Um Simca Chambord preto com motorista. Para nós, católicos, que éramos moralistas pra burro, isso era a própria degradação do Pczão [refere-se ao Partido Comunista]. Criticamos muito, fizemos piada, porém, era um cara bom, amigo, inteligente, colega arquiteto formado. Mais tarde, fiz umas coisas assim também e me arrependo. Aí Betinho, num show genial de política, disse que os MEBs eram movimentos políticos, por isto houve uma coordenação tripla, em vez de dupla, ficando a coordenação com a AP, o PC e o MEP. Depois, o PC se arrependeu de ter feito isso, fez uma ata. Nela, fui colocado como homem do MEP, o que me envolveu em vários inquéritos e umas noites no DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Nunca fui preso, não, mas a danada da ata dessa reunião do PC me colocou na lista [...] do exército durante muitos e muitos anos. Claro que a expressão melhor do CPC foi o Teatro. Ele criou uma geração de teatrólogos e de atores de primeira linha. Particularmente o Vianinha, que eu trouxe; o Paulo José [Gómez de Souza - ator, diretor, roteirista etc, falecido em 2021], que ainda está vivo, que era, há alguns anos, artista de televisão; o Zé Wilker [José Wilker Almeida – ator, diretor, dramaturgo etc., faleceu em 2014], muita gente. Bem, nunca me lembro do nome desse pessoal todo que, em termos de idade, está chegando entre os sessenta e setenta anos. Todos são de uma geração formada no CPC. Estão trabalhando na [Rede] Globo, trabalhando na TV Educativa.

Interlocutor

Eu não resisto. Lembrei e quero contar duas historinhas sobre teatro nesse tempo. Em uma greve, das muitas que aconteceram, um grupo de colegas do Rio de Janeiro, fomos em um teatrinho em Copacabana, assistir Arena conta Zumbi. O pessoal do teatro ficou muito contente, porque havia doze pessoas no palco, representando e, na platéia, devia haver seis. Então, nós chegamos da rua um bando de estudantes. Um dos artistas era o Paulo José e a outra era a namorada dele; depois se casaram, Dina Sfat [atriz brasileira]. Eu lembro também, um pouco mais tarde, em plena ditadura já, o Opinião, que marcou época, pois era um centro de reuniões da esquerda resistente. Em uma noite,

fomos, um grupo de colegas, assistir a uma peça com o Zé Kéti, o Raul do Vale e a Nara Leão. De repente, os três no palco e mais o produtor, o anunciante pedem desculpas à platéia, porque a Nara estava um pouco adoentada, por isto ia ser substituída por uma mocinha, recémchegada da Bahia, de nome Maria Bethânia.

Prof. Osmar Fávero

O CPC da UNE, que é uma expressão cultural muito forte, com uma geração do teatro enorme, que depois foi pra televisão, contudo, há também a geração do Cinema. O único que não faz parte desse grupo porque, precede esse grupo, é o Glauber Rocha, mas toda a geração que fez cinema brasileiro de alto nível passou por um começo de experiência no CPC, foi politizado no CPC. Nunca lembro o nome dessas pessoas que foram meus colegas, meus contemporâneos. Cacá Diegues veio de CPC, Nelson Pereira dos Santos, toda essa geração que está fazendo filme até hoje. O Leon Hirszman, Esther Goes. Se vocês quiserem ver a melhor expressão desse período, muito bem feita, é o filme “Cinco Vezes Favela”, foi o único filme que o CPC fez com quatro ou cinco pequenos curtas. Há também o filme “A Pedreira” e mais um filme muito engraçado, “Couro de Gato”. Às vésperas do carnaval do Rio, todos os gatos somem da praça pública, porque matam os gatos para serem couro de tamborim. Então, é um filme muito bem feito, feito por Cacá Diegues, que era um estudante que, simplesmente, meteu a cara e fez. Nesse período, há uma grande fermentação de produção. Os filmes que citei são muito interessantes, mas não ganharam expressão. A expressão mais forte vem do grupo chamado Cinema Novo, do qual o precursor é o Glauber Rocha. Há também a expressão de poesia, basicamente com o Ferreira Gullar, que é um paradigma da poesia engajada. E também a Cilena Brasileira com livros-poesia, um chamado “Furão de rua”. As poesias, com o Carlos Lira e outros viraram canções do CPC. São lindas! Então, essa expressão do CPC da UNE é uma expressão mais de cultura; ela não é diretamente uma expressão educativa. A expressão de Educação Popular era subordinada à expressão de Cultura Popular, precisamos ainda resgatar isso. Cultura Popular era muito mais forte; Germano Coelho, do Recife, faz isso muito bem. Era um programa de Cultura, e você tem, o próprio Paulo [Freire] como parte disso. Esses meninos do Recife partem um pouco disso, que é a valorização da cultura, da cultura popular, que é forte. Mais tarde, teremos nos próprios processos de alfabetização, toda essa parte da cultura popular, incorporando com o Paulo Freire e vai se desdobrando. Agora, eu preciso falar um pouquinho de MEB cuja história foi diferente. Em 60, 61, começa-se a se montar, são quatro experiências matrizes, o MCP de Recife, que vem o MCP de Pernambuco, que vai dar umas filiais. O MCP de São Paulo,

o MCP de Belo Horizonte, que vai, mais tarde, trabalhar na linha do Paulo Freire. O MCP de Recife, o MCP de Pernambuco, é o mais completo, tem uma expressão cultural riquíssima, que os outros MCPs não tiveram tempo de fazer, não que não pretendessem fazer, não tiveram tempo de fazer, exceto, talvez, Goiás, que tem uma experiência fabulosa também mais próxima da cultura rural, umas coisas assim, que os outros CPCs não têm, porque são mais urbanos. Urbanos de favela, não é urbanos assim, soltos no espaço e no tempo não. Esse é um pilar, o MCP; depois, outro pilar é o CPC [...] da UNE, que foi pra todas as capitais, via movimento da UNE. Era o período do Aldo Arantes, como presidente da UNE. O José Serra, como sucessor, em dois anos, expandiu pro Brasil inteiro, em todas as capitais, e algumas cidades do Brasil inteiro e algumas cidades do interior que tinham alguns universitários, Campinas, por exemplo, que já tinha alguns universitários, uma boa Universidade Católica. Claro que tudo isso tem outras expressões, menores que são importantes, mas são um pouco subordinadas a ela. O MCP é uma linha, normalmente, feito pelas prefeituras, institucionalizado, com um pessoal semi-profissionalizado. O CPC só com estudantes e com artistas juvenzinhos, criando, inventando coisas, logicamente bem inventadas. O Paulo Freire vem com um grupo estudantil, em muitos lugares, com grupos recém-formados que optam sair das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras e fazer alfabetização de adultos, coisa desse tipo. O MEB foi uma história diferente, ele é criado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB, nos bons tempos de Dom Helder Câmara, os sagrados tempos dele. Na verdade, o MEB tem um pouco origem nessas campanhas de alfabetização que falei, no final dos anos 40, começo dos anos 50. Ele tem o conceito de Educação de Base que é introduzido pela UNESCO, recém-criada, no final dos anos 40, e que vai ser um pouco apropriado pelo Ministério da Educação. Na época, o Ministério da Educação era razoavelmente forte e rico e cria duas campanhas: a Campanha Nacional de Alfabetização de Adolescentes e Adultos, e a Campanha Nacional de Educação Rural. As duas têm expressão, não dá pra tratar delas aqui e agora, mas as duas têm expressões importantes nesse período, de oito a dez anos, com o presidente Juscelino [Kubitschek] colocando isso no molho. No final desse período, em [19]58, vai acontecer um grande congresso, em Petrópolis, perto do Rio, em que vai se discutir o que fazer com a alfabetização de jovens, de adolescentes e adultos. Se nós analisarmos com cuidado, é muito mais uma discussão sobre como se faz um ensino primário, pra crianças e adolescentes. Mas, aí vem Paulo Freire com a tese de que, na verdade, o analfabetismo não era o problema e alfabetizar não era a solução, o problema era muito mais a miséria e aquele sistema de alfabetização não tirava ninguém da miséria, se não houvesse ações muito mais amplas. Isso em

[mil novecentos e] cinquenta e oito. A Igreja Católica entra com uma ou duas ou três grandes conferências de bispos no Nordeste. Os bispos, neste momento, estão muito preocupados com a questão social, particularmente porque a construção de Brasília está movimentando a migração que é muito grande. O campo está esvaziando, vindo pra cidade, já é o começo desse processo acelerado que a gente está vivendo agora. Em 60, já é mais que um esgotamento do que chamamos substituição das importações, fábricas já estão montadas, já começa a expansão da modernização do campo, sem nunca ter se falado em reforma agrária, o que fizemos foi uma reforma agrária às avessas. Um dos projetos dos bispos, particularmente dos bispos do Nordeste que são muito fortes, muito ágeis e muito alertas ao problema do Nordeste neste período, e que têm como ponta de lança o Dom Helder Câmara, que é nordestino e que é secretário da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e que tem como comparsa, não estou usando como pejorativo, não, estou usando com o sentido correto, o comparsa dele, o Vicente Távola, que foi bispo de Aracaju. Eles se chamavam de irmãos o tempo todo; um bem magrinho, bem pequeninho; o outro bem gordo, bem grandão, mas eles se chamavam de “eu”; eles diziam que o outro era o “eu”; eles inventam essa idéia de criar, de tirar da mão do governo, na verdade, é isso, o projeto de escolas radiofônicas, que tinha nascido dentro do Ministério da Educação num movimento chamado Sirena, Sistema Rádio Educativo Nacional. O Sirena era muito engraçado, precisa contar um pouco disso. Na medida em que começa a esvaziar um pouquinho o mecanismo de alfabetização por cartilhas e a campanha de educação teve mais penetração junto ao Ministério da Saúde, ao Ministério da Agricultura, porém, aí também se esvazia a questão da alfabetização para adolescentes e adultos. O Juscelino [Kubitschek] não enfrenta a questão agrária no Brasil, só muito topicamente sem força, então, a educação fica meio morna. Então, quando surge o Sirena, que era a utilização do Rádio para alfabetização de adultos, no tempo não se falava em jovens, eram adolescentes e adultos; claro que, numa classe de alfabetização, tinha menino de 10 anos que trabalhava na roça, com velho de oitenta com a peixeira enfiada aqui nas costas; esses homens fortes do nordeste, que estavam na classe de alfabetização. O Sirena era uma história interessante, só vou me referir meio rapidinho, pra vocês entenderem. Ele começa com uma proposta do Ministério da Educação, que acha que alfabetizar adultos é perder tempo. Você tem que, efetivamente, estender a escola primária pra todo mundo. Então, um grupo que não aceita muito a política do Juscelino Kubitschek, o desenvolvimentismo, propõe uma ação muito mais integrada para reformar todo o sistema escolar. Há poucas experiências, se me lembro bem, foram dois ou três lugares, como Santarém, no Pará; Pernambuco e,

sobretudo, por coincidência, a terra do ministro da Educação [Clóvis Salgado da Gama], em Leopoldina, Minas Gerais. O ministro era de lá, então, fez essa experiência, que era um pouco assim, vamos passar a limpo o ensino primário. Crianças de sete a dez anos, escola primária regular, com edifício novo, material didático novo, professor bem formado - já tem muita influência dos americanos nisto, através do "Ponto Quatro", que a Vera [Barreto] falou rapidinho e talvez eu tenha que voltar a isso. Vamos pegar as de 10 a 14 anos e colocar nas classes de 10 a 14 anos, já com uma iniciação profissional e tal. Vamos colocar analfabeto em escola radiofônica. A idéia de uma escola radiofônica nasce em Leopoldina porque o bispo tinha uma rádio boa; o Bispo, não sei se é o Bispo, tinha uma rádio boa, potente, e tinha uma experiência, financiada pelos americanos. O mesmo aconteceu na Colômbia com uma experiência que teve muito dinheiro dos americanos, em que havia uma estação de rádio, professores, locutores e monitores que montavam as classes e as aulas eram dadas pelo rádio. Em vários lugares, houve esta alfabetização radiofônica: no Chile e em Campinas, no Brasil, que tinha um corpo de bispos muito forte; Dom Eugênio Salles, naquele período um pouquinho avançado, depois ficou reacionário, porque o Brasil mudou.

Interlocutor(a)

Deu um de Serra também.

Prof. Osmar Fávero

Deu um de Serra. O Brasil foi e ele ficou. Ainda está vivo, oitenta anos e é bastante reacionário. E trouxe a experiência da escola radiofônica diferente, um pouquinho diferente, em Natal. Uma rádio pequena. Rezavam antes de começar a aula, rezavam depois que terminava a aula, como todos os bispos gostariam de fazer. Na verdade, essas coisas de encontro de Nordeste, de bispos e tal, que estavam acontecendo, terminou com a falência da Sirena, que não deu certo. Primeiro porque não tinha dinheiro para o Ministério da Educação; segundo, vocês podem imaginar o cenário, com a Rádio Nacional de 40 anos passados. Era exatamente o que vocês têm hoje com as novelas da Globo. Todo mundo ouvia as novelas da Rádio Nacional. Minhas tias lá no interior, onde eu fui criado, não tinham rádio, porque a família era pobre; elas punham as cadeiras do lado do muro do vizinho pra ficar ouvindo pelo rádio, a dramatização do "Direito de Nascer". Às vezes, a cadeira quebrava e caíam, mas, quando meu avô vendeu a fazenda, o primeiro pedido era um rádio lá em casa. Um rádio Philips, de válvula, enorme. Então, não deu certo a

experiência da Rádio. Era feita pela chamada “Broadcast”, da rádio Nacional do Rio de Janeiro, que ainda tem até hoje, as melhores vozes do “Broadcast”. Nós íamos para a escola rural, ouvíamos aquilo lá e morríamos de dar risada, porque ninguém entendia nada, nem nós. As aulas sobre micróbios, sobre não sei o quê, ninguém entendia nada. Aquela cartilha do Sirena ninguém enxergava; a cartilha era bonita, colorida, mas era uma porcaria de cartilha. Então, isso não chegou a se generalizar, embora parasse, meia hora, para a Rádio Nacional retransmitir essas aulas pro Brasil inteiro. Ou seja, não havia essas escolas, porém, os Bispos diziam que sim, havia. O que havia eram mil rádios distribuídas pelo Ministério da Educação, mas não escola, de jeito nenhum. Havia em Cravos, no Ceará; em Lages, em Santa Catarina, uma coisa assim, e os bispos passam a mão nesse projeto, muito vivamente. Pela reunião dos bispos no Nordeste, que é muito forte, mais ou menos a cabeça da CNBB, passam a mão nesse projeto que recupera a idéia de Educação de Base da Unesco, que estava nessas campanhas de alfabetização do Ministério da Educação, em 61, que foi proposto em um grande governo, com Jânio Quadros como presidente da República; um grande governo liderado por Dom José Vicente D’Ávila, sob as premissas de Dom Helder, da CNBB, era secretário da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, pra fazer 7.500 escolas radiofônicas num ano. Em cinco ou seis anos, eu, Carlos Brandão [refere-se a Carlos Rodrigues Brandão], e um bando de amigos, conseguimos fazer 4000, 3800, 4000. Porque a idéia era aquela, a gente distribuía o rádio. Claro que era um sistema que interessava à igreja porque a Igreja estava desperta pro sistema de comunicação de massa, não televisão, rádio. Interessava pra Igreja ser proprietária de rádio. Então, na verdade, metade do MEB era montar nas dioceses, nas arquidioceses, emissoras potentes. Claro que a Philipps do Brasil veio com todo bom humor treinar as pessoas, vender uns radiozinhos baratinhos, que tinham uma freqüência ruim, que só pegavam aquela estação. Colocava o cristal porque só pegava aquela estação. Claro que o pessoal de meio rural não é bobo, então, logo descobriram um jeito de virar lá o cristal e pegar o jogo do domingo umas coisas assim. O que é o MEB? É um projeto de Educação de Base cuja definição da Unesco era amplíssima, era muito mais que qualquer melhor escola primária de elite de São Paulo podia fazer para filhos de família rica. Era alfabetizar, ensinar leitura, cálculo, ensinar geografia, ensinar história, ensinar noções da economia doméstica, de civismo, de não sei-o-quê, de trabalho. Era um belíssimo elenco, que nem as belas escolas da Europa, que tinham inventado isso, não faziam. Na verdade, o projeto se resumia à alfabetização, ler e escrever e contar, algumas noções de gênero, algumas até bem feitas, depois eu volto um pouco nessa fase, e algumas noções de civismo. O analfabeto não votava, precisava votar, precisava se

politizar. E, seguramente, na mão da Igreja, belíssimas aulas de religião. Bom, a proposta era colocar no primeiro ano do projeto sete mil e quinhentas escolas, no Brasil inteiro. O Jânio Quadros não aceitou, tirou São Paulo do projeto, tirou Minas [Gerais] também e disse para fazer no Norte e no Nordeste. Chegamos a fazer 4000, 3800 escolas bem feitas em cinco anos. Depois veio 64, quebrou tudo. Foi talvez a melhor experiência profissional que pude ter. Não sei como o Carlos [refere-se a Carlos Rodrigues Brandão] se vê nesse ponto. Eu saí de um curso de matemática, tinha sido da JUC (Juventude Universitária Católica), tinha sido presidente de Ação Católica, essas coisas todas, e precisava de emprego. Fui contratado pra trabalhar na representação das emissoras católicas pra implantar o projeto Escolas Radiofônicas através do MEB. Escola radiofônica era alguma coisa movida a “boa ação”, mas, no momento, estava sendo mal-feita, ainda que a experiência lá de Sutatenza [município situado em Boyacá, Colômbia, onde se instalou a Radio Sutatenza - escolas radiofônicas] era badalada no mundo inteiro. Havia livros da Unesco, lindíssimos livros; discutia-se material didático, material pós-alfabetização. Bom, montamos, instalamos a escola radiofônica, a partir, sobretudo, de colegas que vinham de JUC (Juventude Universitária Católica), JEC (Juventude do Estudante Católico) e JOC (Juventude Operária Católica). Montamos boas equipes no Brasil inteiro e trabalhamos cinco anos. Qual era a proposta do MEB? No começo, quase que se reduziu à alfabetização, com algumas expressões de cultura popular. A grande contribuição foi trazida por uma amiga nossa, ótima, chamada Vera [...] , mais velha, hoje com noventa anos, muito amiga, e que foi à Europa, viu as experiências de Cultura Popular da Europa e tentou trazer pro Brasil. Foi, inclusive, mais ou menos paralelo à experiência de Cultura Popular que o MCP de Recife, depois de Pernambuco, fez. Trabalhamos dois anos assim, como estudantes. Carlos [refere-se a Carlos Rodrigues Brandão], naquele tempo, era monitor estudantil de Psicologia. Eu já era profissional, monitor do Instituto de Psicologia, todos no MEB. No momento em que vamos redescobrir essas coisas, não aceitamos a proposta de mera alfabetização pelo Rádio, uma vez que já estávamos envolvidos nessas coisas de consciência, conscientização, que não tinha ainda vindo pelo Paulo Freire, mas por [Álvaro] Vieira Pinto, um filósofo, que é da mesma matriz do Paulo Freire. Fizemos um grande encontro no Recife, depois de um ano e meio de experiência, em que a escola era feita através da paróquia, através do vigário que chamava; não é troça, não, é verdade, umas “filhas de Maria” e dizia que era a monitora da Escola, umas coisas assim, distribuía radinho e fazia os treinamentos. Trabalhamos mais ou menos assim e fizemos um grande encontro em Recife, que era pra passar a limpo como é que a gente trabalhava. O passar a limpo foi virar do avesso, pois nessas alturas já estávamos antenados

com o Paulo Freire, com o CPC, com tudo de novo que havia. Agora vou brincar um pouco: Barretão [refere-se a José Carlos Barreto] era um meninão, Carlos [refere-se a Carlos Rodrigues Brandão] era um meninão, eu já tava na vida profissional, era jovem, não era um meninão, era jovem, mas a gente estava inventando coisas. Então, ouvimos falar que Paulo Freire ia fazer uma experiência em Angicos, não tínhamos a mínima ideia de onde ficava e como era Angicos. A gente viajava uma noite inteira numa rural embaixo de chuva, empurrando a rural dentro do alagado e ia ver a experiência do Paulo Freire em Angicos. É a mesma coisa, o pessoal do CPC, a mesma coisa o pessoal da UNE, sem dúvida nenhuma, era um desejo de empurrar o Brasil que nós tínhamos. Com esse primeiro encontro que fizemos, dois anos depois, passamos a limpo toda a experiência de um ano e meio, dois anos do MEB. A partir deste momento, vamos ter uma enorme virada em termos de material didático diferente, de modo de trabalhar diferente, uma certa autonomia onde podia por causa dos bispos, da diocese, etc e vamos, efetivamente, criar um movimento diferente. Precisamos de dois anos pra esquentarmos o motor. Logo depois nos encontramos, num encontro memorável, com todas as experiências de cultura popular, o CPC da UNE, o MCP de Pernambuco e várias experiências que estavam surgindo no Brasil inteiro, e reformamos, reformamos o movimento. Preciso ampliar um pouquinho essa história. A JUC, que era o movimento universitário, carregando inclusive um pouquinho da juventude estudantil. Carlos [refere-se a Carlos Rodrigues Brandão] era da JUC, o Barreto [refere-se a José Carlos Barreto] era da JEC, nós morávamos juntos num apartamento. Se eu contar essa história pros meus filhos, eles não acreditam. Os mais velhos acreditam, os mais novos não acreditam não. Mas tem quatro, dá pra contar pros mais velhos, depois pros mais novos. Na verdade, estávamos procurando um engajamento profissional, não era só uma opção como estudante de trabalhar no movimento de cultura popular; estava procurando alguma coisa profissional. Então já havia, em todos os movimentos profissionais, trabalhando e havia também, obviamente, uma enorme massa de mão de obra de estudantes universitários e secundaristas. Uma relação absolutamente fabulosa. Eu me perdi de novo, me perdi mesmo.

Prof. Carlos Rodrigues Brandão

Você estava colocando essa trajetória, essa virada do MEB e contextualizando pra tentar mostrar como é que isso aconteceu antes, na própria ação católica, quer dizer, todo o movimento, só que, no caso do MEB, vai se ancorar também nessa virada dos CPC e do MCP, no grande movimento nacional de Cultura Popular.

Na verdade, o processo de alfabetização oficial, que era patrocinado pelo Ministério da Educação, tinha se esgotado. A grande experiência de Leopoldina, que foi matriz, com a mudança de ministro, tinha se esgotado. Então, começam algumas tentativas dentro do Ministério da Educação. Havia um sistema rádio-educativo nacional de onde o MEB é praticamente filhote, que vai trabalhar com as emissoras católicas, essa é uma experiência importante. Os estudantes começam a agilizar bastante a questão cultural que vai dar no CPC da UNE. Estudantes e profissionais, profissionais de teatro, no CPC da UNE. Dentro da Igreja, há a escola radiofônica que está querendo aproveitar pequenas experiências, que começaram dentro do Ministério da Educação e que não tinham tido o alcance, porque não tinham o potencial de uma instituição que uma Igreja Católica traz. Então, isso tudo estava acontecendo no começo dos anos sessenta e aconteceu com uma certa fertilidade, com experiências diferentes, quer dizer, a UNE com os CPC, com o Centro de Cultura, a CNBB, com as escolas do MEB, havendo, então, outros tipos de escolas radiofônicas. Estávamos em um momento em que o governo estava aberto para várias iniciativas. Então, o CPC da UNE, por exemplo, que era um forte movimento, tem um bom apoio do lado do Ministério, naquele tempo não tinha o Ministério da Educação e Cultura. De certa forma, já tinha alguma experiência de escola radiofônica, o que a igreja faz, muito vivamente, ela passa a mão nessa experiência de escola radiofônica e que era da Igreja da América Latina, traz essa experiência pro Brasil e, então, você tinha alguns primórdios, alguns germes de experiências, dentro da Cultura Popular, que já estava começando a surgir por volta dos anos 50 e dá a virada pro começo dos anos 60. Você tem ainda algumas experiências de escola, muito tímidas, mas a CNBB propõe esta experiência de escola radiofônica; então, isso vai esquentando o Brasil para aquilo que, num primeiro momento, chamamos de cultura popular e que, depois, se desdobrou em Educação Popular. O MEB é uma expressão bem típica da Educação de base da Igreja, pra Educação popular, usando escola radiofônica, então, uma coisa apenas experimentada pela Igreja na América Latina que traz para o Brasil também. Então, você tinha várias dessas coisas acontecendo meio em germe, no final dos anos 50, no começo dos anos 60. Quer dizer, Jânio Quadros abre um pouco as comportas e se organiza tudo isso rapidamente, rapidamente, em alguns anos, com várias expressões de cultura e de educação. Acho que a expressão mais forte de Educação Nacional fica por conta da Igreja, neste momento, por causa do Movimento de Educação de Base; a expressão de cultura mais forte, senão ele, o CPC da UNE, mas é mais ou menos permeada por várias expressões de teatro.

Algumas coisas, nesse período, são simultâneas. A UNE joga, particularmente, com o CPC, que é uma expressão muito forte, através do teatro, Boal com Guarnieri; a Igreja lança esse projeto de escolas radiofônicas, há outros projetos de arte; teatro de Arena é muito forte nesse momento; há um conjunto de coisas no começo dos anos sessenta que é fundamental para entender um pouco o Brasil. As antigas campanhas de alfabetização são recompostas. Então, é um período em que se reconstrói quase tudo. Pelo CPC, que vem da UNE, você cria uma expressão de trabalho com as populações pobres via teatro, e música, particularmente; mais tarde, a expressão da poesia popular onde vai aparecer o Ferreira Gullar e o teatro de rua; vai ter o grande movimento de revalorização da cultura popular, que o Nordeste sabe fazer muito bem, invadindo o Brasil inteiro com isso. Dentro da expressão de educação, o mais forte é, num primeiro momento, a escola radiofônica do MEB e, logo a seguir, o processo de Paulo Freire. Isso nasce tudo mais ou menos nos primeiros anos de sessenta. É uma efervescência enorme. Enorme.

Profa. Lisete Regina Gomes Arelaro

Eu queria fazer uma proposta. Pelo horário, deixa eu ver se vocês vão concordar. Pelo horário, acho que já abordamos os aspectos essenciais e, como nós temos exatos cinco minutos, depois continuamos sem uma rigidez a nossa sessão da tarde, por isso que o Carlos [Rodrigues Brandão], que já está na mesa, vai retomando e continuando o que a gente estava conversando. Se você concordar, Osmar [Fávero], abrimos para eventuais questões, que não, necessariamente, precisariam ser respondidas agora, que poderiam, inclusive, ser levantadas talvez, agora, e retomadas logo após o almoço, incorporando o Celso [de Rui Beisiegel] na mesa.

Prof. Osmar Fávero

Então, só dois minutos pra fechar. Esse ciclo do começo dos anos sessenta, ele é extremamente fértil porque ele vai gerar várias, várias dessas expressões. Na verdade, você tem um esgotamento das grandes campanhas de alfabetização que vieram do final dos anos quarenta e dos anos cinquenta pelo Ministério da Educação, Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos e Campanha [Nacional] de Educação Rural, que são fortes. Elas se esgotam como material, como recurso, no próprio momento do desenvolvimento, não ultrapassando a extensão da escola primária de jovens e adolescentes; de adolescentes e de jovens e adultos analfabetos. A categoria “jovem” não é muito usada nesse período, não. Esse finalzinho dos anos cinquenta, cinquenta e oito em diante, começo dos anos sessenta, vai gerar várias, várias expressões de educação e

de cultura. Na verdade, educação popular é um termo que chegou um pouco tardio. Chegou o termo Cultura Popular, um pouquinho antes, que depois vai gerar o termo Educação Popular. Então, vai chegar uma série de experimentos no Brasil inteiro em que são mais ou menos simultâneos. Recoloca-se, desde o final dos anos cinquenta, a necessidade da alfabetização de adultos e, nos anos sessenta, se amplia essa necessidade de alfabetização de adultos para essa necessidade da cultura. O que era educação popular vira cultura popular, que é muito mais rico como conceito; então, esse momento é um momento rico e relativamente complicado. Quer dizer, na medida em que você tem um governo bastante democrático, no período de sessenta até [início de] sessenta e quatro, ele convoca quase todas as lideranças de cultura e de educação para coisas novas. Aí vai aparecer, digamos, na proposta dos bispos, a criação de um movimento de alfabetização de escolas radiofônicas, uma experiência em que o Ministério da Educação já tinha começado com o Sirena, Sistema Rádio Educativo Nacional, meio “careta” em termos de material didático, mas extremamente rico em termos de potencial de você usar o rádio pra você fazer a educação das populações rurais, que era o grande momento de você estender os benefícios do desenvolvimento urbano, que tinha começado já com a escolarização das populações rurais. Você começa com a UNE, já em sessenta e um, a propor uma grande expressão de cultura popular, a partir do teatro, basicamente. Uma geração que mais tarde vai se transformar em grande geração de cultura, começa com a experiência do teatro, teatro de rua, teatro popular. A Igreja arranca do Ministério da Educação as experiências de escola radiofônica, que já tinham sido iniciadas, mas que não tinham ido muito longe. A Igreja monta o instrumental de rádio para comunicação. Os canais de rádio, como vocês sabem, são concessões do Estado; então, a Igreja entra nessas concessões, sendo que a justificativa pra obter as concessões foi usar o rádio, e mais tarde a televisão, como material, como veículo educativo. Isso tudo estava acontecendo em final dos anos cinquenta, na passagem pros anos sessenta. Quando abre os anos sessenta, você tem na mão da UNE a reintegração do Teatro como elemento de politização e de conscientização; na mão da Igreja, a recriação das escolas radiofônicas como instrumento de educação, mais tarde de conscientização, e isso vai se desdobrando, nos sindicatos, por exemplo, e se amplia bastante. Nesse momento em que o Ministério da Educação passou para Ministério da Educação e Cultura, assume fortemente porque privilegia algumas experiências e generaliza essas experiências. Todos nós éramos jovens, recém-formados, até alguns estudantes. Barreto [José Carlos Barreto] era estudante, Carlos [Rodrigues Brandão] era estudante. Eu era, talvez, o que estava terminando o curso de graduação, eu e a Lisete [Regina Gomes Arelaro], e já estávamos começando

a vida profissional. O Carlos [Rodrigues Brandão] foi monitor no MEB como estudante, aprendeu a trabalhar conosco no MEB, assim, recomeçamos a recriar coisas. A grande síntese do período, que vai unir efetivamente alguma coisa significativa, capitalizando as experiências que vinham da cultura pelo teatro, pela escola radiofônica, pela alfabetização, as experiências que vinham das escolas radiofônicas de adultos tradicionais, o ensino na área de supletivo, meio careta, na mão do Sesi, do Senac [Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial] e tal, vai ser obviamente Paulo Freire. Quem dá o sentido maior a essas coisas é Paulo Freire. Todos nós fomos nos aproximando de uma proposta do Paulo Freire, que era ainda, razoavelmente, tímida: a Educação como Prática da Liberdade. Razoavelmente tímida. A gente engolia aquelas críticas de Paulo Freire às cartilhas e tentava fazer cartilha melhor; não sabia fazer outra coisa, então, não dizia que era cartilha, dizia que era livro de leitura. Saía pra alguma tentativa de fazer material áudio-visual. Mais tarde, principalmente Paulo Freire, consegue efetivamente criar um sistema diferente, com base em slides, diapositivos etc. O uso do rádio é fundamental nesse momento. A gente passa a ter programas radiofônicos diferentes, sobretudo nas emissoras católicas. É uma geração jovem, de estudantes, quem que vai um pouco colocando para escanteio as experiências anteriores de alfabetização de adultos, recuperando algumas coisas que são importantes, se juntando com quadros de universidade e dando um pulo fundamental em todo um modo de trabalhar nesse período. Sessenta [refere-se ao início dos anos 60, antes do golpe], então, é uma virada. Eu não jogava nada fora não. Talvez o melhor exemplo que pode se dar é o Ministério da Educação e o Ministério da Saúde, que tinham um excepcional programa de formação de líderes rurais. O Movimento de Educação de Base se fez a partir desses líderes rurais recém-formados. Paulo Freire pegou muita experiência, quando propõe um método e já propõe em uma outra linha, com um certo amadurecimento, mas há uma certa capitalização de experiências que vai explodir no começo dos anos sessenta no Brasil inteiro. Subordinando formas anteriores, mas renovando essas formas de maneira enorme, o que chamamos de conjugação do conteúdo político ao educativo. Ressalto que, em um certo momento, a proposta exagera no conteúdo político e, num outro momento, integra perfeitamente o político e o educativo. Essa integração era inteligentemente feita em todo o material didático que foi produzido nos anos sessenta.

Interlocutor(a)

Eu queria fazer uma pergunta.

Profa. Sonia Maria P. Kruppa

Queria fazer uma sugestão: que você repita a questão que fez para o Osmar [Fávero] na parte da tarde; então, recomeçamos, pós almoço, compondo a mesa com todos, fazendo uma integração das falas e temas. Eu só queria, nesse intervalo, se for de acordo com todo mundo, que tivéssemos a divulgação do que temos de material para as pessoas: o Brandão [Carlos Rodrigues Brandão] trouxe publicações.

Prof. Osmar Fávero

Eu tenho mais um tempinho agora?

Profa. Lisete Regina Gomes Arelaro

Interromperíamos agora, sem as perguntas que seriam trazidas às duas horas. Iríamos almoçar e, no retorno, discutiríamos um pouco. Começaríamos exatamente da discussão da divulgação desse material disponível.

Profa. Sonia Maria P. Kruppa

Acho que temos que divulgar já, porque não sei se todos estarão à tarde. Sei de alguns que não estarão.

Profa. Lisete Regina Gomes Arelaro

Então está ótimo. Vamos divulgar o material já e, em seguida, vamos almoçar. [...].

Prof. Osmar Fávero

Só um minutinho pra refletir um pouco esse momento. O começo é um pouco engraçado, você tem essas expressões grandes do Ministério da Educação, no final dos anos 50. O Ministério da Educação perde a liderança do processo de alfabetização de adultos pra várias experiências do começo dos anos 60. Eu queria chamar atenção para isso. No começo dos anos 60 você tem, primeiramente, a expressão do Movimento da Educação de Base, que começa como uma proposta da igreja, quase que retomando uma ideia que estava no Ministério da Educação, das escolas radiofônicas, do Sirena. Retoma, mais ou menos, com uma bossa velha no primeiro ano; depois renova totalmente. Nesse mesmo período, temos, com a liderança da UNE, os Centros Populares de Cultura, cuja expressão maior, no começo, é música e teatro. Mais tarde, há outras expressões, mas, basicamente, música e teatro. Começam a aparecer

também, dentro de alfabetização propriamente dita, as primeiras experiências de Paulo Freire, primeiro no Recife, depois em Anjicos e depois se expande pelo Brasil todo com o Plano Nacional de Alfabetização. Os centros de cultura, os CPC da UNE, são uma expressão basicamente de cultura, que é muito do grupo do Rio, o qual imediatamente se desdobra pra quase todo o Brasil pelos CPC estaduais. Você tem de 60 a 64 uma enormidade de fermentação das experiências, que acontecem dentro da universidade, dentro do ensino médio, dentro dos sindicatos, nas favelas, nos bairros, então, você chega em 64, com todo um campo já trabalhado, iluminado, com música, com algumas expressões de artes gráficas, com cinema, com teatro. Você vai desdobrando isso, então, precisaríamos historiar com mais cuidado, ressaltando que 64 é a época mais complicada. Até 64 existe tudo isso. Em 64, num primeiro momento, não há uma parada, há um corte, há um grande momento de medo, ainda que sejam mantidas poucas experiências até 68, mas é, em 68, que efetivamente tudo acaba. Então, você tem um grande período de criação, que é de 60 a 64, de amadurecimento, sendo que, em 68, efetivamente “o pau começa a comer” e as coisas começam a diminuir muito. Então, em termos de História do Brasil esse período, essa História não escolar, é o período mais rico que temos.

Profa. Lisete Regina Gomes Arrelaro

É impossível porque cada história puxa outra história também [...]. Então, se você concorda, a gente depois retoma partindo de sua reflexão [...]. Então, vamos fazer a divulgação do material (aplausos). As palmas e os debates continuam, à tarde.

Interlocutora

Bom, meu nome é Tuca, sou do Centro Universitário Maria Antônia. Não sei se vocês conhecem, mas é o Centro de Cultura da Universidade de São Paulo, que funciona no prédio da Filosofia, onde funcionou a Filosofia, lá na Rua Maria Antônia. O Instituto Tacana, que é uma grande gráfica de São Paulo, fez uma revista sobre o movimento de 68, homenageando também o Sérgio Buarque de Holanda por seus 100 anos. Com esta revista, estamos arrecadando fundos pra fazer a reforma do prédio de lá. Antes de 68, a universidade tinha seis prédios na Maria Antonia, onde funcionava toda a USP, tirando o Direito e a área médica, que já estavam fora e a Poli também. Entretanto, o prédio, atualmente, está totalmente destruído, por isto estamos arrecadando fundos pra podermos reformá-lo. Viemos aqui a convite da professora Sonia [Maria Portella] Kruppa, como forma de contribuição para esta causa.

A revista mostra um pouco sobre 68. Então, aqui na capa, temos o Zé Dirceu, na época do movimento estudantil. Há várias matérias impressas que vêm com um CD com imagens de 68, inéditas, e um documento no nome de José Mindlin e Arnaldo Jabor, que contam como foi que aconteceu a censura ao próprio Estadão (jornal O Estado de São Paulo) e aos jornalistas. O Mindlin emprestou a gráfica Tacano para que, nos espaços das matérias jornalísticas que eram censuradas, eles publicassem trechos de os “Lusiadas”. Vejam que só existem dois exemplares desta obra, que são da edição de 1574. Eles fizeram o “fac-símile” deste livro famosíssimo para que o Estadão utilizasse parte dos “Lusiadas”, porém, fizeram ao contrário, eles colocaram as matérias censuradas no lugar dos “Lusiadas”.

Profa. Lisete Regina Gomes Arelaro

Os novos Lusíadas. Nem Camões imaginaria. Carlos [Rodrigues Brandão], agora é a sua vez.

Prof. Carlos Rodrigues Brandão

Agora fiquei até com vergonha. Algum tempo atrás irrompi num encontro, acho que o Osmar [Fávero] não estava lá, dizendo que eu iria virar puro antropólogo. Vocês sabem que sou antropólogo, trabalho, inclusive, no Departamento de Antropologia. Trabalhei aqui na USP durante três anos, como professor das duas Universidades, foi nas Ciências Sociais. Agora estou de novo na USP, estou na ESALQ trabalhando, imaginem vocês, no Departamento de Ciências Florestais, mas com Educação Ambiental. Finalmente, a Educação, a USP e eu nos encontramos. Então, eu irrompi no encontro e falei assim: “nunca mais escrevo sobre Educação Popular”. E a Vanilda [Pereira] Paiva³¹ aproveitou, respondendo: “Ótimo, agora você vai fazer por escrito para a gente poder cobrar, se você daqui a pouco voltar com um livro seu sobre educação”. Passei anos, mas não resisti. Voltei à velha paixão e, então, estão saindo dois livros: um - só trouxe poucos exemplares porque imaginei que a Editora Vozes fosse estar aqui em algum lugar – chamado “Educação Popular e Escola Cidadã: lições do Sul”, porque é um pouco do escrito, nesses meus últimos anos de experiências, de assessorias e presenças no Rio Grande do Sul, com prefeituras

31 Vanilda Pereira Paiva, doutora em Educação e professora aposentada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É autora de uma obra muito conhecido na área de Educação, qual seja: “Educação popular e educação de adultos”, publicada, pela primeira vez, em 1973, pela Edições Loyola (São Paulo).

petistas e governo de Estado. E o outro chama-se “Educação como cultura”, no qual há um longo artigo, é o maior da publicação, ocupando quase metade do livro, que é justamente, uma reflexão antropológica sobre a cultura nos movimentos de cultura popular. É bonito, tem fotografias minhas de 66. Atualmente, estou com mania de colocar fotografias em livros de educação. Também trouxe para o arquivo de vocês uma coisa muito bonita, que é a primeira palestra que Paulo Freire faz no Brasil quando ele volta do exílio. Ele vai à Goiânia para um Encontro Nacional de Supervisores de Educação, no começo de oitenta. Inclusive, eu voltei no mesmo avião com ele. Faz uma belíssima palestra. E pelo movimento do braço aqui, olha [mostra a foto da publicação] a coordenadora, a Maria Manás, que saiu meio de lado, quando ele ergue os braços. “Educação, um sonho possível!”. Pra gente entender o recorte. Aqui também aparece: “Ai daquele que não denunciar”. Tudo isto é uma síntese dessa volta. Ai já é oitenta. O Paulo, depois dos muitos anos de exílio. Uma história até interessante, não sei se todo mundo sabe. Quando Paulo volta do exílio, ele tem um aceno de contratação na Unicamp [Universidade Estadual de Campinas – São Paulo], na Faculdade de Educação. E, por incrível que pareça, alguns professores colocam em questão e a própria Reitoria teme essa contratação. Então, Rubem Alves, que trabalhava no Departamento de Relações Internacionais, escreve uma carta ao Reitor denunciando o absurdo da Unicamp se dar ao luxo de pensar se deveria ou não contratar um educador como Paulo Freire. Nita Freire [refere-se a Ana Maria Araújo Freire, viúva de Paulo Freire], até num livro recente, reproduz essa carta do Rubem Alves. É interessante que os dois não se afinavam muito teórica e pedagogicamente. Aliás, há até uma fita da TV Cultura. Outro dia fui tentar reaver através de uma aluna, mas eles falaram que, se não tiver a data, fica muito difícil. E seria um documento histórico muito interessante. Isso é de oitenta e poucos, pouco depois da vinda de Paulo e é uma longa entrevista, dessas de três horas, que a TV Cultura filmou. Durante muito tempo, passava e depois eu nunca mais vi. São o Paulo Freire, o Rubens Alves e eu. Os três trocando ideias sobre Educação. Os três moçíssimos. Imaginem vocês!

Profa. Sonia Maria P. Kruppa

Nós fazemos um levantamento na Biblioteca de tudo que temos de educação dos anos sessenta, de educação popular, então, organizamos esse fichário. Nós não tivemos nenhum crivo da Biblioteca da Filosofia. Nós queríamos muito fazer um acervo. Nós temos aqui o Osmar [Fávero] que poderia nos contar um pouco todo o projeto da memória daquela época. Vamos nos ocupar, no sentido do que tem que ser feito.

Prof. Carlos Rodrigues Brandão

Mas já há material mais ou menos organizado, não sei se está lá. A memória da Educação Popular, que é toda parte do MEB, e mais alguma coisa na Ação Educativa.

Profa. Sonia Maria P. Kruppa

Eu tenho que aproveitar para dizer o seguinte: ontem, quando nós fizemos a recuperação do Experimental da Lapa, houve uma união, no final, das Universidades presentes, de um grande projeto de pesquisa de recuperação dessa memória, com o intuito de buscar recursos, que precisa até para filmarmos, pra termos esses documentos. Então, acredito que temos que fazer isso. Fazer um projeto para ter um recurso mais substantivo. Pode ser aqui na USP, pode ser no Rio [de Janeiro], pode ser em qualquer outra [instituição] pública. Temos que fazer esse acervo.

Prof. Carlos Rodrigues Brandão

Eu acho inclusive, Sonia [refere-se a Sonia Maria P. Kruppa], que existe um valor adicional, quando nós, dessa década que não acabou, acho que vivemos isso há anos. Vocês vejam pelo entusiasmo e pelo alongamento da fala que não acaba. Sempre colocamos o lado mais militante, mais político do envolvimento, porque, como o Barretão [refere-se a José Carlos Barreto] começou a falar, foi realmente uma experiência de educação entrecruzada, não apenas como pontos de congressos e experiências, mas com exílios, mortes. Acho que terá sido uma das únicas vezes, na história da educação brasileira, talvez um pouquinho também nos primeiros movimentos anarquistas do fim do século dezenove, mas é uma história extremamente afetiva e dolorosa, pois o envolvimento de companheiros e companheiras com a Educação Popular passou a ser crime! É impressionante ver como, logo depois do Golpe Militar, sobretudo depois de 66, a palavra “Educação Popular” é banida; ela constitui uma contravenção pelo simples existir. Mas há um outro lado também com relação a isso, que é toda uma produção de idéias. Outro dia, dizia uma pessoa, me chamava a atenção, eu não sei até quanto radicalizando.. não sei até quanto se é verdadeiro, mas é provável que sim, dizia: “Para o bem e para o mal da inteligência brasileira, só houve dois momentos na história da intelectualidade brasileira em que nós fomos, verdadeiramente, visíveis no exterior, em que a Europa nos olhou, em que os Estados Unidos vieram aqui nos pesquisar, nos investigar. A primeira tese sobre o MEB é de um inglês que veio ao Brasil investigar o MEB. A primeira vez em que o Brasil realmente se torna alvo de uma atenção, não apenas

episódica, por um ano ou dois, mas, por muito tempo e produz estudos e produz investigações, relaciona-se ao projeto de Educação Popular. Acredito que é o único momento em que, de uma maneira consistente e prolongada, o Brasil exporta ideias, exporta uma visão pedagógica que, inclusive, até hoje, cala fundo nos bastidores. A segunda é a Teologia da Libertação, não apenas no Brasil, mas na América Latina. Se vocês forem pesquisar a história das ideias no século vinte, hão de ver que foram situações muito episódicas de alguma coisa criada na Argentina, com alguns pensadores, ou no México. Foram dois momentos de um passado próximo, em que nós, ao invés de importarmos ideias e práticas, exportamos e somos lidos e chamados a depor. Eu me lembro que passei em Cambridge, na Inglaterra, estava Gustavo Gutierrez dando um curso de Teologia da Libertação. São esses dois momentos, duas idéias casadas, a Teologia da Libertação e a Educação Popular.

Profa. Sonia Maria P. Kruppa

Elas são primas, mas nós vamos ter um irmão agora.

MESA - “A VISÃO DO PESQUISADOR MILITANTE”

Profa. Angela R. M. B. Tamberlini

Retornando às nossas atividades, agora com a mesa “A visão do pesquisador militante”. Vão falar os professores Celso [de Rui] Beisiegel e Carlos [Rodrigues] Brandão. O professor Celso [de Rui Beisiegel] vai começar.

Prof. Celso de Rui Beisiegel³² - Caminhos acadêmicos no encontro com Paulo Freire

Boa tarde a todos! É uma grande satisfação estar aqui com vocês e continuando. Bem que eu pularia a minha parte, porque essa eu conheço. Passaria direto para o Brandão [Carlos Rodrigues Brandão], que seguramente tem coisas mais substanciais e interessantes para discutir. Mas, enfim, recebi, há uns quinze dias atrás, mais ou menos, um trabalho do Barreto [José Carlos Barreto] e da Vera [Barreto] sobre a experiência de Vila Helena Maria, em Osasco. Estou percebendo que os nossos pontos de partida, em alguma coisa, são muito comuns. Só para situar os que não me conhecem e nós temos aqui, claramente, dois tipos de militantes na Cultura Popular, bem diferentes. Um deles, pelo qual eu tenho, assim, um grande respeito e até um sentimento de inveja, representado pelo Brandão [Carlos Rodrigues Brandão], pelo Osmar [Fávero], pelo Barreto [José Carlos Barreto] e pela Vera [Barreto], que são realmente militantes da Educação Popular; o outro, sou eu. Alguém que estava na vida acadêmica, começando a vida acadêmica e que, de repente, foi colocado em face do trabalho que estes colegas realizavam junto com os estudantes na

32 Celso de Rui Beisiegel faleceu em novembro de 2017. Graduou-se em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Realizou o mestrado e doutorado em Sociologia pela USP, sob orientação de Florestan Fernandes. Foi professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) e referência brasileira com estudos profundos no campo da sociologia da educação, educação popular, política educacional, educação de jovens e adultos e do pensamento de Paulo Freire. O texto de Spósito (2018) intitulado “Celso de Rui Beisiegel: o legado de um intelectual em defesa da educação popular pública” sistematiza e apresenta a contribuição deste intelectual para a educação brasileira.

Educação Popular. São experiências bem diferentes. Eu tenho a impressão que essas diferenças até se refletem em algumas diferenças que aparecem em nossos respectivos trabalhos. Como o trabalho do Barreto [José Carlos Barreto] e da Vera [Barreto], que é um belo trabalho! Acho que vocês deveriam publicar um trabalho como esse para socializar essas coisas, não como um capítulo de vida, mas para quem estuda Educação Popular tem uma grande importância. Eles contam que eram ainda universitários, católicos, aquele tipo militante católico, que, de modo geral, se cristalizava na JUC, Juventude Universitária Católica, e queriam realizar esse compromisso de uma forma mais objetiva. No caso do Barreto [José Carlos Barreto] e da Vera [Barreto], isso, de certa forma, os levou para a Alfabetização de Jovens e Adultos. Faziam parte da União Estadual dos Estudantes, UEE, que resolveu realizar uma experiência de Alfabetização de Adultos aqui em São Paulo. Eles souberam que havia um método de um professor, chamado Paulo Freire, lá no Recife, que respondia às suas expectativas enquanto jovens militantes católicos. Entraram em contato com Paulo Freire, escreveram e organizaram aquela alfabetização de adultos pelo método Paulo Freire, em Vila Helena Maria, em Osasco. Barreto [José Carlos Barreto] e a Vera [Barreto] relatam que, além desses contatos, da orientação que receberam do próprio Paulo Freire, tiveram ainda um auxílio de uma jovem que estava também envolvida com a educação de adultos pelo Paulo Freire, no Rio Grande do Norte. Nesse período, primeiro semestre de 63, eu estava voltando ao antigo Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE) de São Paulo, que funcionava exatamente aqui neste prédio. O CRPE, criado por Anísio Teixeira em 1955, começou a funcionar em 1956. Eu e alguns outros colegas, muito queridos, começamos a trabalhar aqui em 1957. O José Mário Pires Azanha começou em março de 1957. Eu comecei em abril de 1957. Faz tempo! Faz tempo! Conheci a Lisete [refere-se a Lisete Regina Gomes Arelaro] aqui, no antigo Centro. Eu comecei em 57 e saí do Centro em 1960. Nós tivemos um conflito com o Diretor, que era o Dr. Fernando de Azevedo, boa parte da equipe saiu. Eu fui trabalhar no Fundo Estadual de Construções Escolares (FECE) do Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto. Trabalho extremamente interessante. Eu não teria saído de lá se não fosse o fato do Carvalho Pinto não ter feito o sucessor. Em 62, foi eleito o Adhemar de Barros, uma semana depois da eleição, o Secretário Pe. Baleeiro. [A instituição], que tinha vinte e cinco funcionários, passou a ter trezentos! Era uma coisa assim, difícil até de descrever. E eu não sabia nem o que fazer. Um dia, o professor Florestan Fernandes, que era meu orientador, me chamou no Centro da antiga Maria Antônia, do grêmio da antiga Maria Antônia, para trabalhar com ele no Centro Regional de Pesquisas Educacionais. Disse que

iria dar um curso de Sociologia e que também daria este curso com ele. Voltei para cá com o Florestan, para trabalhar no curso de Sociologia da Educação, de Técnicas e Práticas de Pesquisa. E eu era responsável pela pesquisa de treinamento dos nossos alunos bolsistas do Brasil inteiro. Entre esses bolsistas, duas bolsistas do Estado do Pernambuco que tinham sido alunas do Paulo Freire na atual Universidade Federal do Recife. Uma delas era exatamente aquela pessoa a qual vocês se referem, Maria José Monteiro. Por solicitação delas, acabei organizando a pesquisa de treinamento do curso de forma a fazer uma avaliação, um acompanhamento do trabalho do grupo da UEE, na Vila Helena Maria. E, a partir daí, é que passei a me interessar pelo trabalho de vocês e pelo método de Paulo Freire. Tive a oportunidade de entrevistar o Paulo Freire numa passagem dele aqui por São Paulo. O Paulo Freire fez uma palestra aqui no antigo Centro Regional de Pesquisas Educacionais. Em julho de 63, o Centro Regional de Pesquisas Educacionais me mandou fazer uma incursão cultural. Fui a Pernambuco, ao Recife; ao Rio Grande do Norte, Angicos. Tive a oportunidade de visitar Angicos logo depois do encerramento daquela primeira experiência de alfabetização de Paulo Freire. Fui com o Luís Pereira e com o Walter Garcia. O Walter [Garcia] estava mais interessado na Paraíba, na experiência realizada lá em João Pessoa. O Walter [Garcia] foi para João Pessoa e depois para Angicos e eu fui para Angicos. Na volta, redigi um trabalho sobre o método de Paulo Freire que saiu publicado aqui, na Revista do antigo Centro Regional de Pesquisas Educacionais, ainda em 63. Logo em seguida, em 64, já depois da Revolução (referência ao Golpe Militar de 1964 usada por Beisiegel), eu fui procurado por três amigos. Por Evaldo Dantas Ferreira, que era repórter da Folha [de São Paulo], muito ligado, na época, a essas atividades por conta das suas relações com o Calazans Fernandes, que era o Secretário de Educação do Rio Grande do Norte. O Evaldo [Dantas Ferreira] fazia a cobertura da Educação Popular na Folha de São Paulo. Dona Alzira Helena, que era Secretária de Educação do Município de Ubatuba e pela Sarah, que cuidava do artesanato de Ubatuba, numa repartição municipal. O que eles me propuseram era um envolvimento, a minha participação e o envolvimento do Centro Regional de Pesquisas Educacionais na organização de uma experiência de alfabetização de adultos naquele município. Eu disse que aceitaria com muito prazer, inclusive procuraria vincular o Centro àquela experiência, se fosse realizado pelo método Paulo Freire, com aquele grupo da UEE, que eu havia conhecido lá em Vila Helena Maria. Claro que era exatamente o que descrevi. Começamos a organizar aquela experiência. Havia o problema de ser o método Paulo Freire, já depois da Revolução Militar. Mas é interessante: a repressão foi uma coisa desigual no Brasil. Enquanto o Paulo Freire e outros colegas estavam sendo massacrados no Recife, no Nordeste e

no Rio [de Janeiro], aqui nós tínhamos plena liberdade de atuação. Tanto que foi possível organizar a experiência. Claro que a gente não falava que era o método Paulo Freire, era um método audiovisual! Houve apenas um momento em que a imprensa começou a cobrar: “Onde é que já se viu realizar uma educação de adultos subversiva pelo método Paulo Freire depois da Revolução?”. Mas o nosso ex-Diretor, Professor Laerte Ramos de Carvalho, que era um homem da Revolução, fez um artigo importante no jornal, no Estado de São Paulo, por isso é que nós não tivemos mais grandes atribulações. O Evaldo era/ é um administrador notável. Então, conseguiu mobilizar, para aquela experiência de alfabetização de adultos pelo método Paulo Freire com os estudantes da União Estadual dos Estudantes, em Ubatuba, um auxílio da Associação Cristã de Moças e da Força Pública do Estado de São Paulo. Os nossos acampamentos foram instalados pela Força Pública, o rancho era da Força Pública, o treinamento foi feito no “CIE”, confirmando aquela história de que o Paulo Freire era realmente muito eclético naquela época. Em Ubatuba, nós tínhamos cerca de mil jovens e adultos matriculados no curso. Era um número bastante grande. Pouco menos do que mil eram analfabetos. Tínhamos três acampamentos, um em Perequê-Açu, logo ao norte da vila, um em Perequê-Mirim e um em Maranduba. E com isso foi possível cobrir com os Círculos de Cultura, praticamente toda a extensão do Município. Eu gravei aulas em algumas classes, levei daqui uma equipe boa e, entre os pesquisadores da minha equipe, estava a Guiomar Namo de Mello. Foi uma experiência bastante significativa para todos nós. Eu nunca relatei essa experiência em Ubatuba pelo método Paulo Freire, porque, na verdade, o meu Relatório sobre aqueles trabalhos foi o meu livro “Estado e Educação Popular” e depois o livro “Política e Educação Popular”. Na verdade, erradamente, foi muito claro para mim, posso estar até equivocado, que aquilo que nós estávamos fazendo lá em Ubatuba não tinha grande importância, não era o caso de relatar quantos analfabetos tinha em Ubatuba, se eles se alfabetizaram, pois eles tinham que se alfabetizar, sem dúvida nenhuma. Mas as questões que realmente perpassavam aquele trabalho eram outras. Em primeiro lugar: Por que era possível levar cerca de cem estudantes universitários para trabalharem durante dois meses em condições bastante precárias de vida em alfabetização de jovens e adultos em uma favela? O que motivava aqueles jovens? O que nos motivava ao engajamento naquele tipo de trabalho? Obviamente era o método, era a proposta de Paulo Freire. Daí então, aquele impulso de empregar o tempo disponível realmente naquilo que importava, que era estudar a educação de adultos analfabetos no Brasil e o que o método de Paulo Freire tinha de diferente em relação aquele trabalho todo. Voltando ao começo. Meu engajamento nesse tipo de atividade foi muito diverso do engajamento do

Osmar [Fávero], do Carlos [Rodrigues Brandão], do [José Carlos] Barreto, da Vera [Barreto]. Eu não era, não sou católico, não pertencia a essas correntes ideológicas da Igreja Católica. Minha motivação era realmente acadêmica. Daí, inclusive, aquela certa inveja. Claro que no curso, a partir desse envolvimento, fomos nos aproximando muito, de tal forma que hoje vejo o Carlos [Rodrigues Brandão], o Osmar [Fávero], o Luiz Eduardo Wanderley³³, o [José Carlos] Barreto, a Vera [Barreto], a Sonia [Maria P. Kruppa], como uma espécie de grande família, com algumas pequenas diferenças, mas o que nos identifica é/ era um objetivo, uma luta comum. É engraçado, eu comecei o meu trabalho, meu primeiro livro “Estado e Educação Popular” foi minha tese de doutorado, a partir daquela experiência lá em Ubatuba, com visões completamente diferentes. A motivação era o método Paulo Freire, era o trabalho junto a jovens e adultos pelo método Paulo Freire e aquele primeiro trabalho acabou tendo apenas um pequeno capítulo sobre o método Paulo Freire. Lembrava muito do Duglas Teixeira Monteiro, que foi estudar as relações raciais no Brasil Meridional, junto com o Florestan [Fernandes], com o Otávio Ianni, Fernando Henrique [Cardoso] e o Duglas [Teixeira Monteiro], que nunca escreveu sua tese de doutorado sobre cultura e acabou escrevendo uma peça de teatro. No meu caso, também havia tanta coisa para trabalhar, antes de chegar ao método Paulo Freire, que aquela primeira pesquisa, praticamente, ficou para os prolegômenos à introdução sobre o estudo de Paulo Freire, que acabou saindo depois, em 1981. Durante esse período, foi uma grande interlocutora e uma querida amiga, a Vanilda [Pereira] Paiva. A Vanilda [Pereira Paiva] escreveu “Educação Popular, educação de adultos”. Praticamente terminou o livro, quando terminei o meu doutorado também. Depois a Vanilda [Pereira Paiva] terminou “Paulo Freire e o nacionalismo desenvolvimentista” quando eu estava concluindo “Política e educação popular”. Então, na verdade, eu era interlocutor junto com todos os demais formadores dessa atividade da Educação Popular. Não quero tomar muito tempo porque temos que aproveitar o tempo disponível para o [Carlos Rodrigues] Brandão, o Osmar [Fávero], contudo, queria concluir essa experiência a partir de uma reflexão que foi bem a propósito da natureza do meu engajamento com essas atividades. O trabalho que eu, para um grupo constituído pelo Ministério da Cultura de um Centro de Pesquisas da Universidade de [...], o trabalho maior chamava “Uma cultura para a democracia”. Assim, fui incumbido de fazer um

33 Graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da USP. Mestre e Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da USP. Realizou Pós-doutorado na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris, França. Na atualidade, é docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e líder do Núcleo de Estudos Latino-Americanos (Nelam) nesta mesma instituição.

trabalho sobre “Os valores democráticos na Educação”. E me pediram para fazer, especialmente, a análise de como essa questão aparecia nos livros didáticos. Eu fiz aquilo que me pediram, mas achei que tratar de valores democráticos da educação no Brasil, sem mencionar Paulo Freire, não tinha muito sentido. Na conclusão desse trabalho - uma conclusão que não saiu publicada porque me deram cerca de trinta páginas, no máximo (o trabalho saiu com sessenta, então, eu tive que cortar praticamente metade do trabalho). Desenvolvi o [...] tema que ainda vou publicar porque, eventualmente, dá uma boa briga. A importância das propostas pedagógicas, do prestígio de Paulo Freire, na atualidade, são indiscutíveis. Ao longo de suas atividades, o educador vem sendo transformado em figura de grande força simbólica para as correntes de educadores, religiosos, intelectuais e políticos em diversas regiões do globo. No Brasil, seus admiradores incluem intelectuais, militantes católicos, diferentes segmentos da esquerda, sobretudo nas Universidades, mas também no ensino de primeiro e segundo graus [refere-se ao ensino fundamental e médio da educação básica], professores e alunos das Faculdades de Educação, militantes de movimentos sociais e, principalmente, militantes do Partido dos Trabalhadores. Os mesmos fatores que explicam essa valorização do Paulo Freire, entre numerosos estudiosos e admiradores de sua obra, talvez respondam também pela escassa credibilidade que lhe é atribuída por outros significativos setores da comunidade acadêmica. Tudo indica que a afinidade de crença, atributos, valores, orientações, conceitos, linguagem e posições políticas que expõem a origem da confiança despertada pelo educador Paulo Freire, entre muitos de seus admiradores, responda, ao mesmo tempo, pela desconfiança que ele tem recebido de outros segmentos que não compartilham essas mesmas crenças, orientações e posições. Essa formalização é antiga, realmente é antiga. Desde os seus primeiros trabalhos no campo da educação popular, Paulo Freire foi acolhido por uns e rejeitado por outros, a partir de avaliações centradas em afinidades ou discordância de crenças, orientações e posições políticas. Nos primeiros anos da década de sessenta, a Universidade propõe procedimentos orientados para a conscientização de adultos analfabetos, isto é, de segmentos quantitativamente esclarecidos das classes dominadas. O educador Paulo Freire contribuiu para melhorar a educação popular nas agudas tensões políticas que marcaram a vida social do país, naquela época, principalmente nos estados do Nordeste. Por isso mesmo, seus trabalhos foram calorosamente acolhidos por algumas correntes de defensores da mudança pacífica ou revolucionária da sociedade e, radicalmente, rejeitados pelos adeptos da manutenção da ordem social da nação. Focalizando, principalmente, as consequências políticas que associavam a prática do método de alfabetização, tanto defensores quanto

adversários deixaram de atentar para alguns elementos também fundamentais nas suas propostas. Tanto uns quanto outros. Tanto seguidores de Paulo, como julgadores de Paulo Freire, quanto seus críticos, de certa forma, deixaram de lado, por isso mesmo, algumas das características mais interessantes e profícuas das propostas de Paulo Freire. Desde os seus primeiros escritos, nos últimos anos da década de cinquenta, o educador começava a trabalhar intensamente na formulação das perguntas que viriam a orientar toda a sua futura prática intelectual. Paulo Freire procurava definir questões centrais nas relações entre a educação e a constituição da democracia, por exemplo. Esses mesmos escritos daquela época documentam também a adesão do Paulo Freire às questões trabalhadas por intelectuais reunidos no ISEB, notadamente as questões relativas à formação da consciência crítica entre as massas populares e as relações entre a educação e o desenvolvimento nacional. Depois de uma apresentação das características do método, continuando essa mesma especulação, digo que as práticas investigadas durante o processo de criação do método de alfabetização eram singelas. Não obstante, desde o início, representavam uma mudança radical na educação popular de jovens e adultos. Ao promover o diálogo, sempre a partir de observações sobre as experiências de vida dos membros do grupo, ao induzir a reflexão coletiva sobre as determinações da vida na realidade, a educação conscientizadora apresentava-se como prática da reflexão crítica na educação. Ao conduzir as atividades sempre a partir do diálogo entre os membros do Círculo de Cultura, estimulando a consideração pelas posições do outro, incentivando, de todas as formas, a busca da participação das decisões de interesse coletivo, essa educação para a democracia procurava realizar-se como exercício da democracia no processo educativo. Nos Círculos de Cultura, a vida real do analfabeto passava a ser o centro de todas as atividades. Este modo de conceber a educação popular teve muitas consequências, entre elas, a de inserir a educação popular no centro das lutas em torno da estrutura do governo. Por isso mesmo, sob alguns aspectos, essas investigações de Paulo Freire têm muito em comum com os trabalhos de pesquisadores clássicos. Desde as suas primeiras afinidades no campo da educação, propôs à prática educativa algumas questões fundamentais. Como seria uma educação comprometida com a promoção da consciência crítica, da participação e da democracia? E como ele dizia, não limitou os seus trabalhos a uma elaboração retórica das questões então formuladas. Procurou investigar procedimentos que fizessem da prática educativa um exercício sistemático da conscientização, da participação e da democracia. É bem verdade que não se encontram avaliações confiáveis sobre a natureza e a qualidade dos resultados obtidos em processos educativos realizados a partir das orientações de Paulo Freire.

Desde os primeiros tempos de sua atuação, seus trabalhos estiveram sempre envolvidos em situações das quais os motivos de natureza política predominaram sobre as preocupações propriamente educacionais. Esta inserção do educacional na política inviabilizava a avaliação objetiva, se isso fosse possível, das potencialidades dos procedimentos propostos. Não obstante, as pesquisas e as propostas de Paulo Freire vêm instigando e fecundando iniciativas no campo das lutas pela afirmação dos direitos humanos e dos valores democráticos. Encontram-se expressões de suas ideias em quase todos os setores da atividade educacional e em diversos outros campos do pensamento religioso, social e cultural. Ao longo de seu itinerário no Brasil, no Chile, nos Estados Unidos, na Europa, no Conselho Mundial das Igrejas e depois de 80, novamente no Brasil, Paulo Freire desenvolveu seus trabalhos em circunstâncias muito diferentes. Mudaram os protagonistas, mudaram os quadros teóricos de referência em suas análises, foram reinterpretados os próprios conceitos de participação, de conscientização e de democracia. Obviamente, questões relativas à aquisição da consciência crítica, à formação da personalidade democrática e à construção da democracia seriam formuladas de modo diverso e apresentariam as características bem diferentes das particulares causas que foram trabalhadas no Brasil desenvolvimentista, na Democracia Cristã do Chile, na pré-revolução na América Latina, no processo de libertação colonial dos países africanos, nos movimentos de reconstrução democrática, na América Latina. Mas, aquelas perguntas originais permaneceram como elemento constante das suas reflexões e apontam para possibilidades mais radicais de investigação do relacionamento entre a educação e a construção de valores democráticos. Então, queria simplesmente insistir nisso: o Paulo Freire foi transformado, realmente, num mito. Basta ver o que o MST, por exemplo, fez o Paulo Freire aparecer como uma figura de santo. Ele foi transformado em alguma coisa muito diferente daquilo que, sob um outro ponto de vista, ele é. Um pesquisador clássico que colocou para a educação algumas questões que são fundamentais e que não foram perfeitamente resolvidas na ordem. É um grande pesquisador. Pesquisou a vida toda e com grande tenacidade e profundidade. Aquelas entrevistas do Paulo Freire mostram um homem, assim, profundamente envolvido na tentativa de encontrar saídas para as questões que foram colocadas pela sua prática, pela sua práxis. Eu, pelo menos, não sei o que os companheiros entendem disso. Vejo a riqueza dessa pesquisa de Paulo Freire como uma pesquisa inconclusa. Por exemplo, a educação para a liberdade; a educação libertadora não conseguiu sair dessa tensão, inclusive nos próprios termos. Educação e Libertação. Qual é o conceito de liberdade que se consegue realmente depreender das propostas

de Paulo Freire, nos seus vários momentos? Mas, sob o meu ponto de vista, de não militante nos movimentos religiosos, este Paulo Freire merece a continuidade cada vez mais aprofundada, da discussão sobre as questões, efetivamente, intelectuais e educacionais, herdeira da ação e do curso da sua obra. Era isso. Colocar uma questão e fazer com que floresçam algumas discussões e encerrar para não tomar muito tempo do [Carlos Rodrigues] Brandão, do Osmar [Fávero] e dos colegas, que nós não temos essa oportunidade de encontrá-los, aqui na Faculdade de Educação com frequência. Obrigado!

Profa. Angela R. M. B. Tamberlini

Passo a palavra ao professor Carlos [Rodrigues] Brandão.

Prof. Carlos Rodrigues Brandão - Educação Popular, Cultura popular, MEB e Paulo Freire

Gente, boa tarde para todo mundo. É uma alegria dupla, já era na manhã, agora a nossa tarde! Celso [de Rui Beisiegel], acho que nós estamos quase formando uma dupla sertaneja mesmo, porque as únicas vezes que venho aqui, e que não são muitas, na minha vivência de USP, lá nas [Ciências] Sociais, nos encontramos. Acho que estamos sempre juntos. As últimas lembranças que tenho, inclusive, vocês devem ter visto no programa que deveria ser eu primeiro e depois o Celso [de Rui Beisiegel]. Eu combinei com ele: vai primeiro o Celso [de Rui Beisiegel] que nós vamos fazer, de fato, uma música sertaneja. Ele faz a primeira e eu faço uma beirada, o eco, como a gente costuma dizer. Vocês devem ter reparado que uma das coisas, deliciosas mesmo, esperava isso desse encontro e estou vivendo isso, é o tom de personalidade. Aliás, profundamente correspondente à própria pessoa do Paulo Freire, a maneira como ele sempre foi e se colocou e viveu. O Paulo [Freire] profundo e confessante. Um contador de si mesmo e dos amigos, o tempo todo na vida. E também muito ligado às próprias experiências, às vivências de educação popular. Tanto assim que, quando chegar o momento de eu falar sobre o tema propriamente, que é “A educação popular do ponto de vista do pesquisador militante”, eu vou fazer uma coisa, talvez inesperada. Eu mesmo nunca vi por escrito, que seria me perguntar o seguinte: “Em que situações, nós militantes, já tão bem descritos entre os Barretos [refere-se a José Carlos Barreto e Vera Barreto], o Osmar [Fávero] e agora o Celso [de Rui Beisiegel], nós nos sentimos

de alguma maneira criando o novo, pensando alguma coisa nova ou, de certa maneira, participando da pesquisa?”. E já que todo mundo começou contando, não tanto quem sou eu, mas, como foi que acabei me metendo nisso, queria também começar por aí. Vou começar até de uma maneira também recordatória. Achei uma delícia quando o Barreto [José Carlos Barreto] falou que ele e Vera [Barreto] são o primeiro casal casado pelo método de Paulo Freire. O segundo deve ser o Osmar [Fávero] e a Ondine. Eu não sei se o terceiro ou deve ser o terceiro, eu e Maria Alice. Na verdade, são três casamentos num só contexto cristão, militante e perduram até hoje. Algum tempo atrás, um compadre meu, já há bastante tempo, ele é padrinho do meu filho, e ele chegou para mim e disse: “Brandão – ele é psicanalista - você tem que ser analisado. Você está casado há mais de vinte anos! Não conseguiu separar ainda?” Agora estou com 36, não fiz análise e ele se separou aos 10 ou 15; ele é uma pessoa muito querida, aliás, foi quem me levou ao MEB. Ontem eu estava num encontro no Rio de Janeiro, inclusive queria ter chegado para ver Frei Carlos [Josaphat], não deu tempo. Tempestade em São Paulo, o avião atrasou uma hora e, quando cheguei aqui, eram nove e pouco. Ontem, Quinta Semana de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro: “Ciência, Cultura, Educação e Sociedade – O pedagogo do século XXI”. Um desses encontros encantadores programados pelo Centro Acadêmico, uma bagunça fantástica. Eu quase perdi o avião, mas uma delícia. Começamos numa sala bem pobre de estudantes do nosso tempo, de hoje e talvez da eternidade. Além do que, achei também comovente, me disseram: Brandão, “a gente não tem verba nenhuma, a gente não vai te pagar coisa nenhuma; você vai levar duas *mousses* de maracujá que uma colega fez”. Eu achei lindo, de repente, você receber pelo que fala, que, além de muito carinho do povo carioca, foram muito carinhosos: duas *mousses* de maracujá, eu vou repartir, não vou agüentar duas *mousses*. Aproveitei aquela cena, muito coisa de antropólogo, para comentar com as pessoas, como o tempo e os espaços vão forjando a vida da gente, embora como naquele caso, isso se pareça tão insignificante. E começava trabalhando justamente com essa polaridade. No meu caso pessoal, eu até um momento muito próximo ao do meu ingresso na Universidade, eu fui o próprio “menino do Rio”. Eu antecipei Caetano Veloso. Minha pergunta fundamental durante anos era: “Hoje vai dar praia?”. Pergunta ancestral dos cariocas, os que, pelo menos, não leram Paulo Freire. Nasci em Copacabana, no Rio [de Janeiro], morei dez anos lá. Aprendi a nadar e andar ao mesmo tempo, depois fui para Gávea, morar nas matas da Gávea. O Osmar [Fávero] conheceu minha casa, um lugar que é um paraíso até hoje, imaginem naquele tempo. Aliás, por sinal, a 500 metros da grande favela da Rocinha e, durante dezesseis anos, nunca vi uma cena de violência. Era uma palavra, inclusive,

completamente desconhecida naquele tempo. De repente, não diria de um ano para o outro, de um mês pra outro, eu me vejo, e não de uma forma modista, porque isso me acompanha até hoje, as alterações. Eu estava ontem lá no Rio de Janeiro e hoje aqui carregando, inclusive, as minhas canseiras e a minha mochila. Eu me vi como cristão engajado, como nós dizíamos naquele tempo, entre nós, não, Osmar [Fávero]? Nós, presunçosos, dizíamos: “minoria profética e apocalíptica”. O apocalíptica era a revolução socialista que nós inevitavelmente iríamos fazer sempre no mês que vem, ao mesmo tempo. Então, eu comentava com as moças ali, com os rapazes, num encontro com a maioria de jovens, que a primeira vez que eu havia passado por ali foi o menino do Rio [de Janeiro] que passou. Eu, garoto ainda, com 15 anos, fiz concurso para Aeronáutica, para a Escola Preparatória de Cadetes do Ar. Eu só sonhava com coisas aventureiras. Até hoje, mas, naquele tempo, muito mais. Poucos anos atrás, estava fazendo a travessia da Mantiqueira, mais de 50 anos, com os meus alunos no Projeto Educação Ambiental. Embora fosse um vagabundo, fui expulso do colégio, aliás, fiquei muito contente, lendo agora num jornal, passagens da vida de [Carlos] Drummond de Andrade, nós estamos festejando cem anos de nascimento, ele também foi expulso da escola. Então, ainda posso ter esperanças. E, apesar disso, passei, entrei e também fui péssimo aluno lá. E algumas pessoas dizem “por castigo divino”, mas sei que não. Mergulhando num rio em Itatiaia, no Rio de Janeiro, em janeiro de 57, quebrei a espinha, tive uma fratura gravíssima e tive que sair da Aeronáutica. Acabou um piloto e, quando tirei o gesso (fiquei oito meses engessado), então não deu para pilotar; pensei em ser escalador de montanhas. Meu pai já tinha sido, passei anos de minha vida praticando escalada de montanhas. O Osmar [Fávero], inclusive, volta e meia conta essa história. Quando ele falou de mim, pela primeira vez, para aquela que veio a ser minha namorada e depois minha esposa, Maria Alice, ele quase que acaba “de cara” com o nosso amor. Ele disse: “Olha, tem um cara novo no MEB, doidão, que assiste reunião pendurado em corda. Isso é bom”. Umas provas tentadoras, de fato, tem até uma cadeirinha. Fui escalar o Pão-de-açúcar [ponto turístico da capital do Estado do Rio de Janeiro], fiz escola de guia e participei de conquistas de montanha e coisa e tal. Era a minha vida, minha alegria. Já que eu era vagabundo na escola, escalar montanhas e ir para a praia era uma vida de menino do Rio [de Janeiro]. É verdade que, com esse acidente, tive uma transformação. Saí da Aeronáutica como o penúltimo da minha turma. E olhe que nós éramos mais de cento e setenta! E, no ano seguinte, voltei para o Colégio Andrews, aliás, no memorial ficou de gravar isso daí e fui o quarto da turma. Meus colegas de rua, isso é sério, não é brincadeira, uma vez fizeram uma embaixada na minha mãe e no meu pai, dizendo: “Dona Solange e Senhor Joaquim, nós vamos levar o

Brandão em Itatiaia e dar uma porrada na cabeça dele, de novo naquela pedra, porque como ele tá ninguém aguenta”. Ninguém entendia minha vida religiosa, me tornei uma pessoa muito espiritual. Não tenho uma vida confessante, mas ela continua sendo uma vida de oração, de meditação. Pouco depois, sem que nada antecipasse o futuro próximo, eu não tinha nenhuma preocupação social, poderia ter preocupação religiosa, me vejo envolvido com a Juventude Universitária Católica. Não tive nem experiência de haver vivido no secundário a JEC, Juventude Estudantil Católica, e eu entro “de cara”. Eu entro em março na PUC do Rio de Janeiro para fazer Psicologia e, logo depois, eu estou engajado na JUC, participando de reuniões; logo depois, envolvido com o chamado ME, Movimento Estudantil, com todas aquelas lutas e um pouco mais à frente já com a Educação Popular, que o Osmar [Fávero] lembrou muito bem, não se chamava assim. Nós não nos reconhecíamos engajados em educação popular, mas em cultura popular. Já, já vou falar sobre isso. É interessante que um pouco depois, como estudante de Psicologia, volto àquela mesma universidade, que contava ontem para os estudantes de lá, mas para assistir sessões clínicas no “Pinel”, na Clínica Pinel, que também fica na frente da Faculdade de Educação em Psicoterapia IV. Eu me lembro até hoje. Voltei lá uma ou duas vezes, já militante, estudante militante, para as nossas reuniões subversivas, se bem que não eram. Osmar [Fávero] era na FNF, Faculdade Nacional de Filosofia, que ficava no centro da cidade, era o lugar onde ocorriam as reuniões. E, de repente, trinta e oito anos depois, eu me vi de novo naquele prédio. Um lapso de tempo de trinta e oito anos, 1964 – 2002. Então queria, a partir dessa contagem pessoal, inclusive desse inesperado, repito mais uma vez, para vocês terem uma ideia, um pouco antes de eu me envolver com a JUC; um primo, engenheiro, católico, a minha família é católica conservadora, inclusive teve o ramo paulista, venho do ramo paulista, que nós, os cariocas, chamávamos de ‘a paulistada’, tenho o nome gaúcho da minha mãe, meu pai é paulista, daqui de Mogi das Cruzes. Meu avô era Joaquim Suzano Brandão. Engenheiro Suzano, pai do meu pai. Que, aliás, não foi importante coisa nenhuma, só que quando o trem passou por ali, ele fez uma “estaçãozinha” para o trem beber água. Ele era engenheiro da Central do Brasil! A “estaçãozinha” cresceu e virou Engenheiro Suzano. E minha mãe é de São José do Norte, extremo sul do Brasil, quase no Uruguai. Ele queria me levar para Congregação Mariana. Cheguei a ir a uma reunião que era extrema direita, lá no Colégio Santo Inácio. Um mês depois lá estava eu aprendendo com o Celso Guimarães, com os companheiros. O Osmar [Fávero] colocou tão bem hoje a respeito de se pensar o bem religioso como um bem social, como um serviço à sociedade, depois ao povo, às classes populares e depois pensar o social como político, como um projeto político. O reino de Deus não era para

depois, é o aqui e o agora. Nós temos que construir o hoje e entre nós, os mais radicais, cheguei a escrever sobre isso. O reino de Deus era muito mais realista do que a revolução socialista. Ele tem muito mais a ver com Cuba do que com o Paraíso Celestial. Osmar [Fávero] bem lembrava Cuba e a importância de Cuba. É esse clima que precisaria ser lembrado também. Então, acho que o Osmar retratou muito bem, como, na Academia, pensamos tudo humanisticamente, pelo lado do contexto das ideias e das ideologias em questão. Vejam os tópicos vivos aqui tratados, principalmente Vanilda [Pereira Paiva], que, aliás, nunca deixou de nos chamar de “românticos cristãos”, que sempre considerei um elogio, porque estou entre os românticos. Mas nós esquecíamos o outro lado, que é tão humano, tão profundo, que a própria educação tem feito um esforço para descobrir agora: é o lado dos climas socioafetivos. Se quisesse ser profundamente honesto, teria que dizer o seguinte: Eu não me envolvi com Paulo Freire, com educação popular, não me envolvi em todo esse projeto de vida, que me tem até hoje, na minha vida, assim como na de Osmar [Fávero], na dos Barreto [José Carlos Barreto e Vera Barreto]. Isso nada tem a ver com modismo. Quando vou todo o mês ao Rio Grande do Sul, às vezes cansado das aulas, dos trabalhos acadêmicos, estar ali com aquelas pessoas, numa escola, numa pequena comunidade, é simplesmente a continuidade das coisas que comecei a viver há quarenta anos atrás, sem nenhum heroísmo, apenas porque é assim, dever ser. Mas diria a vocês: não é porque tenha me convertido intelectualmente a uma nova visão de mundo. É ao contrário, eu me senti envolvido numa comunidade afetiva, numa comunidade socioafetiva. Eu fui apanhado, primeiro por cantos, por gestos de corpo, por lágrimas, por abraços, por sentir que, de repente, à minha volta, havia uma gente que me tocava muito profundamente, mais do que as gentes com quem eu havia convivido até então, inclusive por meus companheiros escaladores de montanhas, com os quais eu estive várias vezes. É preciso lembrar Dom Helder Câmara, o que ele traz para a Igreja, no Concílio Vaticano II e, mais uma vez, não só do ponto de vista das ideias, das doutrinas, das proclamações, dos manifestos. O famoso manifesto da PUC do Rio de Janeiro, que sacudiu o Brasil durante muito tempo, hoje em dia tão esquecido, mas também foi objeto de tantas controvérsias, depois de tantos estudos. Inclusive, segundo muitos, elaborado pelo Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz, que faleceu esse ano, há alguns meses e foi, inclusive, durante um bom tempo, um dos mentores intelectuais de toda uma longa geração cristã, engajada e também do próprio MEB³⁴. O clima de rapazes e moças que se diziam entre si: “A nossa missão é transformar o mundo no amor de Cristo”.

34 Ver a respeito de sua história e de sua influência junto à Juventude Universitária Católica (JUC) em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lima_Vaz. Acesso em: 12 fev. 2025.

Quando a gente não diz isso, fica tudo tão intelectual, não é? Maria Alice e eu nunca nos desfizemos das nossas cartas. Nós temos trinta e dois anos de casados e nós temos um monte assim. Mas elas são cartas interessantíssimas, em que, por dizer do amor, vocês não moravam longe, então, não devem ter tantas, mas como a gente morava em Goiânia e no Rio de Janeiro.. Nossa mãe! Tome carta pra lá e pra cá! Carta de trinta e sete, quarenta e oito páginas. Quando eu vejo os namorados hoje mandando duas linhas de internet para a mulher amada, digo: Acabou o amor. Acabou o amor. Fico imaginando o momento em que o rapaz vai escrever para a namorada: TAPI: Te amo! Posso ir? E a namorada responde: VF: Vai fundo! É isso aí que o mundo era. Eu mandei laudo de Natal de quarenta páginas para a Maria Alice. Tudo entremeado. O nosso amor era o amor pelo outro, era o amor pelo Cristo. Era o nosso compromisso de salvar a humanidade, de transformar o movimento estudantil e camponês brasileiro. Os homens e as mulheres de Goiás. Maria Alice, inclusive, era uma líder, coordenava o MEB de lá. Isso era o caldo, isso era o clima afetivo em que nós vivíamos. Tanto assim que, Osmar [Fávero] vai lembrar também, volta e meia pintava uns namoros, principalmente em tempos de “Frente Única”, entre, por exemplo, moça cristã e rapaz do PCBão. Era complicado. Houve alguns casos bonitos até de amor: a Teresa Rodrigues com o Rogério Belga foi um caso lindíssimo; moram aqui em São Paulo até hoje, uma cristã e um comunista felizes. Como diz o Marajó: felizes e infelizes para o resto da vida. É interessante lembrar as próprias palavras que nos caracterizavam naquele tempo. Por exemplo, semi-engajado. Meu filho curte muito cinema. Então, outro dia, eu peguei com ele, levei um susto, com um livro de uma mostra de cinema no Rio de Janeiro. Belíssima, dizia assim: “De olhos bem abertos – Mostra Internacional do Cinema Engajado”. Falei: Gente, mas isso era papo de 62! Eu pensei que isso tivesse acabado! E o interessante que logo no começo o articulista diz: “O cinema político acabou”. Então ele pergunta: “O cinema político acabou?” E faz, em cima dessa pergunta, toda uma reflexão interessante. Mas me tocou a palavra engajada. O engajé do francês. Essa ideia da pessoa, não apenas como militante político, mas daquele que destina a vida inteira a um projeto, a uma proposta. E nós nos dizíamos isso da maneira mais poética e, ao mesmo tempo, realista. Não é meu lado político e a minha vida que estão entregues a tudo isso. Estar engajado é “estar comprometido com”. É ser militante. “Estar militando em”. Interessante, às vezes, até em festinhas de Diretórios, o rapaz chegava para a moça e perguntava: “Você está militando em alguma coisa?”. Até pra ver se dava namoro. Ela dizia assim: “Ah, tô, tô militando com Cultura Popular, tô lidando com teatro. Estou fazendo jornalismo!”. Eu inclusive fiz jornalismo lá na UNE. Fui jornalista do Metropolitano por alguns meses. Logo depois entrei no MEB

e deixei. E isso, inclusive, tangenciava com ideias que eu já abordei e o Osmar [Fávero] também tocou aqui e ali. São muito fortes. O que é que isso visava? Dizer, por exemplo, que quero transformar o homem, o mundo, quero estabelecer aqui o Reino de Deus é maravilhoso! Tem gente dizendo isso em porta de Igreja pra todo lado. Principalmente, gente ficando rica com isso. Então, é uma coisa muito poderosa do ponto de vista político. Mas com que sentido? Isso para nós era o trabalho no próprio MEB, nas discussões sem bispos e pessoas, digamos, associadas à Igreja, por perto. Era a nossa grande questão! Tanto assim que nós tínhamos no MEB uma história para ser contada ainda, viu Osmar [Fávero]?, militante da Ação Popular que tinha sido criada num braço político da própria Ação Católica. Meu Deus do Céu!!! Betinho, Aldo Arantes, inclusive tem um livro chamado “Da AP ao PC do B” e assim por diante³⁵. Mas ser revolucionário, o que significa isso? Cuba é um horizonte, a Revolução Armada. Aí faz sentido quando a gente fala em conscientização. É usada em que? Em criar uma Cultura Popular mais transparente, menos dominada, menos alienada? Como vocês acabaram de ver o destaque inesquecível do subdesenvolvido. Aliás, a questão era: se precisa saber de cor ou se era realmente o preparar para um projeto político de consequências radicais. Houve momentos inclusive, em que, dentro e fora da JUC, dentro e fora do MEB, essa era a questão fundamental. Se a conscientização desemboca numa politização, numa mobilização popular, isso faria redundar em votantes mais lúcidos. Nós esperávamos que isso acontecesse imediatamente ou, então, em representação popular mais consequente, mais dentro do modelo hegemônico em que nós vivíamos? Ou, então, nós estávamos nos comprometendo em preparar as pessoas e nos prepararmos para uma transformação social armada ou não, mas cujo horizonte era francamente socialista. Socialista. Era nesse caldo de ideias, de ideais. Só vou contar uma história para vocês, Osmar [Fávero] se lembra disso: Maria Alice trabalhava no MEB e conhece uma namorada que eu tinha, da PUC, que fazia Pedagogia, riquíssima, da Congregação do Rosário em Família, que era mais da direita ainda que a Congregação Mariana. Então essa história era muito bonita e estranha, que chegou a fazer, num momento lá na PUC do Rio, eu e minha namorada. Eu coordenador de uma equipe da JUC, já naquele tempo em Psicologia e nós dois fomos primeiros adversários e depois inimigos políticos a ponto de eu defender, publicamente, uma posição numa reunião e ela votar contra. Publicamente também. O Golpe Militar foi no dia 01 de abril, nós terminamos o namoro no dia 02 de abril. Aliás, é muito interessante, alguém de vocês poderia fazer uma dissertação, não sei mais se o pessoal da Psicologia

35 LIMA, Haroldo; ARANTES, Aldo. **História da ação popular**: da JUC ao PC do B. 2. ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1984.

ou da Psicopedagogia, “Namoros e desastres amorosos entre o começo e meio de 64”; eu diria no Rio de Janeiro, mas pode ser em outros lugares. Eu começo a namorar a Maria Alice em 26 de abril, a gente lembra até hoje. Troco uma carioca rica de direita por uma goiana pobre de esquerda. Aliás, aconteceu em muitíssimos casos e somos também, como diz Guimarães Rosa: “Felizes e infelizes para o resto de nossas vidas”. Só uma pequena palavra, porque o Osmar [Fávero] inclusive tinha deixado isso para mim, sobre a questão da Cultura Popular. De fato é muito verdadeiro, por exemplo, nós nos comecinhos de Angicos, em 62; no livro “Pedagogia do Oprimido”, Paulo Freire, já no exílio, diz: (Eu teria uma passagem embasada, vocês poderiam pegar várias outras): “O momento desse buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de universo temático do povo ou o conjunto de seus *temas geradores*” [Freire, 1987, p. 87]. Agora, atenção para essa passagem: “Essa investigação implica, necessariamente, uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora” (Freire, 1987, p. 87). É interessante que, ainda em 69, já bem depois do início da Educação Popular que nós rastreamos sempre em 61. Tornou-se uma espécie de “relembrar”, tanto que, no ano passado, foram lembrados os oitenta anos de Paulo Freire, se ele estivesse entre nós, e os quarenta de Educação Popular. Mas me lembro bem, ainda não se fala em Educação Popular. O Osmar [Fávero] tocou muito bem nisso. O movimento, a mobilização, o engajamento pessoal era em Cultura Popular. Você se engajava em Cultura Popular. E, dentro de Cultura Popular, você ia fazer Teatro Popular, Cinema Popular, Literatura Popular, Jornalismo Popular; ia trabalhar no ME – Movimento Estudantil, como o Barreto [José Carlos Barreto] testemunhou, aqui de manhã, por exemplo, fazer mobilização sindical, mobilização camponesa.. Nós temos, inclusive no MEB, um setor; Luiz Eduardo Wanderley foi o primeiro Reitor eleito da PUC daqui de São Paulo, era o coordenador; coordenador, não Osmar [Fávero]? – do Sindicalismo Cristão. Depois foi proibido de passar em várias Dioceses brasileiras por seus respectivos bispos, foi “hierarquematizado”. Nós nos engajávamos em Cultura Popular. Tanto que brincávamos, dizendo: “A gente pode fazer Cultura Popular em vários lugares, até na Educação”. Até na Educação! E durante muito tempo, o Osmar [Fávero] também lembrou, a Educação Popular era Alfabetização Popular. O Osmar [Fávero], muito humilde, esqueceu de fazer a referência ao livro que ele organizou que considero uma das coisas mais importantes sobre Educação Popular que se chama: “Educação Popular e Cultura Popular: Memórias dos anos 60”³⁶. Importante e que tem a

36 FÁVERO, O. (org.). **Cultura popular e educação popular**: memória dos anos sessenta. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

compilação, quase completa, dos principais documentos dos anos sessenta, a começar pelos artigos, primeiros, da primeira equipe de Paulo Freire, que saiu na “Estudos Universitários”, em 64, 63, em Pernambuco. É um artigo do Paulo [Freire], que ele contextualiza o que é, teoricamente e que não era um método, era um “sistema”³⁷. Nós vamos falar sobre isso depois. Depois Jomar Gomes de Britto, que vai falar sobre Comunicação e Educação Libertadora; o Jarbas Vasconcelos e Aurelice Cardoso, que vai ser metodóloga³⁸. Nem sei por onde ela anda, se está viva ainda. Nunca se fala em Aurelice Cardoso, o que é uma grande injustiça.

Prof. Carlos Rodrigues Brandão

Pronto, olha a Aurelice Cardoso. Até contam, por baixo do pano, que, na verdade, quem criou o método Paulo Freire foram as mulheres. Foi a Elza [Freire], que tinha uma experiência enorme de escola, de sala de aula; Paulo Freire não tinha quase nenhuma. E que quem codificou teria sido a Aurelice Cardoso. E, para completar a trilogia, feminista, a Alda Borges. Eu dizia agora no almoço que a maior feminista que eu conheço sou eu mesmo. Bem, Alda Borges[Alda Maria Borges Cunha] teve uma vida extremamente sofrida, exilada duas vezes, a primeira no Chile e depois na Argentina. Fugiu do Golpe aqui e depois fugiu do Golpe no Chile. Ela criou o que considero a questão mais inteligente do Método Paulo Freire, que se chama “Benedita e Jovelino”. É a criação do MEB em Goiás, inclusive, naquele meu livrinho, “O que é Método Paulo Freire”, trabalho muito mais com “Benedita e Jovelino”. Eles fizeram a grande sacada que Paulo [Freire] não fez. Paulo [Freire], como intelectual e como filósofo, fez um método que vem de fora para dentro, que é oposto da maneira de gente da roça compreender o mundo. Quer dizer, começa com o mundo, a cultura, o caçador letrado, até chegar no conceito de cultura. O pessoal do MEB começou, ao contrário, criando um método cujas duas primeiras palavras geradoras são Benedita e Jovelino. É um casal. Então, o casal, o dia-a-dia do casal, a vida do casal, a cultura do casal e, lá no final, o que é a cultura humana, a natureza, assim por diante. É o Paulo Freire às avessas. Paulo Freire imbutido. Também não chegou a ser aplicado, pois logo veio o

37 FREIRE, Paulo. Conscientização e Alfabetização: uma nova visão do processo. **Estudos Universitários**: Revista de Cultura da Universidade do Recife, v. 4, abr./jun. 1963.

38 Jarbas Vasconcelos e Aurelice Cardoso trabalharam com Paulo Freire na extensão universitária no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (atual UFPE), formada em 1946.

Golpe Militar³⁹. Aliás, outra questão fantástica, para uma tese de doutorado: “O que foi pensado e não foi feito em Educação no Brasil por causa do Golpe Militar.” O envolvimento era com Cultura Popular. Os escritos fundamentais do Paulo [Freire] tocam a questão da Cultura, inclusive no que se refere às suas leituras, que são múltiplas e cruzadas de existencialistas cristãos e não-cristãos, de marxistas de várias vertentes. Tudo isto para constituir ideias com a cultura alienada e também trabalhar com a expressão muito grande que ele tinha de uma conscientização que não reflete o mundo tal como ele é vivido pelas pessoas, mas tal como ele é imposto pelas classes hegemônicas e assim por diante. Daí porque a conscientização, que não era apenas um processo pessoal e individualizado na culpa de cada um, mas que só tinha sentido enquanto processo dialógico, coletivizado. Eu diria que não é cada pessoa, mas é o grupo, é o círculo e depois é uma comunidade militante quem vem a se conscientizar. Assim, o que se transforma não são as pessoas, mas é uma cultura, em torno de uma cultura popular. Interessante ver, inclusive, toda a polêmica, os documentos principais que estão nesse livro do Osmar [Fávero] que já deveria ter sido republicado várias vezes. Neste sentido, chegamos no nosso ponto que seria a questão da pesquisa, do olhar do pesquisador. Grande parte do esforço, que inclusive está presente nos momentos em que Paulo [Freire] fala de pesquisa, não apenas da pesquisa no universo temático, mas depois, inclusive, nas últimas obras, quando ele trabalha com a ideia de pesquisa, grande parte do problema, problema que ora adormece, ora faz perder sono, que é: “Como passar do conhecer sobre ou conhecer para - para criar alguma coisa pra ajudar o povo ou, então, para minorar a miséria humana, como diria Berthold Brecht - ao conhecer com? Conhecer com”. Se realmente esse outro, a quem eu me dirijo, isso vai ficar absolutamente claro, não tanto nos anos sessenta, mas nos anos setenta e oitenta. Eu chamaria um segundo momento da Educação Popular, já associada aos movimentos populares. Beatriz Guerreiro Costa, do Rio de Janeiro, também tem um artigo fantástico sobre isso até hoje citado e recitado, para compreender uma prática de Educação Popular e essa ideia tem que estar muito clara. Não posso ter um envolvimento com sujeitos, grupos em movimentos populares e me reconhecer como aquele que produz ideias, gera ideias e apenas ao conscientizar faz com que as pessoas venham a se converter em suas ideias. Ao contrário, eu sou um intelectual a serviço dos movimentos populares. Eles

39 BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Benedito e Jovelina: lembranças de quando a internet era o rádio de pilha, e a educação popular vinha através de escolas radiofônicas. **Revista MEB de Educação Popular**, Brasília, DF, v. 1, n. 1, set. 2021. Disponível em: <https://www.meb.org.br/wp-content/uploads/2021/10/ARTIGOBenedito-e-Jovelina-Carlos-Branda%CC%83o-Revista-MEB-v-1-n-1.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2025.

pensam, eles produzem idéias, eles geram propostas e o meu trabalho é um trabalho complementar e assessor. Eu mesmo escrevi bastante essa temática, eu mesmo não posso deixar de fazer aqui uma digressão muito interessante e desapontadora. No mundo acadêmico, nós ainda somos, tristemente, aferrados muito mais do que imaginamos, mesmo depois de ler tanto Roberto Kurz e Bourdieu, que também nos deixou há pouco tempo, não apenas as nossas ideias, mas a nossa “confraria”. Uma confraria local, uma confraria ideológica, uma confraria, às vezes, nacional. Uma das pessoas que mais nós temos lido, inclusive nas Faculdades de Educação e que, do meu ponto de vista pessoal, mais tem me ajudado a pensar com alguma lucidez as questões de agora, é o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos. Mas é muito interessante, não sei se vocês já tiveram a pachorra, como eu, de olhar a bibliografia citada por esse homem tão lúcido, tão interessante e que, inclusive, fez a sua pesquisa de campo aqui no Brasil, em favela, Favela do Jacarezinho, no Rio de Janeiro. Apesar de agradecer a tantos intelectuais brasileiros, inclusive daqui dessa casa, ele não cita um brasileiro, como se nenhum existisse. Ele investiga no Brasil, ele produz ideias que têm a ver com a pesquisa que fez, mas ele passa a dialogar com a sua comunidade, autores portugueses, citando vários conhecidos daqui ou, então, americanos, ou europeus como ele. Eu me pergunto: “não há Otávio Ianni, José de Souza Martins, Paulo Freire que não comparecem em sua bibliografia? E para surpresa minha também, só para mostrar como é que nós, tão lúcidos, somos, às vezes, tão provincianos. Um intelectual francês, que eu respeito muito, René Barbier, acabou de sair nessa coleção nova, chamada “Série Pesquisa e Educação” é o livro 3, da Editora Plano, de Brasília. Chama-se “A Pesquisa-ação”. É um livro muito interessante, com propostas muito boas, muito curiosas, mas numa passagem, num parágrafo, ele cita a contribuição latino-americana; então, ele vai centrar no João Bosco Pinto, no Paulo Freire e no Fauss Rotter, porém, na bibliografia, não cita um trabalho de autor brasileiro, nem Paulo Freire, nem Michel Thiollent, que é francês como ele e que escreveu muito antes dele um livro exatamente com esse nome. Ou seja, a comunidade da Pesquisa-ação do René Barbier, um professor doutor de Sorbonne, é de Nanterre, aliás, é a sua comunidade próxima. Assim, se não estiver escrito em inglês ou francês, não existe. Depois eu queria mostrar, para não parecer absurdo, podem dar uma olhada. Procurei Paulo Freire. Impossível pensar nisso sem Thiollent, sem as várias experiências brasileiras, simplesmente elas não estão em nenhuma página desse livro. Como eu disse, há uma citação de um parágrafo! Quando nós pensamos: “o que a Educação Popular, o que toda essa mobilização desse tempo representou como uma prática de um outro olhar?”. Um olhar mais solidário, mais sacolejante, mais transgressivo, mais subversivo, mais popular, no sentido de

que queríamos muito verdadeiro, em qualquer visão populista, mais uma vez, nós caímos numa compreensão profundamente acadêmica. Eu mesmo, em tudo que escrevi, andei por aí. Eu não sei se é do tipo: “para que eu vou perguntar para essa velha?. Meu Deus do céu, como é que eu vou perguntar para esses sexagenários? Sexagenárias! Sexagenários! Mas tão jovens ainda”. Se vocês quiserem fazer alguma pergunta, me intorromper, fiquem à vontade porque faço educação dialógica o tempo inteiro. Outro dia uma professora, no Rio Grande do Sul, mexeu comigo: Brandão, você falou em diálogo o tempo inteirinho, mas você marotamente ocupou o tempo todinho com a sua fala para ninguém fazer pergunta embaraçosa. Aí eu me alertei e falei: “Exatamente! Não deixem acontecer! Paulo Freire era mestre, aliás, era mestre em fazer isso”. Então, a visão que nós temos é profundamente academicista, no seguinte sentido: nós vamos em busca de quais foram as experiências formais que tomaram nome e que ganharam até uma certa notoriedade em termos de associação entre investigação e docência? Já que desde os primeiros dias de Paulo [Freire], inclusive com uma questão fundamental no seu método, era impossível produzir uma experiência de alfabetização, se ela não comesse com o conhecimento dos temas e das palavras da própria comunidade. Aquilo que o Osmar [Fávero] falava no Círculo de Cultura de Paulo [Freire], não tanto nas cartilhas. Só que as cartilhas vêm prontas. É porque o momento inicial do processo de alfabetização começa, não na sala de aula ou no Círculo de Cultura, mas nessa investigação em que os futuros alunos se voltam à sua própria comunidade e vão em busca de palavras, de frases, de sentidos, de símbolos, de significados e depois são trazidos, transformados em todo o material da própria alfabetização. Por exemplo, pouquíssima gente menciona, talvez porque tenha ficado restrito ao MEB, mas, no livro próximo que estou escrevendo, chamado “[...] e outros escritos sobre a pesquisa participante”, vou colocar isso, que é o estudo de área, não, Osmar [Fávero]? Que, inclusive, foi extremamente sistematizado no MEB e outras experiências que considero um dos nascedouros da própria pesquisa participante. Eu mesmo pratiquei alguns, no tempo de MEB. No entanto, acho que a pergunta deveria ser outra. Porque, vejam vocês, de um lado, nós temos uma Sociologia do Conhecimento em Educação Popular. Que estratégias, que modalidades, com que métodos, sobre que teorias houve um enlace entre pesquisa e docência, entre criação de uma nova cultura e investigação? Porém, com uma característica: de um ponto de vista, talvez, mais existencial, e existencial é também bem ao gosto de Paulo Freire; então, a pergunta poderia ser feita de outra maneira. Nós tiraríamos os véus, interessante que até hoje encobriram certas realidades vividas! “Em que situações as pessoas se sentiam produzindo uma reflexão crítica sobre a realidade?” A pergunta é completamente outra. É uma

psicoantropologia da relação docência, pesquisa, consciência, conhecimento da realidade. Se eu quisesse refletir isso com vocês, respondendo a essa pergunta: “em que situações?”, eu começaria com uma coisa muito “estrambótica”, muito rara. É a mesma coisa que saber que o professor de antropologia pesquisou: Saber que o Brandão é a essência genética da Igreja, é delirante, mas não sabia que poderia chegar a tal ponto. Mas como acho que faz sentido, vou colocar: este é o primeiro momento em que nós nos debruçamos sobre a experiência de um produzir consciência da realidade que é momento solitário, é um momento sozinho. É uma prática nova que se instaura. Inclusive quando leio esses artigos do Nóvoa [refere-se ao Antônio Nóvoa, educador português], do professor reflexivo, digo: “Nossa mãe, gente! Esses caras estão pensando que é novidade. Nós praticávamos isso continuamente nos anos sessenta!” Era impossível ser professor sem ser reflexivo! Inclusive, não usávamos essa palavra porque ela, a nosso ver, era muito psicológica. O que batia em psicologia e psicologismo nós corríamos. Mas exatamente isso. Olha que inversão importante vai se fazer para nós, incluídos, não para aqueles que não liam e não gostavam de Paulo Freire, mas para aqueles que estavam envolvidos. O que me faz, o que me faz um educador, não é o conhecimento que tenho a respeito do assunto que trato. É a maneira como eu, como sujeito consciente, contrato com os meus estudantes. Não é o que sei, mas é como faço do que sei um instrumento de conscientização. Aí é que a coisa se inverte completamente. Não se trata de ensinar matemática, de alfabetizar, de ensinar geografia com conteúdos subsequentes que informam sobre uma realidade. Trata-se de usar a matemática, razão pela qual, inclusive programas no MEB, de matemática, no Nordeste, foram proibidos pela polícia. Usar o ensino da língua portuguesa, usar geografia, história, como instrumento de conscientização, de abertura de um olhar crítico sobre a realidade. Isso começava com nós mesmos. Interessante, uma coisa curiosa, que nunca vi escrito, e era uma prática de muitos de nós. No cristianismo tradicional, principalmente católico, era muito recomendado que fizéssemos uma espécie de exame de consciência antes de dormir. Inclusive porque se morresse dormindo, pelos menos, se livrava de alguns pecados. Então, eu mesmo pratiquei isso e morria de sono; terminava no segundo ou terceiro pecado. Como eu, havia muitos. Ficava sempre com uma série deles para a noite seguinte. Nós começamos a transformar isso numa prática político-cristã. Já não era mais quantas vezes olhei o traseiro de mulheres em mau pensamento, quantas vezes eu me masturbei, que são aqueles pecados tradicionais. As questões eram: “estou sendo inconseqüente? Estou vivendo a minha experiência de militante cristão de uma forma conseqüente? Na última reunião, como é que foi a minha participação? Foi

coerente, não foi?”. Era uma revisão de vida muito interessante. Uma segunda situação é a situação em que esse pensar-me a mim mesmo como um sujeito reflexivo: como um estudante, como um militante, como um engajado em Cultura Popular, como um professor ou como um profissional, ganhou forma da equipe? Uma primeira reunião de JUC foi-nos anunciada a revisão de vida. Eu mal tinha acabado de entrar. A mesma coisa que o pessoal do PCBão chamava de “autocrítica”, nós chamávamos de “revisão de vida”. E era um momento muito duro. Em círculo, colegas, rapazes e moças, nós nos desnudávamos, no sentido cristão e clássico da palavra. Nós dizíamos: “olha, quero dizer aos companheiros que falhei nisso; vocês estavam esperando que eu terminasse esse artigo, mas não deu”. E se a gente não fizesse, alguém dizia: “Olha, Brandão, quero dizer para você, com todo o carinho cristão, que você falhou ontem, que você não fez, que você não correspondeu, esperava isso de você”. Uma prática completamente nova. Um trazer, inclusive, de coisas que vêm do universo cristão, carola, tradicional ou, então, da psicologia, das terapias de grupo, para um contexto político. E uma outra coisa também que vai se instaurar, que é interessante, vivida em equipe, que é a famosa análise da realidade. Meu Deus do Céu! Dificílimo! Nós fazíamos quantas reuniões houvesse. Se eram maiores, chamadas reuniões ampliadas, por exemplo, JUC do Rio de Janeiro ou alguém de nós, como convidado, vinha fazer a famosa análise da realidade. O que que era isso? A reunião se abria através, ou de uma reflexão conjunta ou de alguém fazendo para nós uma crítica da situação atual, de mundo, de América Latina e de Brasil. Era uma prática contínua na nossa vida. Tanto assim que era comum, quando o coordenador esquecia, era comum você dizer: “Ué, não vai ter análise da realidade?”. Muito interessante. Só para vocês terem uma idéia, muitos anos depois, não mais na JUC ou no MEB, mas no CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação, em que eu militei também por 25 anos. O nosso analista principal de realidade chamava-se Aloísio Mercadante. Então, nós esperávamos do Aloísio [Mercadante]. Só que aí mudou, mudou. Já não era mais o de uma realidade, era “análise de conjuntura”. Era uma análise mais econômica, inclusive, para mim, muito mais chata. Se bem que o Aloísio [Mercadante], sempre aquela simpatia. Cara fechada, pouco sorriso, mas fantástico. Não sei se vocês estão entendendo, mas isso me parece uma coisa de uma enorme riqueza. Como ela não aparece como documento, como uma coisa que, de repente, deságua num relatório, fica esquecida. Tem muito mais a face da existência do que da formalidade institucional, entretanto, na minha vida, foi muito mais formadora do que tudo que estudei em termos de metodologia de pesquisa. Tanto assim que quando saí da Psicologia Experimental, graças a Deus, para a Antropologia, que é uma ciência cheia de alma, de espírito, de criatividade, eu disse: “Bom,

encontrei minha gente". Engraçado que os antropólogos são muito confessantes. O Círculo de Cultura do Paulo Freire era isso aí! É um contexto em que as pessoas aprendem a ler e a escrever, aprendendo a fazer análise de realidade num contexto possível, na situação possível, refletindo a partir de palavras, a partir da vivência das pessoas. Princípio bastante antropológico. Contudo, é interessante que nunca vi uma tese que discutisse isso. Observar como não só no trabalho de equipe de MEB. O MEB era uma experiência de sucessivas equipes em todos os domínios e planos. Desde as aulas em escolas radiofônicas que eram dirigidas a equipes de pessoas que se reuniam para aprender sobre a orientação de um monitor, até as nossas próprias reuniões da equipe nacional de que eu fazia parte. Aliás, magistralmente coordenadas por Osmar Fávero e/ou Vera [Barreto], de quem ele falou aqui. O aprendizado no Círculo de Cultura tinha um pé na dinâmica de grupo. A gente se esquece muito disso: dinâmica de grupo. Talvez porque, uma coisa que veio dos Estados Unidos, parecia corruptora. No entanto, me lembro de Célio Garcia que chega da França e dos Estados Unidos, onde tinha acabado de aprender dinâmica de grupo e traz a dinâmica de grupo pro MEB (<https://celiogarciaoficial.com.br/>). Por exemplo, a gente trabalha, insistentemente, inclusive com aqueles tais métodos, que volta e meia a gente vê em livros também, como se fossem grandes novidades [...], recontando, inclusive, de uma maneira até muito mais pobre do que a do nosso tempo, o que fazíamos em 1962, inclusive com os camponeses. Era como início do trabalho nos encontros de comunidade no MEB de Goiás em que os próprios agricultores diziam: "Chega! Vocês estão falando muita complicação. Vão fazer uma coisa! Vamos fazer teatrinho! Vão fazer teatrinho. Você é o juiz, você vai ser o fazendeiro, você é o Padre, vocês aqui vão ser observadores". Eles inventaram, superaram o Moreno, com o psicodrama [refere-se a Jacob Levy Moreno], ali, no interior de Goiás, Itapuranga e Itapirapuã. Então, eles combinavam ali, em dez minutos, e improvisavam um teatrinho, representavam a situação que a gente estava teorizando. E nos diziam: "Bom, agora vocês podem continuar". Vimos coisas fantásticas, extremamente criativas naquele tempo. Um pé, repito, na dinâmica de grupo, outro pé numa coisa que, também, é pouco mencionada, talvez porque seja norte-americana, acho até que é uma grande injustiça com essa pessoa, que é o ensino centrado no aluno do Rogers; Carl Rogers. Acho que tem muito disso daí. Paulo Freire era um rogeriano assumido. Grande parte da Educação Dialógica, do ouvir o outro, de fazer com que o que todo mundo tem para trazer com a sua vivência, para a partir daí produzir alguma coisa em termos de um conhecimento, de realidade, é muito mais Rogers do que Lenin [Vladimir Ilyich Ulianov ou Lenin], Trotsky [Leon], Mao-Tsé Tung, que eram dirigentes terríveis, porque não aceitavam contestação. E

o outro, então, era a visão gramscianiana; aí, sim, deveria ser também relido e é também existencial. Interessante ver, em Paulo Freire, como é que ele vai misturar Martin Buber, Karl Jaspers, Mao [Mao-Tsé Tung], Lenin [Vladimir Ilyich Ulianov ou Lenin] e [Antonio] Gramsci, às vezes, num livro só e de uma maneira muito criativa. Então, vejam vocês, eu comecei no círculo do “eu”, depois no círculo do pequeno “nós”. A equipe, a equipe da JUC, a equipe de MEB, a revisão de vida, o estudo de realidade, depois a turma, a direção da turma. O Círculo de Cultura paulofreiriano ou, então, os nossos grupos de alfabetizando do MEB e de outras experiências; depois em nível de comunidade, em duas dimensões: primeiro numa dimensão, o Osmar [Fávero] também fez referência, hoje de manhã, de passagem, que é o trabalho direto da unidade. Em algumas experiências do MEB, sobretudo no Maranhão e lá em Goiás, nós saímos da pura e simples aula radiofônica, dirigida ao grupo, e começamos a fazer um trabalho com comunidade, diretamente em comunidade. No Maranhão, inclusive, não havia uma rádio, não dava pra trabalhar com sistema radiofônico de alfabetização. Lá havia umas cabanas de Cultura Popular. E lá em Goiás, foram os Encontros de Comunidade. Participei de mais de um. Eram encontros entre pessoas que iam da cidade, universitários ou estudantes, e pessoas da comunidade. Era muito interessante ver, por exemplo, grupos de mulheres, num tempo em que ninguém se dividia com as mulheres ainda, principalmente no mundo rural, reunidos ali, com a filhinha, com a Maria Alice, com a Aparecida [...] para discutir problemas das mulheres daquela comunidade. Grupos de meninos e meninas, grupos de lavradores; havia cinco, seis reuniões rolando, isso tudo misturado com pamonhadas, com Folia dos Santos Reis, com mutirões e assim por diante. Mas por que é que estou colocando isso? Porque, qualquer que fosse a situação, a tônica da relação era também um encontro entorno da crítica de realidade. Buscar uma compreensão da realidade que nós vivíamos e a partir da experiência profundamente vivenciada.

Prof. Osmar Fávero

E profundamente afetivo.

Prof. Carlos Rodrigues Brandão

E profundamente afetiva, deu até casamento! Só que eu comecei a namorar a Maria Alice numa noite de lua cheia, na Igreja de Santa Bárbara, lá em Goiás Velho. É mesmo! Agora deu até saudades! E aí sim, do ponto de vista mais formal, até passando por uma metodologia de trabalho, queria fazer menção a isso que vejo tão silenciado. O Osmar [Fávero] toca um pouco na tese; o Luiz Eduardo Wanderley menos. Teses de doutorado sobre o MEB,

entre mestrados e doutorados, vários trabalhos foram publicados. O que nós fizemos, então? Alguma coisa que algum dia deveria ser conhecida mais a fundo. Por volta dos anos 50, no pós-guerra, a ONU [Organização das Nações Unidas] cria um programa chamado DOC – Desenvolvimento e Organização de Comunidades, que, inclusive, nós no MEB, naquela virada de que o Osmar [Fávero] falava hoje de manhã, acabamos por criticar profundamente, o que, no fim das contas, era melhorar as condições da comunidade, do ponto de vista de saúde, insalubridade, alimentação e educação, mas deixando-a subordinada, de uma maneira integral, ao mesmo sistema expoliador e assim por diante⁴⁰. Ontem, ouvindo o Lula, quarenta anos depois, eu escutava, mais uma vez. Iaivos do que nós dizíamos e trabalhávamos nas comunidades nesse tempo. Mas nós tomamos da experiência difundida por todo mundo pela ONU o famoso diagnóstico sócio-econômico ou questionário de pesquisa de qualidade de vida. Era um “questionarão” que envolvia a constelação familiar, depois as condições de saúde, alimentação, habitação, comunicação, religião, educação e assim por diante; às vezes, até cada um desses itens em uma página. Aquilo era depois calculado, avalizado e depois se devolvia em termos de serviços possíveis que pudessem melhorar aqueles itens da qualidade de vida, inclusive numa junção entre esforços do governo e a própria participação da comunidade. A “Comunidade Solidária” é uma reinvenção pouco modernizada disso aí. Nós tentamos dar a isso aí um caráter mais conscientizador. Nas próprias perguntas e no tratamento dado a esse material, que nós chamávamos “estudo de área”, já havia a intenção de não apenas saber como estão aqui estas condições de vida, mas a quem vocês associam isso? O que tem provocado isso? Eu considero, inclusive, um dos embriões da própria experiência, do que vem a ser depois a pesquisa participante, na qual vou me envolver, inclusive, muitos anos depois já nos setenta, oitenta, não mais no contexto do MEB. Tinha sido, praticamente, destruído, mas de algumas Dioceses Católicas de Teologia da Libertação das Comunidades Eclesiais de Base, principalmente São Félix do Araguaia, onde estive, mais de uma vez, com o queridíssimo professor daqui, José de Souza Martins, que foi meu orientador e, principalmente, Goiás Velho. Ainda, mês e meio atrás, eu tava em Mossâmedes/Goiás, terra da minha esposa, do lado de cá da Serra Dourada, do lado de lá fica a cidade de Goiás, numa caminhada, lembrando, inclusive, os mártires assassinados na década de sessenta, setenta, oitenta e noventa e terminamos com uma celebração lá na Praça de Mossâmedes, uma cidadezinha, pequenininha até hoje, que inclusive tem um povoamento

40 Ver a respeito em: VIANA, Rachel de Almeida. Desenvolvimento e ciências sociais: as agências internacionais nas favelas na década de 1960. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 30, p. 1-22, 2023.

indígena. E estávamos acompanhados por um deles que fez agora, em 31 de dezembro, oitenta anos. Tive que penar para conseguir acompanhar o passo dele. Para vocês terem ideia de como é que ele anda, aliás, são dois que fazem oitenta anos, Jéther Pereira Ramalho e Dom Tomás Balduino. Às vezes, fico impressionado de ver como é que no mundo acadêmico, eu estou dizendo mundo acadêmico como meu mundo, afinal, nunca saí da Universidade, inclusive essa aqui, como disse a vocês, estou de volta à USP, lá na ESALQ, mas como é que a gente, às vezes.. Eu li uma palavra que o Celso [de Rui Beisiegel] falou, com outro sentido também: como é que a gente faz de certos, mitos, como o próprio Paulo Freire, e, no fazer isso, esquece as outras pessoas. Esquece os Barretos [Vera Barreto e José Carlos Barreto], esquece a Aurelice Cardoso e tantas outras pessoas. Acho que a maior traição que a gente pode fazer ao Paulo Freire é exatamente isso aí. Eu me lembro até que, pouco antes da morte dele, quando Moacir Gadotti e os companheiros foram procurá-lo, dizendo a ele que tinham pensado em fundar o Instituto Paulo Freire, ele respondeu assim: “Se for para me superar, ótimo! Se for para repetir o que estou falando, não precisa”. Nós.. até nós falamos tanto do coletivo solidário, na hora das teses, na hora do pensar as coisas, nós fazemos tão pessoalizado. Eu mesmo aqui, num desses livros que saiu, vou falar para vocês, também centro muito na própria pessoa de Paulo [Freire]; aqui num artigo sobre o professor reflexivo, de Paulo Freire, que é muito ele. Embora eu comece dizendo que Paulo [Freire] sempre disse que nunca foi o autor pessoal, dono de uma teoria, mas foi sempre uma pessoa sintonizada no que acontecia à sua volta, uma pessoa que tinha capacidade de por isso no papel. Eu não vou falar agora, porque me estenderia muito, sobre pesquisa participante, pesquisa-ação, que já são desabadores, posteriores à década de sessenta. Ficaria para um próximo encontro. Fala [José Carlos] Barreto, dá o exemplo.

Prof. José Carlos Barreto

Naquele tempo é que era bom, não? Estou chegando à conclusão de que os jovens de agora são tão moços quanto nós naquela época. O que sinto talvez de diferente é que há menos espaços preparados para recebê-los. Você sempre encontra uma juventude ávida de construir o mundo, o que lembra muito a gente daquela época de juventude. O que talvez falte são espaços adequados, não tinha a Ação Católica?; não tinham os movimentos universitários? Acho que isso é uma carência. O que é uma falha nossa, porque agora temos um papel institucional muito maior, uma força institucional que não tínhamos naquela época. Só que nós não estamos criando espaços para eles. Os partidos políticos representam um espaço. Como se sabe, chegam só um pouquinho perto. O que está faltando, a meu ver, são espaços para se

pensar nisso. Têm poucos. Existem, mas não têm na quantidade necessária. Não sei se você concorda comigo.

Prof. Carlos Rodrigues Brandão

Eu não só concordo, como é até interessante ler, porque tem tudo a ver com uma pergunta e, ao mesmo tempo, um desabafo. Se alguma pessoa estiver presente e quiser complementar seria uma alegria. Era até para antecipar os dois. É interessante analisarmos que, além desse fator de engajamento, que existia de verdade, mas como engajar, mobilizar as pessoas atualmente, sendo que elas vivem num total conformismo da realidade, aceitação de tudo, normalidade? Acho que o [José Carlos] Barreto respondeu em parte, quem sabe até começando a trabalhar essa ideia a gente poderia refletir essa questão! Concordo com o [José Carlos] Barreto e, por outro lado, colocaria outras questões. Cada época vale por si. Inclusive isso é muito verdadeiro. Para todo lado se diz: “Nós que vivemos a década que não acabou, não só no Brasil, mas no mundo”. Inclusive essa expressão: “Anos sessenta, a década que não acabou”, ou seja, as décadas seguintes são caldatárias de problemas, questões, revoluções, conflitos levantados em sessenta. Isso contém uma grande mentira e uma grande verdade. O fato é que foi uma década terrível, iluminada, uma década de uma criatividade fantástica. Nunca mais vou esquecer: uma vez eu estava numa mesa de bar em Curitiba, com um amigo, Paulo, ligado à pesquisa participante, 30 anos mais moço do que eu, e eu e outra pessoa da minha geração falando da década de 60 e, inclusive, pegando tudo o que tinha de bom e jogando mel nela. Ah, pois é, olha Milton Nascimento, Chico Buarque, Caetano Veloso, tudo vem daí. Como, de fato, vem daí. São todos caras que estão por essa idade, batendo nos sessenta e realmente e vêm, direta ou indiretamente, daí. Eu lembro que o Paulo deu um soco na mesa e falou: “Pois é, vocês foram tão bons que não deixaram nada para a gente!” É verdade e não é! Cada década, cada ano, cada momento, tem as suas pessoas, tem os seus criadores de ideia e tem os seus momentos. Quando nós temos essa visão dos anos sessenta, de repente, pode parecer que todo mundo estava mobilizado e que se vivia o momento de contestação e criatividade fantástico. É preciso relativizar isso aí. Por exemplo, eu, ao mesmo tempo em que vivia isso, era estudante de Psicologia de uma Universidade particular, um dos poucos cursos no Brasil, de Psicologia naquele tempo, e nós éramos 48 estudantes, quatro homens e 44 mulheres. Os militantes engajados eram cinco. Era a equipe de JUC. Só isso. Às vezes, em cursos de Pedagogia, tinha três pessoas mobilizadas, numa série e quatro na outra. Não pense que a Universidade estava mobilizada. Nós fazíamos muito barulho. Nós fazíamos acontecer e rolar. Realmente! Mas realmente eram em frações ínfimas. Nesse sentido, acho

que não havia uma grande diferença entre o agora e o então. Talvez houvesse mais polêmica estudantil. Por exemplo, as eleições dos Diretórios na PUC do Rio eram um momento de uma mobilização fantástica, porque eram dois, três núcleos de centro-esquerda e direita disputando voto a voto. A eleição presidencial era fichinha perto das estudantis. Mas não imaginem o momento de pessoas, todas elas despertas, engajadas, comprometidas e o momento agora de absoluta apatia. Eu acho que tanto lá quanto aqui nós vivemos a mesma coisa e coisas que são próprias de cada tempo. Diria e concordo com o [José Carlos] Barreto que, embora esse não seja um tempo tão heróico, tão simbólico e tão bonito, tão cheio de música e criatividade, ele talvez seja um momento mais mobilizado e mais organizado do que nós imaginamos. Uma das cenas, que para mim, mais me dizem isso aí, foi no começo desse ano em janeiro. Eu sempre volto a essa metáfora: quando quinze pessoas, vinte pessoas estavam reunidas em algumas cidades dos Estados Unidos hiper-protegidas por um aparato militar e por um muro de concreto. E eles senhores do G8, do grupo que define os destinos do mundo, sessenta mil pessoas estavam nas ruas de Porto Alegre bradando que um outro mundo é possível. Não sei se vocês se lembram, que o próprio Jornal Nacional teve que mostrar, num certo momento, o porta-voz do grupo do G8 dizendo: “- É, eu acho que chegou o momento de nós começarmos a ouvir Porto Alegre”. Nós vivemos no mundo, num momento extremamente mobilizado. Acho que, talvez, a polissemia dos envolvimento, a pluralidade, a multiplicidade dos grupos; talvez o fato de nós não termos uma frente única tão coesa. Também nós éramos muito poucos. Eu sou do tempo em que um Psicólogo conhecia todos os outros e que nós conseguíamos ler todos os livros de Educação que eram publicados. Há algum tempo eu conseguia ler as orelhas. Aliás, há muito tempo. A Anped [Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação] lança, em geral, 80 a cada ano; só ali naquela reunião. Os tempos mudaram, as coisas parecem mais dispersas, as pessoas parecem menos envolvidas, mas acho que não. O lado sério das eleições parlamentares, presidenciais e governamentais de agora dizem um pouco dessa verdade. Eu não acredito em “onda vermelha”. Eu acho que há muita consequência por debaixo disso. Eu acho que nunca mulheres, homossexuais, negros, índios, crianças e educadores foram tão mobilizados. Eu até diria, talvez, que a grande beleza do mundo de agora é que nós não precisamos mais de um Paulo Freire. Paulo Freire somos cada um de nós. Alguém poderia salientar: “Não temos mais, morreram nossos ídolos, já se foram Anísio Teixeira, Paulo Freire e Florestan Fernandes, somos órfãos.” Não, somos agora autônomos. Talvez nem apareça mais nenhum.

Profa. Angela R. M. B. Tamberlini

Bom, eu só queria sugerir, [por]que nós temos um café com umas ‘bolachinhas’ ali fora, se a gente faz um intervalo para tomar um ‘cafezinho’ e volta para continuar?

Prof. Carlos Rodrigues Brandão

A gente faz assim: trata-se de um desempate. Enquanto tiver mais gente na platéia do que no *hall*, a gente continua. Oh, gente, propaganda! Saiu um livro meu, apesar de ter prometido a todo mundo, a Vanilda [Pereira Paiva], que nunca mais eu escreveria. “Educação Popular”, só que eu trouxe alguns poucos exemplares. Estou deixando um para esse grupo, um com o Osmar Fávero, um aqui com o Celso [de Rui Beisiegel] e um com os Barreto [Vera Barreto e José Carlos Barreto]. Agora, saiu o “A Educação como cultura”, que tem um longo capítulo que é “A Cultura dos Movimentos de Educação Popular”.

Prof. José Carlos Barreto

Eu acho que se colocarmos mais informações ainda, não haverá tempo para questões. É uma sugestão.

Profa.. Sonia Maria P. Kruppa

Talvez, [José Carlos] Barreto, fosse assim: se é um diálogo, temos que abrir, pelo menos, para algumas questões.

Prof. José Carlos Barreto

Não, tudo bem!

Profa. Sonia Maria P. Kruppa

Seria tão bom se vocês pudessem ser profetas um pouquinho para nos dizer como essa experiência, qual é a possibilidade dessa experiência na conversa com o hoje. Uma das coisas que vocês levantaram e que fiquei com muita vontade de perguntar para o Brandão: Quantos anos você levou na formação acadêmica? Porque aqui, hoje, é tudo assim, tem que fazer os créditos e, em um ano, tem que estar tudo pronto. A vivência universitária também tinha um outro tempo. E hoje a gente está numa universidade que é a universidade da

produtividade. E aí os espaços se juntam a essa vida. Pergunta pra eles se eles têm tempo para vida acadêmica. E aí como é que faz com a vida política, com a vida? Como é que faz? Eu não sei.

Prof. Carlos Rodrigues Brandão

Eu estava comentando como é que esse mundo neoliberal é perverso, do ponto de vista de mudar o sentido da tirania da ditadura de um polo para o outro. Nos anos sessenta, nós vivemos uma experiência dolorosíssima de controle, de policiamento. Eu, por exemplo, fugi de Goiás, fui para o Rio de Janeiro. Tive colegas meus.. Meu Deus! Quantos e quantos mortos, torturados, expulsos, exilados, entretanto, por outro lado, era muito contraditório. Cheguei em Brasília, em 1967, vindo do México, tinha um Curriculum Vitae de página e meia. Um dia, botei meu “terninho” de casamento, não conhecia ninguém na UNB. Conversei com a Diretora da Faculdade, quinze dias depois era professor de lá. Eu trabalhava em Goiânia e tinha três empregos universitários e outras pessoas iam na minha casa me pedir para assumir trabalhos. É muito impressionante! Eu nunca tive amigo meu que chegasse em Brasília, a não ser alguém que tivesse a ficha pesada, como o Osmar [Fávero] estava contando, que 15 dias depois não estivesse empregado. Ou seja, havia uma ditadura político-militar e havia, por outro lado, uma espécie de paraíso de emprego e de trabalho. Ninguém que se formasse deixava, em qualquer lugar onde estivesse ou para onde fosse, não conseguia pouco depois um trabalho, um emprego público ou fora dele. Hoje em dia nós vivemos a situação completamente oposta, uma aparente liberdade político-militar, um exercício de cidadania invejável, mas, por outro lado, um país de joelhos, pedinte, implorante de capitais. Lula [então candidato à presidente do Brasil pelo PT], ontem, falava coisas inteligentes sobre isso. E vocês próprios! Outro dia eu lia um destes absurdos e realmente agora é nisso que a gente tem que pensar, em grande medida. Em algumas áreas do conhecimento, de 85 a 98% das pessoas que fazem pós-graduação, inclusive nesta casa, estão destinadas às Universidades privadas. Se forem só Universidades privadas, com características mais comunitárias, tudo bem! Mas, em muitos casos, vocês recebem uma formação, não só de muito bom nível, mas com o empenho de professores como o Celso [de Rui Beisiegel] ou como o Osmar Fávero, para depois irem bater na porta do Di Gênio (dono do Colégio e Cursinho Objetivo) perguntar se ele tem uma “vaguinha” para vocês. É outra tirania, terrível! Como lidar com esse mundo?

A nossa trajetória não é acadêmica. E vai render a vez ao “Dateninha”. Tem as suas vantagens e desvantagens. Mas, como militante de congregação, eu sou visceralmente um homem de esperança. Consigo ser esperançoso, apesar desses sinais de trovoada que se tema por aí. Por exemplo, é muito esperançoso saber que, pela primeira vez na História da América, vai ser eleito, democraticamente, um Presidente que já passou fome. Isso é simbólico! Isso é prenúncio de que as coisas estão mudando. Isso era inadmissível naquela época de ouro, onde a gente, aqui, em 63, fez das tripas coração para tentar eleger um vereador que fosse morador de favela! E perdeu! Nós sabemos muito bem que a História é produto da ação humana. Não basta um presidente que já passou fome! É preciso uma soma de trabalhos, é preciso uma ação humana. Mas, de qualquer forma, ele não sabe ainda. Há mudanças à vista. Menos racionais, mas muito significativas. Meu contato com jovens tem mostrado que há uma aspiração de inserção. Quando nós, naquela época extraordinária, nós dizíamos assim: Campinas tem 15 pessoas que a gente pode contar, numa visão de educação transformadora. Devia ter 40, mas a gente dizia 15. Em São José do Rio Preto, tem lá com o Frank, 12 pessoas envolvidas. Devia ter 30. Hoje você vai ao interior do Amapá e fala em Educação Transformadora e enche a sala. E não é de curiosidade só, não. É de interesse! O Brasil todo percebe e sente mais que eu. Ou seja, há espaços para trabalhar. E há um estilo para se participar. Uma é essa questão, de você procurar emprego. Mas, a revolução de 64 foi feita pra privilegiar uma determinada classe. A classe que queria emprego. População mais pobre continua muito pobre. E está sempre por baixo. É muito estranho que, de uns anos para cá, há mais democracia no processo. A classe média, que está mesmo almofadada, já não dá mais. Tem que esmolar emprego. Tem que saber construir o emprego. Ou seja, se é verdade que a situação não é fácil; também é verdade que nós progredimos e vai ter que decifrar esse estilo da nossa época. Então, sou muito otimista. Posso estar enganado, mas sou muito otimista. E há muito espaço a conquistar. Agora, nunca tem tudo aqui. Há muito jovem pegando bastão. Eu diria que aonde a gente vai, nós somos exceção. Aqueles velhos. Há muitos jovens. Ou seja, já há pessoas preparadas pegando a bandeira. Isso é muito estimulante! Então, acho que foi ótima aquela época, nós inauguramos um estilo. Nós tivemos a felicidade de passar daquela ditadura de [Getúlio] Vargas e a volta da democracia, fez um espaço de 10, 15 anos. Também agora, num espaço de 10, 15 anos de reconstrução democrática. Eis o principal problema que a ditadura nos causa é esse esmagar das novas gerações. Leva anos para recompor. Sinto que está recomposto. Retomamos. Então, realmente vamos interpretar o que a gente ouviu aqui como um alento forte. Não somos os

primeiros e nem seremos os últimos. Vamos continuar. Tudo que há, aqui, construindo a nossa História. Então, estamos vivendo um momento ótimo. Não sei se vocês concordam.

Prof. Osmar Fávero

Eu queria fazer uma complementação na fala do Carlos [Rodrigues Brandão]. Acho que o Carlos [Rodrigues Brandão] marcou bem algumas coisas que a gente viveu e, a meu ver, ele não desistiu, toca de passagem uma coisa que foi muito importante: toda a nossa geração que fez Educação de Adultos nos anos sessenta, pouca gente fez Pedagogia, pouca gente estava na Universidade. Vimos que, em todas as áreas, enfrentamos o problema e demos conta disso. É a maior virtude, não pessoal, dos grupos e dos movimentos. Dessa maneira, fomos extremamente criativos. Rejeitamos as coisas. Achávamos que não servia mais e partia para criar coisas novas. Claro que a grande expressão é a própria proposta pedagógica do Paulo Freire. É a grande síntese que ficou até hoje. Mas, por exemplo, em termos de material didático, nós fomos muito mais longe do que nós estamos conseguindo ir agora. Fomos efetivamente criativos. Pagamos caro por isso. Todo esse material que fizemos foi considerado subversivo, todos nós fomos perseguidos. Não trazíamos uma competência para discutir pedagogia, no entanto, fizemos essa competência, criticando o que não concordávamos e criando, a partir do que se exigia, para a prática de Educação de Jovens e Adultos. Não tive tempo de mostrar para vocês, eu me perdi um pouco de manhã, estava com um pouco de cansaço. Mas o MEB conseguiu, num certo momento, por necessidade, fazer um texto que foi o texto de pós-alfabetização. Não gostávamos das cartilhas, de uma porção de coisas; sumiam umas poucas críticas do Paulo Freire, porém, que já estava alfabetizando com essas cartilhas, dava a volta por cima e alfabetizava. Não tínhamos um livro de pós-alfabetização. Era uma das grandes insistências da própria Unesco e era, primeiro, uma necessidade que sentíamos. O pessoal terminava aquele ciclo da alfabetização e queria mais coisas. Nós criamos um livro, chamado “Viver é Lutar”, um livro de leitura que foi um sucesso⁴¹. Se vocês me perguntarem se foi avaliado pedagogicamente, não deu tempo disso não. Não deu tempo porque ele saiu à luz em fevereiro de 64 e 15 dias depois ele estava simplesmente empacotado. Foi usado, foi bastante usado. Essas coisas meio contraditórias no Brasil: ele foi usado durante algum tempo nas aulas radiofônicas, onde foi possível usar, fomos até final de maio, junho, alguns escreveram: “Acabou o livro, como é que fazemos? Qual outro vamos usar? E

41 CARTILHA “Viver é Lutar”: 2º livro de leitura para adultos. Rio de Janeiro, outubro de 1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

passamos a usar muito tempo como material de treinamento. Líamos com os camponeses, sindicato rural, discutíamos e a avaliação melhor que tínhamos era o pessoal dizer: “Essa história não me ajuda”. Eu me lembro que, na véspera do Golpe, [...] estava aqui em São Paulo, meu irmão era da FAB e, articulado com as coisas de política, ele criticou a tal da cartilha como saira, até porque eu tinha coordenado aquilo tudo.

Prof. Carlos Rodrigues Brandão

E você esqueceu de contar uma história importante. Talvez tenha sido uma das únicas vezes no mundo em que uma cartilha foi presa.

Prof. Osmar Fávero

É, foi presa!

Prof. Carlos Rodrigues Brandão

Literalmente!

Prof. Osmar Fávero

Bom, vou acabar a primeira parte da história. Saímos como dois bons irmãos, saímos no braço. Brigamos. Mostrei a cartilha para ele e não quis ler. A minha mãe pegou a cartilha e eu, como lia todos os livros e historinhas que ela comprava, leu a cartilha e, então, disse: “Espera aí, isso aqui é a história da vida de qualquer operário!” Na cabeça dela não tinha vida de camponês. A vida de qualquer operário! Está escrito aí! Eu não sei o que você está achando. E está achando que isso aqui é comunista! Essa cartilha teve tradução em muitas línguas. Foi publicada em todos os jornais, em muitos jornais e revistas do Rio [de Janeiro]. Está aqui a cartilha proibida, cartilha que chamaram comunista e tal. Teve imediatamente uma tradução para o castelhano, uma tradução para o francês, pro grupo de Sociologia da França. Teve uma belíssima edição pra operários italianos no texto. Belíssima! Da Diocese de Milão. E teve uma radiofonização muito bem feita pro sul da Alemanha por um professor de Filosofia que veio para o Brasil e tinha discutido a cartilha. Como leitor, fui perguntar pra ele o que achou. Eu muito sem jeito, um professor estrangeiro, alemão, falando francês conosco, perguntei em mau francês o que ele achado da cartilha. Ele olhou para mim de baixo em cima e disse assim: “Merveieuse”! Maravilhosa! E aí se propôs a fazer essa radiofonização. Então, só para fechar. Fomos extremamente engajados e extremamente criativos. Acho que isso a juventude hoje tem toda a capacidade de fazer, sem dúvida nenhuma. Fomos

criando os espaços. Claro, naquele momento, de início dos anos sessenta, houve facilidade para isso. Acredito que agora o Brasil, no começo dos anos 2000, vai ter facilidade para isso também. Espero, pelo menos. Estou disposto a ajudar a criar.

Prof. Carlos Rodrigues Brandão

Só para não ficar no ar essa história que o Osmar [Fávero] nos contou. Em fevereiro de 64, há menos de um mês do Golpe Militar, a polícia do Rio de Janeiro, a mando do Governador, invade a gráfica, onde estava sendo feita uma nova edição e prende a cartilha e leva para uma Delegacia. Ela é um conjunto didático que a acompanhava. Isso deu manchetes na Europa, inclusive, eu me lembro que no Brasil uma das manchetes, se não me engano do Globo, foi: “Polícia de Lacerda prende a cartilha dos Bispos”.

Prof. Carlos Rodrigues Brandão

Só um dado interessante, enquanto o Osmar [Fávero] mostra a cartilha para vocês verem o cuidado, realmente o desvelo, com que, naquele tempo, nós trabalhávamos, tanto na equipe de Paulo Freire quanto na nossa ou nas outras. Essa cartilha levou mais de um ano para ser feita. Ela sai acompanhada por uma fundamentação filosófica, lição por lição. Uma justificação sociológica e uma reflexão teológica. Então, para trabalhar com lavradores, o MEB trabalhava na zona rural do Brasil subdesenvolvido, toda uma equipe envolvendo, inclusive, filósofos, antropólogos, sociólogos, pedagogos, teólogos, preparou não só a cartilha, mas esse conjunto. Tanto que a gente chamava “Conjunto Viver é Lutar”. Aliás, é interessante, o MEB foi uma das primeiras instituições não universitárias de Educação Popular, que tinha filósofo em seu quadro como filósofo, não era como educador, não, para pensarem filosoficamente. [...] Mostra o livrinho, Osmar [Fávero]: “Viver é Lutar!” Aí, pronto, olha a cartilha!

Prof. Osmar Fávero

Era a proposta com um esquema diferente. Não sabíamos o que aconteceu. Fizemos um texto que partisse da realidade do grupo com o qual estávamos trabalhando que fossem histórias de vida deles. Era um texto de leitura que trabalharia, depois a fixação de parte gramatical, parte da língua portuguesa, o que é uma carta, depois um telegrama, essas coisas. Fizemos um texto bastante ritmado como se fosse uma poesia. Criamos um personagem, fomos desenvolvendo a história de vida dele, em termos de filosofia e coisas assim. Um pouco como o Carlos [Rodrigues Brandão] falou. Na verdade, não tivemos uma intuição de fazer um texto bem feito. Era mais do que isso. Mais tarde,

uma das pessoas do grupo, ficou encarregada de colocar fotografias nessas coisas. Foi um processo de criação de texto; não partiu para fazer assim, não. As fotografias dos homens foram diferentes. Então, havia vários Pedros. Não era um personagem chamado Pedro, era um homem que chamava Pedro, o outro chamava João, que tinha um compadre que chamava outra coisa. Fomos construindo essa história devagarinho. Tanto que a polícia achou que as fotografias tinham sido compradas, da Manchete, do Cruzeiro, de algumas agências internacionais. Se fosse hoje, não compraríamos, seriam cobrados R\$ 400,00 por foto. Eram fotos comerciais. A polícia considerou as fotos muito mais subversivas do que o texto. Claro que, quando falávamos em treinamento, para eles, era treinamento de guerrilha, sem dúvida nenhuma. Fez treinamento, voltou mais consciente; coisas desse gênero. A parte gramatical, que foi já pra pós-alfabetização, simplesmente levava a isso que eu já disse. Era focar um pouco na linguagem culta, regras de acento, de pontuação, terminando em como escrever um bilhete, escrever uma carta, como responder, como fazer uma convocação para reunião etc. O texto é bonito, o texto é poético e é bonito. Bom, eu vou ler. A primeira lição diz: "Eu vivo e luto. Pedro vive e luta. O povo vive e luta. Eu, Pedro e o povo vivemos. Eu, Pedro e o povo lutamos. Lutamos para viver. Viver é lutar". Aí saiu essa cartilha em primeiro lugar, porque tinha saído dessa lição. Normalmente, embaixo da página, destacávamos uma das frases. Era normalmente negativa ou afirmativa, mas a maior parte delas era questionadora. Isso deu problemas com os Bispos que achavam que esse material didático não devia perguntar tanto. Mas a gente lia o Paulo Freire e, então, pronto! A lição que eu mais gosto: a segunda lição para vocês verem. "Eu vivo com a família. Agora já não é mais Pedro. Você já identifica Eu, Tu, Vós.. Eu vivo com a família. Pedro também vive com a família dele. Todos vivem com a família. Onde moramos vivem muitas famílias. Eu, Pedro e todas as famílias formamos, somos o povo. O povo de um lugar forma uma comunidade. O povo de um lugar forma uma comunidade? A família vive com a comunidade?". A lição que eu mais gosto. Havia a lição do agricultor, a mulher trabalhadora; essa fez sucesso. Essa escrevemos em 63. Foi proibido em 64. Foi uma lição sobre um menino. Eu lembro de uma fotografia de um menino, roupa de trabalho e escrevemos: "Esse menino é o Zé. Zé é menino que já trabalha. Trabalha porque precisa. É menino e não estuda. Não tem escola para o Zé. Todo menino precisa estudar. O povo todo precisa de escola. Por que que não tem escola para o Zé? Por que que não tem escola para todos?". Essa era a motivação que você fazia na aula e discutia ou fazia reunião de grupo e discutia. A cartilha toda é assim. Ela vai numa crescente. Fiz um texto há pouco tempo. Não gosto muito dos meus textos, não! Eu invejo o Carlos [Rodrigues Brandão], invejo o Jamil Coelho, mas consegui fazer um

texto em que contei, não só a história da produção da cartilha, mas consegui recuperar um pouco o ciclo didático que ela teria. Na verdade, era bem uma identificação do homem, da família, da mulher trabalhadora, do menino que também trabalha e não estuda e depois ela vem com o segundo ciclo que é o ciclo da tomada de consciência da reunião, da questão de treinamento, da discussão em grupo, a crítica à eleição etc. No final, é o ciclo da ação, da politização. O engajamento no Sindicato, a consulta deliberativa, o trabalho concreto e [...]. Vou contar uma historinha engraçada: fomos fazer essa cartilha com cinco professores locutores. Todos locutores eram excelentes professoras e eram adoradas pela comunidade. Nem todas eram conhecidas, porém, eram um pouco assim, idolatradas. Quando encontravam todas elas eram, impressionantemente, adoradas. E eram as melhores professoras-locutoras que a gente já tinha, muito práticas como professoras e muito já conscientizadas. Já com uma perspectiva política bastante evidente. Fomos para a praia de Aracaju, onde estava lotado o presidente do MEB, ficamos lá uma semana fechados, eu e minha mulher, recém-casados, e essas cinco professoras trabalhando. O trabalho era com a Zira [...], não lembro de todas, não. Era a Zira, a Socorro, a Maria José, a Zélia. Em um dos últimos dias, o rascunho já estava quase pronto, Dom Paiva, que era o Presidente do MEB, ouviu falar e foi para conhecer a cartilha. Isto me deu um frio na barriga. Então, pensei: “Peraí, por que que o Bispo tem que olhar a cartilha? A troco do que ele vai querer dar um laço para a cartilha? Que coisa é essa?” Mas também eu não podia negar! Não podia negar, porque ele era o hospedeiro e era o Presidente do MEB e não era nosso amigo. Bom, aí, meio relutante, dei a cartilha para ele ler, com muito medo. Muito medo, não no conteúdo em si. Medo da reação dele. Fechou as páginas que tínhamos, era manuscrito mesmo. Virou e falou assim: “Não aprovo! Não aprovo!” Claro que deu aquele gelo no grupo todo. “Não aprovo! Não aprova por quê? Vocês vão fazer uma cartilha para o nordeste e não tem nenhuma lição sobre Reforma Agrária? Como é que eu posso aprovar isso?”. Aí soltou, fizemos uma revisão e colocamos duas lições ótimas sobre a Reforma Agrária, é claro. Então, engrossamos o caldo. Realmente a cartilha ficou no estilo que queríamos e que, provavelmente, precisava. Claro que houve algum problema com os Bispos e houve um problema político depois, sem dúvida nenhuma, pois era a cartilha dos Bispos [...]. Acho que posso dizer com todas as letras: foi o melhor material didático produzido no começo dos anos sessenta. Certamente o melhor material didático. Nós não fizemos até hoje nenhum material melhor do que esse. De jeito nenhum. Fica aí o desafio para que vocês o façam. Gosto muito do material que o [José Carlos] Barreto e Vera [Barreto] fizeram, contudo, acho que é mais limitado

que o peso político que conseguimos dar naquele momento. Isso não anula o trabalho de ninguém, não!

Prof. Carlos Rodrigues Brandão

Inclusive, para não cometer injustiças, estava lembrando que o livro de Vera [Barreto] e [José Carlos] Barreto sobre Paulo Freire para educadores é, talvez, a mais clara e inteligente exposição do próprio processo de trabalho que era diferente do método. Mas aí a própria Vera [Barreto] poderia comentar.

Profa. Vera Barreto

Eu queria um pouco aproveitar a deixa do Osmar [Fávero], quando fala da questão do material didático. Acho que essa é uma questão extremamente importante nos anos sessenta, inegavelmente, e continua ainda. Por outro lado, é alguma coisa bastante interessante, quando tratamos da questão da alfabetização dos trabalhos de Paulo Freire no final dos anos cinquenta, início dos anos sessenta. Eles vão se dar num momento em que, praticamente no Brasil daquela época, ser capaz de escrever um pequeno bilhete daria condições de você considerar a pessoa como alfabetizada. A sociedade de hoje, principalmente os grandes centros urbanos, exige a presença de um leitor/escritor bem mais capaz de ir além de um simples bilhete, mas, ao mesmo tempo, nesse período, vamos dizer, dos anos setenta e cinco em diante, também foi um período em que saber ler e escrever era importante. A escrita ganhou o prestígio que talvez ela nunca tenha tido. Embora tenha se falado muito também nos anos sessenta, que o advento da televisão colocaria a escrita num segundo plano e que a comunicação visual ou auditiva ocuparia o espaço que era da escrita, o que não se conseguia prever naquela época, que apareceria também a informática. E com a informática, a escrita, mais do nunca, ganhou um lugar extremamente preponderante. E na medida em que a escrita é importante, surgem também muitos pesquisadores interessados nessa área. E uma das coisas que também vai acontecer, que é bastante intrigante, eu diria desafiador para os pesquisadores, é por quais razões que, no momento em que a escola pública se torna mais democrática, pois ela vai se tornar presente em áreas, espaços e atendendo crianças que antes não eram atendidas, os sucessos nas classes de alfabetização, também se restringem de uma maneira bastante significativa, nas áreas mais pobres. Justamente quando o número de jovens e adultos que, mais do que nunca procuravam escolas, uma vez que o processo de urbanização ia tornando cada vez mais clara a necessidade de ler e escrever. Outro fator que vai levar muita gente a se engajar numa pesquisa para uma resposta a essa questão:

“Por que essas crianças, filhas de analfabetos, crianças de áreas mais pobres têm tantas dificuldades no momento em que entram na escola?” As pesquisas ocorridas nessa época foram também muito ricas em desvelar como se dá o processo da alfabetização. E essas descobertas, elas caminham e os resultados delas, eu diria, são extremamente importantes se cruzadas com o pensamento do Paulo [Freire] nos grupos e nos Círculos de Cultura. A meu ver é fundamental que haja a busca de um processo educativo onde o pensar tenha mais importância. Era necessário que o aluno, a partir dali, pensasse, chegasse a conclusões e usasse esse seu pensar depois de compor as palavras e no ler. As pesquisas que se deram na área da alfabetização desse processo reforçaram, de uma maneira bastante grande, o quanto essa reflexão era, de fato, fundamental no processo de aprender. De aprender a ler e a escrever. Poderíamos até dizer que hoje, eu diria, assim, você tem mais apoio científico, em nível do conhecimento da alfabetização, do que dispunha o Paulo [Freire] nos anos sessenta. Poderíamos dizer, talvez, que se fosse hoje seria mais fácil defender as ideias que o Paulo [Freire] defendeu naquele período. Isso abre uma possibilidade bastante interessante, que é de você começar a trabalhar com o que tem escrito na sociedade em que você vive. Então, vamos dizer que se fôssemos pegar o que leu o Osmar [Fávero], que na época era fantástico, eu me lembro o quanto vibramos com esses textos. Imaginar possibilidades de trabalhar com os alunos, como, por exemplo, ter uma série de cuidados com a escolha das palavras que vão colocar quando escrevem, criando, às vezes, um texto onde a repetição aparece, porque ela é importante. Então, teoricamente, hoje, há uma liberdade maior em se produzir textos para a alfabetização. Mas, na prática, isso vem acontecendo muito pouco. Muito, muito pouco. Só um exemplinho, junto com o MEB, há uns dez anos atrás, nós produzimos uns três folhetinhos. Eram pequenos livros. Um era de poesias, o outro de fábulas e o outro de histórias. Histórias populares. Quando esse material saiu, o MEB difundiu em todo o lugar que tinha algum trabalho, nós também difundimos bastante. E esse material levou um ano para chegar às salas de jovens e adultos. Durante esse um ano, o tanto que o MEB e nós recebemos aqui de cartas de educadores de 5ª série [6º ano do ensino fundamental], 7ª série [8º ano do ensino fundamental]; de crianças de 1ª série [2º ano do ensino fundamental], de 3ª série [4º ano do ensino fundamental] etc., querendo os livros. Pareciam que eram universais, menos para a Educação de Jovens e Adultos, que era exatamente o público-alvo. Mas, depois desse um ano, eles chegaram lá. Demorou, porém, chegaram. Eu diria que nesses dez anos tão pouca coisa saiu relacionado a material de alfabetização que outro dia constatei, fazendo um levantamento, ainda que possa haver algo que me fugiu, nós já publicamos mais de 100 mil exemplares desses fascículos, fora o alternativo. Isso só mostra

a carência. Acho que muitas outras coisas faltam, embora a liberdade seja grande, no que há, há pouca coisa sendo feita.

Prof. Carlos Rodrigues Brandão

Eu quero me manifestar. Parece que está na hora de acabar. Tem gente que tem que fazer trabalho político, que é um trabalho também pedagógico. Tem gente também que tem que pegar o ônibus e eu tenho que tomar um chopp. Então, eu vou ler um texto aqui. Há muito tempo atrás, eu fiz um levantamento, porque queria encontrar, nas poesias da Cecília Meirelles, algum poema, acho que das mais de 500 poesias, em que ela falasse sobre a escola, sobre o mundo da escola. Afinal, ela foi normalista, lá no Rio de Janeiro, daquelas que a gente adorava namorar, de sainha azul.. Tem até um samba sobre elas e foi professora de Rede Pública de Educação; só ao fim da vida foi professora na PUC, na Universidade, na área de Letras. E, na pesquisa que fiz, inclusive, fui lendo as obras completas. O único poema que eu encontrei era um poeminha da série “Poemas escritos na Índia”, de quando ela viajou para lá e, mesmo assim, era um poema em que ela fala do momento em que as crianças irrompem e saem escola portas afora no final do dia de aula. Para mim, sempre foi uma das manifestações do paraíso. Quando fecho os olhos e imagino o momento de paraíso é esse. Quando a gente transpõe aquelas portas e sai para o mundo. A começar pelas barracas, pelas carrocinhas de “Kibon”, de sanduíches e de pipocas, que abundavam lá na frente da escola. E só encontrei esse, é um pedacinho. Outro dia, estou lendo um livro sobre educação popular, de uma pessoa do nordeste, Elisa Pereira Gonçalves, um livro que acabou de sair, fininho até, e de repente eu encontrei um poema da Cecília Meirelles chamada “Aluna”; que eu tinha passado, eu folhee, li, acho que fiz uma boa pesquisa e ela diz assim. Não quero dizer que seja o fechamento, não, mas da minha parte vai ser. Ela diz assim:

*Conserva-te o meu sorriso
para quando me encontrares
veres que ainda tem uns ares
de aluna do paraíso*

*Era sempre a minha imagem,
submissa rebeldia
dos que estudam todo dia
sem chegar à aprendizagem
E de salas interiores*

*por altíssimas janelas
descobrem coisas mais belas
rindo-se dos professores*

*Gastarei meu tempo inteiro
nessa brincadeira triste
mas na escola não existe
mais que pena e tinteiro*

*E todo amor à docência
para ambientar no ofício
ou morre-se em exercício
ou se perde na experiência.
É de Cecília Meireles.*

Profa. Angela R. M. B. Tamberlini

Alguém quer fazer mais alguma pergunta ou algum comentário?

Interlocutora

Eu queria fazer uma pergunta para o professor Brandão. Nós ouvimos, na fala do professor, que na década de sessenta havia a JUC e também a JOC. Todos movimentos ligados à Igreja. Há um cuidado com a parte espiritual e com a parte social também. E hoje, vemos um pouco o inverso o papel da igreja, pois parece que ela está mais preocupada com a questão individual, não tanto com a questão social. Não pode generalizar. Acho que tem bastante trabalho nessa parte social também, mas a grande maioria é um trabalho mais com a questão individual, mostrando a visão social. Como o professor vê isso?

Prof. Carlos Rodrigues Brandão

Quando em algum lugar me perguntam: "O que você acha da Educação Brasileira? Você acha que ela vai muito mal?" Eu digo: "Qual? O que é que você acha da Universidade brasileira? Ela tá indo de mal a pior?" Eu digo: Qual? A mesma coisa eu digo com relação à religião e à igreja. Todas essas instituições são absolutamente plurais. Não só do ponto de vista institucional, como do ponto de vista das experiências inter-individuais. Eu costumo separar muito o que chamo de política educacional da vida da educação. São duas coisas que se entrecruzam e entrecortam, mas que são diferentes. Na História da Educação, pelo mundo afora, eu acabava de dar exemplos aqui, nesse mundão que todo mundo falou, muitas vezes, quanto mais se produz é quando

mais se está debaixo de um Estado de ditadura, de repressão, de controle policialesco. Muitas vezes, num clima de mais ampla liberdade, você tem um certo arrefecimento da criatividade. A mesma coisa vale para a igreja, para a experiência religiosa. Muitas vezes, até com relação aos outros, que não somos nós, nós temos uma visão muito canhestra, muito pobre. Por exemplo: É dito pelo Brasil que os evangélicos pentecostais são conservadores, interesseiros e vão votar todos no [José] Serra. Não sei se vocês viram, inclusive, uma bela carta do Lula: “Carta aos Evangélicos”. Há toda uma frente evangélica, não só de apoio ao Lula, mas de pastores e praticantes dessas igrejas pentecostais que nós olhamos com tão maus olhos, que têm uma outra visão, uma outra consciência. Eu, durante duas gestões, embora já residente em Campinas, votava no Rio de Janeiro para votar na Benedita da Silva, que é da Assembléia de Deus. A mesma que fez um manifesto de apoio ao [José] Serra. Todo o universo que nós vivemos é plural. Por debaixo das ordens e das ordenanças, existe a vida, existem as diferenças. O PT mesmo é uma claríssima visão disso aí. Muita gente diz: “Nossa mãe, como é que o Lula vai governar o Brasil se não se consegue mais governar o PT?”, que é ingovernável, pois é um “boom” de tendências antagônicas. Vide a horrível matéria da Veja [Revista] com uma capa pior ainda. Vocês viram inclusive agora: “Se Lula quiser viver bem vai ter que dominar os radicais livres”. Eu digo: mas isso não é doença do PT! Isso é saúde do PT. A pior coisa do partido é ele ser monolítico. Todo mundo pensar com a mesma cabeça. Essa diferença trabalhada dialogicamente, inclusive, a nível extra-PT é o que faz a democracia. Como diz um cara, que é um sonho, não sei quem é: “quando todo mundo tá pensando a mesma coisa é que ninguém tá pensando coisa alguma”. Eu acho que a mesma coisa vale para a igreja e, em fevereiro desse ano, nós reunimos em Poços de Caldas, quatro mil pessoas, num Estádio perto da Rodoviária. Lá estava um mundo de gente, a Marina, senadora do Acre, o Frei Beto, o Eduardo Suplicy, o Lula.. À volta de um movimento chamado “Fé e Política”. É um movimento de igreja, não propriamente católica, ecumênico, sem grandes alardes que dificilmente vamos encontrá-lo em um jornal. Mas, extremamente sério, talvez seja a Ação Católica de agora. São pequenos grupos, unidades esparramadas por todo o país, de gente que se une para viver ideais que não são muito diferentes dos nossos, nos termos de agora e que, anualmente, promove um grande Encontro Nacional. Inclusive o depoimento do Lula, até confessando as próprias dificuldades dele com a religião e com a igreja, foi muito comovente. Não sei se alguém daqui estava presente. Então, eu diria, sempre falo, do ponto de vista institucional, a igreja no mundo e a igreja na América Latina e, principalmente no Brasil, regrediu muito. O Vaticano tem um cuidado extremo para não colocar nenhum Bispo, nem sequer mais ou menos progressista em

algum lugar de importância. Quando ele ainda coloca, é por um engano. E, às vezes, quando coloca, como diria na igreja, o Espírito Santo sofre. Por exemplo, Dom Pedro Casaldáliga era um padre extremamente conservador, inclusive um dos criadores do Cursilho Cristandade na Espanha. Ele se converteu à Igreja do Evangelho viajando do Aeroporto do Rio de Janeiro até o interior do Mato Grosso. Tudo isso é dinâmico, são muitos plurais. Uma coisa é a igreja institucional. Eu não tenho nenhum vínculo com ela. Não leio o relatório romano. Não tenho interesse por ler as Encíclicas papais, mas me sinto profundamente irmanado com uma comunidade de fé. Inclusive nem é cristã, nem é católica. São companheiros de estilos de toda parte. Essa é a comunidade, na qual eu creio e muitos de nós, até o Celso [de Rui Beisiegel]. Não, Celso [de Rui Beisiegel]?

Profa. Angela R. M. B. Tamberlini

Vou finalizar o evento, agradecendo a presença de todos, agradecendo aqui a presença dessas pessoas maravilhosas que passaram esse dia aqui conosco. Lembrando que estamos revivendo a história, não no sentido nostálgico, de dor, mas no sentido de ter uma contribuição, toda uma reflexão, uma riqueza, uma análise do passado que está aqui presente, olhando para o futuro, apostando na esperança para a gente construir um mundo novo. Muito obrigada a todos.

ANEXO 1

Entrevista com Roberto Romano sobre Frei Carlos Josaphat

ROMANO, Roberto. “No instante em que se anuncia uma nova ditadura, ainda pior do que a de 1964, Frei Carlos Josaphat faz muita falta”. [Entrevista concedida a] Ricardo Machado. Instituto Humanitas Unisinos – IHU, 23 nov. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/604870-frei-carlos-josaphat-o-profetismo-da-verdade-contras-os-golpes-as-mentiras-e-as-propagandas-enganosas-entrevista-especial-com-roberto-romano>. Acesso em: 28 fev. 2025.

"No instante em que se anuncia uma nova ditadura, ainda pior do que a de 1964, Frei Carlos Josaphat faz muita falta". Entrevista especial com Roberto Romano

Professor e ex-dominicano retoma a trajetória de luta de um dos principais pensadores da congregação contra as tiranias que tomaram (e tomam) o poder no Brasil com o apoio da imprensa tradicional

Frei Josaphat na década de 1960 (Imagem: reprodução Blog do Renato)

Por: Ricardo Machado | 23 Novembro 2020

No dia 9 de novembro de 2020, faleceu o [Frei Carlos Josaphat](#), um dos mais importantes pensadores dominicanos brasileiros. Sua trajetória está marcada na história do **Brasil**, como um dos importantes protagonistas em favor dos pobres e da verdade no contexto nacional no período que culminaria, em 1964, com o **golpe civil-militar**. "Quando [\[Frei Josaphat\]](#) fundou o jornal **Brasil Urgente**, o seu intento era sanar as falhas gritantes da imprensa da época. Além de jornais reacionários ou conservadores, os profissionais e democratas de então só tinham alguns órgãos que lutavam pelas causas populares", conta [Roberto Romano](#), em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

"O profetismo de [Frei Josaphat](#), como o de todos os profetas autênticos, foi pouco ouvido pela massa popular. No entanto, ele serviu como sinal de alerta para todos os democratas que, nas páginas do pequeno jornal, liam análises sérias e duras sobre as manobras liberticidas em andamento", complementa. [Romano](#) ainda recorda que a partida de [Frei Josaphat](#) neste momento é, também, significativa. "No instante em que se anuncia uma nova ditadura, ainda pior do que a de 1964, **Carlos Josaphat** faz muita falta. Mas graças ao seu trabalho, milhares de brasileiros aprenderam a defender o belo, o bom, o verdadeiro", frisa.

Orientado politicamente pela escolha aos pobres, [Frei Josaphat](#) optou pelo difícil, mas único possível, caminho da verdade para seguir uma vida de 99 anos completados no último 4 de novembro. "A **Ordem dos Pregadores** tem como lema o dístico **Veritas**. E assim foi o profetismo de nosso **Josaphat**: a verdade contra os golpes, as mentiras, as propagandas enganosas, os poderes tirânicos. A Verdade lhe custou caro, como aliás foi cara ao Mestre de todos 'Eu sou a verdade e a vida'", rememora [Romano](#).



Roberto Romano (Foto: IHL/Ricardo Machado)

Roberto Romano é professor de Ética e Filosofia na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Cursou doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS, França. Escreveu, entre outros livros, *Igreja contra Estado. Crítica ao populismo católico* (São Paulo: Kairós, 1979), *Conservadorismo romântico* (São Paulo: Ed. UNESP, 1997), *Moral e Ciência. A monstruosidade no século XVIII* (São Paulo: SENAC, 2002), *O desafio do Islã e outros desafios* (São Paulo: Perspectiva, 2004) e *Os nomes do ódio* (São Paulo: Perspectiva, 2009).

Quem foi Frei Josaphat



Frei Carlos Josaphat (Foto: Reproducao/Facebook)

Frei Carlos Josaphat foi professor da Escola Dominicana de Teologia – EDT, de São Paulo, do Instituto Teológico de São Paulo – Itesp, da Pontifícia Universidade de São Paulo e da Pontifícia Universidade de Minas Gerais, dentre outras. Além de diversas obras publicadas na Europa, é autor de inúmeras obras no Brasil, das quais destacamos, **Evangelho e revolução social** (Ed. Loyola, 2002, reedição de aniversário dos 40 anos da obra), **Evangelho e diálogo inter-religioso** (Ed. Loyola, 2003), **Falar de Deus e com Deus hoje** (Ed. Paulus, 2004), **Ética e mídia: Liberdade, responsabilidade e sistema** (Ed. Paulinas, 2006), **Frei Bartolomeu de Las Casas: Espiritualidade contemplativa e militante** (Ed. Paulinas, 2008) e **Ética mundial: Esperança da humanidade globalizada** (Ed. Vozes, 2010).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como podemos compreender a história dos Dominicanos no Brasil e qual a importância de Frei Carlos Josaphat neste passado recente? Qual sua importância como figura pública?

Roberto Romano – A figura pública de **Frei Josaphat** se agiganta quando sabemos que todo frade dominicano está unido à Ordem que o acolheu e mantém. Dou o exemplo mais citado quando se trata de estudar a vinda tardia dos filhos de **São Domingos ao Brasil**. Pedida a licença a **Dom Pedro II**, o monarca no início a recusou. “Não posso aceitar em meu reino integrantes de uma Ordem que operou a Inquisição”. As palavras não foram exatamente assim, mas o espírito é fiel ao que disse o soberano.

Após muitas consultas, contaram a **Dom Pedro** que o setor dominicano a entrar aqui vinha da França. Logo, os religiosos trariam os Ideais de **Lacordaire**. **Pedro II** conhecia a história de **Lacordaire**, um renovador da **Ordem Dominicana na Europa**, ligado ao assim dito catolicismo liberal, pessoa que militou no jornalismo, na política, nas lutas sociais. Entre as reivindicações do mencionado movimento (que unia a defesa da autoridade papal ao liberalismo político, sob inspiração de Lamennais) estava a liberdade de imprensa e associação.

Grande orador, **Lacordaire** valorizava o verbo e tinha uma predileção pela teologia do Verbo na Igreja. Em 1790 a **Ordem dos Pregadores** fora abolida na França. O escrito de **Lacordaire**, *Mémoire pour le rétablissement en France des Frères Prêcheurs*, sublinha algo quase inédito na Igreja: o respeito à liberdade religiosa e à liberdade de reunião.

Coerente, ele foi hostil à monarquia reacionária de Julho na França, apoiou a **Revolução de 1848** e o regime republicano. Com **Ozanam** ele passou ao campo do catolicismo social. Foi eleito deputado da Assembleia Nacional Constituinte. Renunciou ao perceber que a política não traduzia corretamente os ideais proclamados ao povo. Foi opositor firme ao golpe e ao império de **Luís Napoleão**. No final da vida foi eleito membro da **Academia Francesa**.

A autorização de **Pedro II** à vinda dos dominicanos, devida à presença de **Lacordaire**, mostra muito das preferências culturais e políticas do imperador. Embora o regime fosse autoritário e seu dirigente máximo usasse todos os meios ao seu alcance para governar, a mente moderna do reinante lhe abria caminhos para a superação do absolutismo, a valorização da vida republicana e de suas liberdades, entre elas a de imprensa e de escolha partidária.

Aqui chegados, os dominicanos se estabeleceram no âmbito da corte, mas logo iniciaram missões para o interior desconhecido do Brasil: no **Araguaia**, em **Uberaba**, em vários pontos carentes de apoio social e religioso. Em tal empreitada, da **Ordem** surgiram figuras gigantescas e ao mesmo tempo humildes que ajudaram a edificar um catolicismo aberto à democracia, à liberdade de imprensa e de opinião, à pesquisa científica.

Com o risco de ser injusto, cito alguns gigantes:

Frei Mateus Rocha, que dialogou com **Darcy Ribeiro** e esteve nos primórdios da Universidade de **Brasília**; Dom Alano de Noday, que incentivou ao máximo o trabalho missionário da Ordem na região Norte do Brasil;

Frei Chico, pregador de massas que formou gerações de católicos empenhados na mudança social;

Frei Rosário Joffily, administrador do **Santuário de Nossa Senhora da Piedade** em Minas;

Frei Gil (de origem indígena, formado em antropologia, que trabalhou junto aos setores atacados por firmas capitalistas e por missionários protestantes que, imprudentemente, desejavam batizar sem cautelas a maior quantidade de tribos);

Frei Bernardo Catão, grande especialista no pensamento de **Tomás de Aquino**;

Frei Tomás Balduino, campeão da causa indígena perseguido pela ditadura de 1964;

Frei Domingos Maia Leite, provincial que enfrentou a ditadura quando os dominicanos foram presos em 1969;

Frei Benevenuto de Santa Cruz, que administrou durante décadas a **Livraria Duas Cidades**, centro cristão progressista que formou gerações de líderes políticos e sociais em **São Paulo** e no **Brasil**;

Frei Guilherme Nery Pinto, sábio ouvido e acatado pelos seus irmãos e por inúmeros leigos. Muitos outros nomes poderiam ser acrescentados à lista.

Mas os leitores atentos à história religiosa e política brasileira saberão os localizar, sempre em campos de batalha pela cultura, ciência, filosofia, teologia, democracia, república, liberdade.

Eles formam uma imensa galáxia luminosa que ajudou o Brasil a se formar para a modernidade e a vida livre. Um nome a ser lembrado com plena justiça é o do **Padre Lebrez**, fundador do **movimento Economia e Humanismo**. Ele ajudou a conceber um plano de ordenamento urbano para a cidade de São Paulo, foi muito importante na geração de administradores públicos brasileiros que levaram adiante seus ideais de uma economia não tolhida pelas doutrinas capitalistas ou pelo socialismo dogmático que então dominavam a cena planetária. Sua importância para o **Concílio Vaticano II** e para países pobres ainda hoje se faz sentir. Ele inspirou os frades dominicanos, dando-lhes uma visão universal de sua existência.

É no interior de tal galáxia que podemos situar a existência de **Frei Carlos Josaphat**. Retomando **Lacordaire**, ele foi um defensor da liberdade a mais ampla, incluindo a de imprensa. Republicano, fiel ao Papa mas fiel aos concidadãos, ele sempre operou com as vistas para as duas cidades, a divina e a dos homens.

Frei Josaphat foi um defensor da liberdade a mais ampla, incluindo a de imprensa – Roberto Romano

 **Twost.**

IHU On-Line – Frei Josaphat lançou o jornal Brasil Urgente, semanário que circulou entre março de 1963 e abril de 1964. Como foi a experiência?

Roberto Romano – Quando fundou o jornal **Brasil Urgente**, o seu intento era sanar as falhas gritantes da imprensa da época. Além de jornais reacionários ou conservadores, os profissionais e democratas de então só tinham alguns órgãos que lutavam pelas causas populares. Entre vários, citemos a *Tribuna da Imprensa* e a *Última Hora*. O clima era de golpe a ser aplicado pela extrema direita que, após a ditadura **Vargas**, viria abolir a frágil democracia consagrada pela *Carta de 1946*.

Com sede de poder, os que operavam ao redor da **União Democrática Nacional - UDN** tudo faziam para divulgar as piores mentiras sobre o governo brasileiro. Tais setores uniram-se a oligarcas corruptos e a operadores dos interesses norte-americanos. O **Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais - IPES** e o **Instituto Brasileiro de Ação Democrática - IBAD**, agiram como centrais de propaganda do golpe, distribuindo "noticiários" e "informações" para todos os veículos de imprensa, para os cinemas, e para a incipiente televisão.

Tudo caminhava para a instauração de uma ditadura civil/militar subserviente aos interesses norte-americanos. Urgia alertar o povo brasileiro do que estava sendo urdido. Daí o semanário **Brasil Urgente** com recorte nacionalista, combativo, de esquerda sem ligações profundas com o **Partido Comunista** e outras organizações mais definidas do campo progressista.

O profetismo de **Frei Josaphat**, como o de todos os profetas autênticos, foi pouco ouvido pela massa popular. No entanto, ele serviu como sinal de alerta para todos os democratas que, nas páginas do pequeno jornal, liam análises sérias e duras sobre as manobras liberticidas em andamento.

Quando fundou o jornal Brasil Urgente, o seu intento era sanar as falhas gritantes da imprensa da época – Roberto Romano



IHU On-Line – Durante os anos de chumbo, qual foi a importância de Frei Josaphat no contexto brasileiro? Por que ele precisou se exilar?

Roberto Romano – Com o golpe, a perseguição selvagem do **regime ditatorial** se anuncia e passa a prender, torturar, matar quem resistiu ao regime anti-pátria. A calamidade foi tamanha que um apoiador do golpe, grande intelectual digno de respeito, **Alceu Amoroso Lima**, denunciou o **"terrorismo cultural"** do regime imposto. É assim que a vida de **Frei Carlos Josaphat** ficou em perigo. Seguindo os conselhos de seus irmãos de hábito, ele se dirigiu à Europa onde continuou sua luta em prol da liberdade, da democracia, da justiça social.

Conhecendo as fraquezas da mídia, tanto a imprensa quanto a rádio/televisiva, ele passou a se dedicar com afinco ao estudo das comunicações sociais. Sua voz passou a ser ouvida pela Igreja mundial e por movimentos políticos os mais diversos. Data de tal ocasião sua tese de doutoramento sobre a **ética da comunicação**.

Por conhecer o lado sombrio da comunicação reacionária e de má-fé brasileira e mundial, seus estudos vão fundo na diagnose dos problemas mais relevantes da moral e da ética no jornalismo e em outros setores comunicacionais. Não por acaso ele também se dedicou a **Hegel** (no tocante à importância do filósofo para a teologia) e a **Bartolomeu de Las Casas**: o mais profundo conhecimento filosófico unido à mais radical defesa dos direitos humanos, a começar com os indígenas. Seu profetismo foi, assim, polifacetado e polivalente, seguindo os passos dos grandes doutores dominicanos e da sua Igreja, católica.

No instante em que se anuncia uma nova ditadura, ainda pior do que a de 1964, Carlos Josaphat faz muita falta – Roberto Romano



IHU On-Line – Como foi sua convivência pessoal com o Frei Josaphat e qual o impacto dele na sua formação?

Roberto Romano – Não tive com ele trato pessoal mais próximo. Quando me preparava para iniciar a vida de estudos na Ordem, fui orientado por **Frei Bernardo Catão** a me dirigir até a **Suiça**, onde poderia receber instruções suas. Na época, eu estudava o pensamento neo-hegeliano, donde talvez a fonte da sugestão de **Frei Bernardo**. Segui sua vida de longe, mas percebendo o quanto ela determinava o pensamento cristão de nossa terra.

IHU On-Line – No dia 4 de novembro, Frei Josaphat completou 99 anos. Olhando em perspectiva essa trajetória, que atravessou décadas turbulentas do Brasil, qual a importância de fazer memória dessa figura pública e celebrar essa história?

Roberto Romano – No campo de seus estudos, um dos mais urgentes no meu entender é o que ensina a ética aos atuais jornalistas (*L'éthique professionnelle des journalistes*, 1982). Diante de profissionais da imprensa que fogem da ética, aceitam tiranos e os louvam, o profetismo de **Carlos Josaphat** é radical. A **Ordem dos Pregadores** tem como lema o dístico **Veritas**. E assim foi o profetismo de nosso **Josaphat**: a verdade contra os golpes, as mentiras, as propagandas enganosas, os poderes tirânicos. A Verdade lhe custou caro, como aliás foi cara ao Mestre de todos “Eu sou a verdade e a vida”.

O mesmo apaixonado amor pela verdade e justiça foi partilhado pelos frades dominicanos presos, torturados, caluniados pela imprensa brasileira, em 1969. O testemunho mais dolorido foi o de **Frei Tito de Alencar**, um mártir da tirania ditatorial. No instante em que se anuncia uma nova ditadura, ainda pior do que a de 1964, **Carlos Josaphat** faz muita falta. Mas graças ao seu trabalho, milhares de brasileiros aprenderam a defender o belo, o bom, o verdadeiro. Que Deus o acolha em sua glória!

Assim foi o profetismo de nosso Josaphat: a verdade contra os golpes, as mentiras, as propagandas enganosas, os poderes tirânicos – Roberto Romano



ANEXO 2

Fac-símile do exemplar nº 12 do Periódico Brasil Urgente

(BRASIL URGENTE: um Jornal do Povo a Serviço da Justiça Social (SP). São Paulo, v. 1, n.12, 1963. Fascículo digitalizado pertencente ao acervo do Convento Santo Alberto Magno, da Ordem dos Pregadores, São Paulo, SP).

Brasil, Urgente

Um Jornal do Povo a Serviço da Justiça Social

OMAISS HUMANO DOS PAPAS

A enfermidade do Santo Padre João XXIII abalou o mundo. Diante da perspectiva de uma perda eventual, cresce a ansiedade com a fútil consciência do que significa para todos nós ficarmos sem João XXIII.

Não há discrepâncias nem reticências: em Roma, na Rússia ou nos Estados Unidos, os elites e o homem da rua, vêem na figura bondosa e paterna do Papa atual a síntese de suas aspirações, e de suas esperanças.

Quando a doença o imobiliza no leito, tornado um altar em que o Pontífice reza por todos os que trabalham e sofrem, sentimos como que insouciantemente que em sua vida de tantas viagens e tantos contatos, ele ouviu todas as línguas, participou de todas as procissões, reunindo em si toda a humanidade de hoje.

Tão amadurecido no amor e na compreensão, no intercâmbio e no diálogo, tem podido realizar em poucos anos um dos pontificados mais construtivos, no sentido da pregação do Evangelho, da união entre os cristãos e da paz entre os povos.

Seus gestos são macios e eficazes.

Empenhou-se na renovação interna da Igreja, convidando os bispos, os padres, os cristãos à fidelidade profunda ao Evangelho e à presença ativa e no nosso tempo.

Com simplicidade e com energia seu empenho é fazer da Igreja uma casa de fervorosa oração. Tal o sentido das reformas litúrgicas iniciadas por Pio XII e aceleradas pelo atual Pontífice.

Surpreendendo a Igreja e o mundo (seu pontificado tem sido uma série de agradáveis surpresas), convocou, preparou e está levando a bom termo o II Concílio do Vaticano. Não uma assembleia para proferir anátemas e condenações, mas para purificar, adaptar e renovar a Igreja, colocando-a a serviço de todos os homens.

O milagre do entendimento entre os homens, tão dilacerados em si mesmos e tão separados uns dos outros, vai-se processando numa humilde peregrinação em busca da Verdade, da Justiça e do Amor. E João XXIII, sorrindo, compreensivo, humano e sobrenatural, dá coragem a todo o mundo para realizar uma tarefa humanamente impossível.

Animado pela caridade evangélica não se limitou a relembrar os ensinamentos do materialismo e do ateísmo. Abriu para todos os homens de boa vontade as grandes perspectivas da Justiça Social Cristã, particularmente através desses fascículos de luz que são as Encíclicas MATER ET MAGISTRA e PACEM IN TERRIS.

Este jornal sua dúvida não existiria sem o ele e as diretrizes que do Evangelho nos vieram, através dos gestos e das palavras de João XXIII.

Ousamos aplicar de certa maneira a este servo de Deus aquilo que o Evangelho nos diz em relação a Jesus Cristo: "Deus a tal ponto amou o mundo que lhe deu seu próprio Filho".

Deus amou o mundo de hoje, a humanidade sacudida pela angústia e pela esperança e nos deu um Papa identificado com tudo que há de humano.

João XXIII se tem mostrado instrumento docil nos planos divinos precisamente por ser o mais humano dos Papas.

IAPI: Patrões Devem 25 Bilhões!

**CORRUPÇÃO SINDICAL:
200 MIL POR UM VOTO**

Fúria Antireforma Investe Contra a Igreja!

A FOME É NOSSA!

Brasil Urgente

EDITORA VERITAS LTDA
ANO I—N.º 12

São Paulo, 3 a 9

de Junho de 1962

Redação, Administração e
Publicidade:

Rua Cincinnati Regis 172

Telefone: 28-5922
31-7193

CONSELHO DE DIREÇÃO

Fr. Carlos Joseph
Ray do Espírito Santo
Roberto Freire
Alfredo C. B. Gambôio
José Raul R. Carvalho
Ciberto Moreira
Dorian Jorge Freire
Joanna Moreira
Fanta Figueira de Mello
Maria Olímpi Freaga

Diretor Geral:
JOSÉ MAR MOREIRA
Diretor Responsável:
Roberto Freire

Diretor Administrativo:
Ruy César do Espírito Santo

Prezado leitor:

Definição de política.
Os meios, econômicos, das
ações e instituições. Vão
seguindo a necessidade de
definição.

Os privilégios não são
uma coisa de honra e
prestígio. De fato, os
privilegiados não são
honrados, mas sim, des-
honrados. Os privilégios
são uma coisa de honra
e prestígio.

Os privilégios não são
uma coisa de honra e
prestígio. De fato, os
privilegiados não são
honrados, mas sim, des-
honrados. Os privilégios
são uma coisa de honra
e prestígio.

Os privilégios não são
uma coisa de honra e
prestígio. De fato, os
privilegiados não são
honrados, mas sim, des-
honrados. Os privilégios
são uma coisa de honra
e prestígio.

Os privilégios não são
uma coisa de honra e
prestígio. De fato, os
privilegiados não são
honrados, mas sim, des-
honrados. Os privilégios
são uma coisa de honra
e prestígio.

Os privilégios não são
uma coisa de honra e
prestígio. De fato, os
privilegiados não são
honrados, mas sim, des-
honrados. Os privilégios
são uma coisa de honra
e prestígio.

Os privilégios não são
uma coisa de honra e
prestígio. De fato, os
privilegiados não são
honrados, mas sim, des-
honrados. Os privilégios
são uma coisa de honra
e prestígio.

Os privilégios não são
uma coisa de honra e
prestígio. De fato, os
privilegiados não são
honrados, mas sim, des-
honrados. Os privilégios
são uma coisa de honra
e prestígio.

Os privilégios não são
uma coisa de honra e
prestígio. De fato, os
privilegiados não são
honrados, mas sim, des-
honrados. Os privilégios
são uma coisa de honra
e prestígio.

EDITORIAL

IMPOSTO E Pressão Econômica

FALANDO a uma estação de televisão em Guanabara, o sr. Carlos Lacerda afirmou um assunto que nos parece da maior importância: o da sobrevivência da imprensa pelo poder econômico.

No caso específico da denúncia, referida ao sr. Lacerda, os financiamentos cotizados pelo Governo Federal para a importação da papel, constata-se alarmante que os meios para a liquidação desse financiamento expiraram em 1961, e não são elegíveis.

A denúncia do governador da Guanabara é inteiramente válida. Mas há alguns aspectos que gostaríamos de comentar.

1. O PRIMEIRO lugar — e sem vez ou motivo a gravidade da denúncia — é a consideração que esse financiamento (concedido atualmente no valor de 20% sobre o preço das importações de papel) não foi oferecido pelo governo às empresas jornalísticas. Estas é que o pleitearam, arduamente, fazendo toda sorte de esforços para atingir o fim. Em São Paulo só um jornal — o "O Estado de S. Paulo" — tomou posição pública contra a medida. O que não o impediu — e a todo ponto retificamos a informação do governador: guanabarrino — de ser uma das poucas empresas jornalísticas a não se beneficiar.

O que alegavam, então, os donos de jornal? O argumento principal era o de que o aumento do dólar-papel, provocado pela Instrução 204, tornava a situação das suas empresas muito difícil. E preferiam então, em lugar de ajustarem-se às novas condições, apelar para o governo e obter novos privilégios.

2. O CASO, então, de perseguição à Instrução 204 foi beneficiado ao levar para a imprensa?

Resposta um retrospecto. Dono de jornal, no Brasil, sempre foi uma espécie de "cavaleiro", com poderes e prerrogativas maiores, não raro, que as de um ministro de Estado. Com um jornal na mão, manda e desmanda neste País, pois se intitulava o mais autêntico porta-voz de opinião pública.

Esta, via de regra, jornalismo honesto, com páginas e mais páginas de anúncios que se agregam e lhe proporcionam uma vida de usura. E só a Instrução 204, pela forma de sua ação, e de seu propósito, não proporcionou pelo contrário do contrário, através do dólar privilegiado. Com papel a baixo custo, a venda e o preço da notícia, vivia-se dentro de um esquema linear e ordinário, como se a notícia fosse uma mercadoria comum de linha comum.

3. O caso, então, de perseguição à Instrução 204 foi beneficiado ao levar para a imprensa? Resposta um retrospecto. Dono de jornal, no Brasil, sempre foi uma espécie de "cavaleiro", com poderes e prerrogativas maiores, não raro, que as de um ministro de Estado. Com um jornal na mão, manda e desmanda neste País, pois se intitulava o mais autêntico porta-voz de opinião pública.

Esta, via de regra, jornalismo honesto, com páginas e mais páginas de anúncios que se agregam e lhe proporcionam uma vida de usura. E só a Instrução 204, pela forma de sua ação, e de seu propósito, não proporcionou pelo contrário do contrário, através do dólar privilegiado. Com papel a baixo custo, a venda e o preço da notícia, vivia-se dentro de um esquema linear e ordinário, como se a notícia fosse uma mercadoria comum de linha comum.

4. O caso, então, de perseguição à Instrução 204 foi beneficiado ao levar para a imprensa? Resposta um retrospecto. Dono de jornal, no Brasil, sempre foi uma espécie de "cavaleiro", com poderes e prerrogativas maiores, não raro, que as de um ministro de Estado. Com um jornal na mão, manda e desmanda neste País, pois se intitulava o mais autêntico porta-voz de opinião pública.

Esta, via de regra, jornalismo honesto, com páginas e mais páginas de anúncios que se agregam e lhe proporcionam uma vida de usura. E só a Instrução 204, pela forma de sua ação, e de seu propósito, não proporcionou pelo contrário do contrário, através do dólar privilegiado. Com papel a baixo custo, a venda e o preço da notícia, vivia-se dentro de um esquema linear e ordinário, como se a notícia fosse uma mercadoria comum de linha comum.

5. O caso, então, de perseguição à Instrução 204 foi beneficiado ao levar para a imprensa? Resposta um retrospecto. Dono de jornal, no Brasil, sempre foi uma espécie de "cavaleiro", com poderes e prerrogativas maiores, não raro, que as de um ministro de Estado. Com um jornal na mão, manda e desmanda neste País, pois se intitulava o mais autêntico porta-voz de opinião pública.

Esta, via de regra, jornalismo honesto, com páginas e mais páginas de anúncios que se agregam e lhe proporcionam uma vida de usura. E só a Instrução 204, pela forma de sua ação, e de seu propósito, não proporcionou pelo contrário do contrário, através do dólar privilegiado. Com papel a baixo custo, a venda e o preço da notícia, vivia-se dentro de um esquema linear e ordinário, como se a notícia fosse uma mercadoria comum de linha comum.

6. O caso, então, de perseguição à Instrução 204 foi beneficiado ao levar para a imprensa? Resposta um retrospecto. Dono de jornal, no Brasil, sempre foi uma espécie de "cavaleiro", com poderes e prerrogativas maiores, não raro, que as de um ministro de Estado. Com um jornal na mão, manda e desmanda neste País, pois se intitulava o mais autêntico porta-voz de opinião pública.

Esta, via de regra, jornalismo honesto, com páginas e mais páginas de anúncios que se agregam e lhe proporcionam uma vida de usura. E só a Instrução 204, pela forma de sua ação, e de seu propósito, não proporcionou pelo contrário do contrário, através do dólar privilegiado. Com papel a baixo custo, a venda e o preço da notícia, vivia-se dentro de um esquema linear e ordinário, como se a notícia fosse uma mercadoria comum de linha comum.

7. O caso, então, de perseguição à Instrução 204 foi beneficiado ao levar para a imprensa? Resposta um retrospecto. Dono de jornal, no Brasil, sempre foi uma espécie de "cavaleiro", com poderes e prerrogativas maiores, não raro, que as de um ministro de Estado. Com um jornal na mão, manda e desmanda neste País, pois se intitulava o mais autêntico porta-voz de opinião pública.

Esta, via de regra, jornalismo honesto, com páginas e mais páginas de anúncios que se agregam e lhe proporcionam uma vida de usura. E só a Instrução 204, pela forma de sua ação, e de seu propósito, não proporcionou pelo contrário do contrário, através do dólar privilegiado. Com papel a baixo custo, a venda e o preço da notícia, vivia-se dentro de um esquema linear e ordinário, como se a notícia fosse uma mercadoria comum de linha comum.

8. O caso, então, de perseguição à Instrução 204 foi beneficiado ao levar para a imprensa? Resposta um retrospecto. Dono de jornal, no Brasil, sempre foi uma espécie de "cavaleiro", com poderes e prerrogativas maiores, não raro, que as de um ministro de Estado. Com um jornal na mão, manda e desmanda neste País, pois se intitulava o mais autêntico porta-voz de opinião pública.

Esta, via de regra, jornalismo honesto, com páginas e mais páginas de anúncios que se agregam e lhe proporcionam uma vida de usura. E só a Instrução 204, pela forma de sua ação, e de seu propósito, não proporcionou pelo contrário do contrário, através do dólar privilegiado. Com papel a baixo custo, a venda e o preço da notícia, vivia-se dentro de um esquema linear e ordinário, como se a notícia fosse uma mercadoria comum de linha comum.

O POVO É QUEM QUER!

Oienta e oito por cento dos paulistanos entrevistados por BRASIL, URGENTE sobre a reforma agrária consideraram inadiável a sua aprovação, embora divididos quanto a forma de obtê-la.

Os que ainda acreditam nos seus representantes no Congresso e nas normas democráticas para a solução dos nossos problemas são a maioria, 56% dos entrevistados e acreditam numa reforma agrária pacífica.

Desacordo dos políticos ("porque são latifundiários"), achando demagógicas as soluções prometidas pelo governo para a execução da reforma agrária, 32% dos consultados afirmaram que o único caminho é o da violência. 12% deixaram de responder.

REFORMA É INADIÁVEL

Ferredores dos meios pacíficos ou violentos concordam, contudo, na que é fundamental: a reforma agrária é uma necessidade nacional e mostram que — como diz o governador Miguel Arraes — "a consciência que o homem brasileiro está rapidamente adquirindo de suas necessidades e de suas possibilidades é um dos elementos novos mais importantes de nosso processo de mudança. Com ela e graças a ela é que estamos criando e vamos consolidar a nova sociedade brasileira".

Essa consciência demonstra também que não será aceita qualquer reforma agrária, mas só aquela que realmente interessa à maioria do povo, apesar de entre os pronunciamentos vigorosos se notar a timidez dos que, satisfeitos com algum privilégio alcançado, não se cansam de falar numa pretensa "indole pacífica" do povo brasileiro.

PACÍFICOS

Os que acreditam que a reforma agrária se deve realizar pacificamente são os seguintes argumentos para justificar sua opinião: "a médio de uma revolução fará com que ela seja aprovada pacificamente"; "o povo está politizado para exigir a reforma e os políticos cumprido o seu dever que é dá-la"; "é uma necessidade do povo

e usará pacificamente"; "os políticos e o povo estão de acordo sobre a reforma"; "o regime do Brasil é democrático e não admite a força"; "o Brasil tem encontrado soluções pacíficas para suas crises"; "porque temos muita terra devoluto não será preciso força para aprovar a reforma"; e "a última hora os líderes do Congresso vão achar uma forma de aprovar a reforma sem alterar a Constituição".

OS ALIENADOS

Dos 24 entrevistados que responderam de forma diversa às duas alternativas apresentadas, 14 nos afirmaram não estar a par do assunto, não sabem responder. Os 10 restantes disseram isto em média: "onde existe o capitalismo, beneditinos, nem pacificamente nem por força vão levar avante. Ninguém faz" (comerciante). "A reforma agrária é uma estupidez. Temo não falta no Brasil. Querem pagar com títulos de valer nenhum. Não vai ser aprovada, há muita resistência contra isso" (representante de confecções).

"Não posso de maneira política. Interesse partidário. O governo tem imensas terras. Por que ele não dá essas terras em vez de gastar dinheiro com políticos? Por que não dá aos lavradores, remédios e educação? Sou contra a reforma agrária" (bancário).

NINGUEM SEGURA A REFORMA!

O Povo Diz o Que Pensa

O sr. acha que a reforma agrária será votada pacificamente ou será preciso força para que ela seja aprovada?

	Classe média	Classe pobre	Total
Será aprovada pacificamente	62%	58%	54%
Será preciso força para aprova-la	19%	32%	25%
Não responderam	19%	12%	16%

Foram realizadas 203 entrevistas com homens de todas as classes sociais da cidade de São Paulo.

Os dados apresentados foram conseguidos através de entrevistas realizadas por técnicos de ENTREVISTA — Grupo de Trabalho de Campo, junto a 307 pessoas do sexo masculino e de todas as classes sociais. A análise dos dados obtidos foi realizada por técnicos a serviço de BRASIL, URGENTE.

O endereço de ENTREVISTA é Rua Santa Teresa, 20 — Conjunção 25. Seu responsável o sr. Fernando Soares de Camargo.



Notas & Informações

PARTIDOS NA LUTA

* A semana que passou realizou-se a tomada de uma "posição de vanguarda" pela PDC, em favor dos interesses de base, através da atitude de uma campanha nacional. Esta é uma atitude positiva. Os partidos burgueses, via de regra, não sabem programar, não trabalham via de regra não passam do papel. É necessário, pois, que os partidos venham à tona, com a responsabilidade das suas ações, para lutar pelos seus programos. Que o PDC dê o exemplo.

"CLIQUE DOS RUÇOS"

* O leitor João Batista rofano centra o aumento constante e contínuo dos produtos para higiene pessoal: sabonetes, talcos, pastas de dente, creme de barba, inseticidas, etc. "É uma vergonha o que se passa neste terreno: não há uma coisa no que não aumentem os preços. E ainda por cima aumentam a porcentagem de água nos sabões, de

maneira que quando a gente compra um sabão e depois se transforma em espuma". E conclui: "De jeito que não se possa em breve voltar-se a viver como nos tempos medievais ou então seremos forçados a abandonar os 'cliques dos ruços', o exemplo do que se fez na França".

NÃO É PRECISO

* Em Minas, elementos fascistas, liderados pelo sr. Joseph Maciel presidente da FARM, o candidato derrotado ao Senado, organizaram-se em varzeana e sequestraram para Brasília, a fim de se servirem dos deputados o compromisso de não votarem uma emenda constitucional que permita a reforma agrícola. A FARM foi uma das guildas que mais energicamente contestaram a revolução popular e o Congresso. OAD E SEUS DE BRACOS DADOS com Messias. Rio Grande do Norte, as vitórias de ESTI são o transporte preferido dos correligionários do governador Aluísio Alencar, in-

fluente do diretor de uma estação de rádio que por coincidência é o irmão do DAD, e qual, em Minas tem ali sede montada. Enquanto isso, em Minas, o governador continua a prender os líderes sindicais que se solidarizaram com o prefeito de Natal, quando este rompeu com Aluísio. O movimento, volta o politólogo no topo das salmas é liderado pelo padre João Penha, vigário da Paróquia.

CONSELHO ESTUDANTIL

* Para analisar os problemas estudantis e a presente conjuntura nacional estão reunidos em Vitória, Espírito Santo, os presidentes das Unigas Estudantis de Batatas, sob a coordenação da UNE. Hoje o segundo Conselho já realizou uma sessão, devendo ser incluída na pauta das atividades a tomada de posição da atual diretoria da UNE bem como a elaboração do local e data do próximo Congresso Nacional, que provavelmente será em São Paulo.

PRESTE CULTURAL

* Em São Paulo, um grupo de intelectuais está se organizando numa Frente Cultural Progressista, com o objetivo de atuar no governo municipal que julgam necessários para que o setor cultural se reforme de base, além também realizarem manifestações. Grande número de intelectuais, dos mais expressivos, já aderiu ao movimento.

UNIDADE DOS SUBSISTENTES

* Em Salvador, de 7 a 14 de maio, será realizado o I Congresso Estadual da Frente Subdesenvolvida, sob o patrocínio da UNE. As nações da Ásia, África e América Latina já aderiram ao convite, cuja abertura contará com a presença do Presidente da República e todo seu ministério, do governador Nogueira Aragão e dos deputados do PTN.

Cristãos Buscam Unidade

Em oito noites consecutivas, católicos, ortodoxos e protestantes reuniram-se em três das principais cidades do Brasil para unir pela Unidade, segundo a vontade de Cristo. Introduzida, assim, no Brasil, neste ano do Concílio Ecumênico, simultaneamente em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, a prática de uma oitava anual de oração pela Unidade.

Em São Paulo, a Semana de Oração pela Unidade se inicia no dia 2 de junho, segunda-feira. Na noite de 18 a 19 de junho, terça-feira, na Igreja São João, na Rua São João, 15, a reunião de abertura em prol da unidade dos cristãos BRASILEIROS. O objetivo é de unir os esclarecidos de Frei Bernardo Catto, o que faz parte da comissão organizadora da Semana.

LEAG XIII e procurador

Desde 1895, disse Frei Bernardo — e Papa Leão XIII, em sua encíclica "Provida Mater", firmada a 5 de maio, exortava à oração pela "reconciliação dos irmãos separados", nos dias que precediam à festa de Pentecostes. Independentemente desta iniciativa pontifícia, surgiu no Rio de Janeiro, em 1898, a "Church Unity Octave", graças ao trabalho do inglês Spencer Jones e do norte-americano Lewis Thomas Watten.

A data escolhida por esses dois bateladores da "corporate union" foi a de 18 a 25 de junho, festa de Corpus Christi, na Catedral de São Pedro e da Conversão de São Paulo, que parecem exprimir adequadamente a conjugação de dois aspectos da Igreja, acentuados, respectivamente, pelos católicos e pelos protestantes, e que são o governo romano e a liberdade apostólica. Essa data prevaleceu quando, em 1946, sob o patrocínio do cardeal Gerlier.

O padre Paul Couturier começou, em Lyon, a Semana Universal da Oração que constitui hoje em dia, em todo o continente europeu, um dos trabalhos ecumênicos de maior alcance e significação.

SEMANA PELA UNIDADE

A Semana realizada agora no Brasil, preside Frei Bernardo, filiado diretamente a esse movimento de padre Couturier (falecido em 1953) e foi lançada por iniciativa do Conselho Mundial de Igrejas contando com a colaboração autorizada de católicos, ortodoxos e protestantes.

Por razões de ordem prática, a data europeia foi abandonada em favor de um período mais favorável e igualmente significativo a semana que precede à festa de Pentecostes, na qual se celebra a vinda do Espírito Santo, "uma missão visível que inaugurou a Igreja, na urdide de um mesmo Evangelho, pregado e ouvido em muitas línguas". "Não há momento mais indicado para pedir a Deus que reúna em sua Igreja todos aqueles que acreditam em Jesus Cristo, seu Filho, na unidade de uma mesma Palavra, que é Verdade, e de um Espírito, que é Amor" — disse Frei Bernardo.

ORAÇÃO É O CAMINHO

"A oração — afirmou Frei Bernardo — é o caminho mais importante para a Unidade. É o fundamento do ecumenismo", como



disse o padre Couturier. Foi em sua prece sacerdotal, o cap. 17 do Evangelho de São João, que Jesus Cristo manifestou da maneira mais explícita possível, seu desejo e seu mandamento de Unidade. Reunir os homens, não por muitas concessões, nem por abstração ou destruição do outro, mas "pelo universal consentimento de todos a única Verdade, no laço de mesma caridade, pela comunhão efetiva, tectiva da mesma Igreja, formando um único rebanho, sob um único pastor, é alguma coisa que encerra intimamente ao alcance de todas as possibilidades humanas. Simente Deus e pelo conceder e a Ele é que se deve pedir, pela intercessão poderosa de seu Filho Jesus Cristo.

"Além disso, a oração exige, de todos aqueles que se dispõem a fazê-la, uma atitude espiritual profundamente favorável à União. Quem ora não quer defender o seu próprio ponto de vista, justificar a sua própria posição, o passado ou o presente de sua Igreja. Faltasse espiritual, a oração seria farsalística, fruto do autocontentamento de orgulho, pessoal ou comunitário, e não seria justificada. A oração cristã é necessariamente a oração do público, feita em espírito de penitência e de disponibilidade para mudança de mentalidade e para o abandono dos preconceitos das mais-verdades. A que não se apegam, e que constituem as grandes obstáculos espirituais à perfeita Unidade. Desde que o homem se coloca diante de Deus com toda a verdade, e se dispõe lealmente a ouvir a sua Palavra, no diálogo da prece, a Vontade de Deus se cumprirá em plenitude.

"Finalmente, a oração em conjunto aproxima desde antes todos aqueles que acreditam em Jesus Cristo. Acentua os laços positivos que unem os cristãos de todas as denominações. Abre perspectivas inimagináveis de entendimento e unidade. A unidade, assim, como sempre, em plena Igreja interna, um ministro metodista, após a pregação de um anglicano, convidar uma assembleia de maioria católica a rezar pela Igreja Católica Romana, por todos os seus membros, por aqueles que estão em posição de responsabilidade, pelo Segundo Concílio Vaticano e pela saúde de Sua Santidade, o Papa João XXIII. Quem poderá avaliar os benefícios para a Igreja, da união verdadeira, profunda e espiritual de todos os cristãos!" — concluiu Frei Bernardo Catto.

Donos De Jornais E Privilegios INVESTEM CONTRA A IGREJA

Torna-se cada vez mais revoltante, para a consciência cristã de nosso povo, o farisaísmo insolente dos donos de "O Estado de S. Paulo", em seus repetidos editoriais, altamente ofensivos à Igreja.

Não se trata apenas de uma mesquinha incompreensão em relação às atitudes evangélicas, corajosas e lúcidas, do Sr. Cardeal Arcebispo de S. Paulo.

Em harmonia com os demais pastores diocesanos, que o veneram e amam, vem S. Emília, proclamando e explicando a Doutrina Social cristã dentro das exigências do momento histórico.

Particularmente após a publicação dessa encíclica providencial que

é a MATER ET MAGISTRA, o Cardeal Mossa, em pronunciamentos orais e em documentos escritos, se tem empenhado na difusão das grandes linhas do ensinamento pontifício e no esclarecimento oportuno das consciências cristãs.

Líderes de todas as tendências e políticos de todas as correntes têm se apressado em procurar, junto de S. Emília, orientações ou sugestões para as suas atividades. Abordando temas, os mais complexos, o Cardeal de S. Paulo, tem se mostrado inalteravelmente fiel à perspectiva de seu pastoreio espiritual. Dialoga com todos. Sabe ouvir, como homem evangélico, que tem o sentido do outro e o respeito às pessoas. Mas, jamais bandeia para as opções políticas ou para as preferências partidárias.

Poderíamos apelar aqui, para o costume venerável do Arcebispo coadjutor e dos Bispos auxiliares de S. Paulo, que em documento emitido pelos donos do referido matutino, solidarizaram-se integralmente com as posições de S. Emília.

Poderíamos apontar o ardor filial e espontâneo de todo o clero, da Ação Católica e demais Associações Religiosas em torno do Pastor Arquidiocesano.

Mas, para desmascarar o embuste, contamos com a colaboração do próprio "O Estado de S. Paulo".

Os editoriais, escritos ou inspirados pelos seus donos, são romances criados pela impostura. Movem-se no terreno da ficção. Inventam-se uma oposição entre a atitude doutrinária do Cardeal Arcebispo de S. Paulo e declarações do Observatore Romano, que lembram as condenações da Igreja ao comunismo. No entanto, jamais citam nem poderiam citar, uma só palavra, um só gesto, uma só insinuação do Cardeal Mossa no sentido do compromisso com o comunismo materialista e ateu. Muito no contrário, declarações, as mais claras e reiteradas da Autoridade Diocesana em S. Paulo, manifestam a plena concordância de S. Emília, com o Papa e com a Igreja Universal.

Aliás, como duvidar, teriam os arr. Julio de Mesquita, Assis Chateaubriand ou João Mendes maiores credenciais para combater o ateísmo, para defender o cristianismo, do que o Sr. Cardeal e os Srs. Bispos de S. P., homens apostólicos que vêm consagrando suas vidas a Deus e ao Evangelho?

Mas o romance dos austeros fariseus encerra outros capítulos. S. Emília, recebe, por exemplo, a visita do Sr. Presidente da República. Ou acolhe outros políticos que vão à procura de suas luzes e de seus conselhos. Manifesta-se então S. Emília, como se manifestou a Comissão Central da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no sentido de reformas democráticas e cristãs.

Este o único caminho reconhecido pelo homem de honestidade e de consciência, para se evitar o caos e a revolução materialista

"ESTADÃO": FARISAISMO E IMPOSTURA

e anti-cristã. Mas, aqui surgem os romancistas do falido conservadorismo e do liberalismo superado e puerilizado.

E chega-se ao supremo ridículo: Um velho dono de jornal, ao que tudo indica, racionalista e positivista, se mete a pontificar como austo mestre da Igreja, convencido de que é a palmaria de seus bispos. Da conselhos. Reprende. Promete discretamente, em recompensa à suprida docilidade, abrir, de par em par, seu jornal imenso, em apoio à Hierarquia.

Sua imaginação sua capacidade de fabulação, projeta, em maquiagem editorial, aquilo que jamais existiu: participação ou complicitade da autoridade eclesial com o "processo de subversão do país".

Entretanto, não nos podemos deter no aspecto cômico do episódio.

Há aqui algo de muito mais grave que nos cumpre denunciar, em solidariedade com as convicções e sentimentos cristãos de nosso povo, e precisamente aquele farisaísmo, tão denunciado no Evangelho, e que se reveste de formas, as mais variadas, através da história. Este farisaísmo pretende colocar a religião a serviço de privilégios e interesses de indivíduos ou grupos, de castas, de classes, de regiões ou de países.

Sempre que a autoridade religiosa se opõe à sua deturpação social do cristianismo, os fariseus se encolerizam e passam aos conclavos, em vista de desmoralizar a Igreja e os seus ministros.

Como o IBAD, o IPES, os donos de "O Estado de S. Paulo" e dos "Diários Associados" representam essa crosta da reação contra a força renovadora do Evangelho. An-

tegem-se como um peso morto, face ao dinamismo da Igreja, que sob a orientação de João XXIII e o alito do Espírito, se empenha na propagação da Justiça Social, da extensão efetiva dos direitos fundamentais a todos os homens.

Nas mãos desses defensores dos privilégios e desses inimigos das reformas em benefício do povo, a bandeira do anticomunismo é tão somente uma impostura. Não se deom de amores pelo espiritualismo, pelo cristianismo, menos ainda, pela Igreja Católica. Não há, da parte deles, nenhum gesto positivo que manifeste sua adesão profunda a essas realidades transcendentes, a cuja defesa se consagram nossos Bispos e os autênticos cristãos.

Empenham-se tristemente em dividir a Igreja, tentando isolar e enfraquecer os líderes e as vanguardas cristãs que hoje animam e orientam, no Brasil, o grande movimento nacional pelas reformas de base, dentro do espírito da justiça e da lei, mediante colaboração democrática de todos os homens de boa vontade.

Por mais fortes que sejam os seus sustentáculos econômicos, não prevalecerão as imposturas do farisaísmo materialista e antilegal, dissimulado sob a pele de defensor da civilização cristã ou das instituições nacionais.

O povo, na sua clareza, não seu bom senso com seu discernimento cristão e nacionalista, não tem dificuldade em repelir a contenção soberana: "Ai de vós, fariseus hipócritas que descarta o essencial da lei, a justiça, a misericórdia, e a lealdade". (Ev. S. Mt., Cap. 23,23).

Geólogos russos confiam nas possibilidades petrolíferas do Brasil

Os geólogos brasileiros já executaram um intenso trabalho nos domínios das pesquisas petrolíferas, não apenas na Bahia, como em outras áreas trabalhadas pela PETROBRAS. E ainda muito poderia realizar, pois que, além da competência, estão imbuídos de entusiasmo pela porta que lhes cabe nessa gigantesca tarefa do Brasil em busca da emancipação no campo da indústria do petróleo.

Mesmo na Bahia, onde tem sede a exploração petrolífera em bases comerciais, os estudos e constantes pesquisas não foram ainda concluídos. A região apresenta grandes possibilidades para o aumento da produção. Esta opinião é a revelada em seu contato com a imprensa, de Belém, pelos professores soviéticos Ernest Bakirov, chefe do Instituto de Petroquímica, Petróleo e Gás de Moscou, vice-reitor para trabalhos científicos e consultor permanente do governo da Índia para assuntos petrolíferos; o Elgond Taglinev, também docente do mencionado Instituto e chefe do Laboratório de Pesquisas de Petróleo e conselheiro para assuntos de geologia nos territórios da União Soviética compreendidos no Oriente Médio e Sibéria, e que, a convite da PETROBRAS, desde o início de abril se encontram no Brasil, onde visitaram o Recôncavo e outras zonas petrolíferas da Bahia, no Maranhão e Piauí e agora estão na Amazônia, onde sua missão se reveste de caráter interessantíssimo, em virtude das afinidades entre os rochas petrolíferas dessa região e as de determinadas áreas da Rússia e dos Estados Unidos.

Perfurações mais profundas

O Professor Bakirov é especialista em perfurações e na Bahia teve ocasião de verificar os trabalhos da PETROBRAS, mostrando-se bem impressionado. É, no entanto, de opinião que, além do aumento de sondas, principalmente nas regiões que percorreu, no Maranhão e Piauí, devemos aprofundar as perfurações a mais de 4 mil metros.



Os técnicos soviéticos em petróleo, Professores Ernest Bakirov e Elgond Taglinev, concederam entrevista à imprensa, afirmando que a PETROBRAS atingirá seus objetivos, graças ao esforço e ao gabarito dos técnicos brasileiros.

As perfurações profundas poderão, segundo disse, ser coroadas de melhor êxito. Quanto ao Professor Taglinev, a opinião é concorde com a de seu companheiro de jornada. Ambos mostram-se otimistas quanto à potencialidade das rochas petrolíferas encontradas no Maranhão.

Apresentar relatório

Convidados da PETROBRAS, como dissemos, os dois visitantes soviéticos, nesta jornada de estudos pelas regiões onde a Empresa mantém trabalhos de perfuração e outros, colhem dados e material para estudos nas suas respectivas especialidades. De tais observações e exames vão apresentar relatório, para posterior estudo e crítica dos equipes da nossa empresa estatal e certamente que desse trabalho advirão benefícios para o esforço brasileiro em busca de suas fontes petrolíferas e respectiva exploração. O relatório será

apresentado à PETROBRAS antes do regresso dos técnicos à União Soviética e só os técnicos brasileiros darão opinião e orientação aos trabalhos, competindo exclusivamente, à empresa estatal brasileira decidir os ou não.

Amazônia

A uma pergunta do repórter, o Professor Bakirov afirmou que o pouco tempo que tem na Região Amazônica não dá para afirmar a existência comercial do petróleo, sobretudo por se constituir de áreas rochosas novas (quaternárias). Resultou, todavia, que está de acordo com os técnicos brasileiros, com quem visitou regiões no Maranhão (Barreirinhas) e Piauí, acreditando nas nossas possibilidades reais e na potencialidade.

Fêz ainda menção às rochas reservatórias existentes, dizendo que a Bacia Amazônica foi pouco estudada e encarecendo a necessidade de muito trabalho.

Programa

Até o dia 20 do corrente mês os dois professores russos e mais o Engenheiro Almir Maia, geólogo da PETROBRAS e diretor de Exploração da Empresa ficaram em Belém onde mantiveram reuniões na sede regional da PETROBRAS. A partir do dia 21, e em companhia do Superintendente Regional, Sr. Levi Carneiro, empreenderam visitas a Santarém e Fátima (poco FO-1-PA e ES-2), Nova Olinda (dia 24) Moisés e Manaus (dia 25) e retornaram a Belém no dia 26.

Elogio à organização

Finalizando o encontro com a reportagem o Professor Bakirov externou a sua melhor impressão quanto às equipes da PETROBRAS quer de geólogos, quer de perfuração, e acreditam que a Empresa atingirá seus objetivos dado o esforço e gabarito de seus técnicos. Os trabalhos — enfatizou — encontram ainda o amparo de boa organização e de chefe.

CONSTRUÇÃO CIVIL: VOTO

Comprando 24 votos dos 38 que representam os sindicatos participantes da Federação dos Trabalhadores na Indústria da Construção e do Mobilário no Estado de São Paulo, o sr. Luiz Menossi conseguiu se reeleger presidente da entidade, da qual é o "pelego" máximo desde 1944.

Todos os votos favoráveis ao sr. Menossi tinham marcas: rasgados nas pontas, como o do "fac-símil", marcados com tinta nas costas (cada marca diferente da outra e anteriormente convenienciada) para que o eleitor fosse identificado e devidamente recompensado.

A corrupção foi denunciada em fevereiro pelo presidente do Sindicato da Construção Civil de Campos de Jordão, sr. Benedito Eugênio de Oliveira no Encontro Sindical dos Trabalhadores da Indústria. Contou então que o sr. Luiz Menossi lhe oferecera 200 mil cruzeiros pelo seu voto e mais 200 mil cruzeiros de contribuição da Federação ao seu sindicato.

NAO ACEITO?

O sr. Benedito Eugênio de Oliveira afirmou na ocasião que recusara o suborno por ser "um eleitor consciente e estar com a oposição". Chegou até a fazer parte da chapa da oposição, mas uma semana antes das eleições passou a combater a ferocemente e chegou mesmo a fazer um discurso violentíssimo contra seus camaradas de até uma semana antes. Ninguém conseguiu explicar a atitude do presidente do sindicato de Campos de Jordão.

FEDERAÇÃO PARCIAL

A Federação participou da campanha ativamente através de sua máquina administrativa e

Valeu Cr\$ 200 Mil No Pleito da Federação

sua diretoria lançou mão de seus fundos para promover a reeleição da situação. Fêz publicar matéria paga nos jornais apoiando a chapa situacionista, além de financiar churrascos, estada e passeios em Santos para os eleitores "amigos".

Ao churrasco de Santos foram convidados todos os representantes de sindicatos, mas na entrada foram barrados os que não concordavam com a diretoria da Federação, como os senhores Marcelino Marques e João Antônio da Costa. Enquanto isso, os bilhês da uma companhia estavam fritos e à disposição dos que se mostravam sensíveis aos argumentos do sr. Luiz Menossi.

PATERNALISMO

Usando todos esses "métodos" o paternalismo conseguiu impedir seu desalojamento do setor de construção civil que vem se tornando sindicalista um agrupamento de trabalhadores conscientes. Já foi mais fácil engodar os operários de construção civil.

Agora se gastam milhões para vencer os que adquiriram consciência do problema. Brevemente esses milhões serão gastos inutilmente.

O programa da chapa vitoriosa não é senão o que interessa aos

patrões. A sua única reivindicação é a mesma de anos anteriores, ou seja, a obtenção de cifra correspondente a 2% do total da folha de pagamento de cada empresa para que seja dada pelos patrões como contribuição para o hospital dos sindicalizados.

Como o operário contribui para o IAPI com 8% de seu salário, todo o mês, o empregador com mais 8% e o governo com outros 8%, o lógico seria batalhar para conseguir fazer com que a lei se cumpra e exigir uma boa aplicação da contribuição tirada no auxílio mingado do trabalhador, em vez de ludibriá-lo com promessas paternalistas que apenas serviram para manter a classe numa dependência paternal.

OPOSIÇÃO CONTINUA

O sr. Alfredo Egejas, presidente da chapa da oposição, disse a BRASIL URGENTE que "apenas uma batalha está perdida, não a luta, pois esta quem vencerá será a classe operária".

Voltamos para as nossas cidades com a consciência de dever cumprido e pedimos prestar contas de nosso voto de cabeça erguida (o que muitos não vão poder fazer) aos nossos companheiros do sindicato". E concluiu: "o destino dos que traíram a categoria que representam será decidido por seus associados. Os reflexos se farão sentir nas próximas eleições".

O sr. Salvador Rodrigues, representante dos marceneiros de São Paulo, informou que a oposição vai lutar para mudar o sistema de representação dos sindicatos na eleição da Federação. Acha que se cada sindicato tivesse três delegados a corrupção seria muito mais difícil.

"Porque — segundo afirma — ainda não chegou o tempo dos dirigentes sindicais dignos serem maioria. Muitos que aí estão não merecem sê-lo".

QUEM É

Presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil e do Mobilário do Estado desde 1944 o sr. Luiz Menossi tem conseguido se man-



Benedito Eugênio de Oliveira, denuncia.

ter no cargo através de ardilosas "jogadas" que vão desde o sentimentalismo até a compra pura e simples dos votos.

Em São José do Rio Preto, na campanha deste ano, chegou a levar sua esposa a um palanque para que ela fizesse um triste e ridículo drama: "luto sobre a vida da família (e o que seria dela sem a reeleição do marido) e as dificuldades que o sr. Menossi encontram na vida, etc.

Seu peleguismo vem de longe. E há muito foi repellido pela massa sindical, mas o contorçãoismo político lhe tem permitido continuar dirigindo a Federação. Há seis anos atrás teve sua ditadura gestida na direção do Sindicato de Construção Civil de São Paulo. Tentando a reeleição foi largamente derrotado.

Fundou então o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Pintéis, aproveitando-se para isso da questão surgida entre a fábrica de pintéis "Tigre" com o sindicato dos marceneiros, que lá tinha 30 associados. O sr. Menossi fundou um sindicato para os empregados da fábrica (que tem 700 operários) e a explicação do seu gesto é que ele é alto funcionário da empresa.

Através desse sindicato tem conseguido se manter líder de uma classe e divirtendo-se ansioso durante todos esses anos. Como recompensa pelo seu alto "peleguismo" ganhou um cargo. É ministro do Tribunal Superior do Trabalho (ótimo lugar para torpedear as reivindicações dos trabalhadores) e recebe mais de 400 mil cruzeiros por mês.

PARA DIRETORES	
EXISTENTES	SUBSTITUTOS
Luiz Menossi	Guilherme Azeiteiro
João Brucharato	Luiz Antonio de Souza Pinto
Benedito Egejas de Souza	João Paulo de Sá
Marcelino Marques	Apollônio Germano
João Luiz Azeiteiro	Antonio Rizzo
Salgueiro Tereza	Domestico Gonçalves Nery
Guilherme Azeiteiro	Leandro Agostinho
Alfredo Egejas	Alvaro Gonçalves da Silva
Antonio Lopes	Edmundo Figueira
Bernardo Vitor	João Paulo de Oliveira
Osvaldo Lorenz	Walter Bonardi
PARA DELEGADOS NA CONFEDERAÇÃO	
EXISTENTES	SUBSTITUTOS
Guilherme Azeiteiro	Luiz Menossi
Benedito Egejas de Souza	Walter Bonardi
João Paulo de Sá	Walter Bonardi
Benedito Egejas de Souza	Walter Bonardi
SUBSTITUTOS	
Antonio Rizzo	Antonio Rizzo
Domestico Gonçalves Nery	Domestico Gonçalves Nery
Leandro Agostinho	Leandro Agostinho
Alvaro Gonçalves da Silva	Alvaro Gonçalves da Silva
Edmundo Figueira	Edmundo Figueira
João Paulo de Oliveira	João Paulo de Oliveira
Walter Bonardi	Walter Bonardi

MAC SIMILE de uma cédula da situação usada na eleição. Sua ponta esquerda foi cortada. Um sinal qualquer na cédula era necessário para que ela fosse devidamente identificada. Para cada eleitor era depois devidamente "recompensado". Houve sinais de tinta de todo jeito, correntes, rasgos etc.

PASSAIO SEM QUERER DEUS NAS CERCEIRAS DE HAVANA

Na minha segunda manhã em Cuba fui à Missa na Igreja São Rita, onde celebram às 7.30 e 9 horas cada manhã e onde à tarde há missa vespertina e rezão e rosário. Há também uma hora santa por dia dedicada às crianças. Talvez seja uma maneira de instruí-los, agora que as escolas católicas estão fechadas.

A capela lateral estava cheia e assisti a duas Missas. Um dos padres ouviu confissões antes das Missas. Jovens de 15 ou 16 anos confessavam. A igreja principal estava sendo pintada embora parecesse ser muito nova. Contaram-me que ela foi construída por um padre Agostiniano americano que além desta fez outras duas e instalou uma elipse. Pena Cecidenciano

Depois da Missa tomei o ônibus no 32 e fui para o Ministério das Relações Exteriores onde deveria pegar minhas credenciais. Já estivera lá no dia anterior e recebi-me. A primeira, respondera às perguntas sobre a revista para qual escrevia, sobre a minha pessoa e recebi instruções para voltar com quatro fotografias no dia seguinte.

Raul Lazo, o jovem encarregado da seção de correspondência com o exterior perguntou-me o que eu gostaria de ver, e falei-lhe das granjas coletivas, das escolas, oficinas, estudantes cendo café, habitação, cooperativas etc. Disse-lhe também que gostaria de visitar a base naval de Guanajamo. — Já para olhar a Hong Kong de Cuba. E contou-me o plano de encerrar ao Presidente Kennedy pedindo-lhe que a liberdade num gesto sem precedentes de boa vontade que teria um efeito moral tremendo no mundo inteiro. É bem verdade que ele seria logo impedido de realizá-lo. Mas um tal gesto louco não deixaria de causar seus efeitos.

O senhor Lazo era jovem e bastante sério para compreender meu desejo. Além disto, este é um país que fez a sua revolução com um punhado de verdadeiros homens.

O ônibus errado

Ontem eu fui acompanhada por Jean Curtis Hagalberg, que é representante do advogado Rabinovitz em Havana. Seu marido trabalha para o jornal HOY, um dos três diários do país. O casal tem três filhos e mora perto do ministério. Ela conhece Gertrude Granich, esposa de Mike Gold, minha velha amiga do México, onde morreu cinco anos. Foi ela quem me relatou o assassinato de um dos líderes camponeses no México um comunista. Ele o prenderam à noite, em abril de 1962 tendo sua família insistido em acompanhá-lo. Foram todos fuzilados, inclusive sua esposa grávida. O sangue dos mártires é a semente do comunismo.

Eu haveria de me perder sempre em Havana quando viajava sozinha. Tomei um ônibus que deveria seguir para leste na Avenida do Presidente e em vez disso ele virou para o sul e começou a fazer seu itinerário através da cidade. Quando pagamos nossos

UMA
CATÓLICA
AMERICANA
NA ILHA
DE FIDEL
— por —
Dorothy Day

dois centavos (mais dois para baldeação) recebemos um bilhete atrevido do qual sempre extraí uma frase ou outra dos revolucionários. Durante a manhã, enquanto procurava meu caminho, guardei três de eis:

— Avante Revolução e os revolucionários sempre na ofensiva. ou Dr. Osvaldo Dorticos. Pátria ou morte.

— Orientar, não governar, em todos os níveis, é a função do Partido. — Dr. Fidel Castro. Pátria ou morte.

— Estudamos construído um povo de homens capacitados. Inscreva-se nos Cursos de "Seguimento y Superación Obrera". Pátria ou morte.

Meu passeio foi muito agradável e finalmente consegui (com o auxílio da metade das pessoas do ônibus) fazer o condutor entender onde eu desejava ir. Foi identificada primeiro como russa e depois como americana. Desci na estação com o bilhete de baldeação e fui informada de que deveria tomar o ônibus no 103. Comprei um exemplar de Bohemia (jornal mensal por apenas vinte centavos. Abro e vejo um retrato de George Bernard Shaw com a seguinte legenda em baixo (em espanhol é claro): "Os Estados Unidos são a única nação na História que passou do feudalismo para a decadência sem fazer nenhuma fase intermediária". (Há nos EE. UU. um Bohemia que é contra a revolução).

que há uma mentalidade já formada entre os católicos ricos e bem educados de que será um trágico. À sua vez os pobres não se esforçam para emigrar e por isso é difícil que permaneçam. Eles tiveram a dolorosa experiência de assistir a seus amigos e irmãos voltarem com a invasão e serem prisioneiros.

Ambo os lados apelam à juventude, é claro, e ambos acreditam estar servindo a uma causa santa. Não há qualquer conhecimento do papado e tanto católicos como socialistas acreditam que nada há mais nobre para um homem que empunhar armas pelo seu país. "A juventude exige heroísmo", escreveu Claudel.

Imprensa e livros

Comprei também uma cópia de "El Mundo", um dos três diários, por a preço de cinco centavos. O "Revolución" foi fundado por Fidel Castro. "Hoy" sempre foi o jornal comunista e "El Mundo" publica duas colunas de notícias católicas, aos domingos, apesar de não ser um jornal católico.

Enquanto esperava meu ônibus tive tempo para olhar as bancas de livros e revistas; há muitas delas em todas as prateleiras. Os russos estão mais representados que nós. Há uma verdadeira enchente de traduções espanholas de novelas, história, ciência, teoria e outros.

Vi "Moby Dick" por Melville, "Anna Karenina" de Tolstói, "Mito de Maximo Gorki". Havia também Darwin, Engels, Marx e José Martí muitos ainda em brochura, e também livros populares de ciência. A Ilíada e a Odisseia, a História do mundo por H. G. Wells. Uma variedade enorme de literatura, por si só capaz de demonstrar a sede de conhecimento de um povo pobre.

Além dos livros havia ainda material didático, manuais de gramática espanhola, cultura, etc. Os "slogans" encontravam-se em toda a parte: "Glória eterna aos mártires de Mondadori", "As crianças nasceram para ser felizes", "A revolução foi feita para as crianças". E ainda, os versos que to-

dos os estudantes cantam dentro dos velhos quando vão à Sierra Maestra:

"Não bebo whiskey
Não bebo chá
Vou para Oriente
colher café."

Sem prostituição

Tomei um ônibus que me levou para um bonito passeio pelo Central Park, além da Capital, que é uma cópia fiel do nosso, tendo passado pela estátua de José Martí e pelas docas com seus bares para marinheiros, pilotos e oficiais navais, etc. Hoje que a revolução tomou conta, está tudo incrivelmente feroz e pobre. Uma garota da milícia me disse indignada: "Mas claro que há ainda clubes noturnos e que são muito bons". Todos os hotéis foram nacionalizados e não existem mais zonas de prostituição.

O outro ônibus com placa "Veja Havana" seguiu por um distrito bastante movimentado com ruas muito estreitas lembrando a zona financeira de New York à tarde.

Não era ainda o veículo que eu deveria tomar e me a hora depois encontrei-me de novo na estação, onde tomei delicioso suco de frutas e aluguei um carro para ir ao Ministério. Foi novamente um belo passeio pelo Mallon com o local de pesca e cheguei finalmente ao Ministério às onze horas. Aí recebi meu cartão com minha fotografia colada e o carimbo oficial.

DIÁ 12 DE JUNHO

20 HORAS

SALA DO ESTUDANTE — Fac. de Direito

FREI CARLOS JOSAPHAT:

"REFORMAS DE BASE PARA O POVO BRASILEIRO"

Falarão também representantes da Frente Parlamentar Nacionalista e o escritor Rossine Camargo Guarnieri, presidente do Congresso. Estará presente o bispo de Santo André, Dom Jorge Marcos de Oliveira

FOGO NA IGREJA E NO MUNDO

O Papa João XXIII nos tem apontado neste tempo de concílio e de reformas um "Novo Pentecostes" soprando no Mundo.

A frase, na boca de um "orador sacro", não nos chamaria a atenção. Mas, graças a Deus, o grande Papa não merece este título. Honroso, quem sabe, para outros eclesiásticos. Fala a linguagem boa e limpa do homem comum. Não faz retórica. Dá testemunho daquilo que os seus olhos vêem, do alto do melhor observatório.

Um novo Pentecostes. O espírito de Deus socudindo a igreja e o mundo. Abalando rotinas. Impetuoso e profundo renovando homens e instituições. Daí brota a sede de justiça. Universaliza-se o anseio de compreensão e unidade. Os cristãos se acham idiotas e confusos com suas velhas dissensões. E os povos vão ganhando juízo, aspirando encontrar os próprios caminhos. Ciosos de sua independência, é certo. Mas, igualmente desejosos de conviver em paz.

* * *

Para melhor entendermos o Pentecostes de João XXIII, talvez seja interessante relembrações o, de São Lucas, narrado no Cap. 2 dos Atos dos Apóstolos.

"Eu vim atizar fogo à terra. E que haveria de querer se não que o incêndio se alastre?" (Lc. 12, 49).

Diante de um mundo dilacerado por ambições e injustiças. Um mundo triste e velho de egoísmos e indiferença. Jesus Cristo se apresenta (só a comparação é que é moderna) tal como um pára-quedista incendiário. A sua igreja há de ser uma fogueira. Sua missão, como a do profeta Jeremias, será destruir e edificar. Fundir as escórias do paganismo e do fariseísmo, para que o mundo opere renovado. E respalde na nova criação do Amor de Deus.

Três anos levou Jesus na paciente preparação deste Universo da Caridade. Conseguindo, afinal, congregar, em Nêmo de Pedro e dos Doze, umas 120 pessoas, primícias desta nova humanidade. Não se cansava de falar. Pelos caminhos. A beira do Lago. Entre vinhedos e oliveis. Galgando encostas, por onde circulam rebanhos e pastores.

Passou pelo Seu tão desejado e tão duro "batismo" do sangue. (Lc. 12, 50). Elevado, enfim à Glória de Deus. "à Direita de Deus", contempla reunida em Jerusalém, humilde e medrosa a Igreja de seus sonhos e de seu sangue. "Edificarei a minha Igreja".

No ansio de atizar fogo sobre o mundo, parece-nos (à nossa imaginação de homens do séc. XX) que o Ressuscitado conta os dias: 10, 9, 8, 7, 6... até o raiar de Pentecostes.

Então, é maneira de fogo e em forma de línguas, o Espírito de Deus inunda o Universo. Tempestuoso e íntimo. Como uma publicidade de Deus, que não pode passar despercebido. E com a suavidade da Graça que transforma por dentro os corações dos homens.

* * *

E a Igreja surge como a família divina, animada pela caridade. Alegre e simples. Vivendo na forte comunhão do amor e na espontânea comunidade dos bens. Todos irmãos. Fraternidade espiritual, mas realista.

"Entre eles não há pobres".

Os homens começam a se entender, por cima da diversidade das línguas e das raças.

Pentecostes é a réplica de Deus à confusão, à dispersão e ao desentendimento de Babel.

Perdido o Paraíso, em que Deus politicamente exprime os desígnios de seu Amor, o 1.º livro da Bíblia passa a descobrir os progressivos deslencamentos do pecado. Constitui-se o primeiro casal. Desune-se e ensanguenta-se a primeira família. Separam-se os clãs. Guerreiam as tribos. Os povos se desentendem na construção da torre do orgulho. E se dispersam pelos malditos caminhos da procura da predominância, do imperialismo, do colonialismo. E' deveras sugestivo este capítulo 11 do Livro de Gênesis.

Com a vocação de Abraão, a paciência paterna de Deus recomeça o mercão para o Amor e para a Unidade.

"Na plenitude dos tempos", a Igreja brotada da corção resgada da Filha e dinamizada pelo sopro do Espírito, é a vitória divina sobre os egoísmos individuais e coletivos.

No séc. XX, através deste instrumento tão débil e tão humano que é o Papa João XXIII, dentro de comunidade dos Bispos e dos fiéis, Pentecostes cintila, ativo e transformador.

A nova humanidade procura novos institutos, novos caminhos.

O fogo se alastra na Igreja e no Mundo.

*Fin Earth - Graphot
sp*

DORIAN JORGE FREIRE

Três Aspetos

Neste mundo dividido, o unânime sentimento é, trágico, que possamos viver, em face da enfermidade que alça o Papa João XXIII, poder levado à conta de um dos maiores milagres dos tempos modernos. Em torno do leito do Soberano Pontífice, um só e universal coroado sofre e ora. Se a marca desses tempos é a divisão — palas contra palas, filosofias contra filosofias, partidos contra partidos, homens contra homens, Caim contra Abel — diante do Papa enfermo há uma só e poderosa corrente de amor e solidariedade. Solidariedade que fala, com eloquência rara, do respeito, da admiração e do estimo que João, com eloquência simples e bom, providencialmente colocado na cadeira de Pedro, para o governo visível da Igreja. Malgrado em nenhum instante de seu admirável pontificado, João XXIII não mereceu o título de "Imitatio", ao por os queixumes e o homem neutro mole, medíocre ou indeciso. Ao contrário, é um homem positivo, afirmativo, corajoso. O grande auge da "Mater et Magistra" e da "Pacem in Terris", herdeiro próximo de Lobo XIII e Pio XI, o gale senado do Concílio Truémico Vaticano II e de todo um complexo de medidas destinadas a garantir a paz no mundo e o entendimento caridoso entre os homens de boa vontade. Diante do Santo Padre presumivelmente as portas da santidad, homens de todas as religiões podem nas suas presenças a vida e grande lenda, enquanto homens sem religião nenhuma, também separam, algumas melhoras para o segundo enfermo. João XXIII detra de ser a grande fortuna da Igreja, para tornar-se, pelas suas méritos pela grandeza de seu pontificado, pela segurança de suas posições pela caridade de seu apostolado, uma patinidade do mundo. Com ele, o mundo se sente mais garantido. Sem ele, existamos mais desamparados.

SEMEADURA

Seu argumentos para convencer a opinião pública e, já agora, sem possibilidade de esconder seus verdadeiros desejos, o repeto passou a linguagem de pés no chão, mangas arregaçadas e ponta de viola. Na Guanabara, o governador Lacerda, com a sua habitual irresponsabilidade, num assumpto de desamparo, agiliz verbalmente ao deputado Leonel Brizola, um dos líderes da batalha popular pelas reformas de base. Foi a volta o parlatório da imprensa, preferiu inutilmente, chamou de "aventuroso profissional, demagogo sem escrupulos, "profiteiro" da miséria e da infâmia e vagabundo". Outra vez o velho aguilão neofascista tornou venenos. Furo de se lhe dá, de direito de sua crônica e total insensibilidade, recebeu, com a tempestade que poderia desferir, respostas como aquelas que, em passado recente, lhe dirigiram o falecido Danton Coelho e o vivíssimo Negrão de Lima. Pouco se lhe dá. O desapareço da Lacerda pela dignidade alheia, corresponde perfeitamente ao seu pouco caso pela própria dignidade.

LACERDITE

De há algum tempo para cá, acalorando e proclamando a liderança de Carlos Lacerda, o jornal "O Estado de S. Paulo" não faz outra coisa senão injuriar o seu novo ídolo. Colocado como aquele, na racional resistência às reformas que possam despojar uma minoria de gozadores de seus privilégios injustificáveis e inaceitáveis, o matutino passou a injuriar a Deus e a toda a gente. Já não lhe basta insultar os sacerdotes e notários chamando-os de "marginados" ou ofender aos sábios apontando-os como "desgraça de uma grande parte da América meridional" e "homens da heresia, grandes diabolos regios linguagueiros onde a lei e a letra morta e só prevalece o poder que se apóia no Winchester 44 e no Colt 38". Já não lhe basta injuriar e presidente da República, alcunhando-o de "político de segunda ordem", "homem da periferia" sem alçar o Congresso até o céu inteiro, dizendo que passará "sem os factos da República Brasileira como o menos capaz de quantos se sucederam no poder desde a proclamação do atual regime em 1889". Chegou a vez da Igreja, de sua hierarquia, de seu clero. De até antes contra ela se usava as insinuações perversas, as alusões equívocas, para agora a injuriá-la furiosamente, não respeitando qualquer de suas grandes figuras nem o sentimento religioso da nossa gente ou a opinião de respeito que, sempre, mesmo os não-cristãos ou não-religiosos adotaram em face do credo religioso da maioria brasileira. Segundo as páginas de que gila, o "Estado" ataca a Igreja, mas possui de seu eminente Cardeal-Arcebispo e de seus arcebispos e bispos. E de que a acusa? Simplemente, ridículamente, grosseiramente, de adotar as comunhões. Diz que o Cardeal Motta "apóia sem condições a manobra acusada do sr. presidente da República, prestigiando ainda publicamente o homem que no Nordeste prepara a conversão bolchevista". Vai além: diz que o Cardeal está "em antagonismo com as autoridades do ordo eclesial do Vaticano". Não; que falsamente interpreta os ensinamentos de Cristo, que adota "a luta contra as instituições democráticas", se une à extrema-esquerda, deturpa a linha de conflito do clero e quebra a neutralidade que deveria manter no conflito entre a Igreja e o movimento laico. Procura de beltores. Para advogar os interesses de uma casta, o "Estado" adota os métodos infames da calúnia e da mentira.

10

Arraes Demonstra Em Minas Que Mineiro Quer Reforma

Belo Horizonte — (Da Sucursal de BRASIL, URGENTE) — A presença do Governador Miguel Arraes em Belo Horizonte, faria com que cerca de quatro mil pessoas comparecessem, numa noite fria, ao auditório da Secretaria de Saúde e Assistência para ouvir falar sobre as reformas de base, virio provar a falsidade da afirmação dascurias que, no Congresso ou fora dele, acenavam, com mi fe, que, em Minas, só existe "reacção" e que o povo mineiro não concorda com as reformas.

COM OPERARIOS

O governador de Pernambuco compeli em Minas um programa amplo. No sábado, esteve em Nova Iguaçu, acompanhado pelo deputado José Agapito de Oliveira, e, apesar da hora e do frio — eram 23 horas —, cerca de mil operários da Mina de Muro Velho estiveram presentes.

No domingo, visitou o Arcebispo de Belo Horizonte, dom João Resende Costa, e manteve uma palestra de quatro horas com o governador Ma. galhães Pinto.

A noite, juntamente com Frei Car. los Jonhapt e com os deputados José Agapito de Oliveira e José Gic. mo Minocci, participou de uma com. ceatrago popular na Secretaria de Saúde e Assistência, promovida pelo Diretório Central dos Estudantes da Universidade Católica.

Segunda-feira, antes de sair do ca. pital mineiro, o governador pernambuco ainda encontrou com universi. tários e concedeu uma segunda entre. vista colectiva à imprensa mineira.

REFORMAS: MINEIRO, QUER

A ida a Belo Horizonte do gover. nador Arraes deixou claro também que:

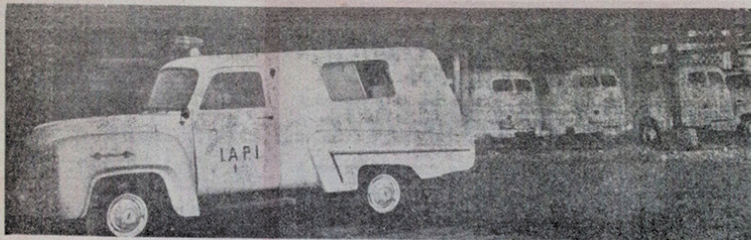
1 — A penetração popular de Re. Miguel Arraes é enorme. Sua che. ga a ao auditório da Secretaria de Sa. de e Assistência despertou um cru. de entusiasmo nas quatro mil pessoas ali presentes.

2 — A opinião pública mineira de. seia — como a opinião pública de to. do o País que se fazem as refor. mas. Tanta assim que, apesar da pouca propaganda, enorme massa fo. rtovir o governador Miguel Arraes, negatizando a ação dos grupos neo. lógicos que não deram cobertura através da televisão e do rádio, à pa. lestra do governador. Os aplausos — com o auditério todo pé — de Frei Carlos Jonhapt, diretor de BRASIL, URGENTE, sem que o jo. nal tenha sido lido em Minas, ofe. cionalmente, provam, também, a pen. tração de jornal em Belo Horizonte e a notação popular das teses por ele defendidas.

3 — Em Minas, funciona, realmen. te, um front, tanto para obtação das reformas, agindo, em conjunto, grupos cristãos, grupos marxistas e grupos de esquerda em geral.



PATRÕES DEVEM 25 MILHÕES AO IAPI



Embora não seja segredo para ninguém que os institutos de previdência social no Brasil se encontram numa situação vergonhosa, atendendo precariamente às suas finalidades, e servindo principalmente a interesses escusos em prejuízo dos trabalhadores que deveriam assistir, não deixam de causar surpresa os dados sobre os seus problemas financeiros e sobre o abandono que é relegado o trabalhador brasileiro

Dizendo que BRASIL URGENTE "é um ótimo jornal" e que só achta que não fosse diário, o presidente do IAPI expôs as principais causas da grave situação da previdência no país e apontou as principais soluções para o problema, pronunciando-se decisivamente a favor das reformas de base e da união dos trabalhadores para defender os seus interesses contra os maus patrões, que nem sequer cumprem as obrigações determinadas pela legislação vigente.

CAUSAS

As causas principais da situação dos IAPs, disseram o sr. Armando Monteiro, são a má administração, o empurgulho e a política financeira inadequada.

Cada instituto de previdência estava nas mãos de um deputado, que recebia comissões sobre compras e vendas, sobre financiamentos e que praticamente administrava o IAP. Os presidentes recebiam cartas com recados desses parlamentares, as quais geralmente continham pedidos que normalmente eram atendidos.

Com relação ao empurgulho, precisou o presidente do IAPI: "O Instituto tem excesso de funcionários, mas, apesar disso, falta pessoal principalmente para os cargos inferiores. A situação é tão calamitosa que algumas funções admitidas como temporárias, ganhando ordenados de até 170 mil cruzeiros trabalhavam como datilógrafas". Para dirigir ambulâncias e fazer outros serviços especializados também há deficiência de funcionários. Assim, no P. A. da Varzea do Carmo, há 17 ambulâncias, quase todas paradas, por falta de mecânicos e de peças, e que acabariam se tornando insusceptíveis definitivamente.

Em relação às finanças, a política financeira que se adotava demonstrava hoje ser falha. No caso de predios comprados para sublo-

cação, por exemplo, registrava-se um grande déficit, em vez da renda natural e necessária para o Instituto.

Assim sendo, frisou o sr. Armando Monteiro, o IAPI apresenta um déficit mensal de 3,5 bilhões de cruzeiros e a solução para combatê-lo seria uma administração honesta e eficiente, a erradicação do empurgulho e o abandono da atual política financeira.

DEBITOS DOS EMPREGADORES

A atual administração do IAPI prepara-se para receber judicialmente a importância de 25 bilhões de cruzeiros devidos pelos empregadores. Estes devem ainda mais 12,5 bilhões, que foram descontados das folhas de pagamento dos operários, mas que os empregadores, em vez de entregarem ao IAPI, utilizaram para movimentar as próprias empresas, em seu exclusivo benefício. Isso é apropriação indevida, punida por lei — disse o presidente do Instituto. Nossos advogados preparam para o mês de junho a abertura de vários processos criminais, nesse sentido.

Por sua vez, a União tem para com os institutos de previdência uma dívida de 125 bilhões, desde 1938 data da fundação dos IAPs, e estes não têm meios para receber essa imponente soma.

SONEGAÇÃO

Entretanto, o débito total dos empregadores, que atinge a 27,5 bilhões de cruzeiros, é inferior às sonegações de contribuições por parte das firmas. Estas não declaram o número total de seus funcionários, o que acarreta um enorme prejuízo para os institutos e consequentemente para os beneficiários. Esses empregados não declarados, no entanto, procuram os serviços dos institutos, principalmente serviços médicos, e na maioria das vezes são atendidos, o que contribui para agra-

var a situação financeira dos IAPs.

O IAPI, que representa 49% do movimento previdencial no Brasil, está praticamente à beira da falência total e seu presidente, o sr. Armando Monteiro, revelou à reportagem de BRASIL URGENTE, dados impressionantes sobre os descalabros que se registram nos órgãos de assistência ao trabalhador, principalmente o que preside e que é o mais importante do país.

var a situação financeira dos IAPs.

Ainda com relação à assistência médica, a lei orgânica fixa em 15% do orçamento do instituto a verba para esse fim, mas nem sempre ela é aplicada. Em consequência, esta assistência ainda é muito deficiente e origina a maior parte das queixas dos beneficiários.

ASSISTENCIA NO CAMPO

O IAPI, que congrega 16 milhões de trabalhadores urbanos, irá reunir mais de 3 milhões de trabalhadores rurais, com o que passará a assistir quase metade da população operária do Brasil.

Isso, entretanto, acarretará um novo problema para o instituto, representado pela maneira de descontar a contribuição no campo. Se o fazendeiro irá pagar o IAPI (1% do total da venda da produção), pois é impossível descontar do trabalhador rural que não

tem recursos. Basta dizer que, em muitas fazendas, notadamente no Nordeste, o camponês ganha em média apenas 4.500 cruzeiros mensais. Esse problema disse o sr. Armando Monteiro, seria resolvido pela realização da reforma agrária.

A esse respeito, o nosso entrevistado acrescentou: "Nada adiantaria que a previdência socorresse os trabalhadores do campo, pois sem a reforma agrária eles não teriam condições para sobreviver. E é também necessária a imediata regulamentação do trabalho rural".

CGT

Eufim, o presidente do IAPI declarou-se francamente favorável à CGT. "Se o empregador pode pressionar o governo através das federações — argumentou — é válido que o empregado se faça representar através de um Conselho Geral dos Trabalhadores para defender seus direitos".



A lei estabelecerá as condições, prazos e preço máximo por região, do arrendamento de terras rurais, bem como dos contratos dos assalariados agrícolas, podendo as áreas de Reforma Agrária, autori-

Deixe disso, meu amigo. Vamos ser proprietários. Que nossa propriedade é nossa. Ninguém nos incomodará. (Danem-se nossos "patricios"). Vamos ser proprietários. Da propriedade de todos.

— Com quem estão os senhores? Com o povo do Brasil e dos Estados Unidos ou com os comerciantes de medicações dos Estados Unidos? Os senhores são como ou contra a gente?

ARMANDO FALCÃO EM MINAS: MAL ESTAR ATÉ NO PSD

DEBATE

LEIGOS

Escrever sobre assuntos eclesiásticos requer a maior delicadeza inteiro respeito. Quando não for indispensável, sempre será melhor deixar a palavra aos mais autorizados.

No entanto, há leigos que não evitam manifestar-se sobre aqueles assuntos. Ao contrário: manifestam-se com vigor, usando expressões fortes. Não é inédito. Ainda existem no Brasil resquícios do anticlericalismo combativo de tempos passados. O que é novo é que se manifestam, dessa maneira, grupos que até ontem pretendiam monopolizar a defesa da Igreja. Agora são leigos católicos ou que se dizem católicos, zombando de prelados. O deputado João Mendes ousou falar em despreparo dos bispos, como se ele soubesse o que é pregar.

Como se explica essa viravolta surpreendente? Ninguém o ignora. Foi a mensagem da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil sobre a reforma agrária. Foram as declarações do arcebispo de Porto Alegre sobre a mesma matéria. E, agora, a atitude idêntica do cardeal-arcebispo de São Paulo, do bispo de Santo André e de outros prelados paulistas, enfurecendo os que consideram certas posições políticas como dogmas inmutáveis.

Estão decepcionados. Para neutralizar o prestígio dos bispos que chegam a atacar, mobilizaram dois prelados, um deles co-autor de um livro que não revela o despreparo, mas que está, sim visivelmente preparado; o outro, endossando as teses do livro numa pastoral que aqueles leigos logo profanaram, transformando-a em anúncio, em matéria paga.

Essa tática lembra irresistivelmente os dias em que aqueles mesmos leigos, lutando contra uma modificação em nosso serviço diplomático — que se revelou totalmente inofensiva — gritaram contra imaginárias tentativas de fazer um cisma na Igreja do Brasil. Agora, são eles que instigam bispos contra bispos; e contra os bispos, os leigos.

Quem são esses leigos? Não é difícil descobrir: o mesmo processo que agora usam contra a Igreja, estavam e estão acostumados a usar contra as Forças Armadas. São os mesmos que habitualmente batem às portas dos quartéis quando acabam de perder eleições perdendo um pequeno golpe para "corrigir a fortuna". Jogam com cartas marcadas.

Agora batem contra as portas da Igreja. Mas não adianta. Diz o Evangelho que as portas da Igreja prevalecerão contra o inferno.

Transcrito do "Correio da Manhã", do Rio de Janeiro, edição de 29.5.63.

14

BELO HORIZONTE — (Da Sucursal de BRASIL, URGENTE) — Até o PSD mineiro se escandalizou com o aparecimento do deputado (e representante do IBAD) Armando Falcão na Televisão Itacolomi, de Belo Horizonte, na semana passada. Elementos do partido afirmaram que nunca viram tanta bobagem de um político e que as afirmações do deputado gorilista foram mais lacerantes do que de um homem do partido.

O deputado Falcão foi arrasado no programa "Encontro com a Imprensa" pelas perguntas objetivas dos jornalistas mineiros, às quais nunca soube responder bem e, caindo em contradições, chegou mesmo a admitir que o deputado Brizola tem razão quando diz que o Congresso está omissão.

PRESENTE DE JK

O deputado Armando Falcão, dirigente do IBAD, afirmou entre outras coisas no programa "Encontro com a Imprensa", na Televisão Itacolomi, que o cardeiro que ganhou do ex-Presidente Juscelino Kubitschek, na Guanabara, não lhe rende três milhões mensais e afirmou que somente acatou o cardeiro, porque precisava dele para sustentar-se e à sua família. Recusou-se, porém a dizer quanto lhe rendia o presente com que se sustentava e à família.

Submetido a um interrogatório cerrado dos jornalistas mineiros, o sr. Armando Falcão foi obrigado a concordar com o sr. Leonel Brizola e com os nacionalistas, dizendo que o Congresso se omitiu até agora, não se apercebendo da gravidade da situação nacional e deixando de votar ao menos um dos 200 projetos encaminhados na Câmara a que tratam do problema da Reforma Agrária.

APUROS

O sr. Armando Falcão viu-se em apuros também ao criticar o presidente da UDE. Vinícius Caldeira Brandi e o presidente do COT, Clodomir Rian, ambos mineiros, dizendo que o primeiro agrá com má-fé ao lançar o nome do Papa para o Prêmio Nobel da Paz e que o segundo não representava os trabalhadores. Os jornalistas mineiros fizeram ver que Rian, além de autêntico representante de fato, os trabalhadores, pois foi eleito deputado estadual com 14 mil votos de operários de Juiz de Fora.

O jornalista Marco Antonio Dias do "Correio de Minas", fez ver que a indicação de JK para o cargo de senador, em 1954, era sincera, pois Vinícius — a quem conhece bem — é cristão — e militante da JUC, e afirmou que não o fizesse, teria motivos bastantes para prestar essa homenagem ao Papa. Para ilustrar essa afirmação o jornalista levou trechos da "Pazem la Terra" esquecidos ou ignorados pelo sr. Armando Falcão.

As perguntas feitas pelos jornalistas colheram o sr. Armando Falcão de surpresa, pois esperava que iria à Televisão mineira somente para pontificar, enganar, do o povo. O deputado salta tão mal que, no outro dia, um ex-deputado do PSD mineiro, Osevaldo Teles, dizia que nunca viu na televisão e o deputado Nelson Scarano, também do PSD mineiro (o deputado estadual mais votado nas últimas eleições, com perto de 30 mil votos), ocupava a tribuna para dizer que o sr. Falcão, pela sua falta de ética política.

— "Não podemos aceitar afirmar o deputado que o sr. Armando Falcão venha a Minas Gerais desvirtuar a verdade dizendo, a cada vez, que advertiu o sr. Juscelino Kubitschek sobre o problema da reforma da Constituição".

MAI-ESTAR

O deputado lembra ainda a responsabilidade do PSD mineiro e nacional que ajudou a eleição do sr. João Goulart, dizendo:

— "Temos responsabilidade com esse governo. Em seu Ministério existem homens como o sr. Paulo Pinheiro, Chagas e muitos outros pseudos líderes, que dão sua cooperação para o bem andamento das questões públicas".

Sobre o fato, um jornal de Belo Horizonte comentou: — "A reação do deputado Nelson Scarano, na tarde de ontem, contra os termos empregados pelo deputado Armando Falcão, na entrevista que concedeu na Televisão Itacolomi, contra o sr. Tancredus Neves refletiu não uma revelação ideológica, mas o mal-estar que se apassou de quase todos os pseudos mineiros com a situação do sr. Armando Falcão, mais interessado em fazer uma auto-promoção e em estimular Minas a candidatura do sr. Carlos Lacerda, que em colaborar com o PSD mineiro ou em apresentar uma posição firmemente ideológica".

Apenas 28% da população mundial consome o número de calorias considerado necessário para uma vida normal. Na Europa Oriental, Central, nos EUA e na Oceania o consumo é de 3.100 calorias, ou seja 20% a mais que o necessário para as necessidades vitais. Mesmo nos EUA, em 11 estados do sul, onde é grande o contingente de pretos e latino-americanos, 73% dos habitantes não contam com um regime alimentar adequado. 12% da população mundial é constituída de "mal nutridos", isto é dispõe de número insuficiente de calorias: entre 2.200 e 2.700. Espanha e Portugal representam parcela deste bloco. Os restantes 69% da população mundial vivem, em regime de "fome crônica", impossibilitados de trabalhar normalmente. Populações da América Latina, Ásia e Extremo Oriente são as que dispõem dos níveis de 2.200 calorias.

DIREITO DE NAO TER TERRA

Na América Latina, a defesa do "acossante direito de propriedade" levou à seguinte situação: 1,5% dos proprietários agrícolas possuem, em nome da liberdade, 60% das terras. Na Argentina as propriedades de mais de 1.000 hectares representam 75% de toda a superfície contra 51% no Brasil. O Paraguai, do generalissimo Stroessner, concedido pelo governo dos EUA, bate todos os recordes. As propriedades de mais de 1.000 hectares ocupam 93% do território nacional. Nação e povo. Leis-se, pois: 93% do território que deveria ser do povo.

HUMOR OCIDENTAL

A Argélia, depois de tantos anos de colonização francesa, deveria ter recebido algo da cultura gaulesa. A missão dos países colonizadores, segundo sustentam, é promover à civilização os que não podem alcançar por si sós. Ao abandonarem a Argélia, a contragosto, deixaram 92,5% de analfabetos, como legado de sua cultura. Na Índia, os ingleses também não deixaram senão a marca de seu "senso de humor", isto é 83,4% de analfabetos ligados à comunidade britânica.

BRASIL VISTO DE FORA

O mensário católico "Crescimento dos Jovens Nacionais" assim descreve, em seu número de fevereiro, a situação parlamentar do Brasil: "Os que decidem no parlamento. De quem se trata? Trata-se de senhores da terra, de grandes industriais, de banqueiros, da burguesia latifundiária, e acima de todos, do imperialismo norte-americano. Ocorre no Brasil, como em outras democracias da América Latina este fenômeno estranho, grotesco, revoltante: o proprietário faz a lei para o camponês, o banqueiro para o do meio, o eunuco para o estudante, o general para o simples soldado; o imperialismo faz a lei para os milhões de brasileiros que exploram sem piedade com suas quatrocentas companhias que lhes sugam o sangue, o suor e as lágrimas".

UM BOM NEGOCIO

Muitos acham que a América Latina está injustamente prejudicada contra os EUA e que os comunistas são os responsáveis pela hosti-

lidade. Sucede que as causas podem, ser outras, mesmo porque o número de comunistas na América Latina é sabidamente írisório e seria preciso atribuir-lhes qualidades quase sobrenaturais para que pudessem doutrinar toda a população. O povo na América Latina atribui aos EUA pesada responsabilidade por sua miséria. "Fox populi, vox Dei". O quadro de comércio exterior de alguns países da América Latina demonstra que o intercâmbio é feito quase que exclusivamente com os EUA, sem proveito nenhum para os "nativos". Sabe-se, por outro lado, que o controle de comércio exterior é um dos insalváveis recursos de dominação econômica adotado pelas Metrópoles desde o início dos tempos até a presente época "de liberdade democrática". Vamos às cifras desses países com os EUA.

	Exportação	Importação
Colômbia ...	71%	63%
Guatemala ...	64%	59%
México ...	75%	76%
Panamá ...	96%	54%
Cuba (antes de Fidel) ...	71%	72%

GUERRA SIM — MÚSICA NAO

Uma noitinha sabrosa: O governo do Vietnã do Sul, chefiado por Ngo Dinh Diem, pessoa de confiança dos EUA, que o mantém no poder, proibiu 88 canções sentimentais de amor. Acrecadas destas são atualmente 298 canções as incidentes na lista negra do governo, desde o início do ano. O fundamento da proibição é que as canções tristes e sentimentais "prejudicam a moral da nação na luta contra o comunismo". A presente nota foi extraída do noticiário internacional de "O Estado de S. Paulo".

Vale informar aos leitores que o Vietnã do Sul está minado de guerrilhas, levando, como se vê ao desespero as forças fiéis aos EUA. Aliás, tem havido reiteradas denúncias de emprego de guerra química na pulverização de produtos químicos à beira de rios e sobre as regiões em que os revolucionários estão estabelecidos. Em face da repercussão internacional dos protestos contra a guerra química que estaria sendo responsável por dissuamo morticínio, Diem respondeu que os produtos fornecidos pelos EUA e que lançam

para "desalarjar" os rebeldes são tão inofensivos quanto o sal de cozinha ou o vinagre".

QUEM AJUDA QUEM?

Entre 1900 e 1960 a relação entre a baixa dos preços das matérias-primas e a alta dos produtos manufaturados, indica um aviltamento no poder aquisitivo dos produtos primários da ordem de 60%. A baixa acentuou-se especialmente nos últimos dez anos. Para comprar a mesma quantidade de artigos industrializados que em 1907 adquiriam com uma tonelada de matéria-prima, deviam os subdesenvolvidos exportar 44% mais.

Em 1954, com igual exportação de café, o Brasil obtinha cerca de 1 bilhão de dólares, contra 700 milhões em 1911. Ora, sabendo-se que a América Latina vive de monoprodução de matéria-prima, é fácil avaliar o que a baixa significa. Para a Venezuela, o petróleo representa mais de 90% de sua exportação. Para a Bolívia, o estanho significa 63%. O café, 80% para a Colômbia. O cobre, 46% para o Chile.

Nem falem do Brasil. Quem ganhou na troca? Os latino-americanos ou os EUA, seus grandes compradores? Quem ajuda quem?

"COMUNIZAÇÃO" DA IGREJA?

Em recente nota, o jornal mexicano "Altos" reproduz informação de agência internacional segundo a qual o cristianismo brasileiro estaria se "comunizando". Dando como referências "A Tribuna da Imprensa" e o sr. Augusto Frederico Schmidt, o citado despacho asseverava que alguns católicos de projeção, inclusive bispos, eram "agentes comunistas" ou "incentivos úteis do México". Entre esses "infiltrações verminhas" na Igreja, citava-se o Bispo Dom Helder Câmara e o intelectual cristão Tristão de Athayde.

Segundo a agência de notícias internacional, o sr. Augusto Frederico Schmidt estaria em via de entrar ao Cardinal Dom Jaime um relatório a respeito do assunto.

Esta espantosa matéria revela até onde a Direita Brasileira pretende ir. Não contente em chamar de comunistas aos socialistas, trabalhistas e nacionalistas, começa a aplicar a mesma chantagem até contra elementos da hierarquia. A razão desta atitude extrema prende-se,

claramente, ao fato de os ocos e hipócritas estarem se enjaulando com desassombro cada vez maior na campanha pelas Reformas de Base e pela repressão aos abusos do Capitalismo.

A título de esclarecimento, lembremos que o sr. Augusto Frederico Schmidt é notório porta-voz de tristes internacionais. Diretor de várias empresas estrangeiras, foi um dos promotores principais da exportação, a preços viz, de nossos minérios atômicos, através da ORQUIMA, por ele dirigida...

REALISMO BRITANICO

Notícias de Nairobi indicam que o Governador Geral do Kênia, Sir Malcom MacDonald, encarregou o sr. Jomo Kenyatta de formar o Governo desta antiga colônia britânica. O Kênia foi há pouco emancipado pela Câmara de Saint James, embora continue membro do Commonwealth, devendo o novo Governo preparar a Primeira Constituição do país.

O sr. Jomo Kenyatta foi o principal líder do movimento revolucionário do qual os "Mau-mau" constituíram o núcleo terrorista. Acusado de "comunista" e responsabilizado por pressões atrozadas, Kenyatta sofreu toda a sorte de cilindras e vilipêndios, ferozmente divulgados pela imprensa internacional, sendo, por fim, levado à prisão.

Aproveitando sua encarceramento, as autoridades britânicas procuraram sufocar a luta pró-independência a ferro e fogo. Foi isto britânico a repressão que sucedeu aos protestos no próprio Parlamento Britânico. Ali várias vezes depósitos de bombas apontaram para estranhos o fato de serem maior o número de terroristas mortos pela Polícia do que o de feridos.

O movimento emancipador, porém, jamais foi detido. Com a libertação de Kenyatta recuperou-se a um ponto tal que os ingleses, levados por sua tradicional política realista, acabaram por concordar com eleições gerais. A vitória do Partido de Kenyatta por esmagadora votação impunha sua escolha para Primeiro Ministro. Mais uma vez, o "Foreign Office" não se opôs ao curso da História e o Kênia prepara-se para ingressar no rol das antigas soberanas sob o direito de seu mais autêntico líder, Jomo Kenyatta.

Brasília, Urgente

Alguns aspectos INTERESSANTES da nova lei de aumento do funcionalismo, que movimentou toda a semana, a Câmara Federal:

1) Os ministros de Estado passaram a ganhar 360 mil cruzeiros mensais.

2) O prefeito do Distrito Federal, 300 mil cruzeiros.

3) Nenhum servidor público federal no País poderá ganhar mais de 350 mil cruzeiros mensais, sem exceção e incluindo proventos de qualquer natureza.

4) No exterior, nenhum funcionário brasileiro poderá ganhar mais de dois mil e quinhentos dólares por mês. Há porém uma ressalva para os chamados chefes de missão diplomática, que não são atingidos por esse teto.

5) Os membros dos conselhos administrativos dos Institutos de previdência ganharão 220 mil cruzeiros mensais.

6) Os baralhões (massem baralhões) não foram de todo esquecidos: nenhum servidor poderá perceber menos do que o valor do maior salário-mínimo do País, presentemente, cerca de vinte e uma mil cruzeiros.

7) Ficou proibida a nomeação ou admissão de pessoal, a qualquer título (sic) por um ano, a partir de agora. Mas logo no primeiro parágrafo desse artigo, vem (como não podia deixar de acontecer) a ressalva de que em casos excepcionais, poderão ser feitas nomeações ou admissões mediante autorização expressa de presidente da República em cada caso (sic).

8) Os policiais do Governo da Guanabara terão noventa dias para requererem ao ministro da Justiça a volta ao serviço público federal.

9) O montante estabelecido no Plano Trienal para aumento do funcionalismo foi 148 bilhões de cruzeiros. Mas os deputados protestaram, os militares ameaçaram, e o montante previu quase do bloco.

Houve uma disputa intensa em torno dos cargos dirigentes da Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar as atividades do IBAD e do PIES. Nunca se viu coisa igual, nem no caso da Comissão Especial de Reforma Agrária. A UDN fez tudo para a presidência não ir para o PTB, que todavia lutou bravamente. Enquanto isso, estava nervosamente nos corredores, o sr. Lampreia...

A votação do dispositivo estabelecendo o empréstimo compulsório para sustentar o funcionalismo, foi controlada ativamente pelo líder do Governo, Oliveira Brito. Ele foi para junto da Mesa Diretora da onde, contemplava todo o plenário e o mapa de votação...

Vários deputados votaram a favor do aumento do funcionalismo, mas, incoerentemente, votaram contra o dispositivo que concedia os recursos financeiros correspondentes, ou seja, o dispositivo que estabelecia o empréstimo compulsório.

O novo Ministério reformista do presidente Goulart está formado no decorrer dos próximos dez dias, se algo inesperado não ocorrer. E se o contrário do que pensam alguns o PSD terá sua participação aumentada no Ministério.

O sr. Altusio Bezerra, reputado do PSD, regressou a Brasília depois da demorada visita ao Nordeste. Disse que a população nordestina "ansea pela reforma agrária".

O deputado udenista Arnaldo Nogueira, contrariado em alguma pretensão, anuncia que vai acalçar com o DASP. Já está elaborando o respectivo projeto de lei.

Aguarda-se no Senado a indicação do presidente Goulart do nome do professor Queiroz Filho para embaixador brasileiro na Guatemala. Frases de PDC se entronando com o Governo.

Quando o deputado Paulo Sarrazate contava vantagem a um grupo de jornalistas, porque tinha oferecido sua amizade, desafiando todos os interiores do funcionalismo federal, o deputado pedesista Tenreiro Neves, passava perto, e não se contentava.

— Agora você vai ter um retrato na casa de cada interior... — Só eu não, retrocesso. Porque se eu estiver, vou me contentar!

Embora a imprensa diária do Rio tenha motivado diferentemente o nome mais provável para assumir a chefia do Criminel da Presidência da República, é do sr. Flávio de Castro atual subchefe do mesmo serviço.

Reconhece o presidente Goulart que vêm melhorando nitidamente as relações Brasil-França, abaladas que foram com o episódio da legista. Esse seu ponto de vista pessoal ele manifestou inclusive no direito do jornal francês "Le Monde" sr. Beut-Mary. Esforços estão sendo realizados nesse sentido por importantes personalidades de ambos os países. A revista "Paris-Match" dedicará, num dos próximos números, várias páginas a uma ampla reportagem sobre o Brasil de hoje, iniciando novos aspectos fulgurantes da selva amazônica para culminar com a vida trágica da capital paulista.

A proposta de afirmativa de que o PTB atualmente se divide em dois grupos — ideológicos e filiológicos — o deputado plebeu e vice-presidente da Câmara Federal Clevis Mota procurou enquadrar no primeiro ao "responder a um jornalista".

O deputado Ranieri Mazzilli pouco para se sair da presidência da Câmara Federal. Tão logo chegou no recinto daquela Casa, vai diretamente ao plenário para assumir a presidência dos trabalhos.

Na quarta secretaria da Câmara, cujo titular é o deputado Paulo Minaxona, vendiam-se revólveres gaúchos a preços abaixo da tabela no mesmo instante em que, no plenário, votava-se o projeto proibindo o uso de armas em recinto da aquela Casa do Congresso.

Comentava-se nos corredores da Câmara Federal que o sr. Theotônio Monteiro de Barros Filho, no caso de rompimento do governo Adenauer, com o presidente Goulart, preferiria permanecer com o presidente da República, e portanto, à frente do Ministério da Educação e Cultura.

Foi inaugurado em Brasília, o Escritório Central para todo o País, da candidatura JK-65. Houve muito discurso, raios e até a presença do candidato. No dia seguinte o escritório fechou.

Anuncia-se o desaparecimento para breve da "Folha de Brasília", jornal leve moderno, bem feito — logo que surgiu venceu. Mas o entusiasmo foi tal que vieram os desmandos e o resultado aí está. Outro jornal de Brasília, o "Diário do Brasil" foi adquirido pelos proprietários de "Diário Carioca", que com o mesmo com aquele período e mais a edição brasileira de "DC", um seria trituito e outro vespertino.

Estão adiantadas as obras de construção da sede da "Manchete" em Brasília.

Concluiu o prelo e o traço rodoviário entre Brasília-Brasília Horizonte-Rio, porque, embora há alguns meses tenha ruído a ponte sobre o Rio da Prata, há agora, aquela travessia ainda e feita por um sistema de emergência. Nada se fez.



POSIÇÃO DE VANGUARDA DA DEMOCRACIA CRISTÃ

para garantir a paz,
a segurança e a prosperidade
da família brasileira

REFORMAS DE BASE JÁ!

- Em nome de uma consciência cristã - tantas vezes comprorizada por quantos interesses anti-cristãos dela se utilizam para encobrir, e até justificar, odiosos privilégios anti-populares - ergue-se o Partido Democrata Cristão para desfraldar, ao lado do povo, a bandeira de lutas em favor das transformações sociais que a Nação reclama para sobreviver democraticamente.
- Iniciamos, por isso, em todo o Brasil, um movimento próprio de mobilização popular pelas reformas estruturais cristãs, realizadas com firmeza, mas sem comprometer a normalidade democrática e sem afetar a paz da família brasileira.
- Cremos na Democracia como instrumento de revolução social e não concordamos que, para realizar este ideal revolucionário, se pretenda extinguir a Liberdade ou sequer restringi-la.
- Evocando as lutas gloriosas da Independência, da Abolição e da República sustentadas pelos nossos maiores contra as forças da reação, o Partido Democrata Cristão assume o papel de vanguarda que lhe cabe nesta nova etapa do processo histórico de libertação do povo brasileiro do feudalismo, do colonialismo e do imperialismo.
- Defendemos as transformações sociais sem comunismo. Mas também não admitimos que a pretexto de combater o comunismo se procure, por um golpe de mistificação, impedir ou retardar reformas fundamentais. Para nós, democratas cristãos, como para toda a opinião pública esclarecida do país, estas reformas - instrumento de Governos justos e eficientes - constituem o único caminho da sobrevivência democrática, por via da eliminação de todas as causas do atraso, da ignorância, da fome, da doença e da miséria que arruinam a grande maioria do povo brasileiro e muito justamente determinam o seu desespero e a sua revolta.
- Vamos demonstrar a vitalidade de nossa vida democrática, transformando as liberdades políticas em instrumento de conquista popular das Reformas, que terão de vir com seriedade, de maneira rápida, porém consequente e ordenada - para destruir privilégios, nunca para esgotar as últimas esperanças do povo brasileiro.
- Não julgamos ninguém: a Democracia Cristã é o partido dos não privilegiados. E todos os nossos atos serão, sempre, a consequência de nossa fidelidade a esta linha fundamental: a reconstrução e a emancipação do Brasil.

NEY BRAGA
PRESIDENTE NACIONAL DO PARTIDO DEMOCRATA CRISTÃO
E GOVERNADOR DO PARANÁ

P.D.C.

PARTIDO DEMOCRATA CRISTÃO

- POR UM BRASIL MAIS HUMANO!

ESTAS SÃO AS REFORMAS PELAS QUAIS LUTA O P.D.C.:

- 1 - **REFORMA AGRÁRIA:** O P.D.C. tem posição firmada em favor da Reforma Agrária com emenda constitucional que permita a desapropriação de terras improveitadas mediante o pagamento, a prazo, em títulos da dívida pública, para propiciar o desenvolvimento econômico, o processo social e o saneamento humano dos meios rurais.
- 2 - **REFORMA URBANA:** Igualmente firma é a posição do P.D.C. em favor da Reforma Urbana, urgente, para combater a especulação imobiliária e solucionar o drama de milhões de brasileiros sem teto e sem condições dignas de vida nas cidades.
- 3 - **REFORMA ELEITORAL:** Contra a influência do poder econômico e a corrupção eleitoral. Em favor do voto distrital, a apuração imediata das eleições pelas próprias juntas receptoras, o direito de voto aos analfabetos e praga do pré. Por uma Lei Orgânica que democratize e discipline as vidas dos partidos políticos.
- 4 - **REFORMA ADMINISTRATIVA:** que substitua a improvisação pelo planejamento, remova os entraves burocráticos e, mediante rigorosa seleção por concurso, elimine o empreguismo e o clientelismo eleitoral.
- 5 - **REFORMA FISCAL TRIBUTÁRIA:** Para acabar com os privilégios fiscais; simplificar o racionalizar o sistema tributário cobrir, por ação penal, as diversas formas de evasão e sonegação e fazer dos tributos instrumento de justiça social, de correção e orientação dos investimentos privados e da progressiva democratização do capital.
- 6 - **REFORMA BANCÁRIA:** Que entregue ao Banco do Brasil S.A. a execução da política monetária, bancária e creditícia do país comandada por um Conselho Monetário Nacional para: estabelecer a solvabilidade do crédito; deter a especulação e os privilégios; lutar a fuga de capitais brasileiros para o exterior; fixar critérios que estimulem o desenvolvimento econômico e combatam o capital improdutivo, especulativo e parasitário; impedir que bancos estrangeiros operem no país com depósitos do público.
- 7 - **REFORMA CAMBIAL:** Que proíba importações desrazoáveis; distribua racionalmente as exportações; fomenta o consumo de produtos nacionais; incremente as exportações; reverter ao país os depósitos do capital nacional no exterior; suste o desenvolvimento das peças de nossas mercadorias exportáveis e imponha a evasão de capitais e a saída do país.
- 8 - **REFORMA DA EMPRESA:** Para integrar progressivamente todos os que participam da empresa na sua vida, na sua propriedade, nos seus lucros e nas suas decisões dentro de um ideal comunitário, com finalidade maior de serviço social que lhe possibilite superar o interesse exclusivo do lucro. Apoiar o SALÁRIO FAMILIAR ao trabalhador na forma do projeto 3202-61, de iniciativa do P.D.C., já em fase de aprovação no Congresso Nacional.
- 9 - **REFORMA EDUCACIONAL:** Que democratize e amplie o ensino no Brasil, transformando-o, não em privilégio de classe, mas num instrumento de cultura popular ao alcance das massas operárias, urbanas e rurais.
- 10 - **REFORMA DA CONDIÇÃO NACIONAL:** Para que o povo brasileiro de hoje possa reconstruir e emancipar o país com as reformas de base imediatamente aplicadas e, por essa forma, possa restituir às pressões internas e externas dos que procuram impedi-las, ou transferi-las através de influência que exercem na opinião pública pelos meios de divulgação.

MANUEL BANDEIRA

ANTONIO CANDIDO

No dia 19 de abril Manuel Bandeira fez 77 anos. — Não se pode dizer que o grande poeta brasileiro nasceu antes no Brasil, em estado de plena produção. Nenhum outro conservou tão bem desfecho a vitalidade criadora, nenhum outro passou de maneira tão eficaz por tantas experiências poéticas.

Os seus primeiros versos são datados de 1907. Ele fazia sonetos quando Bilete os fazia, mas desde aquele tempo começou a procurar ritmos mais livres, adequados à sensibilidade nova que respirava. Quando veio o modernismo em 1925, Manuel estava pronto para a luta e a transformação, porque a sua poesia nunca foi de parva ou compromissos estéticos. Ele tem a liberdade rara de falar a língua do tempo, usando para isso as formas novas e também o tradicionalismo. Foi ele quem introduziu entre nós o verdadeiro verso livre, e liquidou os preconceitos de assunto, mostrando que se pode fazer poesia em livre, recordando um poema de jornal. A sua obra veio se desenvolvendo com a mudança e liberdade, respeitando-se mesmo tempo o tradicional autêntico, cujos meios expressivos, sempre adaptados à nossa hora. A sensação de liberdade que a sua poesia comunica é devida talvez à naturalidade com que ele aborda qualquer tema sem medo de falar de si, mas sabendo falar para os outros — o que é o grande problema. Por isso os seus poemas de crítica o seu quarto sobre na Lapa, o café que faz pela manhã, os amores e as suas ideias, o seu sentimento de justiça e a sua alheza diante da beleza e a sua busca de clareza e o seu respeito pelo mistério, a sua "filia" a sua "terra" — tudo isso pôde se transformar em matéria que atinge a todos nós, trazendo uma contribuição de humanidade.

Talvez nos nossos dias os seus versos anteriores ao modernismo pareçam um pouco datados. Mas depois do primeiro livro revolucionário, *Ritmo Dissoluto* (1924), vamos encontrando um universo poético que veio para ficar. E se os seus poemas de forma livre seja nos regulares, nunca mais haveremos de perder o grande poeta que se encontra pesquisando a sua alma requintada e a alma dos outros, pesquisando o mundo. O grande poeta cujo sentimento, sua cultura e dos destinos à ele vivo, e que escrevia até poemas capazes de encerrar num espaço breve o drama de uma sociedade:

"O Bicho,
Vi entrar um bicho / Na
inimidade do pálio / Cantando
como o resto os detritos.
Quando sobrava alguma coisa,
Nas omeletas nem
cheirava: / Revolta com voracidade".

O bicho não era um cão,
Nem era um gato / Não era
um rato.
O bicho meu Deus era um
homem".

Salvo o poeta nos seus 77
Anos, que, passando os
80 "regia" tranquilamente
o leva a tirá-lo da sua
construção, bravamente
contra o ofuscamento, guiado
pela beleza e pela dignidade.

18

TEATRO

PAULO MENDONÇA

VANGUARDA E DECADÊNCIA

O caso do ano que sublinhava o seu sentimento de inferioridade dizendo-se um gigante pequeno é mais significativo do que se pode imaginar à primeira vista. Mostra como é arbitrária essa fronteira das classificações, e como não passa de uma questão de ponto de vista a gente ser o último dos primeiros ou o primeiro dos últimos. Aqui a ordem dos fatores altera o produto. E como!

"Vanguarda", como o nome indica, é o que está na frente. Os primeiros soldados de uma tropa que avança constituem a vanguarda. Da mesma forma que são de vanguarda os partidários de posições intelectuais que se colocam adiante dos valores aceitos num determinado tempo. Estar na frente dos outros, seja no que for, é estar na vanguarda.

A confusão começa quando, na relatividade das coisas, não se sabe mais ao certo se os vanguardistas são, de fato, os primeiros dos primeiros ou inversamente os últimos dos últimos. Esses extremos — como quase todos os extremos — também se tocam: o maior dos antes ou o menor dos gigantes?

Tomada em seu sentido dinâmico e construtivo, vanguarda, em arte, significa liderança na procura de novos caminhos, de novas formulações, na renovação de velhos tradicionais e gastos de comunicação entre os homens. Constata-se que os processos estabelecidos antes congelados, estereotipados pelo uso, o que se transformaram num obstáculo à comunicação. Procura-se, então, novas saídas, outras hipóteses que rompam as velhas estruturas e permitam uma circulação mais livre e mais criadora das ideias. O que se deseja, fundamentalmente, é aumentar a eficiência da linguagem desta ou daquela arte, extrair mais os laços entre o artista e seu público, criar mais plenitude.

Assim é a vanguarda verdadeiramente, a dos primeiros. A confusão, porém, não é o forte da nossa época o ouvimos falar, por exemplo, que Bertolt Brecht e Ionesco são autores de vanguarda. Tocamos os extremos e ficamos sem saber se estamos diante de um ano grande ou de um gigante pequeno.

De fato, pelo que eu modestamente entendi das peças que li e vi de Brecht e Ionesco — é não foram poucas — o primeiro olha para a frente e o

segundo olha para trás. Um explora campos virgens e o outro fica batendo a cabeça contra o muro em que deu o boco-sem-saída por onde ia e não grila: "Não dá passagem por aqui! Considerem as minhas peças e vejam como não dá passagem! Pergunto então eu, na minha simplicidade: "Se não dá passagem, por que fica você a bater a cabeça contra esse muro? Por que não muda de rumo?"

Verdade que tanto o primeiro dos primeiros quanto o último dos últimos cam no inconformismo formal. A inevitabilidade das técnicas tradicionais é a mesma para ambos. Sentimentos obstinados à expressão, saltem fora da biloba. Só que enquanto Brecht lança-se ao encalço de uma comunicação mais autêntica e mais plena, desembargada das peias de uma tradição escurra, Ionesco dá-lhe-se sufocar no ar violado que o paralisa, mergulhando no hermético e na gratuidade, e fazendo-se uma demonstração viva da impossibilidade do teatro convencional.

A linha divisória entre antes e gigantes parece-me passar por ali: de um lado a fronteira, o hermetismo; de outro, o esforço por uma comunicação mais ampla. De um lado, a vanguarda propriamente dita; de outro, a decadência.

Bem sei que Brecht não conseguiu atingir a totalidade dos seus objetivos de renovação. Já o disse aqui, no artigo da semana passada. Muitas de suas teorias não funcionaram na prática. Mas a sua posição de vanguarda nada sofre com isso, de vez que o que pretendia era a dinamização do teatro e uma comunicação mais completa e mais adulta entre o autor dramático e o seu público.

Ionesco, pelo contrário, é o vencido da vida, o homem que, não conseguindo ou não querendo exprimir-se e comunicar a sua expressão, refugia-se no hermético, numa barbaridade de peças que são "antiteatro". Numa palavra: decadência. Ionesco é o grande poeta da decadência do teatro burguês. Espelhe-se na decadência, respira decadência, e escreve peças cuja arbitrariedade formal (no caso de Ionesco, prefiro "arbitrariedade" a "inconformismo") passe por vanguardismo.

Passa, mas não é.

ADESÃO

"Declaro que estou disposto a subscrever ações de Cr\$...

1.000,00 para aumento de capital da sociedade que organizou o jornal

"BRASIL, URGENTE"

Forma de pagamento

* à vista

* 5 prestações

Nome

Endereço

Fone

Cidade

Estado

Nacionalidade

Profissão

Endereço para cobrança

REMITER PARA A RUA CINCINATO BRAGA, 172 —

SÃO PAULO — CAPITAL

RADIO E TV VÃO PARAR?

Nun dos parágrafos do Manifesto ao povo e a Nação emitido pela Federação Nacional dos Radialistas, com assinaturas de presidentes sindicais da classe em todo o país, está decretada a paralisação dos trabalhadores em radiodifusão.

A greve geral será, designada imediatamente após a aprovação do projeto de regulamentação da profissão.

As reivindicações são elas e precisam:

1 — Regulamentação da profissão.

2 — Classificação dos profissionais; regulamentada a profissão deverá ser feita a classificação por setores e cargos.

3 — Salário mínimo profissional; partindo da classificação serão estipulados os "degraus mínimo-salariais", por uma comissão paritária, composta de membros do sindicato da classe, do sindicato patronal, e de representantes do Ministério do Trabalho, dentro do prazo previsto na lei.

4 — Férias de 30 dias.

5 — Controle da programação ao vivo; restrição de filmes e vídeo-tapes estrangeiros.

Encontram-se em Brasília, aguardando oportunidade para entrega oficial do manifesto e das reivindicações ao presidente João Goulart, vários elementos representativos dos sindicatos da classe.

Assinada e publicada a regulamentação, continuará os radialistas seu ritmo normal de trabalho, caso contrário (não serão aceitas nem mesmo contra-propostas) estará deflagrada a greve geral em todas as emissoras de rádio e tv do país.

E, demonstrando plena consciência dos demais problemas da nação, dois outros itens foram inseridos no manifesto grevista:

6 — Solidariedade para com os aeronautas e aerôvários.

7 — Apoio total às reformas de base.

O VICIO CINEMATOGRAFICO

Não tenho ido ao cinema. Não é só porque o médico recomendou que saísse pouco das noites frias. É que na verdade vou pouco ao cinema. Alguns desafetos afof já se a me perguntaram se eu posto de cinema.

Pois até que sim. Mas nisso de cinema as informações estatísticas revelam a sabedoria, expondo as gatas das gentes. É sabido que em toda parte o forte do público cinematográfico é composto de espectadores adolescentes ou na primeira juventude. Examinando-se o fenômeno de perto é surpreendente constatar-se até que ponto está certo que seja assim. A acumulação primitiva de imagens, sons, sentimentos e ideias estruturadas em filmes aparece como indispensável ao florescimento emocional e à ascensão cultural da jovem, já para o adulto deverador de programas cinematográficos o filme é alimento e bálsamo para a frustração. As mesmas doses místicas de filmes que são para o jovem casado de descobertas e convites estimulantes e enriquecedores, têm para o adulto a função de entorpecente.

Dá vontade de afirmar que qualquer filme em qualquer quantidade fazem bem ao jovem e mal ao adulto. A afirmação teria o encanto de contradizer frontalmente as boas almas, em geral cristãs ou marxistas, que se entregam ao moralismo cinematográfico, estrito e preguiçoso. Mas não é bem assim. Então cada vez mais convencido de que cinema nunca perverteu ninguém. Mais do que isso acho que faz bem aos jovens. A respeito de crianças não digo nada pois se há assunto de que não entendo é esse. Sobre velhos sei pouco, mas esta incompetência provisória não tem importância, pois eles vão cada vez menos ao cinema, sobretudo nos tropicais.

Voltemos pois aos adultos. Não é que muito cinema lhes faça mal. O mal já está feito há muito tempo e o papel do cinema é de irrisório remédio, o tal que não cura nada, cuja função não é curar mas, como se diz, fazer esquecer. Parece que a Igreja resolveu contradizer Marx a sério e fazer da religião cada vez me-

nos o opio do povo. Pois é essa função, a opio, que o cinema exerce junto a uma legião de adultos não vivos e desaperceados. Não há jovem viciado em cinema, mas massa de celulóide absorvida por ele — incluindo a maioria de fitas medíocres e vulgares — corresponde a uma necessidade vitalizadora. Em cinema a noção de vício só é válida para o adulto.

A primeira coisa que o viciado perde é o prazer cinematográfico. O intoxicado por cinema é o espectador passivo por excelência. Não reage realmente diante de nada. Cinema para ele é mais diversão, curiosidade intelectual ou prazer estético. E apenas droga que se insinua abruptamente em sua existência e faz adormecer em primeiro lugar sua vitalidade de espectador.

Não sei se há salvação para esses viciados. Isto é, se conseguirem um dia reviver essa experiência exaltante que é o prazer do filme. A primeira condição seria que fossem menos ao cinema.

DA ARTE DOS FILHOS DA REVOLUÇÃO

Os que estão acompanhando os recentes discursos de Krushev sobre a arte e o Estado soviético que estão sendo publicados no "Pravda" não podem deixar de observar a melancolia, o desencanto, uma certa — ou muitas? — impaciência diante da ausência de entusiasmo passivo que deveria "habitar" nas obras da juventude comunista de hoje. E isso não acontece. Assim como parece ser o ardor patológico e renovador dos revolucionários de 1917, que, se não esquecido, também não pode ser sentido com igual vigor pela jovem geração, que não viveram seus dias amargos e grandiosos. É hoje, segundo o próprio Krushev, a juventude criativa produz obras que parecem diante da análise construtiva dos revolucionários de 50 anos atrás... E nas entrelinhas a gente adivinha como uma geração amarga: eles não dão valor ao trabalho e sacrifícios humanos que vivem para que eles vivam hoje como estão vivendo, eles não imaginam, eles não vivem... Se a quiza não é dita nessas palavras, é sentida pelos leitores quando Krushev se refere às obras abstratas dos pintores modernos e, mais, quando critica acerbamente o filme "Iljén Zastava", de Gershomov. Ele rejeita o filme, que comenta longamente, quando analisa os personagens, dizendo: "São mostrados como não sabendo onde deveriam viver, e pelo que deveriam lutar... E isso em nossa época de construção total do comunismo, iluminada pelas ideias do Programa do Partido Comunista". (Eu tenho três indústrias importantes, com as quais seus fábricas com o meu sono, e meu filho nunca apareceu nas, prefere ser um "play-boy", sem toda a consciência de meu trabalho árduo... a frase de K me fez lembrar frases deste gênero, tão ouvidas no nosso mundo capitalista).

Na verdade, Krushev revela-se, nessa crítica de pai para filho, exatamente igual ao pai do Ocidente diante de seus filhos "plásticos". Não apenas na URSS, mas em todo o mundo, os pais não têm mais o entusiasmo de uma geração exaurida e geradora segundo a iniciativa, mas o trabalho para o trabalho do Ocidente, como de entusiasmo cívico e político da União Soviética, e os filhos são delinquentes complexados por representarem a continuidade de uma "grande" personalidade nos negócios. É um fenômeno conhecido. Aos contemporâneos de Krushev talvez tivesse escapado, ou não tivessem calculado, essa reação. Ou quiza julgassem que a impenetração da sociedade socialista impregnaria os jovens, que qualquer jovem soviético, sem choques com a geração passada, e K comunistas com seus pais, afirmando que não deve haver choques entre duas gerações que lutam pelos mesmos ideais... ele se esquece que essa luta in-

vitável é reflexo direto de uma diferença de mentalidades, e que existe hoje também na URSS.

Ao mesmo tempo, sente-se a preocupação de que a arte seja de livre expressão. Há que não se apresente obras positivas, otimistas, confiantes num futuro. E os jovens artistas mostram-se brumosos, incertamente expressando "em meus sonhos" (diz-se Krushev) se se referir às tão faladas memórias de Ehrenburg). Que dilema! Os soviéticos são automaticamente inteligentes para não querer, reprimir hoje com violência a arte de uma juventude cincentada, que não viveu a revolução, que não pode naturalmente sentir o entusiasmo de seus pais pelo regime que impuseram a custo de seus próprios (pois estes já não vivem dentro dessa nova sociedade).

O mundo de hoje é bem pequeno, e Krushev parece esquecer que os muros e a fragilidade de muitas das instituições do Ocidente capitalista diante da iminência de um fim súbito estão também infiltradas na mentalidade dos jovens soviéticos, a despeito de toda a científica planificação realizada pela intrínseca burocracia da URSS. Por mais errados que sejam os muros e as cortinas que dividem os "mundos" hoje eles são feitos com o material do século, o plástico, e plástico transparente. E assim também o "muro", que o poeta Evruchenko achou fantástico quando bem dançado — tal como o viu em Nôta Xark — é uma das coqueluches da modéstia de Moscou embora oficialmente condenado... Como diz o jornalista francês Michel Gervé, Evruchenko sabe que ainda nem ele nem sua geração transformaram o comunismo em seu sonho do futuro, mas sabe que os poetas dos tempos stalinistas, com os que vieram depois de 1917, pagaram com suas vidas seus sonhos perdidos... E eis que voltam as palavras de Krushev pedindo otimismo, sorriso e entusiasmo: "...acontece que alguns representantes da arte julgam a realidade só pelo cheiro das latrinas, plantam as pessoas de maneira deliberadamente fôla, e empenham em seus quadros cores escuras que só podem mergulhar as pessoas num estado de desânimo, tédio e desespero, e representam a realidade de acordo com a sua própria imaginação preconcebida, deformada e subjétil, e com seus conceitos rebuscados e amesquidados".

Krushev pode não apreciar pessoalmente a expressão de liberdade dos filhos da revolução. Mas deveria igualmente lembrar que ele, em particular, é um dos fardados da História do século. E ele os artistas — filhos do socialismo ou do comunismo — são a vibração mais sensível de uma época. E são artistas, simplesmente. Sem partidos políticos, mas com crises de arte.



A Rebelião Da Viola

Um gênero de música popular que dá risos de diabo a uns poucos, mantém muitas famílias na miséria, é tido como lixo nas rádios e gravadoras mas — apesar de tudo — ainda tem a maior audiência, no País, o sertanejo. A sombra da música sertaneja funciona toda uma engrenagem de exploração sugando o sangue do caipira inocente e de eterna bonança. Nas rádios, o artista sertanejo ganha de graça e pronto, não se discute. Quando muito permitem que ele faça uma propagandinha da sua apresentação no circo. Mas esses programas são os mais bem vendidos, porque 90% dos ouvintes do interior e da periferia de São Paulo, por exemplo, larga tudo de mão para ouvir o dueto de Nhô Belarmino e Nhô Gabriela, ou o trio formado por Pedro Bento, Zé da Estrada e Colinho.

São milhares e milhares de famílias que tentam viver à custa da música sertaneja, principal fonte de renda de muitas "gravadoras inválidas", "imobilizadas-fantasma". Mas a rebelião da viola vai crescer. A União dos Artistas Brasileiros Paulistas, com 2.200 sócios em São Paulo e, estendendo-se pelo interior (funcionará com as associações que representam homens do campo), pretende botar os músicos no "lá". E lutar por um nível digno de vida para o artista sertanejo. A testa da diretoria, empunhada outra dia, está Geraldo Melo, tes, ao lado de Zé Claudino, Gôia, Zélio, Zacarias, Manoel, Ruyton, Moraym, José Portuza e Nascim Filho. A entidade foi fundada em abril de 60, mas nunca dispôs de meios de ação. Agora tem até dois advogados, que não ganham quase nada mas atuam sim, como os senhores versos.



música popular

franco paulino

COMEÇO DA HISTÓRIA

Aqui pelo sul, as primeiras gravações no gênero sertanejo, surgiram em meados de 1920. Era a cantadeira séria, Cornélio Pires (o Capitão Puro), uma das glórias do gênero sertanejo, sucesso há muitos anos, é sobrinho do velho Carrelito. Nas primeiras gravações, tocaram parte Zé, os Dias e Ferrinho, Mandi e Sorocabino, Mariano e Cacuca, Raul Torres e sua embalsada, Alvorada e Ranchinho — dupla que até hoje se apresenta em rádio e TV, mesmo com outro no lugar de Ranchinho. O Capitão Puro (o nome verdadeiro é Arivaldo Pires) é responsável pelo lançamento de grandes nomes da música sertaneja, como Tenório e Tino, rei, o trio Luisinho, Lúcia e Zélio; Netinho, Darcinho e Nardeli; Palmeira e Bia, o comendador Rigoli, o conhecido Chico Carrelito e outros.

A música sertaneja é, inclusive, porta de acesso à popularidade. Muitos cartazes de boje de São Paulo, como a família, Lúcia Silva, o Zélio, Carlos Gonzaga, Francisco Petronio (deveria ter inscrito no gênero sertanejo) e até Eliete Alvarez, maestro de categoria. Recentemente, numa festa bonita, a que a Imprensa não deu a devida atenção, foram premiados com o troféu "Oceania" os melhores do gênero sertanejo em 1962: dupla masculina — Lúcia e Léo; dupla feminina — Trina Galyon; dupla mista — Nhô Belarmino e Nhô Gabriela;

trio — Pedro Bento, Zé da Estrada e Colinho; sanfonista masculino — Nardeli; sanfonista feminina — Zézinha; compositor — Gôia; declamador — Nhô 244; animador — Geraldo Melo; poeta — Capitão Puro; cantor — Solon Sales; e assim por diante: foram concedidos mais uma 10 prêmios, inclusive um a Toninha Barroso.

OS GOLPES BAIXOS

São esporádicos os casos de artista sertanejo ganhar dinheiro. Tolocid, nha, por exemplo, deu a sorte de gre, var uma música que os outros logo apressaram de "Churrasco de Mito" e ganhou dois milhões e meio. Malgrado tudo, mais de 100 famílias, na capital paulista, passam um bruto miserável tentando o sustento à custa da viola ou da sanfona. Então, todos esses cabotões puros (de feição interior bem oposta àquela das macacas de diabo), apostos a mil-cum-golpes baixos. O mais frequente é o golpe das firmas inválidas. O cidadão propõe-se a financiar um programa e o cabotão topa de enfiar. No tal programa faz propaganda da imobiliária "X" e pede aos ouvintes interessados em terrenos que enviem cartas. Chegam cartas aos milhares: todos querem comprar terreno que não existe. E quando existe, fica no "casarão do Zélio", custa dois a três mil cruzeiros — mas nem por isso o caipira titubela em enviar, com cuidado, os vinte contos de réis para a escritura. "As arapucas vão ter-

mar", nos dias, outro dia o sr. Geraldo Melo, presidente da UASP, e que aceita o drama na própria carne, pois puxou enxada até os 16 anos. Há diversos outros tipos de golpe. Agora, por exemplo, os advogados da UASP andam atrás de uma tal gravadora "Especial" — acreditamos que não a localizaram — que tomou desconfiança de mil cruzeiros de despesa da caipira, prometendo gravá-lo. Há outros golpes, muitos outros: o de artistas sertanejos com, sempre assim.

FINAL DA CONVERSA

Fim de conversa: uma gravadora de música sertaneja (78 rotas) sai por 20 mil cruzeiros; um bolero fica por uns 100 mil — a divulgação é cara, e o bolero é sempre divulgado. Mas na hora da venda, a toda, ou a canção ranchiça, interpretada por formação bem simples (viola, vio-

lão e sanfona) vende mil cópias, e o bolero umas 400 só. E ninguém se aproveita disso. Outra história: os "disc-jockeys". São coreões raros, os disc-jockeys consideram burros: tocam as coisas, músicos sertanejos e mostram atitudes de inteligência nos que dirigem e ouvem música estranha: os "rock'roll", os "rock-bela-das" e outros. A União Brasileira dos Compositores, e a coligação SBA, CEM-SADENBRIA não aceitam sócios (entre artistas sertanejos — mas dizem que são músicos elevados, tiras por seus espíritos, levados no "hinterland"... e desparam. A publicidade? É se primeiro! Uma gravação: o último troféu Chico Vieta foi gravação (a metade dos prêmios) por música estrangeira. Se o Chico fosse vivo se suicidaria. A situação é essa. Os donos da música popular só se lembram do artista sertanejo em tempo de festa junina. E hoje lá, mesmo mesmo sempre em termos de troço, ou instrumento de comercialização não raro desonesto.

HOSPITAL SANTA CRUZ

Diretor-clínico-administrativo: Prof. José Maria de Freitas
Ambulatório — Cirurgia — Maternidade
Fisiologia — Radioterapia — Radiodiagnóstico
Dietética — Laboratórios — Farmácia
RUA SANTA CRUZ, 393 FONE: 70 1141

arapuã

— E AINDA APARECE ESSA GENTE DIZENDO QUE OS AVIOES SÃO CONSERTADOS COM BARBANTE! QUANTA MATÉ! QUE CALUNIA!
— POR QUE?
— TODOS SABEM QUE NOSSOS CONSERTOS SÃO EXECUTADOS COM O MELHOR TIPO DE ARAME EXISTENTE NA PRAÇA!

★
— O PROBLEMA DA REFORMA AGRÁRIA É UM PROBLEMA DE TAMANHO.

— TAMANHO?
— O CAMPONÊS QUER UM POUQUINHO MAIS DE TERRA, O CORONEL QUER DAR SÓMENTE 7 PALMOS.

★
— LACERDA ESTÁ PREPARANDO A GUANABARA PARA ENFRENTAR A REVOLUÇÃO.

— SIM, TANTO QUE ESTÁ COMPRANDO ARMAMENTO, TREINANDO HOMENS E JÁ DESIGNOU ATÉ QUEM DEVE CHEFIAR AQUI O NEGÓCIO ENQUANTO ELE MANDA AS ORDENS LÁ DE MIAMI.

★
POBRE SÓ ENTRA NOS MILHÕES, QUANDO VEM O AGENTE DO RECENSEAMENTO.

EM TEMPO DE FRIO, O ÚNICO CALOR DE POBRE É O CALOR DE MÃ.

★
E TEM GENTE QUE AINDA AFIRMA QUE NÃO HÁ SEGURANÇA EM VOO: ORA, HÁ PILOTOS QUE APÓS 24 HORAS DE TRABALHO, AINDA ENTRAM EM SERVIÇO POR 12 HORAS E NÃO ACONTECE ACIDENTE NENHUM.

★
— ALÔ? É DO DOPS?

— SIM.
— OLHA, VOU FAZER UMA REFORMA LÁ NO MEU BARRACO.

PODE? OS SENHORES JURAM QUE E DEPOIS NÃO VÃO ME PRENDER COMO COMUNISTA?

— OS SACERDOTES DEPUTADOS DEITARAM UM MANIFESTO QUE É — GRAÇAS A DEUS QUE SÃO APENAS DEPUTADOS: IMAGINEM SE FOSSEM SACERDOTES DO POVO! UMA GRACINHA.

★
O Baleeiro tem razão: é mesmo o camponês uma "raça de jecas anêmicos e imbecilizados". A única coisa boa que o camponês faz é voar, certo, excelente?

★
— A ÚNICA GRANDE TRANSFORMAÇÃO QUE EU VEJO É FORMAÇÃO DE A. DE BARROS PARA ADHEMAR DE BARROS.

O Sub-Tenente Gelci foi mandado a Ponta Porã porque na hora que iam mandá-lo ao Amapá, ouviu-se o vozeirão assustado:

— Ao Amapá, não! É por lá que eu faço importação de nilon, cigarros e whisky americano.

A FOTO DO DIA



MAGNÍFICO FLAGRANTE DA SECRETARIA QUE VINHA TRAZENDO O RELATORIO DO DONO DA EMPRESA SOBRE A SEGURANÇA DA AVIAÇÃO COMERCIAL BRASILEIRA

AGORA, NA CAMARA FEDERAL, O TRABALHO VEM SENDO MUITO MAIS PIOR-ESCO.

— V. EXCIA. ME CONCEDE UM APARTE?

— COM MUITO PRAZER, MAS VIRA ESSE CANO PRÁ LÁ.

CHAMA-SE REGIME REPRESENTATIVO DO BRASILEIRO A ESSE SISTEMA ONDE SÓ VENCEM OS MESTRES NA ARTE DE REPRESENTAR.

★
O QUE ATERRORIZA OS PODEROSOS E GORILAS É QUE, DAQUI POR DIANTE, NÃO ADIANTA TER CABO ELEITORAL.

— POR QUE?
— PORQUE QUEM MANDA N'OS CABOS SÃO OS SARGENTOS.

★
E na hora que quis saber por que o congresso permitiu que deputados entrem armados para a sessão, aquele exemplar de cinismo sorriu:

— Para que o deputado possa dar os três tiros avisando a turma que está na hora de fugir.

E QUANDO VIERAM LHE CONTAR QUE O LACERDA QUER ENCAMPAR A COMPANHIA DE GÁS, O SUJEITO COÇOU A NUCA: EM NOME DE QUE PAIS?

ESTRANGEIROS DÃO AO ESPORTE AMADOR BRASILEIRO O VALOR QUE NÓS NEGAMOS

Passou o Pan-Americano. Terminou o Campeonato Mundial de Basquetebol. Masculino. Duas competições de caráter internacional, interessando sobremaneira o fôlego todo, trazendo para o Brasil as tendências mundiais, de todos os esportes na primeira disputa, do mundo cestobolístico nas demais nações e de todos os esportistas brasileiros durante

Enquanto o futebol criava os maiores casos no exterior, apagança em apenas uma malhada excursão todo o trabalho de 58 na Suécia e 52 no Chile, o esporte amador, sem fazer mal, sem visar passaportes, sem vistas e excursões ou indenizações pelo estrangeiro, sem cobrir a altura da própria imprensa brasileira — toda ela voltada para os deuses que davam ver ximo por si alora — o esporte amador colorava-se por apagar a má impressão ao futebol profissional, encarecendo-se de fornecer aos telespectadores, teleleitores resultantes que mostram ao mundo que o Brasil não é só futebol, não vive esportivamente apenas de pontapés na bola que outros homens, com outros ideais, onde a remuneração e o "bicho" não existem, fazem esporte pelo esporte e onde cumprir pelo adito prazer da competição ainda é a maior recompensa que o esporte lhes oferece. Felizmente para nós — repetimos — a imprensa estrangeira, ao dar ao esporte amador o valor que nós não lhe emprestamos. Sobre colocar as conquistas brasileiras — não somente em quadras, canchas ou pueras, mas também e principalmente no sentido de honestidade, capacidade de organização e de público — no mesmo plano daquelas conquistas do futebol na Escandinávia ou nos Andes. Para os europeus a conquista do bi-campeonato mundial de basquetebol repercutiu tanto quanto o bi-futebolístico. Enquanto no Brasil após vitória — memorável sobre a Jugoslávia, Rússia etc., os jornais davam uma pequena nota nas páginas internas, abria folha de Pelé em oito colunas na capa, os europeus invertiam a situação — eles que acompanhavam passo a passo a excursão do nosso time — abriam as vitórias de Amarelo e Cia. (cobertas por correspondentes capangas, vindos do Velho Mundo para a cobertura completa da Mundial) nas capas dando-lhes o destaque que mereçam e passando para plano secundário o desempenho futebolístico onde o círculo do futebol montava suas lonas. Esperamos honestamente que a lida tenha ficado. Que o público e momentaneamente a imprensa, condu-

ra da opinião pública que é tenazmente aprendido e apreendido o que de sacrifício, desprezimento, glórias, prestígio e promoção o esporte amador tem dado ao Brasil. Que além da projeção — enor-

me e integral — que o futebol, principalmente através de Pelé, empresta ao nome Brasil, por aí a fora, o desporto amador contribua com parcela não menor para essa projeção. E que assim sendo

aqueles homens que fazem do esporte, esporte mereçam cobertura, mereçam atenção, mereçam o mesmo os valores maior, carinho que sempre dispensamos aos futebolistas.

Explicações Piores Que a Excursão

Revelando que as defesas europeias estão muito bem armadas, jogando o fino, Aimoré dá a solução para ganhar o tri: linha de 4 zagueiros, outro zagueiro à frente, dois meios na linha média e três atacantes à frente. Genial. Para romper a defesa europeia 7 brasileiros atacam na defesa do Brasil e somente três à frente. Genial. Só falta agora, para que a gente acabe com o sistema defensivo adversário, a FIFA permitir que Aimoré? Com dois arquiérgos jogando no gol, qual é defesa inimiga que vai nos aquietar?

— Oo —
Ao invés de se calar, não se abrir, esperar que os inimigos se exauriam, Mendonça troca fogo. Mal chega, alarga o trabuco e vai despejando.
— Paulo Machado "abobro". Fui eu e me danei. Pelé é um merencório. Ninguém vai no punho, pois nemhum, que eu não sou bode respiratório de ninguém. Vou lutar na defesa dos meus preconceitos em qualquer terreno onde as hostias inimigas queierem!

Calá a boca, deputado. Deixa essa turma cair no chão. Eles sabem que os erros não foram lá. E agora, mas ficaram por aqui, no bem-bom, pedindo os dentes enquanto você punha a nozete consuetas e embalsamadas.

OS "CASOS"

Voltem as dirigentes, voltem os cronistas e os "cases" vão surgindo, cada um melhor que o outro. Gilmar brigou com Mendonça porque, falando uma garrufa de vinho numa recepção (como todos os outros), o deputado quis "requintar".
— Só se for quebrada — respondeu Gilmar.

Mendonça logo pensou que era coisa com a cabeça dele. E fechou o tempo.
— Oo —
Durante um banquete no Cairo, Aimoré proibiu que os jogadores bebesssem e assim, que considerava perigoso. Resultado: liberdade para o tique. Cou-linho, com meia hora desse sãdo tratamento e dessa maravilhosa prudência de se substituir água potável por água que passaria no bebo — resultou em alisteio vivo da ciência. Foi levado para o hotel no maior porre.

Já no segundo jogo, os jogadores queriam saber qual seria o bicho, a gratificação, quanto em dólares, o que isso significava em cruzados, quanto, afinal, se receber a defesa do sacramento perdido, ver-se-amor! A notícia causou mal-estar entre os cronistas. Como? Quanto ganham os cronistas que estariam na Europa? Deixei de fazer pequenas questões, mudei, sem importância, leitor querido!

Nascimento pareceu o tempo todo lutando pelos jogadores, forçando a escalada querendo-os no time de qualquer jeito: Gerson e Zazzi. Donde se pode facilmente concluir que Nascimento é desonesto, que, inexplicavelmente, gostam de sofrer e de sofrer os outros. Magnão!

— Oo —
Continuou no reservatório, na Alemanha, toda duas portas: "Damen" e "Herren". Para um pouco depois se decide:
— Vem na "Herren", mesmo, porque "Damen" não são, com certeza.

PELÉ NÃO QUER MAIS BRINCAR

Ainda na esteira da contusão armada pelo circo, vem Pelé e rompe também suas intefas.

— Nunca mais voltarei a conviver com a CBD! —
Pois se a luta da gente der certo, nunca mais vamos, Pelé, já que a gente acabará com a CBD. Ou ela muda totalmente, colocando-se à altura do futebol que a sustenta, organizando calendário, valorizando o atleta e o esporte brasileiro, distribuindo verbas de forma mais conveniente com menos necessidades esportivas, tratando de maneira adulta um esporte também já adulto — ou faz isso ou desmoro. Que nossos esportistas não podem continuar a pulular, saltar, nadar, chutar, com esse peso às costas. Preciso terminar o regime da pandinha em que todos se põem de acordo e, diante das burradas e dos desastres, saem com manifestos de apoio, solidariedade, "irreversível coullang" de um para outro como se hipotecando depois a um caranismo o caranismo deixasse de ser caranismo. De tudo isso, sobre uma certeza: não que a excursão, estilo como aqui as explicações dos dirigentes e seus planos para o futuro. De lavagem da roupa suja só vai restar — agito sujo —

As nossas Faces do Brasileiro

Vitória do Brasil no Mundial de Basquete, Primeira face do brasileiro.

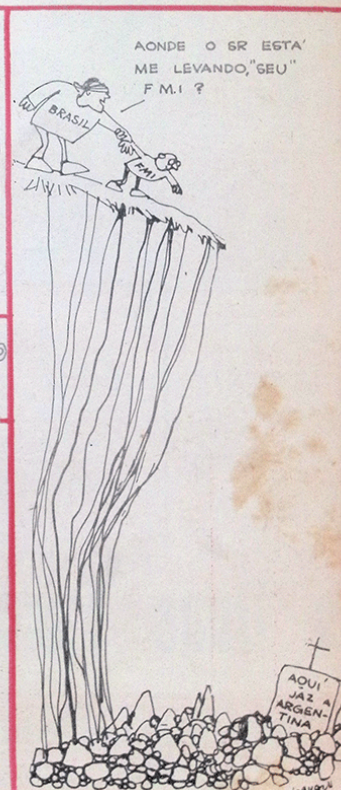
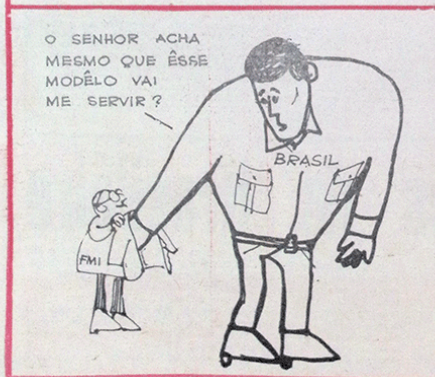
— De fato e de direito, nossa conquista espetacular... Brasil! Brasil! Brasil! Bicampeão! Parabéns aos brasileiros lamentando apenas que aqui não estejam Roca e Edson — aquela por dentro, isto por outros motivos. Mereciam também este título. Parabéns a Togo Bonan Soares. Kanela, com esse caracol enorme, brigando com Juiz, batendo o pé, brigando fazendo valer sua categoria de técnico e de brasileiro que force e sofre. Viva o Brasil nãdo gentio.

Derrota do Brasil no Mundial de Basquete. Aí vemando a outra face desse memissimo brasileiro:

— E perde assim o Brasil por culpa de juizes incapazes e da propa de desorganização do CEB um título que deveria ser seu! Gostariamos de saber por exemplo, porque Edson não está aqui jogando, ele que é o nosso melhor pivô. O jogador é bom, mas os cartões atrapalham tudo, a começar por esse louco que é Kanela, um homem que arrasta suíças, colocando por terra nossos jogadores de País civilizado e transmitindo seu nervosismo aos jogadores, estragando tudo. Além, p-ssou o tempo todo brigando, gritando como um enfiaste e não viu que Roca Branca deveria ter sido substituído por Valdemir. Já que estava na cara essa substituição. Paciência, meus amigos. Nunca mais sustinam essa desorganização, essa falta de patriotismo, vamos sofrer muito!!!



CLAUDIUS E OS CONSELHOS DO FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL



Fac-símile do exemplar nº 17 do Periódico Brasil Urgente

(BRASIL URGENTE: um Jornal do Povo a Serviço da Justiça Social (SP). São Paulo, v. 1, n.17, 1963. Fascículo digitalizado pertencente ao acervo do Convento Santo Alberto Magno, da Ordem dos Pregadores, São Paulo, SP).

TRUSTE DO MINERIO FAZ CHANTAGEM

**Brasil,
Urgente**

*Um Jornal do Povo a Serviço
da Justiça Social*

**CONTRA O
BRASIL !**

ANO I — N.º 17

Edição Semanal.

De 7 a 13 de Julho
de 1963

SAO PAULO — 30,00

Outros Estados — 40,00

Frei Carlos :

ESCANDALO,

MILAGRE E

MISTERIO

Dorian :

O GOLPE

Roberto Freire :

O Ex-Catolico

e o Dr. Julio

Arapuã :

— Menino conta um pouco
da história do Brasil Colônia.
— Bem, em 1963 o Jânio
renunciou, fessora ...

**GRILEIRO FAZ "REFORMA"
COM TERRA DEVOLUTA
DO PLANALTO CENTRAL !**

**PAULO DE TARSO ! 40 h PARA
ALFABETIZAR 50 MIL ADULTOS**

LACERDA : FARSA E TRAIÇÃO

Não que se espante d'ante das críticas que fazemos ao governo, dar da Guanabara. Há mesmo quem nos julgue descaídos nos nossos comentários e editoriais. Na realidade, não nos preocupa a pessoa de Carlos Lacerda.

Preocupam-nos, sim, e muito, a misérfica usada pelos interessados no "status quo", que o "status quo" como um juiz certo e seguro que deve ser cegamente seguido.

O que nos preocupa é ver que milhares de desprezíveis se engajam em seus movimentos, sem cogitar das verdadeiras fins e objetivos destes. Iludidos pela figura que criaram de Carlos Lacerda. Não sabemos como a despeito de suas atitudes políticas e partidárias de conhecimento geral, possa ele ainda encarnar a esperança de alguém.

É verdade que há memórias tristes e a nós reativos. Não a carreira de Carlos Lacerda na política e na UDN foi marcada por suas fortes tendências personalistas. Tribuna brilhante, foi sua inteligência ingenua e seu ascetismo a serviço de seus caprichos, agitando e manipulando não embalar a grei que o ouzou e lançou para a altitude desejada. Não, vejamos para ilustrar.

Não é de loucos quem a campanha do candidato Jurez Távora à Presidência da República. Seus adversários foram Juscelino Kubitschek, Adhemar de Barros, Jurez lançado pelo PDG, teve aceitação e apoio de larguíssima frente da população. A UDN, partido de Carlos Lacerda. Este, em sua visita particular e pessoalíssima, discorreu ao partido, rebelde e a larguíssima divisão legislativa e comprometeram o nome de Elvino Lima.

O leitor lembre-se do Elvino Lima? Sem dúvida, pois a política pernambucana fôra apontada a toda Napa como a base do Estado Novo, responsável pela morte do Democrático de Souza Filho, estudante nomeado seu Recife numa manifestação democrática. Esse agente da terror e da morte, como nos fôra antes mostrado por Carlos Lacerda, era mesmo insano.

Lacerda ; Farça e Traição

tante oferecido à nação como homem capaz de governá-la. Nessa altura, a nome do estudante morto, que fôra fidei na Tribuna da Imprensa, foi relegado ao esquecimento e o homem acusado por Carlos Lacerda como seu assassino foi por este mesmo Lacerda lançado candidato à chefia da nação.

Elcio José de Lacerda sobre o golpe de 11 de Novembro de responsabilidade do então General Lott.

Durante o governo de exceção de Nereu Ramos, e durante o governo de Juscelino, a maioria das manifestações de Carlos Lacerda no seu jornal e na Tribuna da Câmara era a legalidade do ato de Lott que rogara a Constituição e sua participação nos "desmandos e descasques de governos". Sua constante acusação vultosa processo por parte dos acusados, indúcia na verdade, em virtude das inúmeras incoerências que possuía.

Armando Falcão na Câmara e no Ministério da Justiça era alvo de seus ataques e críticas e apontado como hierárquico de inúmeras ações antipopulares e ilegais à nação.

Em Dezembro de 37 houve o movimento armado de Aragarças. Muitos da linha Lacerda participaram dele. Mas não Carlos Lacerda. Era seu direito não participar. Os responsáveis pelo movimento, na véspera da levanta, julgaram, porém, que ele devia ser arriado, numa demonstração de apreço e confiança.

Afinal fôra ele que, apontando os "desmandos governamentais, seus desmandos e abusos", criara a revolta. E de fato, na madrugada de 4 de Dezembro, recebeu a notícia da levante e uma cópia da manifestação à nação. Era pouco segura e não se confiava. Mas a rebelião contrariava seus planos. Ninguém poderia imaginar que Carlos Lacerda fôra, e Carlos Lacerda fôra, e Carlos Lacerda, partido imediato

mente para a casa de General Lott, para pô-lo a par da ocorrência, demonstrando assim que devia vir pelo cooptador. Inicialmente a ficar sozinho. Armando Falcão, ministro da Justiça, foi quem compareceu à Câmara para ler o manifesto dos revoltosos.

Antes, "esperar um acontecimento". Agora apontava rebeldes que saíam para afirmar regras por "desmandos e descasques". Assim foi ficando "vire da precha de "polgista" que incutia qualquer eventual candidato a um posto eleitoral.

Espirando o mandato de Juscelino, as forças partidárias se organizaram para apontar candidatos. A UDN, que se opusera seriamente ao governo Lott, em Jurez Magalhães, um candidato a natural que pereceram a nação de ponta a ponta, na campanha de Carlos Lacerda, denunciando desmandos governamentais e de um período que apanzava continuidade pelo golpe de Lott.

Jurez estava certo ser o candidato do partido que prevalecia. Seu companheiro de jornadas, porém, vindeiros que não fôra necessário vencer e dar das vésperas. Jurez tinha mais razões políticas do que ele e não teve medo. Logo depois, na convenção partidária, Jurez foi eleito da fora da UDN, sem nenhuma influência ideológica ou política com o partido. Definitivo, conseguiu uma vitória.

Elcio José, que "não" se fôra seu dono. Não lhe foi possível, frustrar em seus planos. Exatamente, travestido em língua oculta, lançou campanha de desmoralização do governo, que culminou com a acusação. Novamente foi posto em evidência sua política em destruir cooptadores: Jurez na UDN, João a Napa, Ambo por alguns tempos também nós!

Durante o Parlamentarismo, que se acudia a renovação em ordem de crise em que se procurava um Le Mito, Carlos Lacerda não ilustrou

em seguir a linha de homens que quando aderiram de Jurez como candidato, fôra voluntariamente e alagado, a homens que, como ministros da guerra fôra acusados de cooptadores com desmandos e desmandos, a homens que em 35 saíam a Constituição dependa dele presidente da República, a homens que aderiram Carlos Lacerda a se retirar na campanha de Cilo de Lott, a homens a quem Carlos Lacerda, denunciando Aragarças, General Lott! E ainda há quem culpe, em Carlos Lacerda, Ambo há parte da população que acreditou nele. Havêr por desleais em 35 e é preciso continuar a Jurez até Jurez bem a barra, eliminando concorrentes e movendo a nação atemorizada sob a ameaça de golpes extremistas, batizando de "nacionalismo" todo o cidadão civil e militar que afirmava um ideal de Jurez. Nesse plano, do passado, tinha mesmo Jurez há três anos sua candidatura a senadora pela Guanabara, enquanto Jurez para a Câmara e enviava Adhemar de Barros que se aguçava com sua política anti-jornalismo. Adhemar Brasileira para o "Progresso" e seus manifestos vultosos e um genito.

Carlos Lacerda, após o leito da sua tendência pessoal e pessoal, em a serviço de seus interesses, embora para sua possa ser necessário partir para os EUA, e lá, aliamos exatidão de condições na Napa, que dificultam a resposta de Jurez, como não, necessariamente de desmoralização da Napa. A nação que se deu, Jurez e a UDN é que não podem vir pela O Jurez que entra. Não viamos a pessoa de Carlos Lacerda. Ele mesmo também é um convertido, é um crítico. Há de admitir que o projeto interior na reforma da política com a reforma do homem, sem a reforma eleitoral. Após o movimento, em 35, é preciso acompanhar a crítica não só até a multiplicação dos planos, mas também com ele, no sacrifício redentor da humanidade. A humanidade. Dito ali, claro, simplista nos X-vençulos. As Marfelles. "Rerum Novarum", "Quadrado Amarelo", "Mister e Magistra" e Pense na Terra", nos apontam a condição da realidade e da amor. Por isso jamais poderemos acompanhar uma vez que seja pelo caminho da impopularidade, da farsa e da fraude.

CONVOCAÇÃO

Prezado acionista:

Chegou o momento de concretamente você nos ajudar. Com suas ideias. Com seu entusiasmo. Com seu coração.

Lutamos com dificuldades. O papel aumentou. A reação articula-se para dificultar nosso trabalho. Os que destroem, sem nada construir, preparam-se febrilmente para um silêncio. Precisamos de você.

Estamos firmes. Sem medo. Não que sejamos "valentes" e pretendamos comprar armas. Mas porque lutamos por um ideal concreto, onde sabemos que o que menos importa são nossas vidas face a defesa do bem comum.

Você que nos acompanha desde o primeiro número. Desde as primeiras reuniões. Ou mesmo o que nos encontrou já em pleno caminho e conosco começa as mesmas ideias chegou o momento do auxílio mútuo.

Programamos uma reunião para os dias 17 de julho — quarta-feira — na Rua Venezuela Brás, 78 — 1.º andar. As 20.30 horas. Contamos com sua presença. Cada um poderá

Após 17 números de BRASIL, URGENTE todo

o Brasil já nos conhece e já sabe quem somos. Pelo menos ouvir falar. Para alguns (que não nos leem) somos destruidores. Para outros aliados na possibilidade e na omissão face aos problemas nacionais somos "mais um jornal". Mas para um grande número que vem nos acompanhando com aplausos e críticas construtivas nessa obra comum, BRASIL, URGENTE já representa uma tribuna e uma trincheira conquistada pelo povo e que não lhe poder ser arrancada.

Deixe por uma noite sua televisão. Seu jingo descomunal. E venha emprestar seu talento na solidificação de nosso jornal.

Não falte.

Até Sempre

Brasil, Urgente
EDITORIA VELETA LIDA
ANO 1 - N.º 17
De 7 a 12 de Julho
de 1967

Impressão: Adriano Inácio e Publicidade

Rua Cincinnati, Brás 173

Telefone: 35-3223

31-9199

Preço: R\$ 500 Paulo

CR. 20,00

Somente: Edições Cr. 10,00

CONSELHO DE DIREÇÃO

Dr. Carlos Joseph

Rui de Fátima Barão

Guilherme Brito

Armando C. B. Guimarães

Indagando Freitas

João Maria

Partido Republicano de São Paulo

Dr. Carlos Joseph

Diretor Geral:

JOSEMAR MOREIRA

Coordenador:

Roberto Freitas

Diretor Administrativo:

Rui Cesar de São Paulo



O BICHO

*"Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos
Quando achava alguma coisa
Não examinava nem cheirava
Engolia com voracidade
O bicho não era um cão
Não era um gato
Não era um rato
O bicho, meu Deus,
Era um homem".*

Prezado leitor:

Não faz muito, em meio a um artigo do professor Antonio Candido, publicamos "O Bicho", de Manuel Bandeira. Foram tantos os pedidos que nos chegaram a fim de que republicássemos o poema, que hoje o inserimos nesta página. As ilustrações são fotos chocantes, mas foram deliberadamente escolhidas, pois é preciso, muitas vezes, ser chocante, confudente mesmo, a fim de que muitos despertem para a realidade da fome e da miséria.

No mais, o seu jornal aparece, esta semana, com um número menor de páginas, devido a problemas técnicos. É por esse mesmo motivo que interrompemos a publicação da Cartilha do Desenvolvimento, que no próximo número estará de volta. No mais, há a denúncia contra a "Ifania Corporation", truste que, explorando nossa miséria, nos explora mais ainda, fazendo verdadeira chantagem contra o País. Há ainda a reforma agrária às avessas que grileiros fazem nas terras devolutas do Brasil Central e a sibilante notícia de que o ministro da Educação pretende alfabetizar 50 mil adultos em 48 horas, utilizando o método do professor Paulo Freire.

O SECRETARIO DE REDAÇÃO



3

Gileios: Reformas às Avessas Com Terra Revoluta do Brasil Central

BRASIL, URGENTE, recebeu carta do engenheiro-agrônomo Otto Vergara Filho, juntamente com um completo relato dos fatos que justificam muitos especuladores a pôr em dúvida os planos da nação a respeito como deve vir sendo impetuosa a transformação. Otto Vergara Filho ex-membro da JUC e engenheiro agrônomo formado pela Escola Nacional de Agricultura foi designado pelo SAGMACS para trabalhar no plano de desenvolvimento do Vale do Araguaia como agrônomo e só não entrou em atividade porque aquele plano ainda não foi financiado. Está, porém, trabalhando no Movimento de Educação de Base (MEB), na coordenação de setor agrícola, e realizando um plano de criação do Centro de Treinamento de Monitores na Fazenda São Lúci, no Araguaia. Foi-lhe

que pôde proporcionar o que está se passando com as terras devolutas do Brasil Central. São palavras de Otto: "Lá chegando (refere-se ao Araguaia) fui colocado a par do que se passava com os posses da região e tive várias oportunidades de observar a rotina de inauguração e de abandono a que estão sujeitos. Num momento em que a elite admite a possibilidade de fazer a Reforma Agrária levando as suas terras devolutas, é bom saber o que está se passando com elas...". Para adiantar o que vamos dizer em seguida é bom que fique claro desde já: mais de 90.000 km² de terras devolutas numa única região, já foram usurpadas no Estado por meios desonestos.

Existe uma carta "Companhia Mata Gorda" que é de propriedade do sr. João Lanari — conta-nos Otto Vergara Filho em seu relato — e que está sediada em S. Paulo à Rua 13 de Novembro, 544, 3.º, Valparaíso de Otto Vergara Filho. "Quando a Mata Gorda no Município de Conceição da Araguaia uma área de 19 km de frente por 70 km de extensão, isto é 2.500 km². No Município de S. Félix possui também uma propriedade de 2.300 km², incluindo território indígena sob controle do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e frequentes ataques de lavadores (camponeses). O Estado, por lei, está obrigado a vender para cada pessoa física apenas uma terra quadrada (36 km²) de terra. Entretanto, o sr. João Lanari consegue habilitar o Estado juntando documentos dos "camponeses" com uma espécie de terra, ficando as limitas para serem demarcadas. Apresenta em seguida os documentos do Estado juntamente com o levantamento geral realizado pela PROSPEC. Só depois de levantamento eles passam o quadrilátero que representa oficialmente a divisão das terras. Note-se que a PROSPEC, que é paga pelo Governo Federal para fazer estes levantamentos, funciona através de seus diretores, entre eles o Dr. Silveira, além do sr. Lanari, para o qual vendem os originais do levantamento aerofotogramétrico, o que vale dizer, os meios da aquisição da terra".

"O Secretário das Terras e Obras do Estado do Pará, "constitui Otto Vergara", verificou a irregularidade destes documentos, uma vez que as lotes que deveriam confrontar os limites na realidade não correspondem no mapa. Lotes que no papel eram ideais como adjacentes na realidade distavam de vários de alguns lotes ou de muitos quilômetros. Os lotes uma vez adquiridos nunca reverteram em benefício dos fornecedores dos documentos. Além do sr. João Lanari, já não oculta tal intenção, uma vez que declarou publicamente no Grande Hotel de Belém que só lhe interessava "verificar a situação das grandes empreendimentos".

400.000 ALQUEIRES

Otto Vergara prossegue em sua impressionante relação: "Antes do sr. João Lanari, já a CIVA (Companhia Imobiliária do Vale do Araguaia) dirigida por Humberto Machado adquiriu um território de 80 km de frente por 100 km de extensão, o que representa uma área de 9.000 km², correspondente a 400.000 alqueires paulistas.

Estas terras limitam-se ao sul com o rio Tapajós, ao norte com a cidade Antônio. Uma que dista 3 leguas da localidade denominada "Furo de Pedra", a leste a Rio Araguaia e a oeste com o município de CIVA. A CIVA utilizou o mesmo processo que o sr. João Lanari empregou na aquisição de terras usurpadas inclusive reservas das Índias Tapajós, localizadas pelo SPI. Além das terras de posseiros: Na localidade de Sta. Teresinha se apropriaram de beneditinos da "Prelada", uma das quais a CIVA transformou em hotel, que não é frequentado na qual o bicho operava organizar um colonoário à cargo das irmãs, para filhos de lavadores locais". Anunciou Otto Vergara sobre o episódio CIVA: "O destino dado às terras usurpadas também é o mesmo, dado às terras do sr. Lanari, isto é especulação, interessando somente as grandes negócios privados dos "bubarrões".

OUTRA DESOLÇA

"No Município de Santana do Araguaia (Pará) também ocorreu a mesma desonrada exploração outrora conhecida, conhecida pela sigla CODESAPAL, sediada em S. Paulo à Av. Paulista 2033, láo andar, Conjunção Nacional e dirigida pelo sr. Rê de Assis Nogueira. A CODESAPAL alega como desculpa, para poder operar na mesma exploração de terra tal como faz a MATA GRANDE e a CIVA, que está

realizando obras no local, tais como estradas e agricultura. Todavia a honra da verdade é bom que se diga que as estradas na região do Rio Cobo são antigas e foram construídas na realidade com o auxílio de polícias. Prefeituras locais e a lavoura documentada pela CODESAPAL por meio de fotografias aéreas, não pode "apurar" perfeitamente aquelas que nunca realizaram no Araguaia. Aquelas que por aqui vivem sabem perfeitamente que as fotos representam um simples rito de uma comissão com a produção local, o que qualquer pessoa poderia muito mais".

AMANDONADO

Em suas andanças pelo Brasil Central, incluindo as Estados de Mato Grosso, Pará e Maranhão, Otto Vergara teve oportunidade de visitar a Ilha do Bananal. Ali a situação é também bastante irregular e está diretamente à política administrativa governamental. Rapidez Otto Vergara: "Na Ilha do Bananal foi instalado o Parque Florestal de Marabá com o objetivo de proteger o reflorestamento da região com café. No entanto não foi (e já foram anos) ali foi plantada uma única muda de café do tipo de qualquer outra espécie florestal. Quando uma bolacha cheia de resistência para o amparo e três guardas florestais, funcionários do Parque, para as guardas florestais não há florestas a guardar e sim as regras de po-

quente passadas de região que são impedidos, pelos mesmos guardas, de concluírem a glória e expansão de suas terras sob proteção da floresta do Parque que nunca é formada. Se o governo não tomar logo as medidas necessárias a proteção destas terras, é bom provável, que até o Parque Florestal de Marabá seja usurpado pelas famílias empresas imobiliárias capazes de realizar os maiores alardeos".

TESTES DE FERRO

"O que é de se lamentar", comenta Otto Vergara Filho, é que tais indivíduos João Lanari, Rê de Assis Nogueira, Humberto Machado e companhias (CIVA, CODESAPAL, MATA GRANDE), possuem meios de "representação do povo" no Congresso Nacional e também entre pessoas de posição, como ex-ministros, vereadores, testas-de-ferro que recebem propina para fazerem vistas grossas diante da exploração das terras devolutas. Entre os colonizadores, ali o sr. Renato Costa Lima compreensivo também tem expetição que submeta a natureza e o homem a suas aspirações e lucros. Os Governadores do Pará e Mato Grosso, responsáveis pelo mau uso da ordem em seus Estados, nada fazem para controlar e pôr fim a tal exploração, pois tiram proveito desta situação ondulante, que já está se constituindo motivo de inauguração e de desmontamento para a grande maioria dos lavadores locais. Já está se expondo a possibilidade dos lavadores tão vilmente explorados e que vivem frustrados todos os seus sonhos para a legalização das terras que lhes pertencem.

Otto Vergara Filho continua sua denúncia com palavras duras, que exprimem com fatos expressivos a situação crítica do problema agrícola em nosso país: "A corrida à posse da terra tende a se acentuar e a área adquirida pelo processo usurpatório, acima descrito, não tem limites. Somando-se apenas as áreas que margem o Araguaia pela esquerda, desde o rio Tapajós até o Pan d'Árcio e do rio Araguaia até o rio Xingú, a área de 60.000 quilômetros quadrados, já compradas ao Estado ou melhor, usurpadas por essas Companhias e outras de menor importância. O que vale dizer que nesta região não existe praticamente terra disponível para o trabalho do agricultor ou cineasta".

5

LEIA:

"EVANGELHO E REVOLUÇÃO SOCIAL"

DE FRET CARLOS JOSAPHAT

EDITORA DUAS CIDADES

EM TODAS AS LIVRARIAS.

Fazendeiros Reagem Com Armas A Sindicalização de Camponezes

GOIANIA (Da Sucursal) — Fazendeiros da região de Nazário, neste Estado, reagiram violentamente à sindicalização dos camponeses, tendo mesmo ameaçado de morte aos colonos. A situação tornou-se extremamente tensa.

CONTATOS

A ameaça de um conflito provocou a intervenção do Delegado Regional do Trabalho, sr. Otacilio Alves de Castro Jr., que entrou em contato com os fazendeiros e, em trabalho verdadeiramente didático, demonstrou-lhes que a sindicalização de empregados na lavoura (bem como a dos patrões) é perfeitamente legal. Assim, não tinham os fazendeiros base para a reação que empreenderam contra a fundação de sindicatos entre empregados rurais.

SINDICALIZAÇÃO

Enquanto isso ocorria, outros sindicatos de empregados eram fundados e reconhecidos pelo Secretário do Trabalho e Ação Social. A Secretaria do Trabalho do governo Mauro Borges vem incentivando a sindicalização rural, como um meio de equilibrar a força econômica e política que se concentra nas mãos dos fazendeiros.

POSSEÍDORES

A fim de regularizar a situação dos possuidores de terras devolutas e fazer o levantamento cadastral relativo aos fatores administrativos, geográficos, climáticos, técnicos e econômicos da região norte do Estado, seguiram com destino aos municípios de Pium, Peixe e Arapucaema, as agências volantes do Instituto do Desenvolvimento Agrário de Goiás, constituídas de agrônomos, engenheiros e assistentes sociais.

O número de propriedades rurais pertencentes à União, em território goiano, se eleva a 32 fazendas (com 100 a 300 alqueires, situadas em regiões das mais férteis do Estado, nas mais diversas latitudes) informas à reportagem o deputado José Porfírio, presidente da Federação de Associações de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Estado de Goiás. Adiciona o líder camponês que, nas áreas da União, existem milhares de posseiros pagando arrendamento a fechos proprietários que ilegalmente, se denominam donos das terras. A Federação, sobre o problema, enviou ofício ao Superintendente da SUPRA, em Goiás, sr. Cristóvão do Espírito Santo.

— "Este é o momento — frisa o deputado José Porfírio — da SUPRA.

PRA comprovar a lealdade e sinceridade de seus propósitos. Não será necessário — adiantou — tampouco, que a União dispense dinheiro dos cofres públicos para desapropriação das citadas terras, bastando, tão somente, que as áreas sejam entregues, de fato e de direito, aos que nelas estão trabalhando. A Federação que dirige irá ao local, no sentido de organizar os posseiros, esclarecendo-lhes que não devem pagar nada a ninguém. Resta à



União — finalizou o deputado-camponês — dar assistência técnica aos posseiros, tais como máquinas, adubos, sementes, escovas, hospitais, e teremos iniciada a reforma agrária numa grande extensão, em Goiás."

LUX E FORÇA

A Central Elétrica de Goiás, órgão do governo goiano incumbido de cuidar do problema de força e luz, já tem prontos os planos para a construção da Usina de Farinha, na fronteira de Maranhão e Goiás. A nova unidade dará mais 10 mil HP à região.

Setenta municípios goianos serão beneficiados com o aproveitamento do potencial energético da Cocheira Dourada, outra das obras

O governador Mauro Borges Teixeira recebeu diversas manifestações de entidades, de apoio aos camponeses. Os estudantes universitários de Goiás manifestaram ao chefe do Executivo Federal Estadual a sua confiança de que providências energéticas seriam tomadas para proteger os direitos dos humildes camponeses.

da Central Elétrica de Goiás. A solução do problema de luz e força previcará o êxito de indústrias para a região.

INDÚSTRIAS

Estão adiantados os estudos para a instalação nos arredores de Goiânia, da Cidade Industrial. De seus Estados têm vindo a Goiás indústrias interessadas no iniciativa, entre elas indústrias de São Paulo,

dias, intensivo combate à verminose, entre os escolares de todo o Estado. Adiantou, também, que está programada a vacinação anti-vergão, a cerca de 80 por cento da população de Goiás, dependendo, o seu início, de providências da esquadra do Governo Federal.

TURISMO NO ARAUÁIA

Já foram feitos todos os estudos preliminares para a instalação de grande hotel turístico na Arauáia. Estradas para o local já estão sendo aperfeiçoadas.

OBRAS

O sr. Darione Nunes Cardoso, diretor administrativo da SUPRA, disse à reportagem que já se encontram em condições de funcionamento 137 obras, entre escolas, grupos escolares, postos de saúde, todos do plano de realizações do governo MB.

Obras, cujo âmbito financeiro atinge o custo de 313 milhões de cruzeiros, estão situadas em diversas cidades do interior goiano, entre as quais Anápolis, Amaro Leite, Corrêa do Ouro, Trombador, Abadiânia, Boboalândia etc.

PORTO EM GOIÁS

O Governo de Goiás vem trabalhando no sentido de concretizar a construção do Porto de Brasília, a ser localizado a 200 kms. da Capital da República, no rio Tocantins.

O governador Mauro Borges teve a oportunidade de declarar à imprensa, em pormenores sobre o plano, afirmando que "o empreendimento é da maior importância para a fixação de Brasília. Pelos estudos feitos — prosseguiu — será realizada a interligação traçada pela CIVAT, unindo o Brasil central ao litoral norte". Estendendo-se em matéria de esclarecimentos disse o governador Mauro Borges que "a Marinha Brasileira faz parte do consórcio com a CIVAT, e participa, também, da Comissão Interestadual da Baía de Paragá-Uruguaí, preferindo que o porto de Brasília, planejado desde a mudança da Capital, seja instalado no Rio Tocantins, julgando impraticável o primeiro projeto, que o previa para a Bahia".

Fazendeiros de Nazário reagem à sindicalização dos camponeses

ESCANDALO,

MILAGRE E MISTÉRIO

Desde a segunda metade do século XIX, tornou-se moda jogar a Igreja contra o Evangelho e contra o mundo moderno.

Exaltava-se a simplicidade e a pujança da primitiva mensagem de Jesus. Acusando-se o contralo com péso. E a arcaísmo da velha instituição eclesiástica.

Assim os dotes historicismo artificial, em que se perdiam infelizmente, agudas inteligências, como Marnack e Loisy, a Igreja nem era evangélica nem atual.

Era um compromisso de mau gosto, judaico, helênico e romano. E ainda, medieval e barroco.

No entanto, teólogos contemporâneos, do 1.º Concílio do Vaticano, não hesitavam em profetizar que "o século XX seria o século da Igreja".

Com o realismo cristão e melhor informação histórica, não se chocavam os féis autênticos com o "escândalo" da Igreja.

A Igreja despojada de seus estados temporais.

A Igreja menos "poderosa" entre as nações laicas. Menos influente. Menos prestigiada.

Para muita gente, a "Igreja livre no Estado livre", significava a invalidez da venerável instituição, a quem fôra dado outrora coroar e destituir soberanos.

Assim calculavam políticos como Cavour, que se empenhavam em divulgar o "alagan". Mas cristãos sinceros criam na Igreja e na liberdade, como Montalembert, que aliás, fôra o primeiro a anunciar o célebre axioma, em carta ao aserto ministro italiano.

Empobrecida, reduzida ao mínimo de material, a Igreja se encontrava na condição ideal para cumprir sua missão.

Estava evangélicamente livre para anunciar as verdades do Espírito e impregnar de justiça e amor as instituições temporais.

Era o que proclamava audazmente Pio XI, em 1929, quando tanta gente se escandalizava com o "Tratado de Latrão" que o Papa estava concluindo.

No segundo Concílio do Vaticano, "a Igreja se contempla no espelho do Evangelho".

A sugestiva expressão é do Padre Congar.

Confrontando-se lealmente com as exigências do Evangelho e com as aspirações de nosso tempo, a Igreja de Paulo VI, quer estar realmente a serviço dos homens, de todos os homens.

Não aceitam equívocos de ser ou parecer a escória de velhas estruturas, injustas e desumanas, mesmo que venham dolorosamente batizadas de civilização cristã.

Reconhecem sobre o mundo uma vasta sombra de ateísmo, doutrinal e prático.

Com o apóstolo da audácia e da liberdade proclamam: "Aí de mim se não peçar o Evangelho".

Anunciar o Evangelho, pelas palavras e pela própria vida.

Misteriosa e fecunda tensão da Igreja.

Tem que encarnar o Evangelho aqui e agora. Compreende enfrentar e iluminar os problemas humanos com os reflexos dos mistérios divinos.

Inabalável em sua fé na Eternidade e confiança nos docatos históricos.

Tanto mais certo de ser fiel às suas origens divinas, quanto mais presente às angústias e esperanças de cada geração e de cada povo.

Para alguns, a Igreja será um escândalo.

Outros chegarão a reconhecer pela o milagre da força divina, superando a fraqueza dos homens, que compõem a comunidade cristã.

Mas, contemplada no realismo da Fé, que não repela o escândalo e acolhe o milagre, a Igreja é o milagre da graça de Deus, atingindo todos os homens e tudo o que há no homem.

Fr. Carl Josephat
op

AMERICA LATINA : 70 ANOS PARA PODER DOBRAR RENDA PER CAPITA

Durante o último encontro dos dirigentes da CEPAL «Comissão Econômica para a América Latina, órgão da ONU, realizado em Mar del Plata, em abril passado, importantes dados foram apresentados no sentido de advertir os responsáveis pela América Latina a respeito da si-

Disse textualmente o relatório da Cepal: "Os males existentes na economia latino-americana não são de modo algum transitórios; pelo contrário são a expressão da crise na ordem de classes existentes e das fracas capacidades de um atual sistema econômico para obter um ritmo de desenvolvimento que corresponda a crescimento da população e de melhoria contínua de vida".

**MALES ECONOMICOS
NÃO SÃO TRANSITORIOS:
SÃO MESMO ESTRUTURAIS**

Progresso lento

No ritmo em que está crescendo o Andriens Latins — diz o relatório da CEPAL — a renda per capita levará 70 anos para chegar ao dobro da que é atualmente. E isto é muito sério, porque mesmo dobrando a renda per capita, dentro de 70 anos a miséria e o subdesenvolvimento estarão praticamente no mesmo estágio de hoje. Veja-se então: a renda média per capita atual é de 120 dólares por ano; a renda per capita dos Estados Unidos é de quase 3.000 dólares; ora, dentro de 70 anos, a Austrália Latina estaria com uma renda per capita de 240 dólares por ano!

Mudanças das estruturas

Em 1900, a população da América Latina era de 63 milhões.

hoje. Hoje 4 de 220 milhões! E as estruturas atuais não permitem que estes 220 milhões possam viver, trabalhar, consumir bens necessários, lavrar a terra e industrializar-se. Os privilégios das minorias prosseguem impedindo a expansão da iniciativa individual. Indagam então os técnicos da CEPAL: "Trata-se então de preservar o sistema atual que impede a expansão da iniciativa individual em favor dos privilegiados?"

Movimentos coletivos

Está se acumulando na América Latina uma considerável for-

mação do Continente, tendo estimulado aquele órgão que "não haverá aceleração do desenvolvimento sem transformação da estrutura social vigente".

As causas

[illegible]

DORIAN JORGE FREIRE

O GOLPE

[illegible][illegible][illegible]

NOVTRAD

[illegible]

FUMAÇA & FOGO
A sabedoria ensina que onde há fu-

REFÚDIO

Dizer a "Folha", em seu (bom) ditador, que o Brasil repudia os golpistas. Seja da direita, esquerda, centro ou da intimidade presidencial. Esteja a palma, fardado ou de pijamas. "Na concentração rotulada de 'em defesa das instituições democráticas'."

Um Jornal do Povo a Serviço da Justiça Social

TRUSTE DO MINERIO:

Apesar de ter todas suas concessões terem sido consideradas caducas pelo Ministério das Minas e Energia, através do último ato do falecido ministro Gabriel Passos, a Hanna Corporation, a maior truste de minério de ferro do mundo, continua controlando 720 kms quadrados de território mineiro com um total de 4 bilhões de toneladas de ferro de mais de 65% de teor.

A história de Hanna no Brasil tem de tudo: desde chantagens internas contra o Brasil no tempo do presidente Eisenhower, até atos de corrupção na imprensa e em setores político-parlamentares.

QUE É A HANNA

A Hanna Corporation é um "holding" que abarca cerca de trinta empresas relacionadas com mineração, comércio de minérios, siderurgia etc. distribuídas pela Canadá, Inglaterra e América Latina.

Tem grande poderio político nos Estados Unidos e, segundo consta, por sua obra, foi eleito presidente William Mac Kinney. O atual presidente da Hanna, George Humphrey, ocupou durante o governo Eisenhower o importante cargo de secretário da Tesouro, ou seja o ministério da Fazenda dos Estados Unidos. Outros elementos ligados aos organismos administrativos norte-americanos é John Foster Dulles Jr. diretor da Hanna no Brasil.

Com tão grande influência sobre o governo dos EUA e dela utilizando-se adequadamente, tem a Hanna conseguido impor sua política financeira nos países subdesenvolvidos e até mesmo a governos como o inglês que, por força da influência de altas esferas norte-americanas, acabou concordando com a transferência da St. John d'al Rey Mining Corporation para a Hanna.

NO BRASIL

Quanto à atuação da Hanna no Brasil, o que nos dá ciência plena são os comentários de Drew Pearson e Jack Anderson, ambos norte-americanos. Segundo eles, em 1953, o então embaixador Walter Moreira Salles foi convocado pelo subsecretário do Tesouro norte-americano para discutir os termos de um empréstimo de 300 milhões de dólares ao Brasil. Pouco depois, o governo brasileiro cancelou abruptamente um contrato de carvão com o Eastern Fuel and Gas, que vigorava há 10 anos, para substituí-lo por um contrato com a Consolidation Coal Company, pertencente ao "holding" da Hanna. Consequentemente, o Brasil, de Eximbank, passou por Mr. Humphrey, um empréstimo de 35 milhões de dólares.

Em 1956, a Eximbank concedeu ao Brasil um empréstimo de 151 milhões de dólares, através de Lucas Lopes, então presidente do BNDE, para reforma de portos, construção de ferrovias etc. Tal empréstimo, negado pela Banca Mundial por falta de garantias, foi concedido pela Eximbank com o condição de fornecer a St. John d'al Rey Mining Corp. que foi e segue incorporada ao grupo Hanna.

RESERVAS

Em 1957, passou a Hanna Corporation a controlar a antiga St. John d'al Rey Mining Corp. proprietária da Mina de Morro Velho. Sua intenção era, entretanto, entrar de posse das enormes propriedades daquela empresa, adquiridas por preço irrisório, em zona fértil.

Segundo os cálculos da própria St. John d'al Rey, as reservas, espalhadas pela imensa propriedade de 720 kms. quadrados (quase a área do

CHANTAGEM CONTRA O BRASIL!

Estado de Guanabara) ascendem a uns 4 bilhões de toneladas. Calcula-se que, da mesma maneira que nas minas do CVRD, cerca de 30% desta total seja de minério de mais de 65% de teor. Correspondem, pois, a cerca de 15% das reservas totais do Estado de Minas.

TESTAS DE FERRO

Para administrar seus bens no Brasil foi fundada uma "holding": a Mineração Hannaco Ltda., composta de quatro empresas: a Mineração Morro Velho S. A., com apenas 25% das ações nominais com a Hannaco, presidida por Francisco Melo Viana e destinada a cobrir a retirada do "holding" do negócio do ouro, evitando os problemas trabalhistas que surgiram com o fechamento da Mina do Morro Velho; a Mineração e Indústrias Vale do Paracouba S. A., proprietária das jazidas e terrenos; a Companhia de Mineração Águas Claras, para operar as minas; a Companhia Auxiliar de Transportes, que operará vagões, locomotivas, pessoal etc, nas linhas da EFCB, pagando a esta apenas o pedágio.

A direção desta "holding" está a cargo de John Foster Dulles Jr. e de Ralph Martin, contando com a colaboração de consultores brasileiros, membros da firma CONSULTEC e homens da maior influência na vida política brasileira como Lucas Lopes (ex-Ministro da Fazenda), Roberto Campos (embaixador nos Estados Unidos), João Batista Pinheiro (coordenador do grupo de exploração de minério de ferro), Mário Pinto (diretor da Caceris) e Jorge Schilling (diretor da EFCB).

Conto, enfim, o "holding" com um exército de servidores anônimos, entre os quais se destaca o colunista social Odeir Andrade, encarregado de amedrontar a imprensa em Minas, de controlar deputados e de organizar passeios para amantes de diretores da Hanna.

SENEGAL

MEDO DE DIVIDIR

D. JERONIMO DE SA CAVALCANTE, OSB

Este é um dos artigos de Dom Jerônimo de Sá Cavalcante, publicado na imprensa brasileira. Sua clara tendência de oposição a certos como um dos líderes da vanguarda do cristianismo no Brasil. Declarações como as que faz neste artigo suscitaram sua detenção e interrogatório por militares da 4.ª Região Militar.

O medo se apodera de alguns grupos privilegiados. Medo do pecado? Medo das injustiças cometidas contra o irmão? Medo da exploração que se praticou para com o próximo, que dentro da doutrina cristã é "imagem e semelhança de Deus"? Não. Infelizmente não é esse o medo que está dominando certos meios "elitantes" cristãos. É outro, bem diferente. É medo de perder as posições conquistadas às custas do sangue e do suor do outro, do salário pago pela metade ao operário. É o medo do não poder continuar desfrutando do comodismo, do bem-estar. Diríamos em linguagem, é o medo de dividir. É o medo terrível de iniciar a perda do Cristo tomando o pão e o alimento do bem material e dividindo com os outros.

É esse medo que está fazendo tanta gente afirmar-se católico, em defesa da "civilização cristã". Naturalmente não defendem o cristianismo autêntico, o cristianismo das escadarias, das luzes da verdade, da justiça; mas este falso cristianismo que outros não é do que o uso indevido da religião para defesa de seus interesses e privilégios. Põem-se com o nome de Cristo de Athayde, que esta gente está "enriquecendo", desfigurando o cristianismo. Essa gente que confunde a mensagem da Igreja e do Evangelho "com uma civilização, uma classe, um poder dominante nos tempos modernos".

Não a desfiguração do cristianismo, visível entre nós pela fração da burguesia da vida de tantos círculos sociais. É a desfiguração da Igreja pela aceitação do racismo, como era no tempo do país irmão dos Estados Unidos, que, felizmente, tem a vida, tem uma presidente que se levanta corajosamente de contra "a mais negra mancha" daquela nação. É a desfiguração do cristianismo pela aceitação do colonialismo, pela submissão do povo fraco com a justificativa absurda de que isso é uma missão. Há uma diferença profunda: os dois "sombra" ultimamente por Tristão de Athayde: "a raiz do missionário e do colonizador".

A Igreja, porém, quer a reforma do homem e das estruturas sociais, quando elas não atendem mais aos interesses supremos da própria dignidade humana.

Cristianismo é amor, é a vivência em toda a sua plenitude do seu mandamento básico: "amar ao próximo como a si mesmo". A Igreja tem de desvincular-se de todos esses compromissos com o espírito burguês da época capitalista que é tão materialista e do intrinsecamente mau como é o comunismo.

Temos, pois, de partir para a recriação desse que aí está através dos instrumentos que João XXIII nos apresentou nas suas encíclicas sociais, a verdade, a liberdade e a solidariedade. Diríamos numa palavra, o respeito à dignidade da pessoa humana".

O Senegal, país africano recém independente, foi pulso, no fim do ano passado, de uma tentativa de golpe de Estado, encabezada por seu primeiro ministro Mamadou Dia, que poderia ter levado, no caso de uma reação nova e ainda em formação como Estado soberano, a um novo Congo, a sangrentas lutas. Mas a paz e talvez o futuro do país foram salvos pela firme ação do chefe do Estado senegalês, Leopold Senghor Serphey, um dos maiores homens de letras da África moderna e um dos maiores estadistas do Continente Negro, como o demonstrou naquela delicada e grave contingência.

Senghor, que pouco após a independência, após a tentativa de golpe mudos para a presidencialista o regime de seu país, a frisão do qual se encontra, é um dirigente e líder político de tendência socialista. Seu governo tem procurado resolver os problemas da nação através da aplicação de um plano de ação e do socialismo, visando à democratização e a elevação do nível cultural e de vida dos senegaleses. Mas Leopold Senghor não perde de vista que a solução para os problemas dos africanos está na unidade da África e que os problemas dos africanos



resolver são os de todos os africanos que só unidos poderão vencer, elevar-se culturalmente e ocupar a posição a que têm direito no mundo moderno.

Os pontos de vista desse novo líder, de grande importância e oportunidade, foram expostos ao jornalista Robert Barro, numa entrevista para o semanário francês "Tempsmagazine".

BRASIL: URGENTE leva agora ao conhecimento de seus leitores.

PLANO DE AÇÃO

P — O Senegal, atravessado uma crise muito grave. Poderia e sr. Presidente nos esclarecer qual a situação interna do país e qual o sentido do resultado da referenda constitucional de 2 de março último?

R — Você conhece a situação do Senegal. A quase totalidade, eu diria a totalidade mesmo dos responsáveis pela política do país condenaram a tentativa de golpe de Estado de dezembro de 1962. O diretório político da União Progressista Senegalesa foi unânime na sua condenação. No Conselho Nacional, que conta com cerca de 300 membros não tivemos sequer uma abstenção. Iniciamos por outro lado entendimentos com a oposição legal — o P.A. Tinha esperanças, pelas concessões manifestas de que caminharíamos para a união dos partidos nacionais.

Colocadas de lado essas questões políticas não temos um grande trabalho de reconstrução. Eu senti ao tomar posse que tínhamos seis meses de preparativos antes de poder iniciar a execução do Plano de Ação. A campanha que reinava nos diversos ministérios nos obrigou a parar, a repensar, não no Plano, nem mesmo no nosso socialismo, mas na aplicação concreta do Plano e do Socialismo. Eu me esforcei imediatamente em colocar em ação os conselhos de república Lebrez. Daqui por diante teremos em cada ministério um departamento encarregado da execução do Plano, em ligação direta com a Secretaria de Estado encarregada da Planificação e do Desenvolvimento. E, por outro lado, que poderemos ainda este ano, abrir duas escolas um Instituto Politécnico, que terá por objetivo formar mais engenheiros, e uma Escola Nacional de Economia Aplicada.

P — Dizem que a planificação senegalesa é muito "tecnocrática". Contou V. Ex. com a colaboração dos produtores e naturalmente dos indicados, na elaboração

do Plano e no controle de sua execução?

R — Sim. Tencionamos reestruturar a Comissão Nacional do Plano de Ação e a subcomissão que estavam abandonadas. Fiz incluir, por outro lado, na Constituição, a criação de um Conselho Econômico e Social. Pretendemos dar um novo impulso ao socialismo de forma a atingir as suas bases, quer dizer, organizando os Centros de Difusão Rural e os Centros de Expansão Rural. Os créditos destinados à Economia rural e sobretudo, a especialização das indústrias básicas serão aumentados. Em uma das últimas viagens pelo país, as cidades de Casamance e Djorjol visitamos os Centros de Difusão Rural por que passel. E nós se pretende qualificar e regular o Plano de Ação. Ao lado dos comitês regionais, vamos criar os "comitês do Plano", funcionando à semelhança de Círculos de Estudos. Criar, com efeito, que é essencial de peso socialismo deve ser o diálogo entre a cúpula e as bases e que este diálogo encontre seu lugar adequado nos Centros de Expansão Rural que por sua vez está entrando com o Centro de Difusão Rural.

CONSTITUIÇÃO E DEMOCRACIA

P — Este esforço de democratização, encontrado sua expressão na Constituição tal como V. Ex. a submeteu ao referendo popular?

R — A maioria das Estados Americanos tem Constituições de tipo presidencial, mas examinando mais atentamente percebe-se que, se todas as chefes de Estado gozam das prerrogativas de regimes presidencialistas, a parlamentarista. Pretendo apresentar ao povo senegalês uma Constituição de tipo

B. — Queremos dizer sr. presidente, que Dakar será, no próximo ano, a sede de um importante encontro consagrado à questão da arte africana. A questão do Poder V. V. X.aa. não dar maiores delícias a esse respeito? V. V. X.aa. não se integra na cultura africana, não se integra na cultura modernista chinês e na cultura americana chinês? Não quer mudar?

Paulo de Tarso: 40 h para Alfabetizar 50 mil Adultos

DEBATE

Brasil, Urgente 2 Frades e Vinte e Dois Leitores

Com a assinatura de civil e um estudante do Brooklyn Paulista nesta Capital, foi remetida a seguinte carta à esta redação:

"Estando, no último dia 20, a folhar um dos melhores jornais da nossa imprensa "sófia", o "Estado", liemos na sua seção livre um comentário de um certo frei Juvenal, autor de crítica nada construtiva ao semanário BRASIL URGENTE. Infelizmente, pudemos verificar que ainda há cristãos a serviço da reação, conscientes ou, talvez, de boa fé. Queremos, sinceramente, acreditar que o caso seja o segundo. Porém, de certa maneira, isso é bom, pois vem provar que o BRASIL URGENTE está cumprindo sua missão, e como!

Nós, estudantes da zona sul da cidade de São Paulo, temos, com esta, a intenção de não só nos congratularmos com a linha seguida pelo BRASIL URGENTE, mas também a de darmos o nosso integral apoio à causa."

OUTRO FRADE

Assinada pelo sr. Luiz Máximo de Araújo, de Ponso Alegre, Sul de Minas, recebemos a seguinte carta:

12

"Na qualidade de observador da imprensa des de o Amazonas até o extremo Sul do Brasil, julgo-me no dever de levantar o meu protesto contra as infâmias e calúnias com as quais, pelas colunas de "O Estado de São Paulo" do dia 19 passado, um tal frei Galvão veio tachar o BRASIL URGENTE de comunista, esquivista e mais um rosário de mistificações e calúnias de todo gênero. O que eu admito é um padre — em vez de se preocupar com a religião católica, se é que ele, de fato, seja católico, isto porque estamos num momento em que se observa em nossa religião sacerdotes que se prelumem a tudo — o que eu admito é o velho calunioso do BRASIL URGENTE, jornal muito mais católico do que o "Eco", dirigido pelo próprio frei Galvão. Gostaria que esse frei lesse o BRASIL URGENTE do dia 23 passado e como esse jornal se manifestou a respeito do Papa João XXIII, o que não aconteceria com uma publicação comunista, que não daria o destaque necessário a fatos relativos à religião católica. Seria melhor que frei Galvão cumprisse seus deveres para com a Igreja e seu rebanho em lugar de caluniar aqueles que não se preocupam com ele".



A alfabetização em massa efetuada com sucesso em Angicos tem 100 alunos vai ser repetida em larga escala em Brasília: 50 mil adultos analfabetos aprenderão a ler e escrever em 40 horas. Para estudar esse experimento didático, o ministro da Educação, sr. Paulo de Tarso, convenceu o professor Paulo Freire, criador do método que tanto sucesso alcançou no Rio Grande do Norte.

O PROFESSOR

Paulo Freire já está em Brasília, procedendo ao levantamento preliminar dos analfabetos, nos municípios, visitando os locais para aulas e iniciando as entrevistas que antecedem a escolha dos textos.

O educador é catetizado da Faculdade de Recife, e o principal estimulador dos movimentos da Cultura Popular. Reside de ordem política regional impediram-no, até agora, de promover uma experiência em larga escala, com o que lhe está sendo proporcionada pelo ministro Paulo de Tarso.

O professor Paulo Freire está elaborando também com a SUPRA, com quem trabalhará um conjunto, já tendo colocado à disposição deste órgão parte de sua equipe de especialistas.

CULTURA

O sistema do professor Paulo Freire não se limita a ensinar o alfabeto a ler. Faz mais: ensina-se a aprender que também possui cultura, embora não desenvolvida como a dos alfabetizados. Depois de estar ciente de sua capacidade de aprender, inicia-se o contato com a palavra escrita. Após as primeiras aulas todos estão lendo e escrevendo.

SISTEMA

O sistema é extremamente simples. Quatro palavras das mais usadas na língua são escolhidas para formar a base da alfabetização. A palavra é o objeto por ela representado são escolhidas juntas, vindo depois a divisão da palavra em sílabas, para o estudo das sons e letras. Não há cartilha padronizada. As palavras-chave variam até de cidade para cidade. Em Angicos foram usadas palavras como "Expresso"; um ônibus expresso cruza a cidade em direção de Recife.

EXPERIÊNCIA

A experiência de Angicos demonstrou a capacidade do analfabeto de tomar consciência da própria importância na sociedade. Um camponês que já escrevia o nome explicou que com isso sabia fazer o cartão, até fazer igual e ficar apto a votar. Em quem o governo quer. Mas depois de "aprender direito" ele mesmo iria escolher o candidato.

A esperança de aprender toma conta dos analfabetos. No dia seguinte à primeira lição em Angicos, os alunos da cidade apareceram repletos de palavras "belota", a primeira que eles aprenderam a escrever.

SALMOS DE DAVI EM BOSSA NOVA COM VIOLÃO, PISTÃO E MARACÁ

DIVINÓPOLIS (Minas) — "Assim como o espetáculo do II Conselho Vaticano foi a missa acompanhada ao ritmo da música africana, também nós pensamos em adaptar os Salmos ao ritmo da música desta pátria alegre que é o Brasil" — com estas palavras, frei Joel OFM, de Divinópolis, fez o lançamento do segundo volume de "Salmos e Cânticos", um LP 33, cuja principal característica é apresentar os Salmos cantados com acompanhamento de violão, pistão, maracá e a trinita alegre de um bando de andorinhas.

DIVINÓPOLIS

Esta cidade é o maior centro siderúrgico do Oeste e daqui de toda o Estado de Minas, distante 100 quilômetros de Belo Horizonte, vem a qual está ligada por rodovia pavimentada. Tem 69 mil habitantes, é o maior entroncamento ferroviário da Rede Mineira de Viação e, também, importante entroncamento rodoviário. A cidade tem aspecto moderno, tráfego regular, oito estabelecimentos de nível secundário e um seminário maior.

MÚSICA

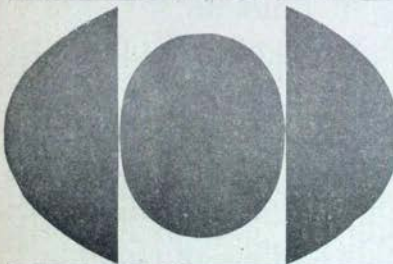
Apixonado pela música, frei Joel, ao chegar a Divinópolis, procurou reviver o espírito do Santuário de Santo Antônio, paróquia local aos cuidados dos Franciscanos. A seguir organizou o coro infantil. São agora três os coros sob direção e regência de frei João Cório do Santuário de Santo Antônio, Cório do Convento dos Franciscanos e os Pequenos Cantores da Cruz de São Damiana. Há aproximadamente um ano lançou o primeiro disco de "Salmos e Cânticos", ao qual se seguiu o segundo, ora entregue ao público em gravado RCA, com o título de "Cântico ao Senhor Terra Inteira" e capa de frei Márcio OFM. O acompanhamento é em bossa nova, feito com violão, pistão e maracá, bem ao gosto brasileiro, com o que frei Joel procurou tornar mais acessível ao público a mensagem religiosa contida nos Salmos de Davi.



OUTRO DISCO

Durante a cerimônia de entrega ao público do disco dos Salmos foi também apresentada a gravação "Divinópolis Cinguentenária", de autoria do músico e instrumentista José Ovídio de Andrade, que trata temas das folias o "Hino ao Santo São", da São Francisco de Assis, cantado por frei Joel com acompanhamento de sax-tenor.

A vitória dos povos subdesenvolvidos



Os povos do mundo subdesenvolvido já não escutam o domínio das nações colonizadoras.

A miséria, a fome, o atraso em que estão mergulhados lhes foram impostos pela ponta das baionetas e pelas crotas dos vasos de guerra das nações opressoras.

A luta dos povos oprimidos pela sua libertação, as metrópoles opõem a sua violência e poderio contra as quais nada, absolutamente, podem as nações oprimidas.

Contra a opor, a guerra, a bomba, a bala, a espada, de um lado, e a revolução mundial de outro, de outro.

Nas duas da luta, todavia, um dos braços fundamentais é a vitória dos povos explorados, é a libertação nacional, é a derrota, a oposição da violência que esmagou, do sistema colonial do imperialismo.

O mundo subdesenvolvido está em transformação revolucionária que é a transformação do mundo.

E nessa perspectiva que a UNE realizará o SEMINÁRIO DOS ESTUDANTES DO MUNDO SUBDESENVOLVIDO, em Salvador de 7 a 16 de julho.

TELEVISÃO

CUIDADO, AF VEM BALAI!

Cuidado, muito cuidado ao ligar o televisor. Você está avisado e levar um soco, um tiro ou mesmo um pontapé no meio do teste.

Afaste seus filhos do sofá, man. De seu esposo para o côpo e, você mesmo, não seje laque de se odo. Se o diabo de vídeo ao girar o bo. do de sintoma.

Abaixo se. Escudo se. Fuça o xena com cuidado. Gire lentamente o botão de som mas escureça o imagem. Espere o berulinhão. Se o bolo ricochetear é sinal de que não tem proteção. Mas não le. gite muito o cubeto. Lembre-se que tem família para susten. tar e as prestações do televisor para pagar.

Se possível, coloque um espelho junto do vídeo e um tes de espá. do discretamente, vir dando luz à imagem. Cuidado: é preciso fazer e estáu com muita calma. Sentia. la escorrer um filote de suor pelo vito, pôre. Verifique se é mesmo uso ou tempo. Vê se o bobinho e tene um bom banho fria antes de ritar o fanteir, coia sua corcova di. do tanto.

Não toque inadvertidamente. Pasa mtej pela cozinha. Tome um copo le. ite para sossegar o alvico ner. vos. Verifique o resto do pessoal. Se os trincos estão no quarto. Se vto continua viva. Tudo OK? Vou a frente do butafão, lombo de. Je que sua filha têm um sacó em herai. Raspe fundo, bem fundo e... gire o botão descoler.

Mat corre, feja. Passar o mudo na crinque, se espica ou rovi a lev-a que um lugar assegado porca sua casa cando de se in. velido. Perna: por que te quero xarque atrás de Al Capone, Don Matroxian, Roy Rogers, Fetter Gun Shinnex, o barão da Cidade Nova, i quadrelha de Pansa da Lei, do hipado não sei quanto, todos cor. pindo fogu pela cana.

Proteja a família porque sua ca. a acaba de ser invadido por um bu 107 filmes estrangeiros da te. levisão brasileira. Todos eles (107 se. remen) apodercadores de penitências.

Walter Negrão

CINEMA JULES E JIM

INTERIOR

No Brasil, o título desse filme de Truffaut ficou sendo "Uma Mulher Para Dois". Sem dúvida, uma bela solução comercial um título assim. Ele comercial, quanto inclui o verdadeiro sentido da história. Porque na realidade esse Catherine não é mulher nem de Jules, nem de Jim, nem de Albert e tampouco de tantos outros homens que eventualmente atravessaram seu caminho. Catherine não é de ninguém porque não consegue amar a ninguém nem mesmo a si própria. Ela se dá a si mesma como se fosse uma mulher que não sabe amar, e por isso que ela passa das mãos de Jules para as mãos de Jim e das mãos de Jim para as mãos de Albert sem se fixar nunca, inexpressa que é de fixação. Nem há triangulo, há quadrilátero e outras figuras geométricas, desde que todos homens que aparecerem na história e a mais homens ela se entrega com sua naturalidade deses. alado natural de quem sabe senti. re que tem sede: exige-se ape. nas que a água seja gelada e ao. alidade, não há.

Portanto Jules e Jim não é um filme de amor. Nem podemos mes. mo falar em amor quando o vis. itor não passa de um objeto de amor. É uma clámpex onde, que funciona à margem de uma ad. ministrativa, a profunda e indelével amizade entre dois moços que se unem na mais pro. funda amizade que pode, haver entre dois alvos. Não consegue apagar-se, nada. Nem esque. Ce.

therine, a triste coisa solitária, for. cendo por participar mais a fun. ção de amor. Significativa é esta em que ela se veste de ho. mem para passar mais a vontade com os dois mas nem assim dis. tirada ela chegaria a participar de acordo logo que uma nome antigo. Nem mesmo quando ela se afia ao José, mulher e mulher. tentativa de suicídio, nem mesmo com esse ato ela consegue inter. romper o diálogo entre ambos. In. convenientemente — há na histó. ria a gravidade, incoerência — pro. cura ela entre romper esse laço traído Jules com Jim. Mas Jules não sente como, se dois jovens estão muito acima de qualquer preocupação. Pois se nem na guer. ra, quando ambos lutam em campos opostos, sofreram eles o mais leve entorpecimento no seu afeto. Imagino agora se seria uma mulher que... Ora, que ideia.

A solução é por o fim da sé. da na caixa e o passar o fim de semana com Albert, e vago talar do vídeo que portara de Oscar Wilde. E de dele, sempre continuando indelével. O instinto sagaz-herói então que temia um. filme com Jim como se fosse com Jules. O instinto diz-lhe ainda que os amores provavelmente ela pro. duz aqui. De modo impravável, surge então a mural dessa história amoril: mas como poderá ter ela esse filho se não sabe sequer qual. me da vida, Embora, solenita do cinema de subordina e não insu. lida.

Catherine percebe que a paixão está perdida. Jules e Jim são in. destrutíveis. Ela sua infini. dade de sofrer, de amor não se. quer pode mais propriar, ela de. quebra uma saída: morrer e crer. tar Jim consigo. Que morte é. morte? O importante é que Jim não fique com Jules, o importante é separá-los para sempre.

Es. si a história, desde o bo. le. fim, inspirado no livro de um ve. ritable: Henri-Pierre Bar. bi. Ele que sua sentença não. creveu ele usar romance no qual descrever ao amor, o acúmulo amor simbolizado por Romeu e Ju. lieta, não existe. Existe a política e solidos amizade entre dois ho. mems, tão profunda quanto tenaz, desafiando a mesma mulher, esse. Jense Mieux que faria, enlaça. mento a face de um Otelo.

Não sei se eu gostaria de re. tomar mais quanto possível de. filme. Aquilo constitui belíssimo, aquela música, aquela análise da. graduação da liberdade, rotando em. ritos de galope, como convém a uma história tão inocente.

Inocência — a cinematográfica. prindida — dessa. Filmes de ym. vengança. A senta inocência dos. milhar que não tem pela mão. se sua inocência, sua inocência, ali. esse nome habito da malícia... É. prindida, pois, revelar com um ar. tismo entre inocência e malícia, entre. inocência e malícia, inocência do. cinema de subordina e não insu. lida.

ARTES PLÁSTICAS

Walter Zanini voltou ao Brasil decidido a fazer alguma coisa pela divulgação das artes. Não sabe bem como, nem quais as possibi. lidades que resta, porque a impre. ssão que o Brasil lhe deu, há 17 anos atrás, quando foi estudar na Europa, era a de um famoso de. celerado e um artista. Mas, na volta, surpre. tendentemente e sem intenção, que. com entilejo nova e vivificante pu. blicava aqui dentro. Começou a dar aulas de Desenho de Arte na Uni. versidade, a fazer conferências em instituições culturais, a percorrer vilas. tas de estudantes nos museus de São Paulo. Daí a ser convidado a dirigir o novo Museu de Arte Con. temporânea da Universidade, ju. rando com o mesmo desio por Ma. tarama Nobrelo, foi um pulo. E hoje, a poucos dias antes de Zanini ir a Museu da Universidade.

Não há verbalidade, por en. quanto, aqui por pagar-se uma secretaria. Mas Zanini acha que o mais importante é fazer o Museu funcionar, e que se cometa: labo. radores da população comum e Ma. rram vivo, as obras de arte de arte. tas, os artistas dialogando com o. Museu e não perdidos de vista cu. cas e entrecortando continuo no. curre já considerável da antiga. Museu de Arte Moderna.

FAZER ALGUMA COISA E PELO INTERIOR

Vim a saber agora que o Museu de Arte Contemporânea da Uni. versidade vai organizar uma exposição de jovens-que-estão-matando-a-arte realizada em agosto, na Fundação Aracy Perceira. Isso porque o Museu ficará fechado na primavera devido à obra do MACUSP pro. curada por Zanini. Há 2 meses, o que seria negativo para um mu. seu que deseja impor sua nome no. va e realizar mais. Uma mostra que subli. de a nova geração de desenho do Brasil, e Zanini já está estabe. lecendo contatos que permitam trazer a público um panorama ex. pressivo da arte do desenho jovem em nossa País.

Muito o valor, mas todos os que se interessam por artes plásticas estão torcendo para que o atual ca. rter de Universidade seja igual. tarie os entusiasmos da jovem e já respeitável Museu da Uni. versidade e, assim, face o possível e impossível para dar-lhe meios que possibilitem uma programação ob. servando um controle mais com. o público universitário, em prime. ro lugar. E que também permitam a conversação adequada de tantas obras produzidas de que hoje o Museu é possuidor.

Paralelamente à realização da. Biennial, quando todos as atenções nos meios artísticos estarão volta. das, evidentemente, para a grande

exposição internacional, a mostra da. Arte Contemporânea da Universi. dade já se prepara com empenho para continuar sua iniciativa cul. tural em trabalhos de divulgação. E um plano, que se suble, reside em São Paulo. Zanini está propo. nendo para realizar uma mostra-ve. lada nesse mês de maio (sobres. cretamente pelo interior do Estado, pelas cidades mais populosas, e tra. zendo pessoas que abriam locais apor. tados, uma sala de exibição, ou. blicar das obras do acervo (obras nacionais e estrangeiras).

Bom, sem dúvida, uma iniciativa corajosa de este, pois todas as ex. periências feitas no interior dis. tinguem não apenas a obra, mas a população universitária como a. cariedade de todos os seus habi. tantes.

Há a intenção que os maiores e. dades do interior se beneficiem um. pouco com em (em) das iniciativas de nível alto que ocorrem na ca. pital. E preciso descentralizar a. cultura das elites. O Brasil já o. está fazendo no campo do esporte. Outros o governo estadual facil. ita a arquitetura e grupos te. atrais, e veja-se as companhias também não aproveitam essas chan. ças com miculância, igual se re. stituem com o interior aboli. cos, inclusive. E revalorização legítima dos povos do interior.

aracy amarel

RAY CHARLES: NEGRO CEGO E GENIO!

Na preferência do público do mundo inteiro o todo-poderoso Frank Sinatra está perdendo seu lugar para Ray Charles. Muita gente por aí, versada em caprichos de gênios, não consegue explicar os fatores — tão incomuns — que fizeram de Ray Charles o cantor mais aplaudido dos tempos atuais — vencendo o preconceito, a pobreza e a incurável ausência de visão.

A vitória de Ray sobre a vida já está assegurada. Aos 15 anos de idade, quando perdeu os pais, Ray Charles começou a perceber que viver não era tão fácil assim. Estantemente aí teve início a sua carreira de cantor, como positor, instrumentista, arranjador. Na Florida, Estados Unidos começou a trabalhar em música. Impossibilitado de ver, aprendeu "braille", justificando isto nesta frase: "Não preciso ver para cantar ou tocar piano".

IMITANDO "NAT"

Antes de virar sucesso, o enorme sucesso que é Ray Charles atravessou aquelas fases por que sempre passam todos os cantores: trabalhou em "night-clubs", acompanhou os cartazes da época — como Ruth Brown — e até procurou imitar Nat King Cole, quando este vivia sua melhor fase artística, na saudosa época do "Nat King Cole Trio". A imitação era necessária sim: "Nat ganhava muito dinheiro, e eu queria ganhar também", diz Ray.

Para Quincy Jones, Ray "dá vida a cada nota que escreve e, se não sente a música, desiste logo dela.

"Mais do que um valor individualista sua época, Ray Charles instituiu e apossou o reconhecimento do idioma negro em conceituados círculos jazzísticos", afirmam, recentemente, Quincy Jones, cuja amizade com Ray data do tempo de juventude. Diz-se, ultimamente, que Ray Charles tem feito algumas concessões, por força do prestígio popular de que desfruta. Mas quem o conhece dos primeiros tempos — das composições incluídas no excelente "Ray Charles Story" (Volume II, Lp que a Farnat do Brasil vem de editar — aceita inteiramente a sua razão: "Eu canto o que sinto. Não procuro, especialmente, agradar a ninguém. Procuro apenas mostrar minha alma, de um modo que todos possam entendê-la".

HOSPITAL SANTA CRUZ

Diretor-clínico-administrativo: Prof. José Maria de Freitas
Ambulatório — Cirurgia — Maternidade
Radiologia — Radioterapia — Radiodiagnóstico
Diatermia — Laboratórios — Farmácia

RUA SANTA CRUZ, 398

FONE: 70-1141

FRANCO PAULINO



MÚSICA POPULAR

NO BRASIL

Tem-se dito muito, ultimamente, sobre sua vinda ao Brasil. Fala-se tudo e o comentário mais comum é este:

... "se os empresários não encontram dinheiro com que pagar uma temporada de Sinatra, muito menos poderão, tão cedo, contratar Ray: suas condições são complicadas, ele viaja com orquestra inteira etc. . . etc". Pois bem.

Na semana passada nós lemos os termos de contrato de Ray Charles. Sua vinda está sendo cogitada seriamente e ele já concordou, inclusive, em dar exclusividade a determinado empresário paulista. Creemos que não está longe, pois, o dia de o apreciarmos de perto, nas suas diversas facetas, como o grande temperamental que é e o fumador de cigarros fortes um atrás do outro.

Ray Charles entrou no Brasil, comercialmente, com o álbum "Dedicated to You" — ainda sem o sucesso de "Stella by Starlight". Depois veio outro Lp, "Genius Hit the Road". Depois muitos outros mais — tudo sucesso absoluto entre os discófilos. Recentemente, a Farnat, representando a Atlantic, lançou o Volume II da "História de Ray Charles", com enorme repercussão. O cantor

— de fortuna e talento incalculáveis — saiu há pouco no Olympia, de Paris. Na capa do programa apresentado, escreveu Auguste Le Breton: "Eu andei pelo Harlem e vi Ray Charles mergulhando na noite, nos iluminando com seu coração extravasando de talento; seu coração imenso, e cheio de piedade dos brancos".

arapuã

Em São Paulo merrem duas pessoas por dia, vítimas do frio, o que não é vantagem nenhuma pois todo mundo sabe que São Paulo é o mais rico Estado da Federação.

E QUANDO SOUBE QUE NO RIO ESTÃO EDITANDO O JORNAL "O GORILA", ABRIU OS OLHOS ESPANTADO:

— O GLOBO MUDOU DE NOME?

— Menino, qual é o regime em que vivemos no Brasil?

— Jejum, fessoro.

— Zê, o filho do patrão disse que é prá cá voltar com a roupa lavada na hora do almoço.

— Almoço?

— Aquilo que o pai disse que existia no tempo dele, no outro dia, se lembre.

O Diabo é que, com tanta gente se dizendo que é do "centro", vai embolor todo mundo e não time não marca gol em coisa alguma.

O BRASIL, ATINGIU TAMANHIA PERFEIÇÃO EM MATERIA DE AUMENTO DE PREÇOS QUE HOJE PORRE É CHAMADO PARA A MESA NA HORA DA AUTOPSIA.

— Quem é o redator chefe do "O Gorila"?

— Vai ver que é o Tarzan.

E quando o reporter estranhou que o Jango tivesse conversado com Kennedy embora não saiba falar inglês, o outro sorriu:

— Presidente do Brasil, para falar com presidente dos Estados Unidos, basta saber dizer yes.

SE NÃO HOUVER CORPO DE BOMBEIRO, COMO É QUE POBRE NESTA EPOCA PODERIA SE APROXIMAR, DE VEZ EM QUANDO, DE UM BOM CALORZINHO?

E quando telefonaram da Casa da Moeda perguntando o Coritiba Finto de quanto deveria ser o prêmio emitido, ele pigarreou:

— Se não tiver que pagar hora extra aos funcionários, pode emitir até um 20 mil cruzeiros. Precisa mais guitari!

— Navios checos de semboçaram armas em quatro pontos do Brasil.

— Quais?

— Acre, Mato Grosso, Goiás e Rio Branco.

A FOTO DA SEMANA



SENADOR, MINUTOS APÓS A APROVAÇÃO DO AUMENTO DOS ALUGUEIS

A VERDADE É QUE A CARNE BOVINA ESTÁ A 430 CRUZEIROS O QUILO AO PASSO QUE MUITOS SUJEITOS DESTA TERRA, COM MAIS DE OITENTA QUILOS, NÃO VALEM UM CENTAVO.

Um Jornal do Povo a Serviço da Justiça Social



REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. R. **O que é método Paulo Freire**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRASIL URGENTE: um Jornal do Povo a Serviço da Justiça Social (SP), São Paulo, 1963-64.
- DIAS, Reginaldo Benedito. A história da ação popular nas memórias de Herbert de Souza. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 11, n. 3, p. 163-198, 2007.
- FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Faculdade Nacional de Filosofia: origens, construção e extinção. **Série-Estudos** – Periódico do Mestrado em Educação da UCDB, Campo Grande, n. 16, p. 107-131, jul./dez. 2003.
- FERREIRA, Márcia dos Santos. **O centro regional de pesquisas educacionais de São Paulo (1956/1961)**. 2001. 194 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LYRA, Carlos. **As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação**. São Paulo: Cortez, 1996.
- MENANDRO, Heloísa. Reformas de base. **Dicionário on-line**. Rio de Janeiro: FGV, [19--]. Verbete temático: reformas de base. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbetes-tematicos/reformas-de-base>. Acesso em: 11 dez. 20.
- PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 1973.
- ROMANO, Roberto. **“No instante em que se anuncia uma nova ditadura, ainda pior do que a de 1964, Frei Carlos Josaphat faz muita falta”**. [Entrevista concedida a Ricardo Machado. Instituto Humanitas Unisinos (IHU), 23 nov. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/604870-frei-carlos-josaphat-o-profetismo-da-verdade-contra-os-golpes-as-mentiras->

e-as-propagandas-enganosas-entrevista-especial-com-roberto-romano. Acesso em: 28 fev. 2025.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A educação de jovens e adultos: histórias e memórias da década de 60.** Brasília: Plano, 2003.

SPOSITO, Marília Pontes. Celso de Rui Beisiegel: o legado de um intelectual em defesa da educação popular pública. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, e10401100, 2018.

VIEIRA, Maria Clarisse. História, memória e experiência: a trajetória de Vera e José Carlos Barreto na educação de jovens e adultos. **Inter-Ação: Revista da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás**, v. 32, n. 2, p. 217-241, jul./dez. 2007.

Consultas eletrônicas:

AUGUSTO, Sérgio. O marginal que deu certo (1969-1979). **Pasquim**, n. 1, 26 jun. 1969. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/o-pasquim/historia-o-pasquim/1969-1979-por-sergio-augusto/>. Acesso em: 08 dez. 2020.

BRASIL. **Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Brasil**. [S. l.: s. n., 19--]. Disponível em: <http://forumeja.org.br/node/2976>. Acesso em: 01 dez. 2020.

BRASIL. Fundação Getúlio Vargas. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, [19--]. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br>. Acesso em: 14 dez. 2020.

CAROS AMIGOS. Disponível em: https://www.facebook.com/revistacarosamigos/?ref=page_internal. Acesso em: 08 dez. 2020.

COLÔMBIA. **Acción Cultural Popular – Radio Sutatenza**. Bogotá: [s. n., 19--]. Disponível em: <https://www.bibliotecadigitaldebogota.gov.co/sets/1198/>. Acesso em: 12 dez. 2020.

FGV. Fundação Getúlio Vargas. **Dicionário histórico biográfico brasileiro pós 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>. Acesso em: 15 dez. 2020.

GADOTTI, Moacir. **50 anos de Angicos e do Programa Nacional de Alfabetização**. [S. l.: s. n., 19--]. (Cronologia). Disponível em: <http://angicos50anos.paulofreire.org/cronologia/>. Acesso em: 16 dez. 2020.

JORNAL DA LUTA – França. Disponível em: [https://fr.wikipedia.org/wiki/Combat_\(journal\)#Journalistes_de_Combat](https://fr.wikipedia.org/wiki/Combat_(journal)#Journalistes_de_Combat). Acesso em: 08 dez. 2020.

O SÃO PAULO: Semanário da Arquidiocese de São Paulo. **Morre Frei Carlos Josaphat**. Disponível em: <https://osaopaulo.org.br/noticias/morre-frei-carlos-josaphat/>. Acesso em: 08 dez. 2020.

SÃO PAULO. O Pasquim 50 anos: ironia e humor contra a ditadura militar. **Programa Seu Jornal**, TVT, São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jIMBQax_yRw. Acesso em: 08 dez. 2020.

SÃO PAULO. **Maria Antônia**: Centro Universitário da USP. São Paulo: [s. n., 19--]. Disponível em: <http://www.mariantonia.prceu.usp.br/sobre-2/>. Acesso em: 16 dez. 2020.

UNESCO. **Sutatenza, un mensaje de paz**. [S. l.: s. n., 19--]. Documentário. Disponível em: <http://www.unesco.org/archives/multimedia/document-1711>. Acesso em: 08 dez. 2020.

Outras fontes utilizadas: Currículo Lattes

Angela Rabello Maciel de Barros Tamberlini – <http://lattes.cnpq.br/3818755472230739>

Carlos Rodrigues Brandão – <http://lattes.cnpq.br/7721657000564411>

Celso de Rui Beisiegel – <http://lattes.cnpq.br/0658208570193103>

Lisete Regina Gomes Arelaro – <http://lattes.cnpq.br/8265406350708770>

Luiz Eduardo Waldemarin Wanderley – <http://lattes.cnpq.br/2427396184302922>

Osmar Fávero – <http://lattes.cnpq.br/8036529328259644>

Sonia Maria Portella Kruppa – <http://lattes.cnpq.br/1806242297161092>

Notas

As notas apresentadas ao longo da obra foram elaboradas pelos organizadores.

INFORMAÇÕES SOBRE PARTICIPANTES DA OBRA

Organização da obra

Sonia Maria Portella Kruppa

É professora titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, com formação acadêmica nesta Universidade: Bacharelado (1976) e Licenciatura (1981) em Ciências Sociais; Pedagogia e Supervisão Escolar (1985); Mestrado em Educação (1994) e Doutorado (2001). Tem experiência de pesquisa na área de Educação e Trabalho, atuando principalmente nos seguintes temas: Estado, Políticas Públicas, Planejamento e Avaliação, Organismos Multilaterais de Cooperação (Banco Mundial), Formação de Professores, Educação de Jovens e Adultos e Economia Solidária. Coordenou pesquisa internacional sobre Avaliação Educacional, realizada em conjunto com pesquisadores da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (PT) e da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Selecionada em 2008, como professora de alto nível pelo Programa da União Européia Master Erasmus Mundus MUNDUSFOR Formación de Profesionales de la Formación, tendo sede na Universidade do Porto e desenvolvendo seminários e outras atividades docentes e de pesquisa junto à Université Reims-Champagne-Ardenne (França) e À Universitat Rovira i Virgili de Tarragona (Espanha). Trabalhou em administrações públicas municipais e federal nas áreas da educação e trabalho. Foi professora da Educação Básica em escolas públicas municipais e estaduais. É docente na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, desde 1993. Atualmente, é coordenadora do Núcleo de Avaliação Institucional (NAI-FEUSP), integrado por cerca de trinta escolas públicas situadas na Grande São Paulo, que constituem campo de formação e de pesquisa a licenciandos e professores. Desde 2021, desenvolve trabalho intersetorial em quatro polos da região metropolitana de São Paulo, em parceria com docentes da Faculdade de Saúde Pública (FSP-USP), Escola de Enfermagem (EE-USP), PUC-São Paulo e Instituto Lidas. É membro do Conselho Consultivo do Instituto Paul Singer. Contato: skruppa@usp.br

José Jackson Reis dos Santos

Pós-Doutor pela Universidade de São Paulo (USP – 2020-2021), supervisionado pela Profa. Dr^a Sonia Maria Portella Kruppa. Doutor em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com estágio doutoral na Universidade de Lisboa (ULisboa), Portugal. Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), vinculado ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH) e ao Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGE-UESB). Coordenador do Grupo Colabor(Ação): estudos e pesquisas em educação de pessoas jovens, adultas e idosas do DFCH-UESB. Contato: jackson.santos@uesb.edu.br

Coordenação de mesa

Angela Rabello Maciel de Barros Tamberlini

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e Pós-doutora pela Faculdade de Educação da USP. Graduada em Pedagogia pela FEUSP e em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Professora Associada IV da Universidade Federal Fluminense (UFF), Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Filosofia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: política educacional, trabalho e educação, filosofia da educação, história da educação, fundamentos da educação, ensino vocacional, ensino renovado, comunitarismo e educação inclusiva. É membro permanente do Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho-Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, NEDDATE, do qual foi vice-coordenadora de março de 2017 a maio de 2019. Integra o Comitê Científico da Revista Trabalho Necessário, pertencente ao Neddate. Participa do Núcleo de Filosofia, Política e Educação, NUFIPE, da Faculdade de Educação da UFF. Contato: angelatamberlini@id.uff.br

Lisete Regina Gomes Arelaro

Pedagoga e Doutora em Educação. Foi professora e diretora de escola nos ensinos fundamental e médio. Fez parte da equipe do Prof. Paulo Freire na

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (1989/92) e foi Secretária de Educação, Cultura, Esporte e Lazer em Diadema/SP 1993/96 e 2001/02), Diretora da Faculdade de Educação da USP (2010/2014), Presidente do Fórum Nacional de Faculdades e Centros de Educação Públicos (FORUMDIR - 2012/2014) e presidente da Associação Nacional de Pesquisa em Financiamento da Educação (FINEDUCA - 2015/2017). Exemplo de dedicação à educação pública, recebeu o título de Professora Emérita da Faculdade de Educação da USP, onde, ainda, atuou como Professora Titular Sênior, dando continuidade a seus trabalhos de pesquisa na área de Política Educacional, Planejamento e Avaliação Educacional, Financiamento da Educação Básica e Educação Popular. Faleceu em 12 de março de 2022.

Depoimentos

Carlos Rodrigues Brandão

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1980) e livre docente em Antropologia do Simbolismo pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-SP). Realizou pós-doutorado na Universidade de Perugia e na Universidade de Santiago de Compostela. Licenciado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1965). Mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília (1974). Foi “fellow” do St. Edmunds College da Universidade de Cambridge, professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), professor colaborador do POSGEO da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e professor visitante da Universidade Estadual de Goiás. Tinha experiência na área de antropologia, com ênfase em antropologia camponesa, antropologia da religião, cultura popular, etnia e educação, com foco na educação popular. Recebeu os títulos de Comendador do Mérito Científico pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Goiás, Doutor Honoris Causa pela Universidad Nacional de Lujan (Argentina), professor emérito da Universidade Federal de Uberlândia e professor emérito da Universidade Estadual de Campinas. Escreveu artigos e livros nas áreas de antropologia, educação e literatura. Faleceu em 11/07/2023.

Celso de Rui Beisiegel

Graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). cursou mestrado e doutorado em Sociologia pela mesma instituição. Foi professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Exerceu a chefia do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação e a Diretoria da Faculdade de Educação da USP. Foi Pró-Reitor de Graduação da USP entre 1990 e 1993. Em 2006, recebeu o título de Professor Emérito, concedido pela Congregação da FEUSP. Faleceu em 2017, deixando contribuições em temas como: educação popular, política educacional, educação, sociologia da educação e educação de jovens e adultos.

Frei Carlos Josaphat

Nascido em 4 de novembro de 1921, na cidade de Abaeté, Minas Gerais, Frei Carlos Josaphat foi um importante teólogo, escritor brasileiro e profundo conhecedor da obra de São Tomás de Aquino. O dia 9 de novembro de 2020, aos 99 anos de idade, data de seu falecimento, demarca, também, a necessidade de conhecer e retomar reflexões e aprendizados, por ele deixados, para gerações atuais e futuras, que não tiveram oportunidade de conhecê-lo. Pertencente à Ordem Dominicana, Frei Carlos Josaphat foi exilado no período da ditadura, retornando ao Brasil em 1994. Foi também docente emérito da Universidade de Friburgo, na Suíça, e recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no ano de 2014.

José Carlos Barreto

Graduou-se em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Foi líder da JEC (Juventude Estudantil Católica). Participou, ativamente, da Ação Popular e envolveu-se com movimento de sindicalização rural. Educador, militante, pesquisador. Assim com Vera Barreto, participou, também em 1963, da experiência de alfabetização de adultos em Vila Helena Maria, em Osasco, São Paulo, tendo como referência a proposta de freiriana de alfabetização. Faleceu em fevereiro de 2007.

Osmar Fávero

Doutor em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1984). Licenciado em Matemática pela Universidade Federal do Rio de

Janeiro (1970), mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1973). Atualmente é Professor Emérito da Universidade Federal Fluminense (UFF-RJ), atuando como professor colaborador permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma Universidade. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em política educacional, atuando principalmente nos seguintes temas: pós-graduação em educação, educação de jovens e adultos e educação popular.

Vera Barreto

Graduada em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (USP). Participou de projeto de alfabetização de adultos organizada pela União Estadual de Estudantes (UEE) e vinculada ao MCP (Movimento de Cultura Popular) da União Nacional de Estudantes (UNE). Participou, em 1963, da experiência de alfabetização de adultos em Vila Helena Maria, em Osasco, São Paulo, tendo como referência a proposta freiriana de alfabetização. Educadora, militante, pesquisadora. Faleceu em setembro de 2013.